José Wilson Andrade

HISTÓRIA E TEOLOGIA DA EXPERIÊNCIA DE ANTÔNIO CONSELHEIRO

ENCONTROS E DESENCONTROS DE DOIS MODELOS ECLESIOLÓGICOS EM CANUDOS

Tese de Doutorado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Francisco das Chagas de Albuquerque

Apoio: CAPES

Belo Horizonte
FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2016

José Wilson Andrade

HISTÓRIA E TEOLOGIA DA EXPERIÊNCIA DE ANTÔNIO CONSELHEIRO

ENCONTROS E DESENCONTROS DE DOIS MODELOS ECLESIOLÓGICOS EM CANUDOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Teologia.

Área de Concentração: Práxis Cristã

Orientador: Prof. Dr. Francisco das Chagas de Albuquerque

Belo Horizonte
FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2016

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

	Andrade, José Wilson
A553h	História e teologia da experiência de Antônio Conselheiro: encontros e desencontros de dois modelos eclesiológicos em Canudos / José Wilson Andrade. - Belo Horizonte, 2016.
	278 p.
	Orientador: Prof. Dr. Francisco das Chagas de Albuquerque
	Tese (Doutorado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.
	1. Teologia pastoral. 2. Catolicismo popular. 3. Guerra de Canudos. 4. Conselheiro, Antonio. I. Albuquerque, Francisco das Chagas de. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título.
	CDU 25

José Wilson Andrade

HISTÓRIA E TEOLOGIA DA EXPERIÊNCIA DE ANTÔNIO CONSELHEIRO:

ENCONTROS E DESENCONTROS DE DOIS MODELOS ECLESIOLÓGICOS EM CANUDOS

Esta Tese foi julgada adequada à obtenção do título de Doutor em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Doutorado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 08 de setembro de 2016.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Francisco das Chagas Albuquerque / FAJE (Orientador)

Prof. Dr. Johan M. H. Jozef Konings / FAJE

Prof. Dr. Paulo César Barros / FAJE

Prof. Dr. Luís Corrêa Lima / PUC-Rio

Prof. Dr. Rodrigo Coppe Caldeira / PUC-Minas

AGRADECIMENTOS

A Deus que, por meio de Jesus Cristo, me inspirou a opção pelos pobres, para que pudesse me apaixonar pela vida e pela história de Antônio Conselheiro e o povo de Canudos.

A Dom Guido Zendron, bispo da Diocese de Paulo Afonso (BA), que não hesitou em me liberar da diocese nestes anos.

Ao professor Padre Francisco das Chagas que, generosamente, aceitou tomar o “bonde andando”, após o falecimento do professor Padre João Batista Libanio, meu primeiro orientador e o afastamento, por saúde debilidade, do Padre professor J. A. Ruiz de Gopegui, segundo orientador. O professor Padre Francisco, com muita compreensão, paciência e sabedoria soube conduzir esse processo até hoje. Meu muito obrigado, professor Chagas!

Aos funcionários da FAJE, especialmente o jeito acolhedor do Bertolino A. Resende, na secretaria, Vanda L. Bettio (coordenadora da biblioteca) e Zita M. Rocha (bibliotecária), pela simpatia e cordialidade. Sem a busca insistente da Vanda, não seria possível o acesso às obras raras, especialmente, os manuscritos de Antônio Conselheiro encontrados na biblioteca da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e A missão abreviada, do Padre Couto, adquirida por ela junto à Biblioteca Nacional de Portugal, obras de 1897 e 1868, respectivamente.

À CAPES, que garantiu a quase totalidade das mensalidades da FAJE, fundamental para abater os muitos gastos que tive ao longo desses anos.

Aos membros do Instituto Popular Memorial de Canudos e da Comissão da romaria de Canudos. Há mais de 25 anos estou inserido e convivo pastoralmente com a causa de Canudos.

Aos Pe. Danilo Mamede, pároco da Paróquia Nossa Senhora Mãe da Igreja, que me acolheu, dando-me moradia e me integrando na pastoral paroquial, e ao Padre Fernando Mota, pároco da Paróquia de Santo Inácio de Loyola, pelo espaço pastoral me oferecido. Como ponto de apoio, eles foram fundamentais, inclusive no aspecto financeiro, para cobrir os inúmeros gastos, em toda a trajetória que por aqui passei. Minha gratidão!

À professora Renata Fernandes Villela, pelo trabalho competente e paciente de revisão final desta tese.

A todos, enfim, que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenlace deste projeto.

RESUMO

A partir das pesquisas mais recentes sobre Canudos e Antônio Conselheiro, esta tese examina a história da guerra de Canudos e a teologia subjacente à experiência de Antônio Conselheiro e sua grei, no interior do Estado da Bahia, Nordeste do Brasil, em 1897. No primeiro capítulo, intitulado *A guerra de Canudos nas trilhas da revisão histórica*, confronto duas versões sobre a literatura circulante a despeito dos envolvidos na trama sertanejo: a história contada pelos patrocinadores e simpáticos à decisão de invadir Canudos pelo uso das armas e afugentar os sertanejos e os pesquisadores que adotam o método da revisão histórica, procurando as causas e os reais interesses que moveram os protagonistas que impediram a experiência religiosa em Canudos. As pesquisas mais recentes, desenvolvidas em muitas universidades brasileiras sobre Canudos, reabilitaram Antônio Conselheiro e trouxeram Canudos para o âmbito acadêmico. No segundo capítulo sobre *A teologia das homilias de Antônio Conselheiro*, recupero o conteúdo teológico dos sermões do Peregrino, como também ficou conhecido Antônio Conselheiro. O olhar sobre Antônio Conselheiro, pelo viés de suas homilias, supera pechas antigas, segundo as quais Antônio Conselheiro foi um “herege”, um “doente mental”, um “revoltoso” e sua doutrina não passava de “preceitos vulgares da moral cristã e de profecias esdrúxulas”, como afirmou Euclides da Cunha. Pela análise filológica e teológica, chego a conclusões que destoam das de Euclides. No capítulo *Encontros e desencontros de dois modelos eclesiológicos em Canudos*, ressalto os dois modelos de Igreja no final do século XIX e que apresentaram características diferentes e, até mesmo, conflitantes: o catolicismo popular brasileiro e o romanismo ou catolicismo romano. O relatório do Frei João Evangelista de Monte Marciano, a pedido do arcebispo da Bahia, revelou visões conflitantes com o catolicismo popular, praticado na comunidade do Conselheiro. Termino esta pesquisa, com o quarto capítulo, trazendo à baila *As lições do fato Canudos para a Igreja*. Canudos oferece lições surpreendentes para os que consideram a Igreja como Povo de Deus e acreditam no protagonismo do cristão leigo. Canudos insiste em continuar vivo e despertando novas pesquisas.

Palavras-chaves. Guerra de Canudos. Catolicismo popular em Canudos. Teologia das homilias de Antônio Conselheiro.

ABSTRACT

Based on the most recent research about Canudos and Antônio Conselheiro, this thesis examines the history of the Canudos War and the theology subjacent to the experience of Antônio Conselheiro and his community of faith, in the interior of Bahia state in the northeast of Brazil in 1897. In the first chapter, titled A guerra de Canudos nas trilhas da revisão histórica (The Canudos war, along the path of historical revision), I approach two versions about the literature available regarding those involved in the sertanejo (country people) drama: the history told by the supporters and sympathizers to the decision to invade Canudos using weapons and to drive out sertanejos and researchers that adopt the method of historic revision, searching the causes and actual interests that motivated the protagonists that averted the religious experience in Canudos. Recent research on Canudos undertaken in many Brazilian universities rehabilitated Antônio Conselheiro and brought Canudos to the academic circles.In the second chapter, on The theology of the homilies of Antônio Conselheiro, I discuss the theological content of the sermons of the Pilgrim, as Antônio Conselheiro was also known. The regard for Antônio Conselheiro, through the content of his homilies, overcomes old prejudices according to which Antônio Conselheiro was a "heretic", "mentally ill", "insurgent" and his doctrine was nothing more than "ordinary precepts of Christian morals and bizarre prophecies", as stated by Euclides da Cunha. Based on philological and theological analysis, I come to conclusions that differ from those of Euclides.In the chapter Meetings and Missings of two ecclesiology models in Canudos, I draw attention to the two models of Church in the late 19th century that presented different, even conflicting, characteristics: the Brazilian popular Catholicism and the Romanism or Roman Catholicism. The report of the Friar João Evangelista de Monte Marciano, at the request of the Archbishop of Bahia, revealed views conflicting with the popular Catholicism practiced in the community of Conselheiro. The fourth chapter is the final one in this research, bringing up The lessons of Canudos for the Church. Canudos offers amazing lessons for those that consider the Church as the People of God and believe in the role of the Christian layman. Canudos insists on staying alive and sparking new research.

Key-words: Canudos War. Popular Catholicism in Canudos. The theology of the homilies of Conselheiro.

RÉSUMÉ

A partir des recherches les plus récentes concernant les Canudos et Antônio Conselheiro, cette thèse examine l'histoire de la guerre des Canudos et la théologie sous-jacente à l'expérience d'Antônio Conselheiro et sa communauté foi, à l'intérieur de l'Etat de Bahia, dans le Nordeste du Brésil en 1897.Le premier chapitre, intitulé *La guerre des Canudos sur les sentiers de la révision historique*, confronte deux versions de la littérature qui circule à propos de ceux qui furent impliqués dans la trame sertaneja. D'une part, l'histoire racontée par les commanditaires et sympatisants qui décidèrent d'envahir Canudos par les armes, faisant fuir les sertanejos et, d'autre part, celle des chercheurs dont la méthode de révision historique cherche les causes et les intérêts réels qui poussèrent les protagonistes à interdir l'expérience religieuse de Canudos. Les recherches les plus récentes sur ce thème, menées dans beaucoup d'universités brésiliennes, ont réhabilité Antônio Conselheiro et donné à Canudos sa place dans le milieu académique.Le second chapitre, sur *La théologie des homélies d'Antônio Conselheiro* récupère le contenu théologique des sermons du Pélerin, nom sous lequel il était aussi connu. Le regard porté sur Antônio Conselheiro par le biais de ses HOMELIES dépasse les anciennes interprétations selon lesquelles il n'était qu' un "hérétique", un "malade mental" ou encore un "révolté" et sa doctrine "de "vulgaires préceptes de moral chrétienne et des prophéties bizarres", comme l'affirmait Euclides da Cunha lui-même. En utilisant une analyse philologique et THEOLOGIQUE, nous sommes parvenu à des conclusions s'opposant à celles d'Euclides.Le chapitre *Rapprochements et éloignements de deux modèles ecclésiologiques à Canudos* reprend les deux modèles d'Église de la fin du XIX siècle. Ceux-ci présentent des caractéristiques bien différentes, voire même antagonistes; le catholicisme populaire brésilien et le romanisme ou catholicisme roman. A la demande de l'archevêque de Bahia, le témoignage du Frère João Evangelista de Monte Marciano a révélé des visions qui, à travers le catholicisme populaire pratiqué par la communauté de Canudos, s'opposaient à l'Eglise traditionnelle.La recherche s'achève sur le quatrième chapitre qui aborde *Les leçons de l'événement Canudos pour l'Eglise*. Canudos en propose de surprenantes pour ceux qui envisagent l'Eglise comme Peuple de Dieu et croient au protagonisme du chrétien laïc. Canudos demeure bien vivant, inspirant toujours de nouvelles recherches.

Mots-clés: Guerre des Canudos. Catholicisme populaire à Canudos. Théologie des homélies de Conselheiro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10
1 A GUERRA DE CANUDOS NAS TRILHAS DA REVISÃO HISTÓRICA 18
1.1 Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos 20
1.1.1 Vida e obra de Antônio Conselheiro 21
1.1.2 A Guerra de Canudos no contexto histórico brasileiro 26
1.1.3 Antônio Conselheiro e Canudos 29
1.1.4 Protagonistas da guerra de Canudos 32
1.1.5 A decisão de destruir Canudos 36
1.1.6 Quatro expedições militares contra Canudos 43
1.1.7 Repercussão da Guerra de Canudos no parlamento e na imprensa 50
1.1.8 O destino dos sobreviventes da Guerra de Canudos 55
1.1.9 Comemorações do ocorrido em Canudos e o papel da Igreja 57
1.2 As diversas interpretações do fato Canudos 59
1.2.1 Canudos nos livros didáticos 60
1.2.2 Interpretações antropológicas sobre Canudos 65
1.2.3 Interpretações sociológicas de viés marxista 69
1.2.4. Canudos a partir do viés da ciência da religião 72
1.2.5 Canudos no mundo acadêmico 74
1.2.6 O Papel da Igreja católica na revisão histórica de Canudos 76
Conclusão 79
2 A TEOLOGIA DAS HOMILIAS DE ANTÔNIO CONSELHEIRO.....82
2.1 A veracidade histórica dos manuscritos de Antônio Conselheiro 84
2.2 Roteiro das principais homilias de Antônio Conselheiro 95
2.3 Leitura teológica das homilias do Conselheiro 101
2.4 A teologia prática nos manuscritos de Antônio Conselheiro 118
2.5 A dimensão teocrática do poder nos manuscritos e as consequências para a eclesiologia..... 122
2.6 Outras religiões em Canudos 125
2.7 A religiosidade popular na prática eclesial em Canudos 128
2.8 A teologia sacramental nos manuscritos de Antônio Conselheiro 132
2.9 Apostolicidade, Unidade, Santidade e Catolicidade da Igreja nos manuscritos de Antônio Conselheiro 138
2.10 Outras fontes citadas nos manuscritos de Antônio Conselheiro 140

Conclusão 142
3 ENCONTROS E DESENCONTROS DE DOIS MODELOS ECLESIOLÓGICOS EM CANUDOS 146
3.1 O modelo eclesiológico do catolicismo romano..... 149
3.1.1 Tipologia do catolicismo romano 150
3.1.2 Modelo eclesiológico a partir do Concílio de Trento 154
3.1.3 Convivência harmônica entre dois ou mais modelos eclesiológicos? ... 157
3.1.4 Teologia da comunhão eclesial a partir do fato Canudos..... 161
3.1.5 Elementos essenciais para a comunhão eclesial 168
3.1.6 A dimensão ministerial da Igreja em Canudos e a comunhão eclesial.. 173
3.2 Modelo eclesiológico de Canudos..... 177
3.2.1 Tipologia do modelo eclesiológico do catolicismo popular brasileiro..... 178
3.2.2 Fundamentos teológicos da visão de Igreja para Antônio Conselheiro. 181
3.2.3 Elementos da Tradição Eclesial nos manuscritos do Conselheiro 185
3.2.4 A militância do Beato junto ao Padre Ibiapina 187
3.2.5 Contato com outros padres que influenciaram o Beato no Nordeste 189
3.2.6 Tipologia do modelo eclesiológico de Canudos 192
3.2.7 Conflito entre dois modelos eclesiológicos em Canudos..... 196
3.2.8 Dimensões profética, sacerdotal e real da comunidade de Canudos.... 203
Conclusão 206
4 AS LIÇÕES DO FATO CANUDOS PARA A IGREJA..... 209
4.1 Viés popular do cristianismo a partir de Canudos: opção pelos pobres na Tradição Eclesial 210
4.2 A Igreja do Nordeste e o modelo eclesiológico de Canudos 220
4.3 História das romarias de Canudos no contexto eclesial atual 224
4.4 O Povo de Deus em Canudos e a categoria *Povo de Deus* na teologia cristã 230
4.5 A dimensão sociotransformadora da fé cristã em Canudos e nas CEBs . 234
4.6 Canudos e a história das Comunidades Eclesiais de Base no Nordeste brasileiro..... 237
4.7 “Canudos era uma irmandade”: atualidade de Canudos..... 244
Conclusão 248
CONCLUSÃO..... 251
BIBLIOGRAFIA 259

INTRODUÇÃO

> Mas os bandoleiros de lampião, como os de Antônio Conselheiro hão de encontrar os seus historiadores, aqueles que virão mais tarde, com ferro em brasa deixar o estigma na fronte dos verdadeiros culpados.
>
> Julho de Matos Ibiapina[1].

Os anos passaram. Eis o tempo. Os "bandoleiros" de Antônio Conselheiro, Zumbi dos Palmares e dos que documentam a história pelo "olhar das vítimas" estão espalhados por todos os lados: na Igreja e nos movimentos sociais, nas universidades e na literatura do cordel; na música e na poesia. Os verdadeiros culpados pela tragédia de Canudos começam a ser descortinados e vem à baila. Essa história vem recebendo "novos capítulos", pelos "novos" escritores. Falava-se em "história veraz" do povo de Canudos. Os "bandoleiros" conquistaram o direito de falar. Falar e pesquisar; pesquisar e escrever; escrever e corrigir; corrigir e acrescentar; acrescentar fatos e verdades não lembradas ou propositadamente omitidas pela "pseudociência do século XIX" [2] ou "verdades inconfessáveis" pelos que sempre guardaram simpatia pela destruição de Canudos.

Os "bandoleiros" usam "outras" fontes e apresentam "outras" informações. Produzem "outra" versão; a versão da sua própria história. Os escritores não são terceirizados. Não são mais os escritores da história oficial que estão escrevendo sobre Canudos e Antônio Conselheiro. Os pesquisadores são os filhos dos "bandoleiros" ou os seus simpatizantes. Agora eles também são historiadores, sociólogos, teólogos, antropólogos, cientistas sociais, estudantes. O pensamento e a produção científica quase sempre recebem influência do lugar social do pesquisador. Tendo em vista as novas descobertas sobre Canudos, a chegada dos instrumentais científicos e hermenêuticos, a historiografia de Canudos vem sofrendo significativas alterações e esclarecimentos. Para Ataliba Nogueira,

> *Os sertões* foram concebidos e escritos à luz de conclusões recentes e fugaces (sic) de uma pseudociência do século XIX. Os postulados desta "ciência" improvisada não resistem à crítica do século XX. Geologia, biologia, botânica, geografia, meteorologia, sociologia,

---

[1]Apud MONTNEGRO, *Fanáticos e cangaceiros*, p. 181.
[2] NOGUEIRA, *Antônio Conselheiro e Canudos: revisão histórica*, p. 76.

> antropologia, etnologia, psicologia, psiquiatria, ciências médicas, 11história, criminologia, justiça social e outros ramos do saber viraram a renovação completa dos seus postulados, neste século, com o desmentido de quanto afirmavam[3].

Canudos passou a ser uma causa. Neste sentido, percebe-se que a guerra de Canudos provoca várias versões e interpretações, dependendo do olhar do pesquisador e da profundidade de sua pesquisa. O fato mais importante é que a Guerra de Canudos está longe de ser um acontecimento trivial das lutas sociais e das experiências religiosos dos mais pobres da América Latina e, por que não dizer, da humanidade. Canudos revela a bravura dos líderes do povo e o zotismo do poder político e econômico.

Diferentemente de muitos estudiosos, meu interesse por Canudos iniciou-se do engajamento pastoral e do compromisso com o movimento de Canudos e a recuperação da imagem de Antônio Conselheiro e os reais motivos que causaram a guerra contra o Peregrino e seu préstito. Tenho envolvimento de mais de 25 anos com esta causa, como membro da Comissão da Romaria de Canudos, fundador, secretário, presidente e membro do Instituto Popular Memorial de Canudos (IPMC), como fundador e diretor da rádio FM Antônio Conselheiro.

Meu mestrado em Teologia dogmática versou sobre a temática de Canudos e Antônio Conselheiro[4]. Foi daí que nasceu minha vontade de estudar Canudos e o desejo de me somar aos que adotam a revisão histórica, agora sob o prisma teológico.

Canudos, apresentado por Euclides da Cunha em *Os Sertões* revela três perspectivas, conforme o grau de envolvimento dos atores: a visão dos simpatizantes da República; a trama do povo sertanejo (jagunços e líderes religiosos) e a visão do próprio Euclides da Cunha. Como brasileiro, positivista, militar e repórter de guerra, Euclides da Cunha não ofusca seu ponto de vista nacional. Mesmo demonstrando simpatia pelo povo de Canudos, reprovando algumas atitudes militares, sua visão coincide com a perspectiva militar e republicana dos grandes proprietários rurais, dos donos dos principais jornais

---

[3] NOGUEIRA, *Antônio Conselheiro e Canudos: revisão histórica*, p. 30-31.
[4] Cf. ANDRADE, *A experiência religiosa e sociopolítica de Canudos: aspectos eclesiológicos da comunidade de Antônio Conselheiro*.

da época e dos defensores do regime republicano, este “ameaçado” pelo povo de Canudos.

A novidade desta tese

O fato Canudos passa por uma metamorfose literária. A história da guerra é contada, recontada, interpretada e reinterpretada por escritores brasileiros e estrangeiros. Continua crescente o labor acadêmico envolvendo a temática sobre Canudos. Para o escritor peruano Vargas Llosa, Canudos foi *A guerra do fim do mundo*[5] e também retrata os vários pontos de vista. Para ele, o que aconteceu em Canudos continua acontecendo em vários países da América Latina[6]. Isso revela a atualidade de Canudos e o necessário aprofundamento da história no aspecto teológico.

Depois que o cidadão alemão, Berthold Zilly, terminou de traduzir *Os Sertões* para a língua alemã, deixou registradas suas impressões sobre o conteúdo patenteado pelo autor brasileiro, Euclides da Cunha. “A história é apresentada como trágica, repleta de infelicidade, infâmias e catástrofes, um imbricamento de progressos e retrocessos marcados por hecatombes” [7].

Durante os primeiros anos que se seguiram a Guerra de Canudos, essa história foi contada pelos que massacraram o povo de Antônio Conselheiro. De um lado, a versão dos poderosos, condensada em obras como *Os Sertões* de Euclides da Cunha; *A Guerra de Canudos*, de Macedo Soares, tenente de infantaria, com depoimentos surpreendentes, apresenta o ângulo estritamente militar; *As coletividades anormais*, de Nina Rodrigues e tantos outros ofereceram a versão da história do Brasil, estigmatizando o povo sertanejo, índios, negros, pobres e suas lideranças.

Adilson Odair Citelli analisa Canudos tendo em vista pelo menos dois discursos. O de *Os Sertões* de Euclides da Cunha e a visão de Afonso Arinos no livro *Os jagunços*. Diferentemente de Euclides, a obra de Afonso Arinos

---

[5] Título do romance de Mario Vargas Llosa, conforme bibliografia no final.

[6]FERNANDES, *Os Sertões na literatura de Vargas Llosa: quatro personagens de La guerra delfindel mundo*, p. 434. O nome do romance deveu-se à indignação do autor diante de um acontecimento que pareceu o fim do mundo. De um acontecimento de fim dos tempos: de um lado os soldados mantando sertanejos em nome da república e do outro lado o sertanejo matando soldados em nome de Deus.

[7] Apud VENTURA, *Euclides da Cunha no vale da morte*, p. 451.

constitui-se em “um vigoroso documento denunciador da violência de que foram vítimas os sertanejos, além de uma clara simpatia pela perspectiva conselheirista”.

A guerra de Canudos vem sendo investigada com proficiência no âmbito da historiografia brasileira, passando pelas abordagens das ciências sociais e humanas. Mesmo tardiamente, a problemática que envolve Canudos e Antônio Conselheiro avança cada vez mais para o proscênio teológico. A irrupção de Canudos na teologia vem contribuir com o mundo acadêmico e recuperar a eclesialidade da experiência religiosa do povo do Belo Monte, colocada às margens da Igreja e da reflexão teológica, ao longo de quase cem anos.

A abordagem de Canudos na perspectiva teológica só começa a ser possível graças ao crescente rosário de historiadores com formação teológica e teólogos que superam a perspectiva positivista de Euclides e seus neo-euclidianos, desafiando, de igual modo, os círculos acadêmicos eurocêntricos, que ainda marcam a produção teológica em muitos institutos de teologia brasileiros, especialmente no momento da escolha dos temas para dissertações e teses.

Por isso, a pesquisa sobre Canudos não se encerrou. Ao escrever longa reportagem sobre a guerra, por ocasião dos 100 anos da destruição de Canudos (1997), Roberto Pompeu de Toledo escolheu como título “O legado do Conselheiro: cem anos depois, Canudos é uma ferida e um emblema do Brasil” [8]. Eduardo Hoornaert pensa da mesma forma: “Canudos permanece um enigma ainda não satisfatoriamente esclarecido nos dias de hoje” [9]. Historiador e pesquisador do Centro de Estudos Euclides da Cunha, da Universidade Estadual da Bahia (CEEC/UNEB), o professor Manoel Neto afirma que “Canudos está longe de se esgotar como matéria historiográfica” [10].

Neste contexto acadêmico, é comum o recolhimento de visões diversas aos primeiros escritos sobre o Conselheiro, como o esclarecedor depoimento de Honório Vilanova, colhido por Nertan Macedo. “O Peregrino era de boa paz. Nunca acreditou que os soldados do governo viessem matar os homens e

---

[8] TOLEDO, *O legado do Conselheiro: cem anos depois, Canudos é uma ferida e um emblema do Brasil*.
[9] HOORNAERT, *Os anjos de Canudos: uma revisão histórica*.
[10] NETO MANOEL, *Introdução: os caminhos do confronto*, p. 20.

esbandalhar as mulheres. Muita gente dizia, mas ele teimava em não acreditar. Era pacífico" [11].

Passados mais de 115 anos de *Os Sertões,* Canudos continua despertando novos olhares e interesses de pesquisadores e literatos. Hoje já é consenso entre os estudiosos que a desculpa da busca da madeira para cobrir a igreja nova ser transformada em causa possível para invadir Juazeiro, não passou de "uma trapaça armada contra Antônio Conselheiro" [12]. Se a causa da guerra foi falsa, os efeitos não passaram de *trapaças inventadas* para se chegar a outros objetivos. Após décadas de pesquisas, os estudiosos tiraram Antônio Conselheiro do esquecimento da história e contribuíram para corrigir as distorções.

Durante esta pesquisa, mostrarei que a releitura de *Os Sertões*, a construção da história oral de Canudos, as descobertas arqueológicas recentes contribuíram para reconhecer no Peregrino novo líder cristão e tirar da própria imaginação de Euclides da Cunha, que o Conselheiro, mais do que um representante natural da gente sertaneja, também inspira líderes cristãos, hoje.

Durante suas andanças pelo sertão nordestino e a vida comunitária implantada em Canudos, Antônio Conselheiro também é identificado como liderança exemplar, homem que "tinha na atitude, na palavra e no gesto, a tranquilidade e a resignação, a atitude soberana de um apóstolo antigo" [13], reconhece Euclides da Cunha.

Após a revisão histórica sobre Canudos, iniciada por José Calazans e tocada por autores como Edmundo Moniz, Rui Facó, Marco Antônio Villa e outros, Antônio Conselheiro é reabilitado fora do âmbito eclesial e teológico. Entretanto, nos últimos vinte anos, a visão especificamente teológica, especialmente no campo da história da Igreja e da pastoral social caminham, ainda que seja de forma muito tímida. Utilizarei, além das fontes históricas, os escritores cristãos que têm abordado Canudos na perspectiva da história da Igreja. Entre eles, destacam-se Alexandre Otten, Eduardo Hoornaert, Henrique Cristiano José Matos, Hugo Fragoso, José Oscar Beozzo e Riolando Azzi. Eles vêm documentando a história da Igreja no Brasil e incorporam a experiência de

---

[11] Apud MACEDO, *Memorial de Vilanova*, p. 68.
[12] HERMES, *Os militares e a política da república: o episódio de Canudos*, p. 233.
[13] CUNHA, *Os Sertões*, p. 201.

Canudos com relatos que destacam o aspecto positivo, a partir do legado oferecido pelos pesquisadores brasileiros.

Suas publicações contribuem com a teologia cristã, vasculhando também, na experiência do povo de Deus, os elementos que fundamentam a fé cristã pelo viés do pobre. Eles fazem parte da tradição teológica latino-americana e produzem história, sociologia ou teologia a partir dos fatos envolvendo o povo e suas organizações. “Antônio Conselheiro deve ser entendido como agente de classificação dos desclassificados, negociador de uma modernidade respeitosa dos valores ancestrais” [14], afirma o historiador católico Eduardo Hoornaert.

O fato é que uma *nova narrativa sobre Canudos* começa a surgir das cinzas das casinholas queimadas na grei canudense e dos restos da segunda Canudos submergida nas águas do Açude do Cocorobó. Canudos já se constitui em uma “outra” história, na qual os mais pobres se enxergam em seu próprio espelho.

Essa tese, dividida em quatro capítulos, pretende, em primeiro lugar, apresentar o resultado da pesquisa atual sobre *A guerra de Canudos nas trilhas da revisão histórica*.

Início com uma apreciação crítica a *Os sertões* de Euclides da Cunha e outros autores, que apresentaram os primeiros relatos sobre a guerra. Apresento, também, os diversos olhares, a posição da Igreja sobre a guerra, a produção literária nestes últimos anos. Finalizo esta revisão histórica apresentando Canudos nos livros didáticos e o "status quaestionis" sobre Canudos na pesquisa atual.

No capítulo dois, apresento o conteúdo dos manuscritos deixados pelo Peregrino, destacando *A teologia das homilias de Antônio Conselheiro*. Aprecio, sob o olhar teológico, o conjunto dessas homilias e pontuo as principais linhas teológicas e as relações com textos de catequese de adultos oferecidos pela Igreja, apropriados por Antônio Conselheiro. Juntamente com a Bíblia sagrada, esses textos deram suporte fundamental à ortodoxia de seus ensinamentos, presentes em suas prédicas manuscritas e que foram apresentadas ao povo de Canudos, durante os colóquios de Antônio

[14] HOORNAERT, *Os anjos de Canudos*: uma revisão histórica, p. 23.

Conselheiro. É um trabalho eminentemente de hermenêutica teológica. Farei uma releitura das principais homilias do Peregrino, levando em conta o que Claude Geffré caracteriza de "releitura de textos do passado a serviço de melhor inteligência cristã"[15]. Levarei em consideração a ascese da lucidez e coerência doutrinal de Antônio Conselheiro, como pressuposto para comprovar a ortodoxia dessas pregações. A prática de fé do povo de Canudos é lugar teológico no qual buscarei elementos para a reinterpretação criativa, com o objetivo de extrair ensinamentos também para a vida da Igreja hoje.

Esses manuscritos serão confrontados com a posição que Euclides da Cunha apresentou em *Os Sertões*, segundo a qual o Peregrino ensinava doutrinas diversas às oferecidas pela Igreja. Essa análise ajudará na revisão teológica de certas afirmações sobre o Conselheiro, recuperará o seu pensamento e fará justiça à ortodoxia da catequese ensinada pelo Peregrino, especialmente durante os desencontros com representantes da Igreja.

No capítulo terceiro e central da tese, destaco os *Encontros e desencontros de dois modelos eclesiológicos em Canudos*. Trata-se de compreender a eclesiologia de Canudos, os conflitos com o modelo eclesiológico preconizado pelo processo de romanização, no contexto da crise do Padroado, no final do século XIX. Antônio Conselheiro seguia os valores e práticas do catolicismo popular brasileiro, que chegara ao Brasil pelos missionários capuchinhos, que chegara de Portugal e era confirmado pelo clero baiano. O que levou, de um lado, parte do clero e o arcebispo da Bahia a rejeitarem a liderança de Antônio Conselheiro e, até mesmo, a acusá-lo de doutrina herética ameaçadora ao trabalho dos párocos da região de Canudos e, do outro, numerosos padres do sertão a abrirem as portas de suas paróquias para receber o Peregrino? Apresento os encontros e desencontros entre o modelo do catolicismo popular e o modelo da romanização: os possíveis pontos de contatos e os distanciamentos entre os dois modelos eclesiológicos. Destacar-se-á, ainda, o contexto eclesial no qual os universos institucional e laical se encontraram e se desencontraram, em Canudos. Algumas cartas do arcebispo da Bahia e o relatório do Frei João Evangelista serão apreciados criticamente neste capítulo.

---

[15] GEFFRÉ, *Como fazer teologia: hermenêutica teológica*, p. 8.

Finalizo a tese com o capítulo quarto. Relaciono *As lições do fato Canudos para a Igreja*, com a experiência das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs): conflitos e aproximações com os membros da hierarquia da Igreja. Canudos é um fato a ser esquecido ou se pode tirar do conflito que gerou a guerra de Canudos lições para aperfeiçoar o entendimento e as relações entre leigos e ministros ordenados na Igreja?

Como em Canudos, guardadas as devidas proporções, mesmo porque foram contextos diferentes, as CEBs também tiveram momentos muito difíceis com setores da hierarquia da Igreja. Depois dos muitos conflitos, há certo amadurecimento e maior acolhida desse novo jeito de ser Igreja.

1 A GUERRA DE CANUDOS NAS TRILHAS DA REVISÃO HISTÓRICA

> *Há muitos anos foi essa história passada. Canudos que já foi tudo, Canudos que virou nada. Debaixo d'agua, ressuscitou noutra terra e hoje está revivendo tudo que sobrou da guerra.* ***Eu também sou a imagem de um guerreiro. Sou filho de nordestino da terra do Conselheiro[16].***

Para muitos estudiosos, ainda não foi dito tudo o que se poderia dizer a respeito de *Canudos*[17] e a façanha do povo sertanejo. A pesquisa histórica e arqueológica sobre a guerra de Canudos está em pleno vapor nas universidades brasileiras. É urgente que as experiências do povo de Antônio Conselheiro também sejam abordadas do ponto de vista teológico.

Quando se dispôs a estudar o fato Canudos, o professor José Calazans[18] fez surpreendente constatação. "Em contato com a parca literatura sobre Canudos, comecei a pensar que seria possível contar uma história de Canudos sem ser a de '*Os Sertões*'" [19], de Euclides da Cunha. De fato, durante cerca de 80 anos, a história de Canudos foi contada pelos que massacraram o povo de Antônio Conselheiro.

Estudos mais recentes têm mudado esta realidade. De um lado, a versão dos poderosos, condensada em obras como *Os Sertões* de Euclides da Cunha[20], o mais ilustre representante da elite intelectual positivista republicana, que "marcou época" na literatura brasileira.

A versão euclidiana pareceu insuperável quando se tratava do episódio Canudos, Antônio Conselheiro e a maior guerra que aconteceu no Brasil, entre os próprios patriotas. Parecia que Euclides teria "engaiolado" Canudos e não havia mais espaço para outras versões ou descobertas.

Do outro lado, os que engrossam o cordão da "revisão histórica", incorporando relatos de gente do povo, envolvida na peleja e defensores da

---

[16]VIOLÂO, *Homenagem a Canudos*, p. 36.

[17]*Canudos*, planta típica da região do alto do rio Vaza-barris, utilizada para fazer caninhos para cachimbos denominava-se "Fazenda velha", povoação com cerca de 50 casebres. O pároco de Cumbe fazia celebrações esporádicas no lugarejo. Atualmente Canudos é um município localizado no polígono das secas, há 410k de Salvador.

[18] José Calazans Brandão da Silva, sergipano de Aracaju, construiu sua carreira em Salvador. Formado em direito e história foi, por muitos anos, professor catedrático da cadeira de história moderna e contemporânea, pela Universidade Federal da Bahia e o principal pesquisador e escritor sobre Canudos. Publicou diversos livros, artigos e ensaios sobre Antônio Conselheiro e os diversos personagens envolvidos na guerra sertaneja, sempre adotando o viés da "revisão histórica".

[19] VILLA, *Um depoimento para a história,* p. 25.

[20] Cf. CUNHA, *Os Sertões*.

revisão histórica. Esses estudos oferecem considerável literatura acerca de Canudos. O poeta expressa esse sentimento ao dizer que "A história fará sua homenagem à figura de Antônio Conselheiro" [21].

Desde quando o historiador José Calazans cunhou a expressão "revisão histórica", ao referir-se à guerra de Canudos, que as ciências sociais e humanas têm despertado interesse por Canudos e o Beato Conselheiro.

Neste primeiro capítulo, parto dos estudos históricos oferecidos pelo próprio Euclides e seus fiéis sucessores e incorporo as valiosas contribuições mais recentes, com elementos que servirão para confrontar dois paradigmas: um historiográfico e o outro eclesiológico/teológico sobre o fato Canudos.

Tomando as fontes do projeto religioso de Antônio Conselheiro, o uso que ele fez da Bíblia sagrada, as diversas obras de catequese com adultos, utilizadas pela Igreja durante o século XIX, juntamente com os autores da "revisão histórica", utilizo os elementos essenciais para reavaliar Canudos, também sob o olhar teológico, no contexto do catolicismo popular brasileiro, no qual o Conselheiro esteve inserido.

O médico César Zama, deputado estadual, escritor e crítico, refere-se ao que aconteceu em Canudos como "Monstruoso atentado que a posteridade registrará como o mais negro borrão da nossa história" [22]. Logo, necessitam-se de novos esclarecimentos, agora também pela ótica teológica.

De natureza histórica e pré-teológica, este capítulo constitui-se na base e ponto de partida para os estudos teológicos, que serão abordados nos capítulos seguintes. Levar-se-ão em consideração as duas interpretações sobre o acontecimento *Canudos*.

A primeira versão, protagonizada por Euclides da Cunha e os seus seguidores, de um lado; e os que adotam a "revisão histórica": José Calazans, Ataliba Nogueira, Alexandre Otten e outros, do outro lado. Destacar-se-á, ainda, a posição do Arcebispo da Bahia, o conflito de setores do clero do sertão com Antônio Conselheiro, como também os sacerdotes que apoiaram o Peregrino, no contexto do catolicismo popular sertanejo. Termino este capítulo

---

[21] Da música de Gereba e Vanildo Vilanova. Apud VASCONCELOS, *Terra das promessas, Jerusalém maldita*, p. 48.
[22] ZAMA, *Libelo republicano acompanhado de comentários sobre a campanha de Canudos*, p. 29.

oferecendo uma revisão crítica do que está sendo oferecido nos livros didáticos, pelos estudos de história nas escolas brasileiras sobre Canudos.

Para Ataliba Nogueira, somente passados três quartos de século da guerra de Canudos, tem sido possível "fazer o histórico daquele acontecimento que abalou a opinião pública e as próprias instituições políticas. Para dar-lhe relevo, porém, é preciso que surjam novos Euclides" [23], ou Euclides da Cunha ao reverso. Como não é possível, precisa-se "dos Euclides" que auscultem o povo e, até mesmo, encontrem documentos e provas históricas que façam justiça ao "outro lado" da história, que ajudem a construir a "narrativa dos vencidos" em Canudos.

Este primeiro capítulo é eminentemente uma recomposição histórica, pelo viés da revisão, seguindo as pegadas dos recentes estudos.

1.1 Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos

Quando se ouve falar de Antônio Conselheiro e a povoação de Canudos, vem logo à memória a guerra de Canudos e a figura emblemática de Antônio Conselheiro. Há profunda ligação entre Antônio Conselheiro e Canudos. Ele fundou aquele Arraial.

A Fazenda Velha, como era conhecida a pequena povoação antes de Canudos, denominou-se Canudos depois da chegada de Antônio Conselheiro e seu séquito, em 1893. Por ser a principal liderança de Canudos e ter encarnado as lutas do povo sertanejo, Antônio Conselheiro foi objeto de procura dos promotores da guerra e despertou a fúria dos militares e setores das elites rurais e política, no alvorecer do regime republicano.

Antônio Conselheiro assumiu os sentimentos de mudança de parte do povo sertanejo em seu contexto histórico. A construção da figura de Antônio Conselheiro o tornou controvertido como diversos autores o retratam, ainda mais quando a pesquisa encontra elementos históricos que acrescentam aos estudos já conhecidos.

Edmundo Moniz deixa um recado para os que resistem às informações dos "vencidos" durante a guerra de Canudos e os estudos recentes. "Recusam-

[23] NOGUEIRA, *Antônio Conselheiro e Canudos: revisão histórica*, p. 4.

se os nossos historiadores a ver, na resistência maravilhosa de Canudos, uma expressão da rebeldia sertaneja à prepotência dos latifundiários, reflexo de uma luta de classes em sua fase superior – a luta armada" [24].No senso comum, Canudos está ligado a Antônio Conselheiro.

Antônio Conselheiro, como principal liderança da comunidade, também foi um dos protagonistas na defesa do arraial, durante as invasões das forças militares. Ao lado de diversas lideranças, contando com o apoio de setores importantes do clero do sertão, Antônio Conselheiro transformou Canudos em um lugar simbólico e com perspectivas reais de vida, como veremos a seguir.

1.1.1 Vida e obra de Antônio Conselheiro

Antônio Vicente Mendes Maciel, historicamente conhecido por Antônio Conselheiro[25], nasceu aos 13 de março de 1830, na cidade cearense de Quixeramobim[26]. Ele é filho legítimo do negociante Vicente Mendes Maciel e sua primeira esposa Maria Maciel, conhecida por Maria Chana[27]. Em 1835, juntamente com suas três irmãs, Antônio fica órfão de mãe. O pai casa com Francisca Maria Maciel, mulher de gênio forte, com quem teve vida conflitiva. Francisca "irritava-se com o marido e desforrava-se nos enteados. Chamava o pequeno Antônio de mandrião e sem vergonha" [28]. Antônio sempre foi "muito dócil, e de boa índole. O seu pai não poupou esforços para educá-lo,

---

[24] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 76.

[25]Além de *Antônio Conselheiro* o povo, historiadores e literatos o atribuem títulos como *Antônio dos Mares*, *Bom Jesus Conselheiro*, *Conselheiro*, *Santo Antônio Conselheiro*, *Santo Antônio Aparecido*, o *Ermitão Antônio Conselheiro*, *o Bom Jesus*, *o Bom Jesus Conselheiro*, *o Peregrino*, *o Peregrino do Sertão*, *Antônio Maciel* e *Antônio dos Mares*.

[26] Conforme cópia do original do Batistério, que se encontra no acervo do Instituto Popular Memorial de Canudos, Bahia. Os primeiros que escreveram sobre Antônio Conselheiro divulgam erroneamente o começo de 1828 o ano do nascimento de Antônio Conselheiro. Cf. NOGUEIRA, *Antônio Conselheiro e Canudos,* p. 4; Cf. BENÍCIO, *O Rei dos jagunços: crônica histórica*, p. 19; Cf. CALAZANS, *O ciclo caboclo do bom Jesus Conselheiro*, p. 27; MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 15. O acesso ao batistério de Antônio dirime as dúvidas e corrige para sempre informações errôneas. "Aos vinte e dois de maio de mil oitocentos e trinta, batizei e pus os santos olhos nesta Matriz de Quixeramobim ao párvulo Antônio pardo nascido aos treze de março do mesmo ano supra, filho natural de Maria Joaquina: foram padrinhos, Gonçalo Nunes Leitão e Maria Francisca de Paula. Do que, para constar, fiz este termo, em que assinei. O vigário, Domingos Álvaro Vieira".

[27]O menino Antônio marcaria a história do Brasil como personagem que melhor representou as lutas dos camponeses no país e um leigo cristão que soube liderar uma comunidade de fé no sertão brasileiro.

[28] MONTENEGRO, *Fanáticos e cangaceiros*, p. 114.

mandando ensinar-lhe o português, o latim e o francês" [29]. Desejava até que o filho fosse sacerdote. Antônio frequentou a escola do professor Manoel Antônio Ferreira Nobre. Desconhecem-se as razões que impediram que o menino fosse para o seminário realizar o sonho do seu genitor[30].

Além da vida difícil no sertão, Antônio viveu de perto as lutas fratricidas pela terra no interior do Ceará. Durante duelo com parentes, a família Araújo assassinou seu avô. A disputa pela terra no Brasil remonta aos tempos coloniais, quando o país fora dividido em capitanias hereditárias, resultando nas sesmarias. O campo brasileiro ainda não conheceu a tão reivindicada reforma agrária. Desde a invasão dos portugueses, franceses e holandeses, índios, posseiros, ruralistas e sem-terra vivem verdadeira guerra no campo e nas periferias das grandes cidades[31]. Antônio Conselheiro experimentou esse drama em sua própria família.

Em 1855, em razão da morte do pai, Antônio teve que assumir a direção da casa (aos 27 anos) e cuidar das três irmãs até que elas se casassem. Ainda inexperiente, também assumiu o complicado comércio do pai. Herdara enorme dívida. Ser correto era uma obsessão do jovem Antônio. Para sanar dívidas pregressas, chegou "a hipotecar uma casa, pois os negócios não iam bem" [32]. Investe o dinheiro da herança para sanar débitos dos negócios herdados. Segundo Ataliba Nogueira, o dinheiro do inventário requerido em juízo "foi absorvido pelas dívidas" [33].

Em busca da difícil sobrevivência pelos estados do Nordeste, Antônio Mendes Maciel migra para vários lugares em busca de uma profissão que lhe daria estabilidade para sustentar suas irmãs, mesmo que a conjuntura econômica não lhe fosse favorável. Mesmo com a crise, buscava emprego. Ao contrair matrimônio (1857) leciona português, aritmética e geografia em uma fazenda; trabalhou como caixeiro, escrivão de paz, solicitador; milita no fórum

---

[29] AZEVEDO, *"O Rei dos jagunços": entre ficção e história*, p. 65.
[30] Trabalho mais exaustivo sobre a biografia de Antônio Conselheiro, incluindo a formação humana e religiosa, encontra-se em minha dissertação de mestrado, de 2006, cf. ANDRADE, *A experiência religiosa e sociopolítica de Canudos*, p. 17-32.
[31] Segundo Rui Facó, o monopólio da terra no Brasil há "mais de três séculos, baseou-se no regime do trabalho escravo, que se levantou como uma barreira à propagação do trabalho livre. Do trabalho escravo ainda hoje restam marcas evidentes em nossas relações de produção no campo. É o trabalho semi-servil em vastas áreas do interior, particularmente no Nordeste". FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, p. 16.
[32] VILLA, *Canudos: o povo da terra*, p. 15.
[33] NOGUEIRA, *Antônio Conselheiro e Canudos*, p. 5.

em Campo Grande e Ipu, como advogado provisionado[34]. Ao assumir profissões importantes como escrivão, solicitador e advogado, Antônio revela audácia e competência. Entretanto, a inconstância sempre marcou sua personalidade andarilha.

Depois que pagou tudo o devia, percebendo a inaptidão para o mundo mercantil, desiste das atividades comerciais. O que o levou à desistência? Os efeitos das sucessivas secas do final da década de 1870? A crise econômica do sertão do Ceará? A inaptidão para o comércio? A incompetência técnica? Ou a inabilidade para a vida mercantil? Casado, Antônio liquida o comércio e muda de profissão.

O distanciamento da vida comercial (1857) coincidia com o mesmo ano da opção pelo matrimônio. Em 1857, casa-se na Igreja Matriz de Quixeramobim com Brasilina Laurentina de Lima. Seu destino sofre o primeiro revés. Euclides da Cunha assinala 1858 como o início da reviravolta na vida do rapaz e aponta o motivo mais plausível. A "incompatibilidade de gênios com a esposa ou, o que é mais verossímil, a péssima índole desta torna instável a sua situação" [35].

Antônio sempre foi determinado. Para Euclides da Cunha, as novas ocupações trabalhistas, a instabilidade no casamento ea vida de andarilho tornam a existência dramática. Mesmo assim, Antônio mantém o "caráter que não se deixa abater" [36]. Em poucos anos, vive em diversas vilas e povoados em busca de permanência.

Os sertões traça o mapa pela procura de emprego. Desde 1859, Antônio Vicente passa por diversas profissões. Chega à cidade cearense de Sobral, onde trabalha poucos dias como caixeiro; em Campo Grande, assume o posto como escrivão do Juiz de Paz; passa por Ipu, trabalhando como solicitador ou requerente no fórum da cidade. "Este período de vida mostra-o, todavia, aparelhado de sentimentos dignos" [37], afirma Euclides da Cunha.

Em Ipu, perde a mulher, raptada por um policial. Para o autor de *Os sertões*, foi um golpe e "fulminado de vergonha, o infeliz procura o recesso dos

---

[34] Antônio Conselheiro, mesmo não sendo bacharel em direito, foi advogado provisionado ou rábula, isto é, recebeu provisão para advogar em juízo de primeira instância, conforme prática comum no final do século XIX.
[35] CUNHA, *Os Sertões*, p. 213.
[36] CUNHA, *Os Sertões*, p. 213.
[37]CUNHA, *Os Sertões*, p. 214.

sertões, paragens desconhecidas, onde lhe não sabiam o nome; o abrigo da absoluta obscuridade" [38]. As dificuldades ampliam-se. Passa pelo segundo e mais grave revés. Migra para Paus Brancos (Ceará). Na estrada, foi acusado de ferir "com ímpeto de alucinado, à noite, um parente, que o hospedara. Fazem-se breves inquirições policiais, tolhidas logo pela própria vítima reconhecendo a não culpabilidade do agressor" [39]. Ao chegar ao Crato, o andarilho desaparece durante 10 anos, informa Euclides da Cunha.

Toda a trajetória do Beato Antônio Conselheiro esteve ligada à Igreja Católica. Antônio fez parte da Missão de Padre Ibiapina e conheceu Padre Cícero de Juazeiro. Sua formação religiosa deita raízes no cristianismo itinerante e seus valores, incrustados na mentalidade do Peregrino. Seu projeto de vida não advém de contatos com grupos estranhos à fé cristã. Ele encontra no seguimento de Jesus de Nazaré e na moral cristã orientações seguras para sua conduta. De formação católica, ocupou-se de práticas cristãs e militância religiosa.

Segundo o historiador J. Calazans, "Antônio Conselheiro se aproximou do notável pregador de missão (Padre Ibiapina), tendo trabalhado como irmão pedinte, angariando fundos para os projetos de construções do antigo magistrado" [40]. Participar da Missão Ibiapina dotaria Antônio das facilidades necessárias para desenvolver seu projeto de vida comunitária junto ao povo pobre de Canudos. A missão Ibiapina constitui-se em escola para a vida futura de Antônio Conselheiro, até chegar a Canudos.

Após peregrinar por várias localidades do Ceará, Sergipe e Bahia, Antônio Conselheiro chega à Fazenda Velha, lugarejo com cerca de 50 habitantes e ali se instala com 800 seguidores, para viverem do trabalho desenvolvido nas terras ocupadas nas margens do rio Vaza-barris, a cerca de 90k de Jeremoabo e 410 km de Salvador. Alguns afirmam que a fazenda chamava-se Canudos[41]. O fato é que Antônio Conselheiro se instalou em

---

[38] CUNHA, *Os Sertões*, p. 214.
[39] CUNHA, *Os Sertões*, p. 214.
[40] CALAZANS, *O Ciclo Caboclo do Bom Jesus Conselheiro*, p. 44.
[41]Cf. CALAZANS, *Solidariedade, sim; igualdade, não: aspectos controvertidos do episódio de Canudos*, 40-43. Para Didier Bloch, ao chegar a Canudos "ali havia, na margem esquerda do rio Vaza-Barris, um povoado com cerca de duzentos habitantes, estabelecido em terras que, ao que parece, pertenciam à Igreja. Do outro lado do rio, na margem direita, existia a fazenda Canudos, propriedade de um sobrinho do Barão de Jeremoabo, onde havia mais de duzentas e trinta cabeças de gado – o que significa que não estava abandonada. Chegaram com Antônio

Canudos em 1893. Durante três anos de vida de intenso trabalho e vida comunitária atrai cerca de 20 mil habitantes para a comunidade solidária. Havia trabalhos intensos.

Dois fatores importantes ajudaram no desenvolvimento das atividades econômicas, que tornavam viável a existência humana em Canudos. O Belo Monte localizava-se em paragens de fáceis ligações. De um lado, a estrada que vai para Jeremoabo, passando pelas cidades sergipanas de Carira, Itabaiana e Aracaju, a capital de Sergipe. Do outro lado, a estrada que liga Canudos com Uauá, Monte Santo, Juazeiro e Feira de Santana, facilitando, de um lado e de outro, as relações comerciais amplas, com esses municípios.

O segundo dado para o desenvolvimento das atividades agrícolas deu-se pelo fato de Canudos situar-se ao longo das águas do rio Vaza-barris. As terras eram de uso coletivo. Plantavam milho, feijão, abóbora, melancia, etc. A criação de bodes, cabras, gado, galinha e porco garantia o mercado local. Havia boas atividades comerciais no acampamento. O rio oferecia peixes, água para o consumo humano, para os animais e o plantio. Além do forte comércio interno, Canudos desenvolveu relações comerciais com Uauá, Monte Santo, Cumbe (Euclides da Cunha), Juazeiro e cidades de Sergipe. O local sempre foi ponto de passagem "por onde transitavam pessoas e mercadorias. Antes da fundação de Belo Monte, ali já viviam pessoas como Joaquim Macambira, e Antônio da Mota. Ambos eram criadores e negociantes de couro de bode" [42]. Também comercializavam a sobra do couro de pode até para a Alemanha. Coincidentemente o período de 1893 a 1897, final da guerra de Canudos, foi uma quadra de chuva, de onde veio certa facilidade econômica, para sustentar a população, sem incentivo estatal.

Em Canudos, produziam-se selas, cangalhas para animais, usadas para transporte de cargas pelos tropeiros. Fabricavam, também, chapéus de palhas e de couro, enxadas, foices, picaretas e outros objetos para o trabalho da pesca, para a agricultura, a pecuária e o comércio. Fabricavam-se espingarda de cartuchos e munição. Canudos caminha para a outo suficiência, fato que incomodaria os proprietários rurais e políticos regionais.

Conselheiro de quinhentas a mil pessoas, que se estabeleceram no povoado Canudos, rebatizado Belo Monte", p. 41.

[42] BLOCH, *Canudos, 100 anos de produção: vida cotidiana e economia dos tempos de Antônio Conselheiro até os dias atuais*, p. 42.

Antônio Conselheiro fez a promessa de construir 25 igrejas, tornando-se verdadeiro construtor. "Entre igrejas, capelinhas e cemitérios, conseguimos localizar vinte e uma obras, algumas delas desaparecidas" [43], afirma o pesquisador José Calazans, em 1997. Entre essas igrejas, destacam-se a do arraial do Bom Jesus (hoje, Crisópolis), fundado durante a passagem do Conselheiro e a Igreja matriz do Senhor do Bomfim de Chorrochó. E, claro, a Igreja de Santo Antônio de Canudos, que causou admiração ao Tenente Soares. Edificada através de mutirões é uma "grande Igreja-fortaleza, com torres de granito e paredes de 80 cm. de espessura, ocupando larga área, rapidamente eleva-se sob o trabalho paciente de operários às centenas, alguns bem hábeis" [44]. Equipes se deslocavam para longe em busca de madeira. As telhas eram fabricadas no Belo Monte. Antônio Conselheiro também deixou por escrito suas homilias, formando um conjunto precioso de quase um milheiro de páginas[45].

1.1.2 A Guerra de Canudos no contexto histórico brasileiro

Desde o início do Brasil, historiadores e antropólogos brasileiros afirmam haver dois distintos brasis. Um oficial, o outro real; um rico, o outro pobre; um dos políticos, o outro do povo; um dos dominadores, o outro dos dominados; um da "casa-grande" e o outro da "senzala" [46]. A Guerra de Canudos, fato ocorrido no interior da Bahia (1896-1897), inscreve-se na ótica de polarização

---

[43] CALAZANS, *Solidariedade, sim; igualdade, não: aspectos controvertidos do episódio de Canudos*, p. 39.

[44] SOARES, *A Guerra de Canudos*, p. 35-36.

[45] Parte significativa dessas homilias foi publicada por NOGUEIRA, Antônio Conselheiro e Canudos: revisão histórica, p. 53-182. Cf. ANTONIO CONSELHEIRO, *Apontamentos da Divina lei de Nosso Senhor Jesus Cristo, para a salvação dos homens. Pelo Peregrino Antônio Vicente Mendes Maciel. No Povoado do Belo Monte. Província da Bahia em 24 de maios de 1895*. Essas homilias serão objeto de análise no segundo capítulo.

[46]Ao abordar a guerra de Canudos, nos deparamos com essas duas linhas historiográficas que se intercruzam. A história contada nos livros didáticos, reproduzida nas escolas e as narrativas dos que procuram informações além dos documentos oficiais, em "outras fontes," na perspectiva dos pobres. Estes quase sempre vítimas da inércia da história ocupam lugar fundamental. A linha de revisão histórica tem seu lugar e vem causando impacto importante na primeira versão oferecida aos brasileiros. É o contraponto de credibilidade. Segundo Darcy Ribeiro, a "distância social mais espantosa do Brasil é a que separa e opõe os pobres dos ricos. A ela se soma, porém, a discriminação que pesa sobre negros, mulatos e índios, sobretudo os primeiros". RIBEIRO, *O povo brasileiro*, p. 202.

entre a “casa grande” e a “senzala” [47]. Os atores da “casa-grande” quase sempre estiveram com a palavra, demonstraram competência, sabem contar sua própria história, escrever seus livros, narrar seus fatos. Muitos filhos dos moradores da “senzala”, porém, também conquistaram a palavra, produzem história com o mesmo rigor científico dos filhos da “casa-grande”. Em seus relatos descobrem informações que passam despercebidas aos escritores da história oficial e que, somente quem foi protagonista de fatos semelhantes ou vive em sintonia, pode perceber.

A “presença do Conselheiro em Canudos alia-se à dinâmica da atuação do Padre Ibiapina nos sertões do Norte, assim como mais tarde à influência do Padre Cícero em Juazeiro do Ceará” [48]. Antônio Conselheiro fez parte de um movimento religioso, de caráter sociopolítico, que terminou com uma comunidade de cerca de 20 mil sertanejos, no interior da Bahia, no final da guerra, em 1897.

Ao chegar a Canudos no final do século XIX (1893), o Peregrino depara-se com o sertão em ebulição[49]. Coincide com a crise dos primeiros anos da República, depois que a Monarquia fora ferida mortalmente pelo golpe militar de 1889.

O Brasil vivia instabilidade política e social. Na compreensão de Jonathas Fernando, a chegada do novo regime produziu forte abalo na situação econômica do país e criou insatisfação de setores dos proprietários de escravos, que não admitiam a abolição da escravatura sem que houvesse indenização pela perda de escravos[50]. O quadro de instabilidade levou o primeiro presidente Deodoro da Fonseca, eleito pelo Congresso em 25 de fevereiro de 1891, a um curto mandato, renunciando em 23 de novembro de 1891.

A instabilidade política gerou reações sociais. A revolta federalista no Rio Grande do Sul propagou-se para Santa Catarina e São Paulo. A

---

[47] Para Gilberto Freyre, precisamos considerar na formação histórica e cultural de nossa gente “não ser processado no puro sentido da europeização. Em vez de dura e seca, rangendo do esforço de adaptar-se a condições inteiramente estranhas, a cultura europeia se pôs em contato com a cultura indígena, anunciada pelo óleo da mediação africana”. FREYRE, *Casa-grande e senzala*, p. 115. O encontro irrigou-se de diversos conflitos e sofrimentos para índios e negros e vem influenciando a produção historiográfica brasileira.
[48] Cf. HOORNAERT, *Os anjos de Canudos,* p. 23.
[49]Cf. FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, p. 90.
[50] Cf. SERRANO, *História do Brasil*, p. 451.

convocação para o processo constituinte, que resultou na constituição de 1891, criou um debate nacional e aumentou os conflitos políticos e sociais. A nova constituição criou a federação dos estados brasileiros, instituiu o sistema presidencialista, a divisão dos poderes executivo, legislativo, judiciário e a autonomia dos municípios.

Até o final do império, a Igreja, sob o regime do padroado, sofria ingerências do poder político nas decisões eclesiásticas. A crise do Padroado, que se arrastou até o início da república, levou a nova constituição a passar para o Estado atividades que, até então, eram da Igreja. A Constituição de 1891 promoveu, ainda, a separação entre a Igreja Católica e o Estado; criou o casamento civil; retirou da tutela eclesiástica a administração dos cemitérios e instituiu o casamento civil.

No Nordeste, inicia-se um processo de deterioração da economia. A decadência do ciclo do açúcar, durante todo o século XIX, o fim da escravidão e as sucessivas secas elevavam a temperatura política e social no Nordeste brasileiro. Intensificam-se os movimentos migratórios. Os governos central e estadual são inoperantes. Com o declínio do ciclo do açúcar, o centro da economia nacional se desloca do Nordeste para o Sul, com cultivo do café e para o Norte, com a borracha (seringais).

Durante 3 anos (1893-1897), o movimento de Canudos capitaliza fugitivos das secas, desempregados, índios da região e negros oriundos das senzalas. Pequenos proprietários se desfazem de seus bens e vêm para o Belo Monte. Para essa gente, a solidariedade dos irmãos, o uso coletivo das terras, a organização inclusiva dos que chegavam, os momentos de orações em comum, alimentavam a crença de que Canudos era uma possibilidade concreta de vida no sertão e proporcionava segurança diante da instabilidade, provocada pela crise. Havia preocupação comunitária dos moradores[51].

A autoridade de Antônio Conselheiro dava garantia aos moradores, revelava coordenação e firme liderança. A Igreja tinha passado pela crise do Padroado e também não oferecia os serviços religiosos demandados pelas populações sertanejas[52]. Havia dualismo religioso, com manifestações religiosas entre os leigos e a mística dos membros da hierarquia. A separação

[51] Cf. ATAÍDE, O cotidiano de Canudos: religião e solidariedade, p. 47-56.
[52] Cf. FRAGOSO, *A Igreja na formação do Estado liberal*, p. 191-92.

entre Igreja e Estado causou muito sofrimento às lideranças eclesiásticas. A nova constituição neutralizou parte da influência da Igreja, que empreendeu muita energia nos conflitos com a maçonaria e com lideranças políticas. O povo sentia-se desassistido também pela Igreja.

Para Hugo Fragoso, a "linha de orientação da Igreja de então se caracterizava mais nos 'deveres' que os direitos, mais nos "princípios" que nas pessoas, mais na hierarquia que no povo" [53]. O processo de romanização[54] provocava conflitos com o catolicismo popular e com as lideranças leigas.

1.1.3 Antônio Conselheiro e Canudos

Quando se ouve falar de Antônio Conselheiro e a povoação de Canudos, vem logo à memória a *guerra de Canudos* e a figura emblemática do Peregrino, [55]fundador do arraial de Canudos, em 1893. A Fazenda Velha, como era conhecida a pequena povoação antes de Canudos, denominou-se Canudos depois da chegada de Antônio Conselheiro e seu séquito, em 1893.

Antônio Conselheiro assumiu os sentimentos e os anseios por mudanças de parte do povo sertanejo. "Ninguém melhor do que Antônio Conselheiro representa a corajosa obstinação, a sabedoria intuitiva, o espírito combativo e a resistência heroica do sertanejo brasileiro" [56], pondera Edmundo Moniz.

Edmundo Moniz apresenta ressalvas quanto à forma de abordar Canudos por parte dos historiadores. Não poucas vezes a figura histórica de Antônio Conselheiro tem sido distorcida, conforme os mais variados interesses, nem sempre confessados. No senso comum, Canudos está ligado a Antônio Conselheiro. Como principal liderança da comunidade, também foi um dos protagonistas na defesa do arraial, durante as invasões das forças militares. Ao lado de diversas lideranças, contando com o apoio de setores importantes do

---

[53] FRAGOSO, *A Igreja na formação do Estado liberal*, p. 192.

[54] Um aprofundamento mais detalhado sobre a implantação do projeto de romanização e o encontro com o catolicismo popular sertanejo será detalhado no capítulo terceiro, ao tratar dos encontros e desencontros de dois modelos eclesiológicos em Canudos.

[55] Além de Antônio Conselheiro, há outros títulos. Segundo o historiador José Calazans, Antônio Conselheiro recebeu esse nome por causa de sua capacidade carismática e de liderança entre os sertanejos. Cf. CALAZANS, *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro*, p. 100.

[56]MONIZ, *Guerra social de Canudos*, p. 15.

clero do sertão,[57] Antônio Conselheiro transformou Canudos em um lugar simbólico e com perspectivas reais de vida.

Os que documentam a história de Canudos, a partir da revisão histórica, descobrem informações que ampliam os conhecimentos sobre o espírito do movimento no semiárido nordestino, revisam informações, corrigem rumos e constroem a versão dos que foram afugentados pela guerrade Canudos "Não se trata de uma insurreição de sertanejos e sim de uma guerra civil"[58], diz Edmundo Moniz.

Na intenção primeira de Antônio Conselheiro, Canudos deveria ser lugar de acolhida dos mal-aventurados sertanejos; espaço de experiência e de intensiva vida comunitária entre os fugitivos das secas, vítimas da crise econômica. A comunidade atrai negros das senzalas, fugitivo das secas, índios de Mirandela e Banzaê. Pela leitura de suas prédicas, Canudos, situada nas margens do rio Vaza-barris seria a terra do Bom Jesus, o Belo Monte, a Jerusalém do Alto e o povo estaria abençoado por Santo Antônio. A experiência que viveu na militância junto à obra do Padre Ibiapina, poderia ser implantada também em Canudos.

A mudança dessa ótica se deu no momento em que Canudos foi transformado em reduto de monarquistas, terra de bandoleiros, fanáticos e cangaceiros. O líder Antônio Conselheiro foi demudado em organizador de conspiradores contra o regime republicano.

Assim como o Padre Cícero está sendo reabilitado pela própria Igreja, Antônio Conselheiro já foi reabilitado pelos estudos acadêmicos e muitos historiadores. Somente há pouco tempo os teólogos tomam a experiência de Canudos e Antônio Conselheiro pelo crivo teológico, como o valioso artigo do professor Vicente Dobroruka, doutor em teologia e docente da universidade de Brasília[59].

---

[57] Cf. FILHO, *A adesão do clero ao movimento conselheirista*, p. 71-77.
[58] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 158.
[59]Cf. DOBRORUKA, *A teologia de Antônio conselheiro, à luz dos manuscritos de 1897*, p. 85-111. Mesmo sendo um trabalho de ciências sociais, a tese doutoral de Pedro Lima Vasconcelos é de grande valia para a teologia. Cf. VASCONCELOS, *Terra das promessas, Jerusalém maldita: memórias bíblicas sobre o Belo Monte (Canudos)*. Outra pesquisa que subsidia os estudos teológicos foi a dissertação de mestrado de José Luís Fiorin. Cf. FIORIN, *A ilusão da Liberdade discursiva: uma análise das prédicas de Antônio Conselheiro*.

O divisor de águas foi a abrangente obra de Alexandre Otten[60], publicado em 1990. Supera-se a influência negativa deixada por Euclides da Cunha e seus principais repetidores e abre nova perspectiva teológica. É preciso tirar Canudos e Antônio Conselheiro da antítese "moderno/arcaico", "litoral desenvolvido/sertão arcaico", que legou as camadas populares ao radical preconceito. Para Euclides o antagonismo era inevitável, por causa do "derivativo à exacerbação mística; uma variante forçada ao delírio religioso" e "o contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes patrícios mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa" [61].

Canudos e Antônio Conselheiro não podem ser entendidos fora do contexto social, político e religioso do início da República, nem devem ser prisioneiros da versão antitética apresentada pelos *Os Sertões*[62].

Não é razoável, como veremos no final deste capítulo, atribuir unilateralmente a Antônio Conselheiro e seu povo a intransigência que levou ao desencadeamento da guerra. Como essa visão prevaleceu na história, Canudos e Antônio Conselheiro são estigmatizados. Pouco se fala das atitudes imprudentes das autoridades republicanas sobre a decisão de confrontar o povo sertanejo e seu principal líder.

Por Euclides da Cunha, Canudos foi eleito como "reduto de monarquistas", a "Vendeia brasileira" [63] e Antônio Conselheiro de "sebastianista", "líder messiânico" e "esmaniado apóstolo sertanejo", "um doido" [64]. Essas afirmações não encontram amparo na leitura pela revisão histórica. O

---

[60] OTTEN, "*Só Deus é grande": a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*.

[61] CUNHA, *Os Sertões*, p. 268 e 270.

[62] Em sua análise das prédicas de Antônio Conselheiro José Luís Fiorin faz considerável advertência sobre Euclides da Cunha. "A obra de Euclides da Cunha, embora seja um repertório de preciosas informações, factuais acerca de Canudos e das campanhas militares contra os conselheiristas, parte de uma visão positivista do fenômeno messiânico, uma vez que o considera simplesmente fruto do fanatismo, da ignorância e de distúrbios psíquicos de seu líder. Este trabalho pretende não se deixar moldar por essa visão. Por outro lado, como Euclides desconhecia o manuscrito do Conselheiro, fez afirmações a respeito do discurso conselheirista que não correspondem ao que se lê nas prédicas". FIORIN, *A ilusão da liberdade discursiva: uma análise das prédicas de Antônio Conselheiro*, p. 10.

[63] Cf. CUNHA, *Os Sertões*, p. 270. Cf. nota 126. Vendeia remonta à revolta de monarquistas e alguns católicos (1793), com base na aliança entre nobres e camponeses na França, em reação à Revolução Francesa. Euclides da Cunha traça faz um paralelo com o acontecido em Canudos.

[64] CUNHA, *Os Sertões*, p. 226 e 268. As críticas aos muitos conceitos de Euclides da Cunha sobre os costumes do povo sertanejo, o aspecto etnocêntrico, a teoria das três raças, não desmerecem sua obra, nem apequena *Os Sertões* como uma das grandes obras da literatura brasileira. *Os Sertões* continua sendo a porta de entrada para quem procura abordar Canudos e compreender o papel de Antônio Conselheiro de forma cientificamente séria. Para melhor

pesquisador José Calazans, pai do início da revisão histórica de Canudos, anota que "A conduta de Antônio Conselheiro, desde que se fez pregador, foi irrepreensível" [65].

Canudos originou-se, portanto, da Fazenda-velha, às margens do rio Vaza-barris[66]; tornou-se comunidade dos que chegaram à região com Antônio Conselheiro e abrigo seguro para os que se dispunham fazer uma experiência solidária, de trabalho e oração. Para Euclides da Cunha, Canudos tinha 5.200 casebres de pau-a-pique e lá residiam cerca de 25 mil sertanejos. O historiador Marco Antônio Vilas contesta esses dados. Canudos "nunca se aproximou de 25 mil habitantes, possuindo no máximo 10 mil pessoas. É óbvio que isto não diminui em nada a importância do arraial" [67]. No final do episódio, superestimar a população de Canudos pareceu argumento para justificar a matança dos moradores do Belo Monte, pelas forças governamentais imperiosas.

1.1.4 Protagonistas da guerra de Canudos

O que aconteceu com Canudos é algo curioso. É uma guerra entre os próprios brasileiros. Os envolvidos na guerra de Canudos são atores que historicamente mudam de configuração, porém, permanecem com interesses diferentes ao longo da história: as forças das elites (representadas pelos agentes dos poderes políticos e dos grandes proprietários de terra) e o povo sertanejo pobre, com pouca representação nos poderes constituídos e na mídia nacional.

Constata-se, no Brasil, um fato sociológico que sempre acompanha a vida do povo brasileiro: a convivência conflituosa entre os representantes da "casa-grande" e os das "senzalas"; entre os habitantes do litoral e os do sertão; entre índios e posseiros; entre senhores e escravos; entre os donos do capital e as forças do trabalho. "A feia verdade é que conflitos de toda ordem

---

compreensão da organização da sociedade brasileira, dos costumes, ritos e relações sociais, a leitura de *Os sertões* deve ser complementada à luz de obras geniais, como FREYRE, *Casa-grande e senzala*; ROSA, *Grande sertão: veredas*; RIBEIRO, *O povo brasileiro*.

[65] CALAZANS, *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro*, p. 32.

[66] Ao referirem-se ao rio *Vaza-barris*, os autores grafam esse substantivo de maneira diversa. Optamos por *Vaza-barris*, conforme nova lei ortográfica em vigor.
Cf. http://pelapaz.forumeiros.com/t37-lista-de-palavras-com-uso-do-hifen-apos-o-decreto-6-583-2008-a-ate-z. Acesso em 25-04-2016.

[67] VILLA, *Canudos, o povo da terra*, p. 220.

dilaceram a história brasileira, étnicos, sociais, econômicos, religiosos, raciais etc. O mais assimilável é que nunca são conflitos puros. Cada um se pinta com as cores dos outros" [68]. Canudos não foge à regra.

Darcy Ribeiro encontra explicação para essa tensão de classes em um passado longínquo. Vem "da confluência, do entrechoque e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos" [69].

Para Gilberto Freyre, o Brasil se caracterizava como uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida[70], com a respectiva evolução sem que a elite perdesse seus privilégios em detrimento à carência e o sofrimento do povo. Com a invasão dos europeus "desorganiza-se entre os indígenas da América a vida social e econômica; desfaz-se o equilíbrio nas relações do homem com o meio físico" [71]. Os agentes do Estado quase sempre optam pelos donos da terra, do capital, do poder econômico, das forças políticas e militares, com representantes nos poderes legislativo, executivo e judiciário (moderador).

Esses dois brasis estiveram envolvidos no massacre de Canudos. Não foram dois países com interesses antagônicos. A guerra de Canudos vai muito além de simples revolta de um líder insatisfeito ou de má conduta. É produto dos sistemas monárquico e republicano em frangalhos. O conflito em Canudos envolve atores donos das grandes propriedades rurais, agentes políticos e representantes dos poderes executivos, legislativos e membros do judiciário, de um lado e fugitivos das secas, negros advindos das senzalas em um Nordeste esquecido pelas elites políticas e econômicas, de outro. Para Manoel Benício, moravam em Canudos:

> (...) preto crioulo, o africano quarentão, o curiboca bronzeado, o mameluco, o mulato, o branco, enfim todo casta de *cabras* descendentes de raças puras e raças cruzadas e mestiças confundia-se ali sem hierarquia moral. (...) Como em Roma em seu início, povoada de homens de todos os instintos e de todos os países; aleijados, enfermos, mobicas (escravos já alforriados), criminosos e crentes. (...) Grande número de doentes, nervosos, aleijados e loucos

[68]RIBEIRO, *O povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, p. 152.
[69] RIBEIRO, *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, p. 17.
[70] Cf. FREYRE, *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia*, p. 64-155.
[71] FREYRE, *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia*, p. 157.

> chegara também a Belo Monte em demanda de cura a suas enfermidades[72].

Há informações desencontradas sobre os membros da povoação do Conselheiro. A primeira é que Canudos tornou-se reduto dos desclassificados, mal-aventurados, esquecidos pelos programas políticos, econômicos e sociais da República, como também os fugitivos das secas no sertão. As margens férteis do rio Vaza-barris são ocupadas por parte dos desvalidos, vivendo fora do "progresso da República". Aumentava o séquito de Antônio Conselheiro também com parte da população negra vinda das senzalas. Antônio Vilanova, morador e sobrevivente da guerra deixou seu testemunho. Canudos era grande. "Quem tinha gado tratava do gado. Quem tinha mulher e filhos tratava da mulher e dos filhos. Quem gostava de rezar ia rezar. De tudo se tratava porque a nenhum pertencia e era de todos, pequenos e grandes, na regra ensinada pelo Peregrino" [73].Em Canudos, habitavam pedintes, cuidados pela comunidade. "Vilanova em pouco tempo soube adquirir do espírito de Maciel forte preponderância, a ponto de ser o encarregado de receber e repartir as esmolas que se lhe ofertavam" [74].

A segunda informação, entretanto, procura desqualificar o conjunto dos moradores de Canudos como bandidos, bandoleiros, jagunços e criminosos. Henrique Duque-Estrada de Macedo Soares, ilustre representante dos organizadores da guerra e tenente de infantaria acusou o Peregrino canudense de vida patriarcal, agitador, de ser acompanhado de famigerados valentões e truculentos bandoleiros armados. "Outros desordeiros e bandidos para lá seguiram, unindo-se aos fanáticos, engrossando as fileiras do Bom Jesus, que a todos recebia amável, aconselhando o *crescite et multiplicamini*" [75]. E defende a tese, segundo a qual "Até estrangeiros, se bem que raros, lá existiam, muito auxiliando ao asceta com seus conselhos e indicações, dirigindo as obras, aliando as ruas do Bairro Nobre" [76].

---

[72] BENÍCIO, *O rei dos jagunços: crônicas históricas e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos*, p. 35, 91 e 96.
[73] MACEDO, *Memorial de Vila Nova*, p. 67.
[74] BENÍCIO, *O rei dos jagunços: crônicas históricas e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos*, p. 47.
[75]SOARES, *A Guerra de Canudos*, p. 35. Grifo do autor.
[76] SOARES, *A Guerra de Canudos*, p. 37. Essa informação não encontra comprovação histórica, a não ser na intenção de desqualificar os moradores de Canudos e justificar sua destruição. Como se o povo não tivesse capacidade de organizar as ruas ou alguém estivesse

A forma de organização do povo em Canudos vinha despertando curiosidade e preocupação dos proprietários rurais, donos das grandes extensões de terras e autoridades regionais. Canudos crescia. De vários estados chegavam pessoas na esperança de dias melhores. A vida na comunidade de Canudos consegue satisfazer às necessidades básicas de milhares de habitantes em plena caatinga, onde os sertanejos vivem melhores do que no trabalho forçado nas fazendas das redondezas. Mesmo sem fartura, na comunidade de Canudos oferece-se certa dignidade, distanciamento dos grupos de justiceiros do sertão e solidariedade. Isso provoca até ódio nos latifundiários que "perdem" mão-de-obra barata. Eles plantam grãos, criam vacas e carneiros. Há pessoas que cuidam exclusivamente da Igreja, das orações e da caridade cristã.

José Américo, proprietário de várias fazendas nos arredores da Canudos escreve ao Barão de Jeremoabo referindo-se a tal Conselheiro Antônio da malvadeza, arrebanhando trabalhadores honestos para Canudos. Por falta de leis e lideranças políticas, ele

> (...) está mais poderoso do que Napoleão I. (...) Temos muito em breve de ver este sertão confiscado por ele e seu povo; pois está com mais de 16 mil pessoas; povo este miserável tudo que foi escravo, tudo que é criminoso de todas as Províncias, não tendo uma só criatura que esta seja humana, e ele impondo as leis; criando exército de soldados e fazendo tudo que lhe vem à vontade[77].

Outra missiva dirigida ao Barão de Jeremoabo vem de João Cordeiro de Andrade, Coronel da Guarda Nacional, intendente de Monte Santo (1892-1894), relatando ao Barão que a "concorrência do povo para Canudos é constante; perniciosíssimo será o desenlace dessa questão" [78]. Os atores da guerra estão definidos. Por essa altura, tudo caminhava para o confronto. Iniciam-se os conflitos e combates.

Macedo Soares tinha Antônio Conselheiro como um "agitador" [79] e os moradores de Canudos de "formidável núcleo de rebeldes a mando de um

---

por traz de Antônio Conselheiro, orientando-o. De fato, além do coronel Macedo Soares, não se conhece informações de estrangeiros residentes ou influenciando os líderes de Canudos e a organização do povo.

[77] SAMPAIO, *Canudos: cartas para o Barão*, p. 97.

[78] SANPAIO, *Sampaio, Canudos: cartas para o Barão*, p. 102.

[79] Cf. SOARES, A guerra de Canudos, p. 36.

vesânico (louco), voltado contra as Instituições, ainda combalidas pelas recentes lutas da passada Revolução" [80]. A elite política do Rio de Janeiro acreditava que Antônio Conselheiro era um monarquista revoltado contra a República. Canudos foi eleito inimigo da República. Atacar o lugarejo poderia desviar as atenções da opinião pública da crise política e econômica para um inimigo perigoso. É aí que o suposto foco de monarquista e antirrepublicano passa a ser o alvo de interesses dos poderosos[81].

1.1.5 A decisão de destruir Canudos

Canudos dista cerca de 410 km de Salvador, capital da Bahia, situado no Brasil das "senzalas", longe da "casa-grande" ou do litoral. O trabalho de Antônio Conselheiro sempre foi junto aos mais pobres. Para atacar Canudos, seria preciso encontrar um motivo razoável que justificasse suficientemente a decisão e direcionar o "ódio" capaz de mobilizar a opinião pública, parte do congresso nacional e alguns outros setores da sociedade.

Por que Canudos não foi tolerado? O uso comum das terras, a forma evoluída de vida comunitária, o cuidado com os pobres (ex-escravos, desempregados, fugitivos das secas e abandonados pelo sistema republicano) criam na elite rural e urbana um olhar de desconfiança. Não seria o suficiente, no entanto, para justificar a guerra. Era preciso iniciar uma campanha contra Canudos.

Setores ligados à grande imprensa tentam desqualificar a figura de Antônio Conselheiro. Surgem diversas reações do meio político. Latifundiários e religiosos sentem-se incomodados com o crescimento de Canudos. Por que Canudos incomodava tanto? Essa gente tão simples teria todo esse poder para enfrentar uma guerra contra o Estado brasileiro? Aos poucos a reação contra Canudos vai se generalizando.

O primeiro passo foi desqualificar os moradores e líderes, logo tratados de fanáticos, revoltosos bandidos e cangaceiros. Mesmo com a presença de diversas lideranças, foi preciso, inicialmente, eleger Antônio Conselheiro como alvo principal, desqualificar, criminalizar o Beato e, junto com ele, algumas

---

[80] SOARES, A guerra de Canudos, p. 5.
[81] Cf. MONIZ, A guerra social de Canudos, p. 261.

lideranças influentes. As principais ações partem de pessoas importantes da República. Macedo Soares, tenente de infantaria, voz influente no tempo da guerra explicita suas preocupações com a comunidade do Belo Monte e seu líder. Até mesmo os "tímidos, os resolutos deixaram-se de escrúpulos; famílias inteiras, algumas abastadas, vendiam o que possuíam, reuniam-se os parentes afastados e marchavam para a Cidade Sagrada, a se abrigarem à sombra do poderoso agitador" [82].

Entre os que combatem Canudos, Macedo Soares percebe, no Conselheiro, um *patriarca agitador*, de vida preguiçosa, seus asseclas e seguranças repousavam fora da lei. E o mais grave: "desertores e bandidos para lá seguiam, unindo-se aos fanáticos, engrossando as fileiras do Bom Jesus, que a todos recebia amável"[83]. Trabalhavam febrilmente. Fabricavam telhas, tijolos; construíram mais de duas mil casas de pau a pique. Os mutirões facilitam os trabalhos, animavam os sem-coragem, ajudavam os precisados. Povo disposto, pensa Soares.

O uso coletivo da terra provoca reações diversas nos proprietários de terra, ao sentirem a perda da mão de obra barata. O coronel José Américo, primo e compadre do Barão de Jeremoabo, proprietário rural, adjetiva o Peregrino de "o tal Antônio Conselheiro da malvadeza" ser "mais poderoso que Napoleão I" [84]. Esse homem poderá invadir o sertão e confiscar os bens e fazendas por onde passa.

O próprio Barão de Jeremoabo, do partido conservador, monarquista, várias vezes parlamentar, latifundiário do sertão, não esconde sua preocupação com o que acontecia aos arredores de Canudos. Trabalhadores mal pagos deixavam fazendas e partiam para Canudos em busca de vida melhor. Em muitas comarcas e

> (...) até do Estado de Sergipe, ficaram desabitados, tal o aluvião de famílias que subiam para Canudos, local escolhido por Antônio Conselheiro para as suas operações. Causava dor ver exposta à venda na feira a extraordinária quantidade de gado cavalar, vacum, caprino, além de objetos, por preço nonada, como terrenos casas, etc. O anelo extremo era vender, apurar dinheiro e ir reparti-lo com o santo Conselheiro[85].

---

[82] SOARES, *A Guerra de Canudos*, p. 36.
[83] SOARES, *A guerra de Canudos*, p. 35. Grifo do autor.
[84]Apud SAMPAIO, Canudos: cartas para o Barão, p. 97.
[85]Apud: MONIZ, *A Guerra de Canudos: a luta pela terra*, p. 42.

De fato, pesquisa realizada por Didier Bloch sobre a procedência de 366 pessoas que se mudaram para Canudos no tempo do Conselheiro constatou que a origem de 40% delas veio de várias localidades, sendo as quatro principais Itapicuru, Monte Santo, Bom Conselho (atual Cícero Dantas) e Entre Rios[86].

Desde que Antônio Conselheiro chegou a Canudos, uma parte do clero não aceitava sua pregação e visitas. O próprio arcebispo da Bahia expediu várias cartas a párocos do interior, proibindo a visita do beato às paróquias. Muitos padres, porém, não somente permitiam a presença do Conselheiro como o convidavam para pregar e fazer campanhas para construir e reformar a igreja, com detalhes no capítulo terceiro.

No início da guerra, a Igreja não tinha boas relações com o Estado. O fim do Padroado criou arranhaduras que perduram na história. Mesmo assim, Dom Jerônimo Tomé da Silva concorda com o governador em organizar uma missão, cujo objetivo seria aconselhar o povo desistir de Canudos e voltar para suas casas. A pedido do arcebispo da Bahia, a missão capuchinha, organizada pelo italiano frei João Evangelista de Monte Marciano, religioso de "formação romanizada", chegou a Canudos. A pouca diplomacia do religioso, criou mal-estar entre o povo sertanejo e o desejo foi à derrocada. "A iniciativa pacificadora veio a ser frustrada. O frade italiano não possuía as qualidades essenciais para levar a bom termo ação religiosa tão importante" [87], afirma o historiador J. Calazans. A visão restritiva de que os moradores de Canudos eram marginais, preguiçosos, descumpridores da lei e violentos impedia frutuoso diálogo.

Durante a visita do frade capuchinho, produziu-se relatório endereçado ao arcebispo da Bahia, documentando suas impressões sobre Antônio Conselheiro, o comportamento do povo e a vida cotidiana em Canudos. Diversas expressões usadas desqualificam a experiência do Peregrino. Diante

---

[86] BLOCH, *Canudos, 100 anos de produção: vida cotidiana e economia*, p. 49.

[87]CALAZANS, *Apresentação: o relatório de Frei João Evangelista*, p. 7. Atualizamos a escrita. Segundo o historiador J. Calazans, Dom Jerônimo Tomé, arcebispo da Bahia, "em véspera de viajar par a Roma, aquiesceu ao pedido e encarregou Frei João evangelista do Monte Marciano (1843-1922), capuchinho italiano, de dirigir a delicada missão. O Frade se fez acompanhar de outro companheiro de Ordem, frei Caetano de S. Leo, que chegará à Bahia, um ano antes da tarefa. Ao missionário juntou-se o vigário do Cumbe, Padre Vicente Sabino dos Santos, que pastoreava o rebanho de Canudos, com alguma frequência, ali tendo casa para se alojar". P. 6-7.

da chegada dos missionários, frei João Evangelista afirma que Canudos se assemelha a "uma praça de armas, ou melhor, de um acampamento de beduínos" [88]. Famílias vivendo em "casinholas toscas, construídas de barro e cobertas de palha, de porta, sem janela e não arrumadas. O interior é imundo, e os moradores que, quase nus, saiam fora a olhar-nos, atestavam no aspecto esqueleto, quase cadavérico as privações de toda espécie, que curtiam" [89]. Homem e mulheres de traços esquisitos. "O ar inquieto e o olhar ao mesmo tempo indagador e sinistro denunciavam consciências perturbadoras e intensões hostis" [90]. E continua relatando sua impressão sobre aqueles mal-aventurados sertanejos. O ritual de sepultamento mexe com a cultura do frei italiano. Nunca se viu:

> (...) passaram a enterrar oito cadáveres, conduzidos por homens armados, sem o mínimo sinal religioso. Ouvi também que isso é um espetáculo de todos os dias e que a mortalidade nunca é inferior, devido às moléstias contraídas pela extrema falta desasseio e penúria de meio de vida, que dá lugar até a morrerem de fome[91].

Antônio Conselheiro demonstrou apreço e acolhida pelo frade. Durante a homilia, no entanto, o frade foi direto ao assunto: "em nome do sr. Arcebispo, ia abrir uma santa missão e aconselhar o povo a dispersar-se e a voltar aos lares e ao trabalho, no interesse de cada um e para o bem geral" [92]. A ação do frei João foi pouco prudente. O povo reage e o final da missão é antecipado.

O juiz da comarca de Itapicuru, Dr. Reginaldo Alves de Melo, em 6 de dezembro de 1894, comunica ao Barão de Jeremoabo o "grosso êxodo para Canudos" [93] e, portanto, o perigo de não haver mão de obra para cuidar das

---

[88] MARCIANO, *Relatório apresentado pelo Revd. Frei João Evangelista de Monte Marciano, ao Arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro*, p. 4. "Beduínos", em tom pejorativo.
[89] MARCIANO, *Relatório apresentado pelo Revd. Frei João Evangelista de Monte Marciano, ao Arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro*, p. 4. Atualizamos a escrita. O frei João não sabia que as casas do povo na região sertaneja tinham essas características. Ele ficou chocado com a situação de pobreza.
[90] MARCIANO, *Relatório apresentado pelo Revd. Frei João Evangelista de Monte Marciano, ao Arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro*, p. 4.
[91] MARCIANO, *Relatório apresentado pelo Revd. Frei João Evangelista de Monte Marciano, ao Arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro,* p. 4.
[92]MARCIANO, *Marciano, Relatório apresentado pelo Revd. Frei João Evangelista de Monte Marciano, ao Arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro*, p. 4
[93] SANPAIO, *Canudos: cartas para o Barão,* p. 99.

fazendas. Em longa carta do intendente de Monte Santo (1892-1894), João Cordeiro de Andrade, ao Barão de Jeremoabo comunica preocupado.

> "A concorrência do povo para Canudos é constante; perniciosíssimo será o desenlace dessa questão. Prepara-se um grande exército de reserva e, quando chegar o desespero pela fome, ficarão estas paragens aniquiladas. Infeliz sertão entregue aos destinos da sorte e ao abandono do governo" [94].

Aos poucos se foi construindo a justificativa para atacar Canudos. A experiência dava certo, o movimento de sertanejos consolidava-se cada vez mais. Sob a vigilância de Antônio Conselheiro e os cuidados das diversas lideranças comunitárias Canudos crescia. Na comunidade e seus arredores "não faltava gado para o açougue. Os paióis continham provisões. As roças estavam plantadas. Enquanto isso, a influência do Conselheiro se estendia pelos sertões, aumentando, por isso, o temor dos fazendeiros e das autoridades" [95].

Faltava o braço do judiciário. Juntam-se, então, às preocupações dos proprietários rurais, políticos mais influentes da Bahia e setores da Igreja, contra o desafeto Antônio Conselheiro. Doutor Arlindo Leoni, juiz da comarca de Juazeiro torna-se peça fundamental para iniciar a peleja. Que evento concreto poderia justificar o início do conflito sangrento?

Abelardo Montenegro anota duas possíveis razões para a querela: o conflito com o Juiz Arlindo Leoni, e o ciúme dos comerciantes e fazendeiros dos sertões baianos sobre a prosperidade do comércio no Belo Monte em detrimento à crise financeira regional. Outra causa a ser considerada foi areação do Peregrino aos altos impostos na cidade do Bom Conselho (atual Cícero Dantas). As autoridades entenderam a ação como ato de vandalismo e de quem queria agir fora da lei, fato que deixou as autoridades civis e militares em estado de atenção. A repercussão do ocorrido chegou aos ouvidos dos responsáveis pela segurança pública da Bahia, repercutiu nas várias comarcas, criou pânico em muitos políticos baianos e grandes proprietários rurais. Até então, representantes da Igreja ainda não teriam se envolvido nas contendas.

---

[94] SAMPAIO, *Canudos: cartas para o Barão*, p. 102.
[95] MONTENEGRO, *Fanáticos e cangaceiros*, p. 134.

Durante a passagem pela comarca de Bom Conselho, o juiz Leoni pode ter guardado ressentimento do Peregrino, que geraria vingança contra o Conselheiro e que a represália se daria quando o magistrado fosse transferido para a Comarca de Juazeiro, em 1896: "quando juiz de Bom Conselho tivera que deixar a localidade invadida por conselheiristas. Conselheiro chegara a impedir que fosse preso um homem que açoitara a comborça (amante) do Juiz" [96]. Ou o mais grave, conforme narra Prado Ribeiro, em seus comentários sobre valores e costumes sertanejos, estando em Canudos, o Peregrino teria acolhido o homem que batera na concubina do doutor Arlindo Leoni[97]. Antônio Conselheiro também foi acusado de ser monarquista, como se isso fosse um crime!

Coincidência ou não, logo que chegara à comarca de Juazeiro, o referido juiz "iniciou uma sistemática política de descrédito dos conselheiristas, tentando a todo custo impedir a continuidade regular dos contatos econômico-sociais com a comunidade de Belo Monte" [98]. Canudos sempre teve boas relações comerciais com cidades próximas, inclusive Juazeiro.

De fato, o motivo da origem da guerra de Canudos foi encontrado pelo novo juiz da Comarca de Juazeiro. O Conselheiro, habituado a comprar madeira para construir casas em Canudos, junto ao comerciante de Juazeiro, Coronel João Evangelista Pereira de Melo, com quem nunca teve problemas, tem a primeira dificuldade. Durante a construção da nova Igreja de Santo Antônio de Canudos, o Conselheiro comprou e pagou adiantada a madeira para a cobertura do templo. Pereira de Melo alegou dificuldade de transporte até o Belo Monte. O Peregrino sugeriu ao comerciante que um grupo de homens de Canudos poderia buscar a madeira; fato interpretado como ameaça de invasão da cidade. Para Abelardo Montenegro o trato foi violado pelo vendedor[99]. Mesmo o coronel Pereira de Melo argumentando que o objetivo do grupo do Peregrino fosse somente transportar a madeira de maneira pacífica, o

---

[96]MONTENEGRO, *Fanáticos e cangaceiros*, p.139.
[97] Cf. RIBEIRO, *Vida sertaneja*, p. 66-67.
[98]VILLA, *Canudos: o povo da terra*, p. 139.
[99] "Violado o trato, Conselheiro prometia arrebatar as madeiras fosse como fosse, o que constituía perigo de invasão da cidade, motivo por que o Juiz de direito telegrafava ao Governador, solicitando providências. O caso ocorria em outubro de 1896. E em novembro do mesmo ano, travava-se o primeiro combate em Uauá". MONTENEGRO, *Fanáticos e cangaceiros*, p. 139.

boato espalhou-se em Juazeiro, dando conta que o povo do Conselheiro supostamente invadiria Juazeiro.

Não se conhece o pretexto, mas a história chega ao juiz da Comarca de Juazeiro. Para Marco Villa, havia chegado o motivo para a represália do juiz. "A ocasião da compra da madeira foi o momento propício para Leoni iniciar a vingança contra o Conselheiro" [100]. Em vez de o juiz garantir a Antônio Conselheiro o direito de receber a compra antecipadamente paga, o magistrado alegou que o povo do Conselheiro "poderia" invadir Juazeiro e provocaria insegurança. Mesmo sem se certificar "se os conselheiristas iriam a Juazeiro retirar a madeira à força e que por direito lhes pertencia, Leoni aproveitou-se do incidente e utilizou-o em seu proveito" [101]. Foi o suficiente para solicitar reforço e iniciar o conflito armado. O vendedor, porém, nem entregou a madeira e nem foi apenado pelo juiz. Permaneceu impune até os dias de hoje.

Segundo Rui Facó, não houve motivo o suficiente para iniciar uma guerra: "houve um pretexto" [102]. O simples pretexto da não entrega da madeira não poderia ter desencadeado a justificativa para tamanha barbárie que se avizinhava aos canudenses. A indignação de Edmundo Muniz ainda é maior, ao citar Euclides da Cunha:

> (...) 'não se pode imaginar motivos mais pequenos para acontecimentos tão grandes'. O que se esqueceu de dizer é que Antônio Conselheiro tinha todo o direito de insistir para que lhefosse entregue a madeira comprada. Pode-se dizer que ele fora logrado e não podia deixar de reclamar. Quem não o faria no mesmo caso? Mas a justiça não interveio para fazer respeitar o seu direito. Ao contrário, requereu tropas para atacá-lo e abatê-lo'[103].

Conta Edmundo Muniz que "não havia nenhuma razão legal para atacar Canudos com forças da polícia e do exército, caso não se verificasse a agressão contra Juazeiro. A guerra de Canudos iniciou-se ilegalmente e permaneceu ilegal até o fim" [104]. Mesmo assim, tudo está montado para o início do confronto. Os jornais da época tiveram papel preponderante para convencer

---

[100] VILLA, *Canudos: o povo da terra*, p. 139.
[101] VILLA, *Canudos o povo da terra*, p. 141.
[102]FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, p. 95.
[103] Apud. MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 99.
[104] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 100.

a opinião pública sobre a importância de afugentar o acampamento sertanejo. O desdobramento será trágico, como veremos.

1.1.6 Quatro expedições militares contra Canudos

Com a reação dos proprietários, a decisão do governo da Bahia e de setores da Igreja de desmobilizar o acampamento de Canudos provoca reação do povo, que decide continuar vivendo no Belo Monte. As elites políticas e rurais se movimentam para invadir Canudos, através das forças policiais. No campo político, afirmava-se que Canudos, reduto monarquista, ameaçava a sorte da República[105]. Nos quartéis, os generais elegeram Canudos como inimigo. Surgem falsas acusações para justificar o início da reação armada: "aquilo não era um arraial de bandidos truculentos apenas. Lá existiam homens de raro valor – entre os quais se nomeavam conhecidos oficiais do exército e da armada, foragidos desde a Revolta de Setembro, que o Conselheiro evocava ao seu partido" [106]. Para os latifundiários, Antônio Conselheiro estava atraindo os trabalhadores e esvaziando as fazendas. O arcebispo entendia que Antônio Conselheiro poderia ocupar espaço dos sacerdotes e ensinava doutrinas nocivas ao povo.

Aos poucos, tudo ia sendo montado para desqualificar os moradores de Canudos. Surgiam vários tipos de acusações. Segundo Euclides da Cunha, inventaram até que "um dos chefes do reduto era engenheiro italiano habilíssimo, adestrado talvez nos polígonos bravios da Abissínia" [107]. Apareciam ideias geniais para justificar as decisões diante da opinião pública[108].

O pretexto para o início da guerra, descrito por Euclides da Cunha, passa ser a entrega da madeira. O fato estava criado. A partir dos boatos, o juiz de Juazeiro, Arlindo Leoni, antigo desafeto do Conselheiro, aproveita para vingar-se do ocorrido no Bom Conselho, a despeito da união ilegítima do

---

[105] CUNHA, *Os sertões*, p. 459.
[106] CUNHA, *Os sertões*, p. 459-460.
[107] CUNHA, *Os sertões*, p. 460.
[108] "Fervilhavam planos geniais, ideias raras, incomparáveis. Engenheiros ilustres apresentavam o traçado de um milagre da engenharia – uma estrada de ferro de Vila Novo à Monte Santo, saltando por cima da Itiúba, e feita em trinta dias, e rompendo de chofre, triunfalmente, num coro estrugidor de locomotivas acesas, pelo sertão bravio dentro". CUNHA, *Os sertões*, p. 459.

magistrado, denunciada pelo Peregrino. Ao invés do julgador garantir a entrega da madeira legitimamente comparada e paga ao proprietário, encaminha telegrama ao governador, solicitando reforço policial, dados os boatos mais ou menos fundados de que a cidade seria invadida pelos assaltantes de Antônio Conselheiro.

O juiz, porém, não reuniu qualquer dado concreto que pudesse fundamentar a acusação. De fato, nos últimos anos de vida de Beato, não há antecedentes criminais dessa natureza. A decisão do juiz da Comarca de Juazeiro não demora a receber adesão das várias forças políticas, econômicas e ideológicas da república. Inicialmente do poder do Estado e, depois, das forças federais.

O povo se prepara para a guerra. Sobre "o alto dos cerros e à áurea dos caminhos, rolando, carregando ou amontoando pedras, rasgando a terra a picareta e a enxada numa faina incessante. Construíram trincheiras" [109], descreve Euclides da Cunha. O literato tece detalhes sobre a qualidade das armas e munições ingenuamente organizadas para a defesa da comunidade: foices entortadas; ferrões buídos; lâminas largas das facas de arrasto; retesando os arcos; velhas espingardas e garruchas. "E das tendas abrasantes irrompia um ressoar metálico de arsenais ativos" [110]. Armas de baixo calibre, pólvoras, balas, lutadores! Defender a comunidade de ataques externos e garantir a continuidade da vida no sertão: eis o sonho. Organiza-se pelo povo do Peregrino a guarda católica, coordenada por João Abade[111]: "um forte grupo de sertanejos fardados e armados, mantido pelo próprio Conselheiro, com os recursos angariados entre os fiéis" [112]. Frei João Evangelista, missionário capuchinho, que visitou Canudos batizou o grupo de "guarda avançada do Antônio Conselheiro" [113].

O confronto de Uauá. Do outro lado, a reação vem da justiça. O magistrado da Comarca de Juazeiro prepara-se para a desforra; alega defesa de Juazeiro, supostamente ameaçada pelos "bandidos" conselheiristas que iriam buscar a madeira. Luís Viana, governador da Bahia, atendendo pedido do

---

[109] CUNHA, *Os Sertões*, p. 385.
[110] CUNHA, *Os Sertões*, p. 387.
[111] Cf. CALAZANS, *Quase biografias de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro*, p. 33-35.
[112] CALAZANS, Q*uase biografias de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro*, p. 33.
[113] MONTE MARCIANO, *Relatório apresentado ao Arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro*, p. 3.

magistrado encaminha reforço policial. Mesmo sem confirmar o ataque ou qualquer inquérito policial contra os supostos criminosos, organiza-se contingente militar no âmbito estadual, sob o comando de tenente Manuel da Silva Pires Ferreira. O efetivo: três oficiais, 113 praças, um médico, dois guias, uma ambulância. Dia 7 de novembro de 1896, chegam a Juazeiro. A comitiva desce para Canudos.

Em Uauá, ao raiar do dia 20 de novembro, os soldados acordaram com barulho de reza e cantos religiosos. Uma procissão, tendo à frente a bandeira do Divino e uma grande cruz foi recebida à bala pela tropa. Durante o tiroteio de cerca de 5 horas, o povo do Conselheiro tinha desarticulado os inimigos. No final da primeira expedição, os que atacaram o povo do Conselheiro contabilizaram a morte de 7 praças, um oficial e dois guias[114]. Do lado dos sertanejos, fala-se em 150 mortos. Marco A. Villa, porém, contesta informações oficiais de que teria morrido tal contingente[115]. Na concepção de Edmundo Muniz, os seguidores de Antônio Conselheiro deixaram o arraial como tinham chegado, rezando e cantando. As perdas da força governamental foram um alferes, um sargento, dez praças e os dois guias. Havia mais de vinte feridos[116].

As informações oficiais sobre os mortos entre os que foram defender a comunidade de Canudos no confronto de Uauá foram infladas, talvez para justificar o início da barbárie e mobilizar a segunda expedição. Essa primeira derrota repercutiu mal na opinião pública baiana e entre lideranças republicanas, especialmente nos jornais do Rio de Janeiro.

Segunda expedição. Com a derrota da primeira tentativa, o governador organiza a segunda expedição, agora sob o comando do major Febrônio de Brito, com efetivo de oito oficiais, cem praças do exército e cem da polícia estadual. Mesmo com o desentendimento com o governador da Bahia, Luís Viana, o general Solon arregimenta cem praças, 3 médicos, e um arsenal de 2

---

[114] Cf. VILLA, *Canudos: o povo da terra*, p. 144.

[115] "Como eram quinhentos os atacantes, o número de baixas foi muito alto, o que não condiz com a descrição feita pelo próprio Pires Ferreira de um ataque envolvente, rápido e dirigido por um comandante que com apito organizava os conselheiristas. É muito provável que os atacantes não tenham passado de no máximo cem". VILLA, *Canudos, o povo da terra*, p. 144.

[116] Cf. MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 106. "O médico da expedição enlouqueceu em consequência da crueza da luta. Desconhecia-se o número dos mortos e feridos entre os atacantes, que foram carregados para Canudos depois do cruento combate". Idem, p. 106.

canhões Krupp, 3 metralhadoras, 500 000 para carabinas Mannlicher, 200 000 cartuchos para carabinas Comblin e 500 000 para mosquetão[117].

Depois de várias horas de combates, cerca de 4 mil canudenses cercaram os agressores e o comandante fora obrigado a poupar parte de suas tropas, batendo em retirada. Houve perda das duas partes. Os dados sobre o número de mortos são duvidosos. Do lado das tropas, fala-se somente em dez mortes e mil sertanejos. Marco Villa contesta outra vez os números. Se o número dos conselheiristas mortos é verdadeiro, como justificar

> a retirada da forma como se deu, dada a suposta vantagem obtida pelas tropas governamentais: diz o major comandante que a 'força chegou (a Monte Santo) dolorosamente extenuada, maltrapilha, quase nua, incapaz de qualquer trabalho'[118].

A utilização de trincheiras como recuo de defesa dos sertanejos, o esgotamento das munições das tropas obrigaram a luta a chegar ao corpo-a-corpo[119]. Para o governador da Bahia e o próprio governo federal, Canudos, agora, deveria ser extirpado do cenário nacional. Era uma questão de honra!

A terceira expedição militar. Também conhecida por Expedição Moreira César, "foi organizada sem pleno acerto, em consequência das divergências entre as duas autoridades: a federal e a estadual" [120], afirma Edmundo Muniz. Por esta altura, o principal comandante dos defensores da Canudos, João Abade[121], ganhava experiência nos combates. No entender de Euclides da Cunha, João Abade, como "Comandante de rua", tinha o controle dos que chegavam para fazer parte da comunidade, durante os conflitos de guerra: "exercia-lhe absoluto domínio que estendia pela redondeza, num raio de cinco léguas em volta, percorridas continuamente pelas rondas velozes dos piquetes".

---

[117] Cf. VILLA, *Canudos: o povo da terra*, p. 147.
[118] VILLA, *Canudos: o povo da terra*, p. 154.
[119] Para melhor aprofundamento da segunda expedição cf. MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 108-119.
[120] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 110.
[121] João Abade foi o comandante principal dos que defenderam a comunidade de Canudos, ao reagir aos soldados que vinham de Juazeiro por Monte Santo e Uauá, até chegarem à Canudos, para enfrentar o povo sertanejo. Em Canudos havia uma guarda de segurança, batizada pelo Frei João Evangelista de "guarda avançada do Antônio Conselheiro". MARCIANO, *Relatório do Frei João Evangelista sobre Antônio conselheiro e Canudos*, p. 3.

Outro personagem importante no acampamento foi Pajeú. Ele se destacava desde os primeiros choques armados. "É ele o homem que empreendeu a perseguição audaciosa à derrotada 2ª expedição do major Febrônio de Brito" [122]. Após cada conflito, os soldados abandonavam as armas, que ficavam no domínio dos guerrilheiros de Canudos. Os lutadores de Canudos se apossam de armas importantes, deixadas pelas duas primeiras expedições.

Os governadores Luiz Viana, em conjunto com o presidente da república em exercício, Manuel Vitorino, planejam um novo ataque a Canudos. O convidado para chefiar a terceira expedição foi o coronel do exército Antônio Moreira César, o mesmo que havia esmagado resistências de rebeldes em Santa Catarina, durante a campanha federalista. No percurso do deslocamento, a partir de Monte Santo, Moreira César sofreu vários ataques epiléticos, revelando fragilidade emocional para a responsabilidade. Euclides da Cunha relata com precisão a disposição dos sertanejos: "entre uma frase desafiadora que, no decorrer da campanha, soaria invariável como um estribilho irônico: 'Avança! fraqueza do governo! '" [123].

Moreira César arregimenta efetivo de 1 300 homens, dos quais 153 da polícia baiana; 6 canhões Krupp, 2 médicos, 2 engenheiros militares, ambulâncias e um comboio de cargueiros com munições e mantimentos[124]. Na concepção de Moreira César, Canudos deveria ser tomado sem muitos confrontos, a baionetas. Sua ansiedade provocou ação despropositada. Logo veio a reação dos sertanejos.

Logo no início dos combates nos arredores de Canudos, Euclides da Cunha documenta: as "armas dos jagunços eram ridículas. Como despojo, os soldados encontraram uma espingarda pica-pau, leve e de cano finíssimo, sobre a barranca" [125]. Em determinado momento da peleja, o coronel Moreira Cezar tranquilizou os soldados. "Essa gente está desarmada" [126]. Durante intenso conflito de três horas em Angico, Moreira César é ferido mortalmente.

---

[122] FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, p. 100.
[123]CUNHA, *Os Sertões*, p. 340-341.
[124] Cf. VILLA, *Canudos: O povo da terra*, p. 158.
[125] CUNHA, *Os Sertões*, p. 406.
[126] Apud CUNHA, *Os sertões*, p. 406.

Para os canudenses, o coronel foi atingido frontalmente por um sertanejo. Porém, não seria honroso divulgar uma versão oficial segundo a qual o experiente comandante pudesse ter sido morto por um pobre e desqualificado cangaceiro. Por isso, divulgou-se na imprensa oficial que ele teria sido assassinado por Trajano, soldado do primeiro Batalhão, que, durante o percurso para Canudos, se desentendeu com o chefe da expedição.

Entretanto, Jonathas Serrano confirma a bravura da reação dos sertanejos: "uma bala certeira do inimigo prostra um oficial e seis soldados. A réplica foi pronta. Houve uma resistência heroica. As tropas penetravam em desordem pelo arraial adentro. Foi um terrível morticínio de parte a parte. Caiu vítima o próprio chefe da expedição" [127]. As notícias repercutiam nos jornais.

Aos poucos, as redações emitem editoriais, artigos e matérias contrárias aos sertanejos e em defesa das autoridades republicanas. Com a morte do coronel Moreira Cezar[128] e a derrota da terceira expedição, os ânimos se exaltam. A imprensa e o parlamento brasileiro repercutem de forma surpreendente o fracasso dos militares, especialmente a morte de Moreira Cezar.

A quarta expedição. Com a morte do coronel Moreira Cezar, a quarta expedição é cuidadosamente organizada, com expressa ordem de "não ficar pedra sobre pedra". Os generais Artur Oscar de Andrade Guimarães, João da Silva Barbosa, Cláudio do Amaral Savaget e Carlos Eugênio de Andrade Guimarães assumem o comando compartilhado da expedição para massacrar Canudos. Dos vinte mil soldados do Exército brasileiro, dez mil foram deslocados para Canudos. O líder principal da expedição foi o coronel Artur Oscar. Cerca de vinte batalhões, advindos dos estados do Rio Grande do Sul, Pará, Maranhão, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, então capital federal, marcharam para a pequena Canudos.

Para facilitar o deslocamento, formaram seis brigadas, coordenadas pelos coronéis Antônio Olímpio da Silva, Carlos Maria da Silva Teles,

---

[127] SERRANO, *História do Brasil*, p. 480. Linguagem atualizada.

[128] Par um relato apologético da figura emblemática de Moreira Cezar, indico a obra de FONTES, *O treme terra: Moreira Cézar, a República e Canudos*. Oleone C. Fontes usa o rigor de jornalista, escritor, publicitário, historiador e espeleólogo, a obra é um valioso trabalho de pesquisa, com olhar especial para os aspectos geográficos, históricos e militar do coronel, que morreu tragicamente na luta "corpo a corpo" com o povo de Canudos.

Denaciano de Araújo Pantoja, Inácio Henrique de Gouveia, Joaquim Manuel de Medeiros e Júlio Augusto de Serra Martins. Euclides da Cunha detalha a estruturação da expedição até a saída para Canudos[129].

A organização da quarta expedição foi um ato desproporcional contra sertanejos que encontravam em Canudos uma das poucas chances de sobrevivência no sertão. Mesmo assim, os bravos sertanejos aprenderam com as três primeiras expedições. Recolheram armas abandonadas pelos soldados, cavaram trincheiras por baixo das umburanas e enfrentavam os soldados em lutas desiguais, no sonho de afastarem de Canudos o pesadelo dos ataques. Até mesmo antes de entrar no arraial de Canudos, as forças governistas sofriam baixas surpreendentes. Ainda durante o confronto na entrada da Favela, "a quarta expedição tinha sido obrigada a empenhar-se em sete combates, sofrendo 1.200 baixas num total de 4.300 homens!" [130].

Em surpreendente relato, o tenente coronel Macedo Soares, que esteve na referida expedição, deixou o testemunho: "ficaram mortos no campo o 2º tenente Goudie Souto, adido ao 12º e 26 praças; foram feridos 9 oficiais, com o general Savaget e 141 praças, ao todo 178 baixas" [131]. Quanto aos rivais, "além de sessenta mortos, vistos, não deixaram um só ferido nas trincheiras, revelando, assim, alto espírito de solidariedade e dedicação aos seus" [132]. Em determinado momento, a luta chegou ao "corpo-a-corpo". Não se podia estranhar, afirma Rui Facó "que, em tais circunstâncias, todas as pessoas válidas dentro de Canudos, sobretudo na fase final da luta, fossem combatentes ativos, pegassem em armas ou auxiliassem diretamente os que o faziam" [133].

O desejo de derrotar Canudos suplantava a bravura do sertanejo. Suas "ridículas armas", extrapoladas pela agressividade dos ataques, confirmaria a superioridade das forças governamentais. Euclides da Cunha anota a confissão do chefe expedicionário como verdadeira "chuva de balas que desciam dos morros e subiam das planícies num sibilo horrível de notas"... (o) "comandante da 1ª coluna afirmou, em ordem do dia, que durante cinco anos, na guerra do

---

[129]Cf. CUNHA, *Os Sertões*, p. 459-478.
[130] FACÓ, *Cangaceiros e Fanáticos*, p. 107-108.
[131] SOARES, *A guerra de Canudos*, p. 101.
[132] SOARES, *A guerra de Canudos*, p. 101.
[133] FACÓ, *Cangaceiros e Fanáticos*, p. 108-109.

Paraguaio, jamais presenciara coisa semelhante" [134]. Ao comentar o fim da peleja, Euclides da Cunha fala de dias "de angústias indescritíveis suportados diante das derradeiras portas abertas para a liberdade e para a vida" [135].

Boris Fausto assinala que a expedição do general Artur Oscar, constituída de parte significativa das forças policiais brasileiras, "e dotada de equipamentos modernos, arrasou o arraial em agosto de 1897, após um mês e meio de luta. Seus defensores morreram em combate e, quando prisioneiros, foram degolados" [136].

Fim trágico e vitória triunfante da "civilização" contra a "barbárie", do "litoral desenvolvido" contra o "interior atrasado"! Andando por sobre os escombros de Canudos, sentindo a fedentina da carnificina, Euclides da Cunha, representante-mor da civilização contempla os mortos como verdadeiro "telão descido sobre um ato de tragédia" [137]. Segundo o tenente Macedo Soares, durante o "combate, também mulheres e meninos pelejaram" [138].

A luta chega ao final: "desfecho cruento" e "Um espetáculo triste" [139], constata Euclides da Cunha. Ao exumar o corpo do Peregrino e decepar a cabeça, os seus triunfadores a levaram para o litoral. Já havia diversas comemorações. Faz-se necessário examinar esse crânio. "Que a ciência dissesse a ultima palavra. Ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura" [140], despede-se, Euclides da Cunha, no ultimo parágrafo de *Os Sertões*.

1.1.7 Repercussão da Guerra de Canudos no parlamento e na imprensa

A guerra de Canudos teve duas motivações diferentes. Para o povo de Canudos, representava a manifestação coletiva de resistência frente à destruição da comunidade: "é tudo ou nada". O povo não enxergava a terceira via. Para os militares, porém, motivados pelos altos comandos, destruir

---

[134]CUNHA, *Os Sertões*, p. 501.
[135] CUNHA, *Os Sertões*, p. 683.
[136] FAUSTO, *História do Brasil*, p. 258.
[137] CUNHA, *Os Sertões*, p. 688.
[138] SOARES, *A Guerra de Canudos*, p. 35.
[139] CUNHA, *Os Sertões*, p. 750 e 751.
[140] CUNHA, *Os Sertões*, p. 758.

Canudos era a única forma de impor a "civilização" contra o "atraso", afirmar a "ciência positiva" contra a "sub-raça", a "vitória do litoral contra o sertão".

Esmagar Canudos seria uma questão de afirmação dos poderes republicanos. A partir da morte do coronel Moreira Cezar e do recuo de sua expedição, a imprensa nacional[141] e o parlamento repercutiam amplamente os erros e exageros das autoridades políticas e militares, com forte chamamento para reprimir com vigor os "revoltosos," classificando-os de monarquistas e desestabilizadores da "ordem política".

Na imprensa, praticamente havia quase unanimidade sobre a abordagem da guerra de Canudos, na perspectiva de seus promotores, sem oferecer análises críticas sobre os abusos cometidos. Os jornais eram o veículo de informação mais importante do final do século XIX. As matérias, os artigos e as reportagens, "nas entrelinhas ou abertamente, pregavam vingança" contra Conselheiro e o povo sertanejo[142]. Os jornais criavam o clima para a reação militar.

Walnice Nogueira Galvão reúne artigos, cartas e notícias dos oito principais jornais de circulação nacional, durante o período mais próximo do início da guerra, especialmente durante a quarta expedição militar, revelando o pensamento orquestrado pelo enfrentamento dos "cangaceiros" [143]. Galvão apresenta, ainda, apêndice com longo texto sobre *Os sobreviventes de Canudos*, contendo relatos surpreendentes a respeito de crianças, jovens e mulheres "deserdadas" depois do final da guerra[144].

Durante os preparativos para a 4ª expedição militar, por exemplo, o deslocamento de Euclides da Cunha como repórter do jornal *Estado de São Paulo*, deu cobertura especial, com fartas informações sobre as movimentações das forças militares e a tentativa de defesa do povo sertanejo.

No livro *Diário de uma expedição*[145] Euclides da Cunha recolhe verdadeiro dossiê do trabalho jornalístico, ao acolher o conteúdo de uma série

---

[141]Trabalho digno de reconhecimento sobre a cobertura da Guerra de Canudos nos principais jornais brasileiros foi desenvolvido por GALVÃO, *No calor da hora: a guerra de canudos nos jornais, 4ª expedição*, com 510 paginas, apêndice incluso.
[142] FONTES, *O treme terra: Moreira Cézar, a República e Canudos, p. 378.*
[143] Cf. GALVÃO, *No Calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais – 4ª expedição*, p. 121-510.
[144] Cf. GALVÃO, *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais – 4ª expedição*, p. 496-510.
[145] Cf. CUNHA, *Diário de uma expedição*, p. 41-287.

de reportagens, os telegramas, as cartas pessoais, os comentários às reportagens de outros correspondentes de guerra[146]. Ele alimentou com eficiência a opinião pública que se nutria de informações, sem que o outro lado (o povo de Canudos) fosse ouvido. Praticamente todos os correspondentes dos jornais estavam com as tropas militares, razão pela qual não seria possível ouvir os defensores da comunidade do Belo Monte.

A imprensa noticia amplamente o confronto e o parlamento repercute as derrotas das três primeiras expedições. Do ponto de vista jornalístico, a ligação dos correspondentes dos jornais com os militares, praticamente obrigava os jornalistas a noticiar somente o que interessava às forças do governo republicano. Os jornais *O Estado de São Paulo*, *Gazeta de Notícias*, *A Notícia* e o *Jornal do Comercio* "mandaram a Canudos pessoas que se deslocaram de onde viviam, com o fito exclusivo de informar sobre o que se passava" [147]. Os jornalistas se queixavam de censura, na emissão de telegramas para a redação. "Há uma ordem para que não sejam transmitidos certos telegramas; os que são transmitidos precisam dos votos do comandante da praça, que tem, neste sentido, bastante o que fazer" [148].

A forma unilateral de cobrir os acontecimentos também foi outro massacre para o povo do Conselheiro, sem meios para esclarecer os inúmeros equívocos que justificaram o deslocamento de tamanha munição contra o povo simples, que buscava sobreviver às crises políticas, econômica e religiosa do sertão.

No livro *Diário de uma expedição* tem-se uma ideia do cuidado com o qual Euclides da Cunha relatou os acontecimentos a respeito da guerra canudense. Destacam-se, especialmente, *As reportagens* no jornal o *Estado de São Paulo*[149], *Os telegramas* de Euclides[150], em que o literato trata de matérias para outros jornais e as *Cartas de Euclides da Cunha no ano da guerra*[151].

---

[146] Cf. CUNHA, *Diário de uma expedição*, p. 29-37. No artigo *A nossa Vendeia*, Euclides da Cunha traça paralelo entre Canudos e a revolta monarquista, envolvendo religiosos, ocorrida em 1793, na Vendéia francesa, com base na aliança entre camponeses e nobres, contra a Revolução Francesa.
[147] GALVÃO, *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais, 4ª expedição*, p. 109.
[148] MONIZ, *A guerra social de canudos*, p. 197.
[149]Cf. CUNHA, *Diário de uma expedição*, p. 63-221.
[150] Cf. CUNHA, *Diário de uma expedição*, p. 223-268.
[151] Cf. CUNHA, *Diário de uma expedição*, p. 275-288.

Júlio César Leal, jornalista do *Jornal do Brasil*, escreve artigo e publica no referido jornal, atribuindo o conflito de Canudos à intervenção desastrosa da Igreja. No artigo, o missivista afirma até que "Antônio Conselheiro, ele mesmo, - dizia missa, batizava, casava e sepultava" [152]. Para Walnice Nogueira, os colunistas dos jornais procuravam demonstrar que se trata de uma conspiração monarquista. O jornal *O País* publicou uma série de artigos, cujo teor foi demonstrar que os "políticos, padres e militares estão envolvidos na conspiração, dando por isso a Antônio Conselheiro o estatuto de santo e general" [153].

Edmundo Moniz faz uma espécie de inventário sobre a presença da censura nos principais jornais que cobriam a guerra de Canudos[154]. Moniz destaca dois motivos para censurar as notícias: de ordem militar e político.

Para os militares, era preciso salvaguardar os segredos, as táticas e as estratégias de guerra. As famílias não podiam saber o que se passava no dia a dia dos soldados nem podiam saber das mortes nos confrontos. Isso poderia causar desânimo das tropas, reação negativa da opinião pública e, portanto, revigoramento dos inimigos. Muitos se aproveitavam da guerra para lucrarem. "Para os que usufruíam dos grandes lucros, que importavam os mortos e feridos? A censura telegráfica era uma forma de guiar a imprensa, e quando há censura de imprensa é porque há corrupção" [155], protagoniza Edmundo Moniz.

Walnice Nogueira Galvão se refere à censura como "informações julgadas inconvenientes". Quanto aos repórteres, receberam a pecha de imaginação com "mania de perseguição". Até mesmo pela mera leitura superficial dos textos, percebe-se claramente que "havia dificuldades para a transmissão de informações, isto é evidente à mera leitura das reportagens" [156]. Isso se revela no Rio de Janeiro pelos atos de vandalismo contra os jornais *Gazeta da Tarde*, O *Apóstolo* e *Liberdade* por assumirem posições mais críticas. O mesmo aconteceu com o *Comércio de São Paulo*, logo acusado de

---

[152] Apud, GALVÃO, *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais, 4ª expedição*, p. 82.
[153] GALVÃO, *No calor da hora: a guerra de canudos nos jornais, 4ª expedição*, p. 55.
[154] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 197-199.
[155] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 199.
[156]GALVÃO, *No calor da hora: a guerra de canudos nos jornais, 4ª expedição*, p. 113.

monarquista e por divulgarem posições críticas ao governo e simpáticas ao movimento de Canudos[157].

As notícias sobre Canudos repercutem também no exterior, veiculadas em Londres, pelo jornal *The Times*, com o título *A situação do Brasil*. Um dos artigos trata da situação melindrosa pela qual passava o Brasil: "a explosão do fanatismo religioso na Bahia; o sentimento da instabilidade política; a baixa do preço do café e a depreciação do meio circulante" [158] geram instabilidade política e social. Na visão de Berhold Zilly[159], os canudenses foram "caluniados pelos jornalistas e pelo próprio Euclides da Cunha, imbuídos das mais modernas ideias do evolucionismo europeu, como *atávicos*, *paranoicos*, *jagunços* e *revoltosos*, o que, naquela época, eram acusações tão graves quanto às de *fundamentalista* e *terrorista* hoje em dia" [160]. Parte da imprensa internacional ajudou a difundir essa visão das camadas populares, pela reprodução de textos e telegramas de colunistas de jornais brasileiros.

No parlamento, discursos contra e defensores de Canudos se revezavam constantemente. A força da mídia e a ação estatal não deixavam muito espaço para a oposição agir. Algumas vozes, com pouca repercussão, tentavam interpretar a conjuntura nacional e denunciar os exageros das forças policiais no sertão. Não conseguiam influenciar as decisões do exército nem das autoridades nacionais e baianas.

Rui Barbosa pronunciava palavras contundentes contra a guerra e condenando o governo pelos atos, por ele considerados de vandalismo. Com a circulação das notícias sobre o desfecho da guerra, surgem iniciativas para mobilizar a população e politizar as consequências da guerra de Canudos, no Rio de Janeiro. "Parlamentares, jornalistas e militares jacobinos convocaram um comício, no qual alertaram para a iminência da revogação da República e restauração do Império, demonstrando que Canudos seria apenas o fogo deflagrador" [161]. A iniciativa não logrou consequências que pudessem mobilizar a sociedade na capital federal.

---

[157] Cf. FERREIRA, *História do Brasil*, p. 257.
[158] GALVÃO, *No calor da hora: a guerra de canudos nos jornais, 4ª expedição*, p. 76.
[159]Berhold Zilly é professor no Instituto Latino-americano da Freie Universitati, em Berlim e teve o mérito de oferecer aos alemães a tradução de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.
[160] ZILLY, *Uma construção simbólica da nacionalidade num mundo transnacional*, p. 342. Grifo do autor.
[161]GAVÃO, *O império do Belo Monte*, p. 78.

1.1.8 O destino dos sobreviventes da Guerra de Canudos

No final da guerra, muitos dos vencidos debandaram para cidades vizinhas; outros foram degolados; as mulheres conduzidas para casas de prostituição, em Salvador; as crianças "bonitinhas" eram disputadas pelos integrantes da alta patente do exército e levadas para o Rio de Janeiro e outras localidades; muitos ficavam perambulando pelos escombros, à procura de alguma coisa que restou, depois do fogaréu nas casas de madeira, palhas e barro.

Entre historiadores, há quase unanimidade quanto à degola de cidadãos, como marca indelével entre os soldados, com anuência das altas patentes do exército brasileiro. Os soldados exigiam a resposta do sobrevivente à "viva a República". Segundo Euclides da Cunha, poucas vezes encontravam retorno favorável. Ao contrário. Alguns respondiam: "não à República e viva Antônio Conselheiro!" E, friamente, sofria a degola, que também ficou conhecida por "gravata vermelha". Euclides da Cunha descreve com indignação o ritual sacrificial. As vítimas, esquálidas de fome, cambaleantes de fraqueza, olhos esbugalhados de medo, agora obrigadas, constrangidas antes de morrer, de passar pelo "prólogo invariável de uma sena cruel". Os que presidiam o ritual sanguinolento e repugnante seguravam as vítimas "pelos cabelos, dobrando-lhe a cabeça, esgargalando-lhe o pescoço; e, francamente exposta a garganta, degolavam-na" [162], a fio de facão. Rui Facó caracteriza de "requintes de selvageria" o tratamento dos prisioneiros de guerra e de "um dos atos mais repugnantes que se conhece na história das guerras". E descreve o fim brutal dos vencidos: "amarrados, sangrados, e degolados. Seus corpos eram queimados em seguida, amontoados em grandes fogueiras" [163].

As trincheiras, lugares de defesa dos combatentes, tornam-se depósitos para empilharem os cadáveres. Antônio Beatinho, um dos companheiros de fé, membro ativo da comunidade do Belo Monte, apresentou-se ao general, com uma bandeira branca na mão e pedia paz[164]. Na qualidade de testemunha ocular, Euclides da Cunha documenta o diálogo. "- Quem é você? Saiba seu

---

[162]CUNHA, *Os Sertões*, p. 698.
[163] FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, p. 118.
[164] Cf. CUNHA, *Os Sertões*, p. 712-716.

doutor general que eu sou Antônio Beato e eu mesmo vim por meu pé me entregar porque a gente não tem mais opinião e não aguenta mais" [165].

A pedido do general, Beatinho foi procurar alguns homens, mulheres e crianças, que restaram aos ataques. "O Beatinho voltou, passando uma hora, seguido de umas trezentas mulheres, e crianças e meia dúzia de velhos imprestáveis" [166]. A chegada comovente dos sobreviventes assemelhava-se a uma marcha fúnebre. Para Euclides, a consagração do martírio do Antônio Beatinho e com ele "uma legião desarmada, mutilada, faminta, e claudicante, num assalto mais duro que o das trincheiras em fogo" [167]. Os indóceis eram fuzilados ou degolados!

Foi criado o Comitê Patriótico da Bahia[168], coordenado por Lélis Piedade, a princípio para apoiar os familiares dos soldados, em seguida intermediou a volta dos sobreviventes da guerra, que vagavam na região de Canudos e em Salvador, em busca de seus parentes. Segundo o historiador Sergio Guerra, professor das universidades Estadual da Bahia e Católica de Salvador, o Comitê recolheu documentos fundantes para a reconstituição da história da gente de Canudos. O dado fundamental é que,

> (...) o Comitê inicialmente adota uma posição de apoio ao Exército agressor, aos seus órfãos e esposas para, em seguida e pouco a pouco, compreender existir um outro lado também carente dessa ajuda misericordiosa e assim, gradativamente, comovido pelos problemas que vai encontrando, se converter em figura principal de amparo aos belomontenses, e na grande tribuna de defesa dos seus órfãos, viúvas e prisioneiros no pós-guerra, denunciando os maus tratos, infâmias e covardias a que são submetidos, abandonados pelas estradas, vendidos como novos escravos ou levados como 'troféus de guerra'[169].

---

[165] CUNHA, *Os Sertões*, p. 745.
[166] CUNHA, *Os Sertões*, p. 748.
[167] CUNHA, *Os Sertões*, p. 749.
[168] O Comitê Patriótico da Bahia, que funcionou regularmente durante emitiu diversos relatórios, verdadeiros passaporte para que os moradores de Canudos pudessem retornar, após o período de prisão e exilio, ao Belo Monte. O Comitê apartidário compunha-se de cidadãos baianos de boa conduta: profissionais liberais, representantes das igrejas Católica e protestante, empresários, da imprensa (principais jornais da Bahia) e demais setores da sociedade civil. Representava a Igreja Católica o Monsenhor José Basílio Pereira e os protestantes, Franz Wagner.
[169] GUERRA, *O relatório do Comitê Patriótico como fonte histórica fundamental*, p. 32.

Acrescentam-se ao trabalho valioso de Euclides da Cunha iniciativas como essas do Comitê Patriótico, para reunir documentos, alargar a solidariedade, acolher e dar, por exemplo, "proteção às crianças, que nas praças de guerra, eram distribuídas, a torto e a direita; chegando-se até à separação de irmãos e de mães e filhos" [170], numa agonia sem fim. Eram cenas bizarras! Até hoje não se divulgou, oficialmente, estimativas precisas sobre o número de soldados mortos na guerra de Canudos, nem de sertanejos. Segundo Rui Facó, cerca de 5 mil soldados e oficiais das tropas governistas morreram nos conflitos[171].

1.1.9 Comemorações do ocorrido em Canudos e o papel da Igreja

Após a vitória das forças policiais contra parte da nacionalidade, resta-se comemorar. Em Salvador, enquanto recebia os heróis da guerra, ainda no momento do desembarque, o presidente da República Prudente de Morais, presente na recepção, sofrera um atentado. Por pouco não morre. Porém, seu ministro da guerra, marechal Bittencourt, foi ferido de morte[172]. Comprovada a ligação do assassino com os jacobistas, o futuro político dos seguidores de Floriano Peixoto fica comprometido para sempre.

As comemorações pela vitória deram-se na capital baiana. O presidente Prudente de Morais oficiou ao ministro da guerra, marechal Bitencourt, a transmissão das congratulações ao general Artur Oscar, pelas façanhas do exército e "pela campanha excepcional, de modo tão honroso para a república quanto gloriosa para o Exército nacional, que, através de tanto sacrifício, acaba de escrever mais uma página para a nossa história" [173].

As comemorações foram feitas em grande estilo nos vários centros urbanos. Na capital federal, "aulas foram suspensas, funcionários públicos foram dispensados do trabalho, bandas de música percorriam as ruas, oradores improvisavam discursos, funcionários do Ministério da Guerra

---

[170] PIEDADE, *Histórico e relatório do comitê Patriótico da Bahia*, p. 45.
[171] Cf. FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, p. 121. Marco Antônio Villa também confirma esses dados. Cf. VILLA, Canudos: *o povo da terra*, p. 223.
[172] VILLA, *Canudos: o povo da terra*, p. 226.
[173] Apud. VILLA, *Canudos: o povo da terra*, p. 221.

passearam com o retrato do marechal Floriano Peixoto" [174]. A imprensa internacional noticiou o contentamento da população do Rio de Janeiro. Houve manifestações de congratulações das principais embaixadas estrangeiras, no Rio de Janeiro. No Congresso Nacional, houve euforia por parte de parlamentares ligados ao governo.

Autoridades eclesiásticas estiveram presentes nos atos comemorativos. Segundo Marco Antônio Villa, a Igreja demonstrava satisfação com a destruição do arraial. Ele lembra que, ao chegar ferido de Canudos em Salvador, o general Savaget ficou hospedado no palácio do arcebispo da Bahia. Na saída de militares paraenses para Canudos, houve missa campal de despedida. Em Salvador, celebrou-se missa campal, por ocasião da volta dos soldados de Canudos. O jornal Estado de São Paulo noticiou missa na Catedral da Sé, pela chegada do batalhão policial[175].

A questionável participação de setores da Igreja neste episódio servirá para avaliar com maior prudência as opções de líderes religiosos, demasiadamente comprometidos com os poderes temporais. Uma das fortes críticas desses setores eclesiásticos foi feita pelo historiador Marco Antônio Villa. Para ele, algumas lideranças influentes da Igreja até participaram das comemorações, juntos aos vencedores na capital baiana. Os critérios para avaliar o envolvimento do cristão nestes acontecimentos devem ser sempre o Evangelho, o seguimento de Jesus e a liberdade cristã, frente às estruturas do poder temporal e a opção fundamental pelos pobres e indefesos. Talvez por ocasião dos desentendimentos no período do Padroado, a Igreja procurava se aproximar do Estado, em outro contexto ainda mais exigente.

A forma de envolvimento de membros da Igreja no envio de integrantes de militares para Canudos e a participação nas comemorações, durante o retorno das tropas é, no mínimo, questionável, como o fez o historiador Marco Villa. Antes ou depois, a própria história julga as atitudes humanas. Avaliar com critérios objetivos, sem subterfúgios, ajuda o ser humano a não repetir, no tempo presente, erros percebidos durante a ocorrência dos fatos.

É imperioso ressaltar, por outro lado, o papel de representantes da Igreja no referido Comitê Patriótico, na vida dos pobres atingidos pelas sucessivas

---

[174] VILLA, *Canudos: o povo da terra*, p. 221.
[175] Cf. VILLA, *Canudos: o povo da terra*, p. 222-223.

secas no Nordeste nem olvidar a vida simples e comprometida de sacerdotes na região de Canudos, estimulando a religiosidade popular e valorizando atitudes de fé das pessoas simples. Isso, entretanto, não minimiza possíveis erros de setores que procuravam uma aproximação com os poderes constituídos, mesmo à custa do silêncio frente às atrocidades, durante a guerra de Canudos. Se, de um lado, houve incapacidade de diálogo para evitar o confronto sanguinolento, do outro, muitos inocentes tombaram[176].

1.2 As diversas interpretações do fato Canudos

Quando escreveu *A guerra de Canudos*, em 1903, o tenente de infantaria Henrique Duque-Estrada de Macedo Soares, falava da minguada literatura sobre o ocorrido. Passados mais de 115 anos do fim da guerra de Canudos, multiplicam-se os olhares sobre as atrocidades, superam preconceitos e novas descobertas vêm à tona. Atualmente, a literatura sobre Canudos é abundante.

Historiadores, antropólogos, cientistas políticos, jornalistas investigativos, teólogos e cientistas da religião entram em campo e trazem novas contribuições, que ampliam os conhecimentos sobre Canudos e Antônio Conselheiro, indo além do que os escritores de outrora ofereceram nos primeiros anos do pós-guerra. Os novos pesquisadores são verdadeiros garimpeiros, buscando explicações de onde ocorrem sadias discordâncias, trazendo à tona novas descobertas, deparando-se com omissões.

Ainda hoje, os pesquisadores nas áreas das ciências humanas, sociais e militar procuram desvendar certos emblemas a serem esclarecidos. Com os novos estudos, o olhar sobre Canudos e Antônio Conselheiro tem mudado. Certos adjetivos herdados de Euclides da Cunha, de Nina Rodrigues são questionados pelos novos pesquisadores. A história do atual município de Canudos se mistura com o seu passado e Antônio Conselheiro é reconhecido como líder, sem preconceito ou estigma.

O povo da atual Canudos se encontra com o seu passado. Em vez da Canudos de Antônio Conselheiro ser apresentada como mero lugar da guerra,

[176]Cf. CUNHA, *Os Serões*, p. 648-652.

acampamento de fanáticos e revoltosos, tornou-se "uma história de luta e resistência", e Antônio Conselheiro entrou para o cancioneiro popular como exemplo a ser seguido. "Antônio Conselheiro para o pobre foi tudo/ Foi uma grande experiência/ Que Deus mandou para Canudos/ Era o olhar dos cegos/ Era a língua dos mudos" [177], diz Zequinha do Violão, poeta popular.

Portanto, a guerra de Canudos, longe de ser algo trivial da nação, é um fato do qual podemos tirar numerosas lições. É o que veremos a seguir, por meio dos vários olhares sobre Canudos, Antônio Conselheiro e sua gente.

1.2.1 Canudos nos livros didáticos

A principal dificuldade para conhecer e desenvolver estudos diferentes da versão euclidiana sobre Canudos ou até mesmo ter acesso a *Os sertões* é o fato de não se dar muita importância à guerra de Canudos nas escolas públicas e privadas. A forma preconceituosa e a criminalização do povo sertanejo e seu líder, Antônio Conselheiro, há muitos anos superada pelos estudos históricos, continua entrando nos principais livros didáticos de história do Brasil.

Por muitos anos, a guerra de Canudos foi tratada pelos livros didáticos em meia página e sempre apresentada de forma pejorativa. A literatura desenvolvida sobre Canudos veio muitos anos depois do ocorrido. As novas publicações, especialmente as obras de José Calazans, Ataliba Nogueira, Edmundo Moniz, Rui Facó, Alexandre Otten e Marco Antônio Villa, são livros de pouca tiragem e pequena repercussão nas escolas de níveis fundamental e médio. Ainda é um número reduzido de brasileiros que leu ou lê *Os Sertões*, por exemplo. Talvez a linguagem e o próprio conteúdo ainda hoje causem desinteresse de muito jovens e até mesmo de adultos. Os primeiros escritos sobre Canudos, além de serem a versão oficial, que atribuía a responsabilidade do massacre de Canudos quase que exclusivamente a Antônio Conselheiro e seus seguidores, não eram obras de fácil circulação.

Em 1931, o professor Jonathas Serrano oferece *História do Brasil* [178], obra usada nas escolas brasileiras e que já oferecia visão bastante curiosa

---

[177] Apud IPMC – INSTITUTO POPULAR MEMORIAL DE CANUDOS, Uma história de luta e resistência, p. 19.
[178] Cf. SERRANO, *História do Brasil*, p. 1-2.

sobre o acontecimento de Canudos. De maneira surpreendente, para fugir à exceção, Serrano dedica 7 páginas à guerra de Canudos, mas reproduz parte do pensamento de Euclides da Cunha. Ensina-se nas escolas que a responsabilidade pela guerra de Canudos nem sempre vem das ordens superiores, de decisões políticas e militares equivocadas, mas do pobre sertanejo.

A visão preconceituosa de Nina Rodrigues e Euclides da Cunha sobre Antônio Conselheiro e Canudos aos poucos vai chegando aos livros didáticos. Ainda hoje não ensinam na escola os aspectos positivos da cultura do povo de Canudos. Não aparece o jeito de admiração que Euclides desenvolveu pelo sertanejo em *Os Sertões* nem o espírito de bravura dos moradores do Belo Monte, a capacidade de lutar para defender a única possibilidade de viver em comunidade, o cuidado que se desenvolvia pelos doentes, pobres e desempregados[179]. Analisando os principais livros de história do Brasil, inclusos os livros didáticos oferecidos aos alunos, percebemos como, no ensino de história, ainda prevalece a versão militar e dos que, de forma apressada, invadiram, saquearam e massacraram Canudos.

Em seu livro de *História do Brasil*, Jonathas Serrano apresenta o povo de Canudos como miseráveis, "privadas completamente de instrução, da mais rudimentar cultura, finalmente sujeitas por isto à influência do primeiro que lhes soubesse captar a confiança" [180]. Esse "alguém" foi Antônio Conselheiro, classificado por esse historiador de "mente tresloucada", de "religiosidade extravagante", "chefe de bando", e alguém que "cerrava os olhos a toda sorte de desmandos e abusos" [181], praticados pelos membros da comunidade de Canudos. Segundo seu relato, os que chegavam a Canudos queriam viver à sombra de Antônio Conselheiro. Estes vendiam "todos os seus bens: gado,

[179] O Relatório do Frei João Evangelista sobre sua visita à Canudos, a mando do arcebispo da Bahia tornou-se o melhor documento sobre os pobres moradores de Canudos. Casas "toscas, construídas de barro e cobertas de palha, de porta, sem janela, e não arruadas. O interior imundo, e os moradores, que quasinússahiam fora a olhar-nos, atestavam no aspecto esquálido e quasi cadavérico as privações de toda espécie, que curtiam". MARCIANO, *Relatório apresentado pelo Ver. Frei João Evangelista de Monte Marciano, ao Arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro*, p. 4.
[180] Idem, p. 482-483.
[181] Cf. SERRANO, *História do Brasil*, p. 477.

casas, terrenos, e quase sempre por preços irrisórios. O que almejavam era apurar algum dinheiro para reparti-lo com o seu ídolo" [182].

Na concepção de Jonathas Serrano, em Canudos reuniu-se uma "multidão de jagunços sugestionados e que, à primeira palavra do semideus (Antônio Conselheiro), não hesitavam em pegar em armas e praticar os maiores crimes e desvios" [183]. E anota que o governo da Bahia "não cogitava intervir em Canudos pela força das armas"; atribui o início da guerra ao fato de alguns homens de Canudos deslocarem-se para Juazeiro buscar a madeira para a cobertura da igreja nova e criarem pânico na região. Aluta foi "renhida e sem glória, fruto de um formidável erro de apreciação acerca do fenômeno social que lhe deu origem" [184].

Autor contemporâneo, Boris Fausto[185], em *História do Brasil* (de 1994), apresenta sua versão sobre Canudos. Antônio Conselheiro aparece como filho de comerciante. Ao passar por complicações financeiras e familiares, exerceu variadas profissões como professor, vendedor ambulante, "até se converter em beato – um misto de sacerdote e chefe de jagunço". Para ele, a causa da guerra veio de "um incidente sem maior importância, em torno do corte de madeira, (que) levou o governador da Bahia à decisão de dar uma lição aos 'fanáticos'" [186].

Em 2012 e 2014, dois livros de história (volume único) abordam a questão da guerra de Canudos, com visões diferentes sobre Antônio Conselheiro e os moradores do Belo Monte. O primeiro, *História: das cavernas ao terceiro milênio*[187], de Patrícia M. Braick e Myriam B. Mota, é destinado a alunos de ensino médio. Aborda Canudos em menos de duas páginas, com uma fotografia da comunidade depois da guerra (de Flávio de Barros, 1897) e meia página com um boxe, contendo citações do livro *Os sertões*, do literato Euclides da Cunha e pequeno destaque, com três questões para estudos. Antônio Conselheiro é apresentado como comerciante, caixeiro, escrivão, pregador, construtor e reformador de igrejas e cemitérios[188]. Sua atividade

---

[182] SERRANO, *História do Brasil*, p. 477.
[183] SERRANO, *História do Brasil*, p. 478.
[184] SERRANO, *História do Brasil*, p, 482.
[185] FAUSTO, *História do Brasil*, p. 257-258.
[186] FAUSTO, *História do Brasil*, p. 257.
[187]Cf. BRAICK e MOTA, *História: das cavernas ao terceiro milênio*, p. 444-445.
[188] BRACK e MOTA, *História: das cavernas ao terceiro milênio*, p. 444.

religiosa desenvolveu-se perambulando por alguns estados do Nordeste, até chegar à Bahia, na fazenda batizada por Canudos.

As casas eram "construídas em regime de mutirão, em que os moradores dividiam os frutos do trabalho da terra e amparavam idosos e doentes" [189]. As pessoas que chegavam a Canudos são apresentadas como gente marcada por forte misticismo; "acreditavam que o Conselheiro era um enviado divino que traria paz, fartura e felicidade" [190]. A sobrevivência vinha da agricultura, da criação de animais e do artesanato. O excedente da produção era comercializado com cidades vizinhas. Duas escolas acolhiam as crianças no arraial. Em lojas e oficinas, vendiam-se produtos do trabalho dos moradores. Não havia policiamento nem se pagava impostos dos produtos vendidos. Era proibida a prática da prostituição.

Essa forma de organização incomodou os fazendeiros, o governo e a Igreja. "Os fazendeiros temiam perder mão de obra, o governo não aceitava a autonomia de Canudos e a Igreja ressentia-se da liderança espiritual de Conselheiro" [191]. Na visão das autoras, quem organizou o massacre a Canudos foram os governos estadual e federal e fizeram os poucos moradores que sobreviveram de prisioneiros de guerra. Termina este relato, apresentando a de Euclides da Cunha como relator da guerra e que seu trabalho resultou na obra *Os Sertões*, que trata Antônio Conselheiro e Canudos de forma bastante positiva.

Diferentemente da obra do professor Jonathas Serrano, a responsabilização pela guerra, para atacar e dispersar o povo de Canudos não parte de Antônio Conselheiro e sua gente, mas dos governos federal e estadual, que organizaram efetivos e investiram contra a comunidade. No final da guerra, os poucos sobreviventes foram feitos prisioneiros[192]. Conclui afirmando que o relato fora realizado por Euclides da Cunha, resultando no romance *Os Sertões*, cuja primeira edição data de 1902.

Outro livro de história, também destinado aos alunos de nível médio, intitulado *História, volume único*, de Ronaldo Vainfas, Sheila de Castro Faria, Jorge Ferreira e Georgina dos Santos também traz outra versão sobre o

---

[189] BRACK e MOTA, *História: das cavernas ao terceiro milênio*, p. 444.
[190] BRACK e MOTA, *História: das cavernas ao terceiro milênio*, p. 444.
[191] BRACK e MOTA, *História: das cavernas ao terceiro milênio*, p.445.
[192] Cf. MOTA e BRAICK, *História: das cavernas ao terceiro milênio*, p. 445.

episódio sertanejo. Apresentado como *comandante* de Canudos, Antônio Conselheiro aparece como *beato*, *pregador* da fé católica, *chefe*, *pastor*, *Pai* da comunidade, *católico* e *monarquista*, que não aceitava as leis da Republica nem se apresentava como alguém que realiza milagres[193]. A nova comunidade, aos poucos se formava de pessoas "que fugiam da exploração dos latifúndios da região ou abandonavam suas regiões de origem em razão da seca, jagunços que serviam aos coronéis, mas que tinham caído em desgraça, também foram para Canudos" [194]. Nos escritos, Antônio Conselheiro não fez profecias sobre o fim do mundo nem outros prenúncios. Falam, ainda, que setores da imprensa espalharam notícias dizendo que Antônio Conselheiro e o povo de Canudos criaram um movimento para restaurar a Monarquia e que Canudos não passava de um complô para restaurá-la.

A busca da madeira, comprada em juazeiro por Antônio Conselheiro, para a cobertura da igreja nova, causou medo de invasão à cidade de Juazeiro, fato considerado "incidente de juazeiro" e que tirou a paz dos moradores. Inicialmente o governador da Bahia tenta impedir o arraial. O movimento ganhou proporção nacional, como ameaça à República. "Canudos foi destruído e sua população, massacrada – mesmo aqueles que se renderam foram degolados" [195].

Outros oferecem a compreensão do fato a partir de uma análise mais complexa do aparelho do Estado. Para Jonathas Serrano, o massacre de Canudos foi uma luta cruenta e sem honra: "fruto de um formidável erro de apreciação acerca do fenômeno social que lhe deu origem" [196]. A reação militar foi desproporcional ao nível de ameaça que, de fato, aquela gente significaria à República.

Como se pode perceber, mesmo depois de autores que revisaram as causas sobre a guerra de Canudos, oferecendo obras significativas, há os que transferem a responsabilidade do que ocorreu em Canudos para a conta, quase exclusiva, de Antônio Conselheiro e seguidores de seu projeto. Eles não se dão ao trabalho sequer de apresentar citações de autores que pensam

---

[193] Cf. VAINFAS (org.), *História, volume único*, p. 558.
[194] VAINFAS (org.), *História, volume único*, p. 558.
[195] VAINFAS (org.), *História, volume único*, p. 559.
[196] SERRANO, *História do Brasil*, p. 482.

diferente de Euclides da Cunha e que oferecem livros de boa aceitação no ambiente acadêmico.

> E é isto, nem mais nem menos, o que ainda hoje encontramos nos compêndios destinados à juventude das escolas. É a explicação mais cômoda. Recusam-se os nossos historiadores a ver na resistência maravilhosa de Canudos uma expressão da rebeldia sertaneja à prepotência dos latifundiários[197].

Nos livros didáticos não aparecem citações, por exemplo, de autores como José Calazans, Ataliba Nogueira, Edmundo Muniz, Rui Facó e Alexandre Otten. Há mais de 70 anos eles fazem parte da geração de acadêmicos e escritores que apresentam elementos novos e significativos para a história do Brasil, sobre a guerra de Canudos. Oferecem visões diferentes da ótica apresentada por Euclides da Cunha e se inscrevem entre os que defendem a revisão histórica do foto. Seus escritos não são citados e sequer lembrados pelos escritores da história, apresentada nos livros didáticos. A única versão apresentada continua sendo a Euclides, que permanece colocando sua versão da história em "gaiola de ouro" desses escritores.

Rui Facó põe Euclides da Cunha no arquivo de estudioso honesto da realidade brasileira, mas com profundo preconceito, ao classificar o povo de Canudos de fanatismo religioso: "não se justifica que este ponto-de-vista errôneo prevaleça na historiografia do Brasil" [198], conclui.

Finalmente, para os pesquisadores e mestres, os estudos e ensino da história são oportunidades de valorizar empenho, corrigir enganos, esclarecer dúvidas, para atingir, com o máximo de exatidão, a verdade histórica, quando se consegue corrigir as omissões. Esse tem sido um dos papéis da pesquisa.

1.2.2 Interpretações antropológicas sobre Canudos

No contexto da guerra de Canudos, a intelectualidade brasileira vivia sob o signo do positivismo e cientificismo. O "Brasil letrado" projetava seu olhar no "Brasil arcaico". Autores como Euclides da Cunha e Nina Rodrigues respiravam essas ideias vindas do além-mar. O "Brasil atrasado" precisava abrir espaço

[197] FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, p 76.
[198] FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, p 76.

para ingressar na modernidade. Para Rubem Alves, construía-se um pensamento, com viés político, econômico e social a serem alcançados, de uma sociedade secular, científica, educada e moderna[199], em oposição ao mágico, ao religioso, sacral e arcaico. Essa visão é fundamental para compreender a antropologia que subjaz a mentalidade dos intelectuais, seus olhares sobre o povo sertanejo e suas dificuldades de interpretar comportamentos, atitudes, religiosidade e interesses de comunidades tradicionais.

Tanto Euclides da Cunha quanto Nina Rodrigues procuraram falar da inferioridade psíquica das raças inferiores. Eles apresentam argumentos supostamente fundamentados para comprovar tal teoria, de "base científica" e construir o perfil antropológico das "raças inferiores". Para Euclides, a mistura das diferentes raças provoca, "quase sempre, um desequilíbrio" e a "mistura das raças mui diversas, é, na maioria dos casos, prejudicial." E vai além. "Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso" [200]. E encontra explicação para justificar a inferioridade do mestiço, na tentativa de formular a teoria da inferioridade dos mestiços[201].

Segundo o antropólogo Kabengela Munaga, "Nina Rodrigues lança a ideia da incapacidade psíquica das ditas raças inferiores para assimilar as elevadas abstrações do monoteísmo, mas quer recorrer à observação documentada, minuciosa, e sincera, para confirmar sua hipótese" [202], originada na própria biologia humana. O maior equívoco da antropologia das raças inferiores, tanto de Euclides da Cunha, quanto de Nina Rodrigues, foi terem dado aos fenômenos culturais, sociais, e a dominação política uma explicação racial, de acordo, é bem verdade, com os fundamentos da ciência da época, de caráter positivista, psicologista e biologista. A teoria das raças inferiores de Nina Rodrigues e Euclides da Cunha legitimou, pelo cientificismo, a

---

[199]Cf. ALVES, *A volta do sagrado*, p. 114.
[200] CUNHA, *Os Sertões*, p. 150 e 151.
[201] "O índio-europeu, o negro e o brasílio-guarani ou o tapuia exprimem estádios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço – traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares – é, quase sempre, um desequilibrado". CUNHA, *Os Sertões*, p. 150-151.
[202]NUNANGA, *Negros e mestiços na obra de Nina Rodrigues*, p. 21.

estratificação social, pela determinação do contexto de seu tempo. Para Kabengela Munaga, "nota-se o que é uma constante na obra de Nina Rodrigues e que reflete a marca da ciência da época – o cientificismo do século XIX: a crença de que a ciência, por ser objetiva, era a suprema expressão da verdade" [203]. Comentando afirmações de Euclides da Cunha sobre Antônio Conselheiro, Alexandre Otten chama a atenção do leitor para a dificuldade do homem letrado compreender as expressões religiosas do senso comum. O mundo dos intelectuais "desvela a incapacidade da classe culta relacionar-se com o mundo sertanejo. Não conseguiram superar as barreiras entre litoral e interior, civilização e sertão"[204]. No imaginário de parte da classe culta, o sertanejo tem origem remota: "elemento indígena se mescla ligeiramente com o africano, o *canhembora* ao *quilombola*" [205]. Antônio Conselheiro teria se inspirado em "seus compassas do passado" e, portanto, é um "pietista", "ansiando pelo reino de Deus", que pratica um "catolicismo mal compreendido" [206].

A teologia desse tempo também não conseguia ir além dessa mentalidade. O historiador e documentarista católico Riolando Azzi constata certa mentalidade a respeito, por exemplo, da inferioridade do negro no Brasil. "A mentalidade generalizada sobre a suposta inferioridade da raça negra era reforçada por toda a tradição religiosa, considerando a cor branca como sinal de beleza, enquanto a cor preta era tida como sinal de pureza, morte, pecado e fealdade" [207].

Além dessas formulações sobre o homem sertanejo, *Os Sertões* é, por excelência, uma obra de antropologia, porque trata do ser homem em seu habitat, no século XIX, no contexto de desafios para viver suas relações conflituosas com seus semelhantes e frente a aspereza dos fenômenos da natureza. *Os Sertões*, dividido em três grandes partes, a saber, *A terra*, *O homem* e *A luta*, é um grandioso ensaio da vida humana brasileira, lembrado pelas várias áreas das ciências humanas e sociais.

---

[203]NUNANGA, *Negros e mestiços na obra de Nina Rodrigues*, p. 31.
[204] OTTEN, *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 60.
[205] CUNHA, *Os Sertões*, p. 143. Em nota de roda pé explica: *Canhembora*, índio fugido.
[206] Cf. CUNHA, *Os Sertões*, p. 228-229.
[207]AZZI, *A Igreja Católica e a sociedade brasileira*, p. 79.

Mesmo assim, cada escritor que trata da genial obra de Euclides da Cunha o faz a partir de sua ótica. Em José Verissimo e João Ribeiro, *Os Sertões* é apresentado como "poesia" e "romance"; Afrânio Coutinho o acolhe como "epopeia" da vida nacional; os militares o receberam na qualidade de obra com elementos de "ciência militar".

O autor que melhor abordou o drama humano dos sertanejos sobreviventes da guerra foi Alvim Martins Horcades[208]. Na qualidade de testemunha ocular das atrocidades sobre o homem do campo, ele produziu descrições surpreendentes. Lamenta a forma como Antônio Beatinho, depois de se entregar ao general e apresentar os poucos sobreviventes que conseguiu convencer, foi degolado covardemente e, com ele, dezenas de sertanejos esquálidos de fome e sede. "Só em uma casa encontrei 22 cadáveres já queimados, de mulheres, homens e crianças", afirma o jovem acadêmico[209]. Em seu relato sobre a degola de sobreviventes, vai além das informações de Euclides da Cunha. Lideranças militares tomavam homens de braços previamente amarrados para traz, "como criminosos de lesa-majestade", indefesos, e perto mesmo dos seus companheiros, para maior escárnio, levanta-se pelo nariz a cabeça, como se fora de uma ave, e corta-lhes com o assassino ferro o pescoço, deixando cair a cabeça sobre o solo[210], contrariando as leis da pátria, que garantem a vida dos prisioneiros de guerra. "Mas o entendeu-se que ali a lei era a força e o juiz o punhal" [211]. Os relatos de Horcades são marcados pelos sentimentos humanistas de um jovem sensível, diante dos atos de atrocidades, no final da luta: "arranca-se a vida a criancinhas, que ainda não haviam sentido o mais leve bafejo da ação corrupta do humanismo... é o maior dos barbarismos e dos crimes monstruosos que o homem pode praticar!" [212].

Horcades fez coro a poucas vozes contrárias ao tratamento a homens, mulheres e crianças rendidos, que precisavam de água, alimentos básicos, respeito e direito ao julgamento, dentro das leis sobre prisioneiro de guerra. O

---

[208] Cf. HORCADES, *Descrição de uma viagem*, p. 84-121. Alvim M. Horcades, durante o período dos combates era líder estudantil, estudante da faculdade de farmácia, convocado para prestar serviços durante a guerra, também colaborou com informações para o jornal Diário de Notícias e Gazeta Salvador.
[209] HORCADES, *Descrição de uma viagem*, p. 91.
[210] HORCADES, *Descrição de uma viagem*, p. 105.
[211] HORCADES, *Descrição de uma viagem*, p. 105.
[212] HORCADES, Descrição de uma viagem, p. 104 e 105.

Belo Monte sertanejo "foi vítima desta preocupação etnocêntrica, foi eliminado pelas armas e privado de sua razão de ser pela conivência dos cultos" [213], afirma Alexandre Otten.

1.2.3 Interpretações sociológicas de viés marxista

Por causa da influência do pensamento marxista nas últimas décadas do século XX na América Latina, boa parte da literatura sobre Canudos sofreu influências dessa filosofia. Entre esses autores de linha marxista de interpretação da história do movimento de Canudos, destacam-se Rui Facó e Edmundo Moniz, com suas respectivas obras *Cangaceiros e fanáticos* e *A guerra social de Canudos*.

O pensamento de Rui Facó tem grande alcance entre os que estudam Canudos. Ele faz duras críticas a Euclides da Cunha e aos que querem reduzir a luta do povo de Canudos ao fanatismo religioso. Para Rui Facó, o contato exclusivo com *Os Sertões* é insuficiente para conhecer o que, de fato, esteve por trás dos interesses da destruição de Canudos. Euclides não mostra, por exemplo, a essência da luta dos habitantes de Canudos. Os preconceitos de ordens antropológicas e de fundo religioso reduzem as inciativas do povo de Canudos ao aspecto do fanatismo religioso. E, na verdade, Canudos foi "uma expressão da rebeldia sertaneja à prepotência dos latifundiários, reflexo de uma luta de classes superior – a luta armada" [214].

Facó enxerga nos habitantes de Canudos uma reação ao sistema capitalista, na sua forma semifeudal do latifúndio nordestino e do monopólio das terras. Essa concentração monopolista mantém o atraso das populações da região de Canudos. Para ele, o monopólio da terra, como fator gerador da semi-servidão, gera subdesenvolvimento entre os moradores do Nordeste brasileiro: ausência de justiça, analfabetismo, dificuldade para o plantio e, portanto, para sobreviver. Isso gerou o cangaço e o misticismo, caracterizados pelas classes dominantes como "fanatismo religioso".

Na visão marxista de Rui Facó, o misticismo ou o fanatismo religioso não explicam o desdobramento da guerra de Canudos. Ao contrário. Logo no início

---

[213] OTTEN, Alexandre, *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 60.
[214] FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, p. 73.

do livro *Cangaceiros e fanáticos*, expõe sua tese: “os fenômenos de misticismo ou messianismo, que se convencionou chamar de fanatismo, disseminados pelos sertões em nosso passado ainda recente, tem um fundo perfeitamente material e servem apenas de cobertura a esse fundo” [215]. A religião em Canudos foi enquadrada em tipologia distorcida, como misticismo, messianismo e fanatismo. Ela não oferece força motriz suficiente para sustentar luta tão sanguinolenta, como aconteceu em Canudos. “As classes dominantes, por sua vez, tentando justificar o seu esmagamento pelas armas – e o fizeram sempre – apresentavam-nos como fanáticos, isto é, submissos religiosos extremados e agressivos” [216].

Coerentemente com o pensamento de Marx, Facó defende que a religião serve apenas como superestrutura que encobre a realidade econômica. O que determina mesmo a realidade são as relações de produção: dominação do capitalismo semifeudal, exploração do sertanejo, dependência política dos donos da terra. O aspecto religioso em Canudos foi tão somente “uma capa de misticismo religioso em torno do Conselheiro” [217]. O que determinou a fraticida luta de Canudos foi o confronto com o latifúndio que, até hoje, ainda não foi superada no Brasil.

Por essa razão, Facó pede para superarmos a forma superficial de documentar os fatos históricos sob o olhar puramente descritivo. Essa forma é insuficiente para entendermos os interesses dos envolvidos na peleja de Canudos. A superação da documentação histórica somente pelo víes do relato acrítico é insuficiente para apreendermos o resultado de perguntas que, na concepção de Rui Facó, devem ser respondidas. “Por que surgiu o cangaceiro? Por que surgiu o fanático? Que gerou o capanga?” [218]. Somente pelo crivo da hermenêutica histórica, é possível encontrar tais respostas. “Relatos existem, numerosos. Interpretação, nenhuma” [219]. O elemento hermenêutico, portanto, de sociologia marxista é um dos grandes legados que Rui Facó acrescentou aos estudos históricos e sociológicos sobre Canudos.

---

[215] FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, p. 9.
[216] FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, p. 10.
[217] FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, p. 119.
[218] FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, p. 11.
[219] FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, p. 11.

Outra interpretação de tradição marxista sobre Canudos vem de Edmundo Moniz. Primeiro ele descarta a influência religiosa como única explicação justificadora da guerra no sertão. Para fundamentar seu pensamento, Moniz busca argumentos nem sempre confirmados pela história. Encontra, por exemplo, em *A utopia,* de Thomas Morus, um dos argumentos que, segundo ele, inspirou Antônio Conselheiro a construir seu projeto comunitário. Para ele, em Canudos, surgiu uma comunidade igualitária. Além de fanático religioso, Edmundo Moniz contesta a versão dos acusadores de Antônio Conselheiro, segundo a qual o Peregrino seria um "restaurador da Monarquia" e que teria recebido armas até do exterior, para fazer frente ao governo republicano.

Em sua visão, o que incomodou as elites republicanas foi o projeto igualitário implantado no Belo Monte. Os igualitarismos dos séculos XVI, XVII e XVIII, ao lado das utopias do século XIX "são todos singularmente parecidos, seja no campo das ideias ou da ação". Não foi por acaso que Antônio Conselheiro, em suas pregações, "citava os Evangelhos, e os filósofos da Igreja católica, especialmente Santo Agostinho, autor da *Cidade de Deus*" [220]. Em sua concepção, a Igreja combateu Antônio Conselheiro e sua gente a mando do governador.

Cada argumento de Edmundo Moniz vem acompanhado de sua lógica. Na hipótese de Antônio Conselheiro conhecer elementos da vida de Thomas More, "é porque lera, certamente, sua biografia. E qualquer biografia de Thomas More deveria conter um resumo da Utopia" [221].

A grande questão que se levanta em torno de argumentos de certas interpretações sobre o Belo Monte, pelos sociólogos de filiação marxista é se o papel da religião, ainda continua sendo um "invólucro" que encobre o verdadeiro sentido da luta de Canudos. Seria possível ainda continuar afirmando, a partir da influência do pensamento de Karl Marx que a religião continua sendo "o ópio do povo"? Ou, tomando a expressão de Edmundo Moniz, ela seria apenas "invólucro" de algo que iria além da religião?

Sobre a prática de vida em Canudos, Edmundo Moniz não deixa contornos: "o Antônio Conselheiro era um socialista utópico, que tentou

[220] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 31.
[221] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 31.

organizar uma comunidade igualitária. Há uma profunda semelhança entre as suas ideias e as ideias de Thomas Münzer, tais como Engels as apresenta" [222]. Mesmo se apegando aos evangelhos, a autores cristãos, como Santo Agostinho e alguns papas, não se "pode duvidar do socialismo de Antônio Conselheiro que foi reconhecido por muitos dos seus contemporâneos... prevaleciam os princípios igualitários do cristianismo primitivo" [223], conclui Edmundo Moniz.

1.2.4. Canudos a partir do viés da ciência da religião

O fenômeno religioso e sociopolítico que se desenvolveu em Canudos ultrapassa, de muito, os limites dessa ou daquela forma de interpretação, nem se enquadra exclusivamente no aspecto sociológico, militar ou, até mesmo, teológico. Canudos constitui-se um fenômeno religioso de grande significado para a ciência da religião. Mesmo sabendo que o estatuto da ciência da religião foi desbravado recentemente, ela tem algo a dizer sobre a vida e a experiência de Antônio Conselheiro.

Os primeiros escritos sobre o ocorrido em Canudos decorrem sob os signos da influência ideológica da "ciência positivista pura", também conhecida por "imparcialidade científica", que Alexandre Otten caracterizou de "a suspensão da empatia, a fidelidade aos métodos acabaram por nutrir uma visão colonizadora, afastada e alienada da realidade do povo" [224]. Não se pode confundir a imparcialidade científica, com a visão puramente descritiva dos fenômenos históricos, que revela somente a ótica dos vencedores, sem hermenêutica ou sem as suspeitas que desvendam os interesses humanos, em suas tramas históricas, usados pelo labor científico. Isso nos faz pensar em seguras conexões com as ciências sociais, a teologia e a ciência da religião. Canudos revela sua complexidade e necessidade de um olhar a partir da ciência da religião.

Antes de tudo, se a pesquisa teológica sobre Canudos ainda é tímida, entre os cientistas da religião há um silêncio, no mínimo, estranho. Não se

---

[222] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 264.
[223] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 265.
[224] OTTEN, *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 63.

levantam dúvidas sobre a importância dessa experiência para a historiografia brasileira. É um dos temas da história do Brasil que vem ocupando numerosas teses de doutorado, dissertações de mestrado e artigos científicos nas universidades brasileiras.

Devido às repercussões da experiência de Canudos e o interesse no âmbito acadêmico, a ciência da religião também precisa desenvolver estudos sérios sobre o que aconteceu no Belo Monte. É urgente, uma vez que a ciência da religião também tem uma palavra sobre o fenômeno religioso vivido entre os sertanejos.

Do ponto de vista da biologia humana, Alexandre Otten destaca "o fato de que ele (o Peregrino) foi, não obstante o choque de interpretações proferidas por amigos e inimigos, uma personalidade marcada pela religião" [225]. É aqui que a ciência da religião ocupa espaço.

Para Edmundo Moniz na Comunidade de Canudos é possível identificar sinais evidentes do Reino de Deus, caracterizados como elementos do cristianismo primitivo, igualitarismo e comunismo primitivo. Para ele, o Peregrino

> **(...)** não baseia seus argumentos somente na autoridade da *Bíblia*, em Moises, Davi, Salomão, Isaías, Jeremias, São Mateus, São Lucas, São João, São Pedro. Baseia também na sabedoria de São Jerônimo, São Crisóstomo, São Basílio, São Boaventura, Santo Agostinho, São Tomaz de Aquino. Antônio Conselheiro sempre se dispunha a fazer uma citação da *Bíblia* ou dos doutores da Igreja[226].

Essas constatações partem de um sociólogo e não de um teólogo ou cientista, fato que se poderia retomar a partir dos manuscritos de Antônio Conselheiro, à luz das contribuições de historiadores, sociólogos e literatos e tirar Canudos do esquecimento dos teólogos e cientistas da religião. Eis a provocação!

Boa parte dos movimentos de transformação social ocorridos no Brasil, durante o século XIX e início do século XX, assumiram aspectos comunitários, de inspiração cristã. "Eles não compartilhavam apenas de 'linguagem religiosa'; mais do que isso, eles tinham uma vivência ou uma experiência religiosa, isto

[225] OTTEN, *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 201.
[226]MONIZ, A guerra social de Canudos, p. 251.

é, uma mística que dava sentido às suas lutas" [227]. O mesmo aconteceu com o movimento do Padre Ibiapina. Se o Padre Ibiapina organizou sua experiência pela inspiração cristã, Antônio Conselheiro tentou construir uma sociedade evangélica[228], com inspiração, valores e atitudes cristãs.

É bem verdade que, no meio intelectual, a religião perdia importância. O sertanejo, longe do litoral, não usufruía o resultado do "progresso" do litoral. O império da ciência positiva se afirmava. O "novo humanismo leigo" dispensava a religião e a classificava de fenômeno de pouca importância ou de "pessoas de pouca ciência", especialmente entre os iletrados sertanejos.

1.2.5 Canudos no mundo acadêmico

Se no campo teológico e na área da ciência da religião existem lacunas quanto à pesquisa a respeito de Canudos, como fenômeno religioso e preocupação teológica, no mundo acadêmico não se afirma o mesmo. Além das dezenas de livros escritos por historiadores, sociólogos e antropólogos, multiplicam-se autores que produzem artigos científicos, teses e dissertações que confirmam o novo olhar sobre Canudos, inaugurado por José Calazans e continuado por Ataliba Nogueira e outros.

Antônio Fernandes de A. Sá, atual professor de História na Universidade Federal de Sergipe, realizou acentuado levantamento bibliográfico sobre a guerra de Canudos na atualidade. Ele vasculhou a partir do que já foi publicado sobre *Os Sertões* de Euclides da Cunha: artigos, teses doutorais, dissertações, livros, filmes, poesias, artigos e reportagens em jornais, revistas regionais e nacionais e os colocou à disposição do público, através de sua tese de doutorado, a respeito da memória das comemorações do centenário de Canudos (1993-1997)[229]. Para Antônio Fernando de Sá,

> (...) são perceptíveis algumas permanências nas representações de Canudos na contemporaneidade, oriundas dos diferentes suportes referentes à época da guerra propriamente dita, como é o caso das

[227] FELDHAUS, *O espaço sagrado do contestado*, p. 51.
[228] Cf. PINTO JUNIOR, *O Padre Ibiapina, precursor da opção pelos pobres na Igreja do Brasil*, p. 219.
[229] Cf. SÁ, *Filigranas da memória: história e memória nas comemorações dos centenários de Canudos*, p. 434-489. Este trabalho foi tese defendida na Universidade de Brasília, departamento de História, em 2006.

> fotografias de Flávio de Barros e da presença atual de Euclides da Cunha na construção da memória de Canudos, especialmente por conta do destaque à superprodução cinematográfica comemorativa do centenário da Guerra de Canudos, o filme de Sergio Resende[230].

Seu trabalho é o que se tem de mais completo sobre a memória construída em torno das comemorações dos centenários da chegada de Antônio Conselheiro e da destruição de Canudos. Sobre artigos científicos publicados em revistas especializadas, temos mais de uma centena. Destaco alguns mais importantes. Atualmente, dois grupos significativos de pesquisadores se encontram na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Centro de Estudos Euclides da Cunha (CEEC)[231] e na revista *Outros Sertões*[232], organizada pelo Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, da UNEB. Muitos apresentadores, palestrantes e debatedores ofereceram ao grande público uma série de artigos, fruto dos debates atuais sobre *Os Sertões*, exibição de filmes, lançamento de livros, exposição de fotografias e exposição de artesanatos.

Outro grupo que merece menção formou-se em São Paulo, reunindo professores das seguintes universidades em um seminário: (USP), PUC, UNICAMP; das universidades federais do Ceará (UFC), Pernambuco e Paraíba; universidades estaduais da Bahia, Rio de Janeiro e diversos outros estudiosos, jornalistas, poetas e ensaístas sobre *Os Sertões*, Canudos e Antônio Conselheiro. O seminário, com a presença desses estudiosos, resultou na publicação do livro *O Clarim e a oração: cem anos dos Os Sertões*, organizado por Rinaldo de Fernandes[233].

O livro *Canudos, cartas para o Barão*[234], organizado por Consuelo Novais Sampaio, acrescentou elementos históricos importantes sobre as

---

[230] SÁ, *Filigranas da memória: história e memória nas comemorações dos centenários de Canudos*, p. 5.

[231] Em 2001, eles publicaram o primeiro volume da *Coleção Canudos*, com artigos e entrevistas com pesquisadores, estudiosos e intelectuais, "para amplificar as vozes de Canudos". Cf. NETO e DANTAS, *Os intelectuais: o discurso contemporâneo*, com 213 páginas. Esse volume trazo artigo científico de SANTOS NETO, *Canudos – palavras, imagens e desafios*, p. 19-25 e várias entrevistas, com olhares diferentes sobre Canudos.

[232] A revista publica três artigos sobre Canudos. Cf. SANTANA, *O narrador de Os sertões e de guerra de Canudos*, p. 23-34; cf. LIMA, *Uma página (vazia) entre a nossa Vindéia e as ações da imprensa representadas em Os sertões*, p. 59-67; cf. DIAS, *Os sertões: um enredo além da história da campanha de Canudos*, p. 59-67.

[233]Cf. FERNANDES, O clarim e a oração, especialmente p. 21-459. O livro contém 607 páginas.

[234] Cf. SAMPAIO, *Canudos, a construção do medo*, p. 30-83.

movimentações dos fazendeiros da região de Canudos, a respeito do crescimento do lugarejo, como o próprio Barão de Jeremoabo e Cícero Dantas. Soma-se, também, o valioso trabalho de garimpagem no cenário da guerra, organizado por uma equipe de professores, que resultou no livro *Arqueologia histórica de Canudos*[235], gerando dados que fundamentam a revisão histórica.

A Faculdade de Educação da Bahia, ligada à UNEB, por ocasião do centenário da chegada de Antônio Conselheiro à Bahia publicou um número especial da Revista FAEEBA, oferecendo um conjunto de artigos atuais sobre Canudos[236].

1.2.6 O Papel da Igreja católica na revisão histórica de Canudos

Desde o início das Romarias de Canudos, em 1988, a Igreja Católica vem desenvolvendo papel preponderante para popularizar os estudos sobre Canudos entre as comunidades rurais, estudantes e movimentos sociais. Cada romaria de Canudos é precedida por um tempo de preparação. A Comissão da Romaria (de 1993), formada por membros da Igreja Católica, Igreja Batista Nazareth de Salvador, de representantes de entidades populares, como o Instituto Popular Memorial de Canudos e por universidades baianas, revela o compromisso que a Igreja Católica vem demonstrando no resgate religioso da experiência do povo de Canudos. Além das dioceses de Senhor do Bonfim, Juazeiro e Paulo Afonso, também compuseram a equipe:

> Comissão Pastoral da Terra (CPT), Sub-regionais 6 e 7 do Regional Nordeste 3, da CNBB, Conselho Indigenista Missionário (CIME), Igreja Batista de Nazaré(SSA), IRPAA Instituto Regional da Pequena

---

[235] Cf. UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, PRÓ-REITORIA, *Arqueologia histórica de Canudos*. A pesquisa arqueológica apresenta sete objetivos. 1) Obter cadastramento dos diversos sítios ou complexos arqueológico nos locais de combate; 2) Formular uma cartografia de guerra, especialmente sob, a 3ª e 4ª expedições, com base nos vestígios arqueológicos: trincheiras, barricadas e ruínas ainda existentes; 3- Apossar-se dos recursos tecnológicos usados em Canudos, de ambas as partes; 4) Reconstituir as técnicas de matança, os tratamento para doentes e feridos na guerra, pelos vestígios de ossos humanos; 5) Reconstituir o dia a dia e deslocamentos dos militares; 6) Organizar perfil das condições de nutrição e enfermidades, a partir de ossos humanos e demais restos orgânicos; 7) Proteger as áreas arqueológicas sujeitas à deterioração.

[236] Cf. REVISTA DA FAEEBA /UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, FACULDADE DE EDUCAÇÃO, ano 2, n. esp. (jan/jun, 1993, especialmente os artigos de SAMPAIO, *Repensando Canudos: o jogo das oligarquias*, p 5-20; cf. PINTO, *A personalidade carismática de Antônio Conselheiro: aspectos psicanalíticos*, p. 21-49; CAVA, *Messianismo brasileiro e instituições nacionais: uma avaliação de Canudos e Juazeiro*, p. 78-97; BOAVENTURA, *O Parque estadual de Canudos: um encontro da história com a ecologia*, p. 121-132.

Agricultura, PALMA, Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Grupo de Peregrino do Nordeste[237].

Outro fato a considerar tem sido o envolvimento de representantes da Igreja Católica na equipe de confecção da Cartilha histórica de Canudos[238], coordenada pela Prefeitura Municipal de Canudos e Universidade do Estado da Bahia, com a finalidade de facilitar ao povo de Canudos o acesso às suas próprias raízes. Ela tem contribuído na construção da versão sobre o massacre do Belo Monte, diferente da transmitida através da historiografia oficial, ensinada nas escolas.

Em 1983, a pastoral popular das principais dioceses do sertão da Bahia (Paulo Afonso, Juazeiro e Rui Barbosa) organizada por padres, leigos e lideranças de movimentos sociais coordenavam celebrações sobre os mártires de Canudos. Somente a partir de 1988 surge forte movimento das romarias de Canudos, que cresce a cada ano. "A história das romarias, agora assumida pelas Dioceses de Paulo Afonso, Bonfim, Juazeiro e Rui Barbosa se remonta ao ano de 1988, com o tema: *Povo de Deus resiste* e lema: '*Canudos, uma comunidade de Fé*'"[239].

Como se observa pelo lema da 1ª Romaria de Canudos de 1983, os agentes de pastorais das referidas dioceses assumem claramente o compromisso de resgatar a dimensão de fé do sertanejo, a partir da inspiração da comunidade do Belo Monte. Se houve resistência aos invasores que chegavam para destruir a comunidade, "o Povo de Deus resiste", porque "Canudos (fora), uma Comunidade de Fé". Os temas e lemas subsequentes caminham sempre na mesma direção. Ressalta-se a luta/fé do povo de Canudos e faz-se a ligação com temas da atualidade. Em 1989, ano da constituinte baiana, o tema da romaria versou sobre "A lei nasce do povo e suas organizações"; lema: "Canudos, lei do povo lei de Deus". E assim, todos os temas trazem referência ao Canudos de ontem relacionado com a realidade atual.

---

[237] INSTITUTO POPULAR MEMORIAL DE CANUDOS, Canudos: uma luta de resistência, p. 33.
[238] Cf. RERRAZ (Org.), *Cartilha histórica de Canudos*, especialmente p. 21-59.
[239]INSTITUTO POPULAR MEMORIAL DE CANUDOS, *Canudos, uma história de luta e resistência*, p. 32.

Antônio Fernando de Araújo Sá, em sua tese de doutorado (2006), em história na Universidade de Brasília (UNB), evidencia a posição da Igreja Católica em defesa do resgate histórico de Canudos e constata a presença de líderes católicos entre as organizações da sociedade civil, "forjando uma luta discursiva em torno das múltiplas maneiras de dizer e interpretar o arraial". Nas comemorações dos centenários de chegada de Antônio Conselheiro a Canudos (1993) e de sua destruição (1997), a Igreja Católica teve participação efetiva nos eventos, ao lado de entidades como o "Movimento Popular e Histórico de Canudos (MPHC) e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), sindicatos dos trabalhadores rurais, Igreja Católica e organismos não-governamentais" [240]. Na visão do professor Antônio F. de Sá, o fato Canudos é relido visando evidenciar sua atualidade no contexto das lutas sociais contemporâneas.

Cresce, portanto, o rosário de entidades que contam a história, não simplesmente para aumentar o capital intelectual do cidadão, mas como meio para tirar lições para o "hoje da história". Na tentativa de curar as feridas do passado, ele destaca a presença da Igreja ao lado de entidades que engrossam as fileiras da revisão e que ajudam a construir "outra história de Canudos", diferente da oficial. Além da Igreja Católica, Antônio Fernando menciona entidades que estão reconstruindo essa história como organismos vivos e atuantes na região: "o Parque Estadual de Canudos, gerenciado pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e o Instituto Popular Memorial de Canudos (IPEMC), vinculado à Igreja Católica, Museu histórico de Canudos ou do Memorial de Antônio Conselheiro em Quixeramobim/CE" [241].

Durante estes últimos 30 anos, a Igreja desenvolve forte trabalho junto às comunidades da região sobre o resgate da história. Em cada Romaria, a Comissão organizadora oferece um subsídio de preparação e um livrinho de canções, cantadas durante as celebrações e procissões. O tema da Romaria do centenário da destruição de Canudos em 1997, por exemplo, revela o posicionamento das dioceses da região e destaca a continuidade do sofrimento

---

[240] SÁ, *Filigranas da memória: história e memória nas comemorações dos centenários de Canudos*, p. 431. A origem do Movimento Popular e Histórico de Canudos deveu-se às divergências com setores da Igreja, que causou sua origem, passando adotar posições críticas à Igreja e passa a organizar celebrações independentes.

[241] SÁ, *Filigranas da memória: história e memória nas comemorações dos centenários de Canudos*, p. 431.

do povo: “Canudos: 100 anos do massacre no sertão – 1897-1997” e o lema: “Sangue derramado, terra fecundada”.

Expressões trabalhadas nos temas das romarias reforçam o imaginário do sertanejo. Alguns exemplos: “povo que reza resiste” (1988), “O povo organizado descobre jeito de conviver com a seca e a falta de terra” (1990), “Canudos, esperança dos excluídos” (1995), “2005-2011: outra seca no sertão e o lema”: “Prevenir é a melhor solução” (2000).

O protagonismo de setores da Igreja juntos aos movimentos sociais, universidades e entidades que desenvolvem trabalhos no sertão revela uma mudança de postura. Durante o ano do centenário da destruição de Canudos (1997), as movimentações dos diversos setores da sociedade, ascendeu os ânimos das esferas mais progressistas. Estes setores “colocavam em xeque determinada visão da identidade nacional, que já não dava mais conta da multiplicidade de memórias subterrâneas, que a interpelavam com a emergência, na historiografia contemporânea, das lembranças dos excluídos” [242].

Hoje, muitas dioceses e paróquias da região continuam estimulando seus fiéis a se envolverem na preparação da romaria e mobilizam transportes para que o povo esteja presente todos os anos. É uma forma honrosa da instituição se redimir diante da história e não repetir o passado no presente ou, conforme a expressão de Antônio Fernando “curar as feridas”.

Conclusão

A guerra de Canudos e a forma como os primeiros escritores a documentaram e a inseriram na historiografia brasileira revela parte da contraditória realidade das elites brasileiras. Pude perceber que, para entender o conflito das autoridades republicanas com o povo de Canudos, fazem-se necessárias fontes e informações que vão além de os Sertões de Euclides da Cunha ou da história contada pelos que ajudaram ou concordam com o massacre de Canudos.

---

[242] SÁ, *Filigranas da memória: história e memória nas comemorações dos centenários de Canudos*, p. 431.

Pelo caminho percorrido neste primeiro capítulo, foi possível apresentar amplamente a história da guerra de Canudos. Parti dos primeiros escritores sobre a guerra sertaneja e suas primeiras impressões. Trilhei o caminho da revisão histórica. O distanciamento do fato histórico, as novas fontes de pesquisa e os elementos da nova hermenêutica me possibilitaram oferecer-lhe um novo olhar sobre a guerra de Canudos.

Iniciei esse primeiro capítulo mostrando os vários olhares sobre Antônio Conselheiro e sua gente. Apresentei o contexto conflitivo do Nordeste brasileiro nos últimos vinte anos do século XIX, no qual a comunidade do Peregrino esteve inserida. Após descrever e interpretar os motivos que iluminaram a decisão de deflagrar o conflito armado contra o povo sertanejo, tracei o caminho percorrido pela pesquisa sobre o movimento de Canudos. Concluo este capítulo analisando os principais livros didáticos de história do Brasil, a visão que os autores apresentam sobre a guerra de Canudos e seus conteúdos apresentados para as escolas brasileiras.

Pude concluir que Canudos já foi reabilitado pelas universidades, entre muitos historiadores, sociológicos e antropológicos. O olhar vem mudando. O exemplo positivo do Belo Monte torna-se objeto de interesse das diversas áreas do saber. Os estudantes de letras, sociologia, história, linguística e literatura tratam Canudos, não mais de forma negativa ou pejorativa, mas como exemplo histórico positivo e encontram na vida do povo sertanejo e na experiência de Antônio Conselheiro, novidades surpreendentes.

Essa nova abordagem tem contribuído para corrigir distorções, apresentar novidades e superar certos preconceitos, fatos fundamentais para a abordagem de Canudos pelo viés teológico. Faz-se necessário conhecer o pensamento religioso de Antônio Conselheiro e a mensagem cristã que ele ensinava ao povo durante suas pregações.

Depois de sair do anonimato da história, Canudos tornou-se objeto de estudo entre pesquisadores e interessados. Nestes últimos 30 anos, o Belo Monte tem despertado interesse em setores importantes da Igreja Católica, como nas dioceses da região, nas pastorais sociais e movimentos populares de inspiração cristãs. Embora tardiamente, esse empenho chega também a alguns institutos de teologia. Assim como os estudos históricos, a teologia também

precisa tirar Canudos da obscuridade, suplantar preconceitos e trazê-lo para o crivo da teologia cristã.

No segundo capítulo analiso as prédicas do Peregrino, como são conhecidas as homilias de Antônio Conselheiro. Destaco o conteúdo teológico e identifico as fontes referenciais nas quais o Beato se inspirou para escrever suas pregações, dirigidas ao povo na grei canudense.

2 A TEOLOGIA DAS HOMILIAS DE ANTÔNIO CONSELHEIRO

> *Se querem ser glorificados com Ele (com Jesus) para gozar de sua glória, honrem ao Senhor santificando o domingo e dia santo de guarda, ouvindo a missa, lendo livros espirituais, rezando o rosário e assistindo aos atos da religião.*
>
> *Antônio Conselheiro*[243].

Conforme análise no primeiro capítulo, Antônio Conselheiro foi um cristão diferenciado e autêntico. Sua fé vem de tradição familiar, enraizada no catolicismo popular brasileiro e em sintonia com sacerdotes que determinaram sua formação cristã: Padre Cícero Romão Batista, de Juazeiro e Padre José Antônio Maria Ibiapina. Homem em sintonia com a Igreja de seu tempo, o Beato teve facilidade no manuseio da Bíblia Sagrada, habilidade para escrever, fala desembaraçada, pregação atraente, estilo literário com abundantes citações bíblicas e citações em latim[244].

Suas homilias, objeto de apreciação teológica deste capítulo, são marcadas por elementos da Tradição eclesial: referências aos romanos pontífices, fartas citações bíblicas, comentários, menções e apropriações de textos dos santos padres, entre os quais Santo Tomás de Aquino, São Jerônimo, Santo Agostinho e outros, revelando conteúdo em sintonia com o pensamento corrente da Igreja de seu tempo, não obstante ter sido acusado de herege e de ter ensinado doutrinas nocivas à fé cristã.

Antônio Conselheiro deixou um conjunto de manuscritos, também conhecidos por *homilias*, *sermonário ou breviário*[245], com mais de 800 páginas,

---

[243] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, 590, Por questões práticas, usarei esses manuscritos de Antônio Conselheiro, publicados em 1974 por NOGUEIRA, *Antônio Conselheiro e Canudos: revisão histórica*, p. 46-182. Entretanto, citarei a obra como ANTÔNIO COSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses*. A página indicada sempre será do texto publicado por Nogueira.

[244] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Textos extraídos da Sagrada Escritura*, p. 147-157.

[245] São três compilações distintas e originadas do próprio punho do Conselheiro. O primeiro, de 1895, com 250 páginas e mais 3, com índice; o segundo, que inicia com o título na primeira página: "*Santo Evangelho De Jesus Cristo segundo São Mateus*" e contém 554 páginas; e o terceiro, intitulado de "A presente obra mandou subscrever o Peregrino Antônio Vicente Mendes Maciel no povoado do Belo Monte, Província da Bahia em 12 de janeiro de 1897", com 530 páginas. No primeiro manuscrito, logo na página inicial, aparece longo título. Cf. *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo, para a salvação dos homens*. *Pelo Peregrino Antônio Mendes Maciel. No Povoado do Belo monte, Província da Bahia em 24 de maio de 1895*. Segundo o historiador Ataliba Nogueira, "mandou subscrever o Peregrino" é uma característica da humildade de Antônio Conselheiro e não compromete a

que refina o olhar teológico de qualquer estudioso interessado em recuperar o conteúdo original que fundamentou o projeto religioso do Peregrino. Essas homilias ainda não foram objeto de exaustiva análise nem por historiadores nem pelos teólogos.

A seriedade dos escritos oferece elementos essenciais para entendermos com mais rigor científico a personalidade do Beato e a grandeza de seus ensinamentos, como também coloca em dúvida certas afirmações precipitadas sobre o equilíbrio humano e emocional de Antônio Conselheiro. Não se conhecem as razões pelas quais Euclides da Cunha, mesmo tendo acesso a uma parte dos manuscritos de 1895 (a mais importante), tenha silenciado sobre o conteúdo.

Da mesma forma, o médico legista Nina Rodrigues, ao concluir pela personalidade doentia do Peregrino, não faz qualquer referência às homilias. Através da lógica interna do texto, da utilização de fontes que inspiraram Antônio Conselheiro, da linear e bela caligrafia, podemos chegar a conclusões diferentes de muitas afirmações sobre Canudos e seu principal líder, Antônio Conselheiro.

---

autoria do documento, como veremos. Cf. NOGUEIRA, *Antônio Conselheiro e Canudos*, p. 22-26. Sem deixar de reconhecer o valor dos manuscritos tirados dos evangelhos, atos dos apóstolos e Carta de são Paulo aos Romanos, esse primeiro manuscrito é o texto mais importante por tratar de homilias sobre temas variados e de muita serventia para a catequese com adultos. Esse texto chegou às mãos de Euclides da Cunha. Os textos sobre "Apontamentos dos preceitos da Divina Lei de Nosso senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens" apresenta a seguinte temática: Reflexão dos preceitos da divina lei de nosso senhor Jesus Cristo(reflexões sobre cada um dos dez mandamentos da Lei de Deus), p. 3-121; sobre a cruz, p. 122-138; sobre a Missa, p. 139-142; sobre a justiça de Deus, p. 143-146; sobre a fé, p. 146-147; sobre a paciência nos trabalhos (?), p. 148-149; sobre a religião, p. 150-152; sobre a confissão; p. 153-159; sobre a obediência, p. 160-162; sobre o fim do homem, p. 163-164; como Adão e Eva foram feitos por Deus: o que lhes sucedem no Paraíso até que foram desterrados por causa do pecado, p. 165-173; o Profeta Jonas, p. 174-178; paciência de Jó, p. 179-184; vocação de Moisés, p. 185-187; as dez pragas do Egito, p. 188-189; Morte dos primogênitos, cordeiro pascal, saída do Egito, p. 190-192; passagem do mar vermelho, p. 192-195; codornizes, maná e água no deserto, p. 196-198; os dez mandamentos, aliança de Deus com Israel, p. 199-202; o bezerro de ouro, p. 203-205; leis do culto divino, p. 206-210; derradeira administração de Moisés, sua morte, p. 211-213; os Juízes, p. 214-216; construção e edificação do Templo de Salomão, p. 217-220; o dilúvio, p. 221-227; reflexões, p. 228-234; textos, p. 235-247; sobre pecado dos homens, p. 248-250. Muitos desses temas não foram publicados por Ataliba Nogueira. Esses manuscritos são originais e estão conjugados em duas partes pela encadernação feita pela Universidade Federal da Bahia, com o título *Breviário de Antônio Conselheiro*, e encontra-se no acervo da biblioteca da UFBA, no bairro de Ondina, Salvador. A primeira parte vai da página 1-554, pela numeração também manuscrita. Trata-se de textos dos 4 evangelhos, na ordem que segue. Evangelho de São Mateus, p. 1-118; Evangelho de São Marcos, p. 119-195; Evangelho de são Lucas, p. 197-318; Evangelho de São João, p. 319-405. E mais, textos dos Atos dos Apóstolos e da Carta de são Paulo aos Coríntios, em sequencia. Atos dos apóstolos, p. 407-518; Carta de são Paulo aos Romanos, p. 519-554.

O Conselheiro transliterou textos da Bíblia: reflexões inspiradas em textos do Antigo e do Novo testamento, com excertos de autores da Patrística, de papas e autores cristãos. Eles revelam a solidez da sua mensagem religiosa. O *Sermonário*, encontrado no final da guerra de Canudos, dentro do último aposento do Peregrino revela parte do conteúdo da mensagem religiosa e da teologia que sustentava a sua pregação dirigida aos canudenses. Um louco, ou débil mental, como foi caracterizado o Peregrino, em um primeiro momento, não consegue escrever textos, cuja coerência, linearidade caligráfica, conteúdo e lógica interna saltam aos olhos.

Além dos manuscritos encontrados dentro das ruínas dos casebres de Canudos, três outras obras são fundamentais para recompor e entender o universo religioso de Antônio Conselheiro e que estão presentes no conteúdo dos manuscritos. 1) *A Bíblia Sagrada*; 2) *Práticas mandamentais ou reflexões morais sobre os mandamentos da lei de Deus*[246]; 3) E a *Missão Abreviada*[247].

Neste segundo capítulo, procuro analisar esses manuscritos: a presença de elementos do catolicismo popular brasileiro, os aspectos devocionais, o conteúdo teológico e seus aspectos doutrinais. Estabeleço, ainda, um contraponto com documentos do arcebispo da Bahia e de alguns párocos sobre os possíveis motivos das proibições de visitas do Peregrino às paróquias do sertão baiano. Garimpo, em documentos históricos, o que sustentou a fé do povo de Canudos: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro, os aspectos da comunhão eclesial, a solidez da catequese ensinada, e os elementos do senso da fé (*sensus fidei*), a partir dos mencionados manuscritos do Peregrino, à luz de documentos da Igreja (Trento e Vaticano I).

2.1 A veracidade histórica dos manuscritos de Antônio Conselheiro

Assim como os historiadores, que não consideram mais Antônio Conselheiro como “marginal”, “bandido”, responsável quase que exclusivo pela

[246] DEUS, *Práticas mandamentais*. Cf., especialmente p. 8-651. A obra consta de dois tomos. O primeiro contém 52 práticas sobre os mandamentos de Deus e da Igreja Católica, p. 8-654. O segundo tomo apresenta 33 variadas práticas de fé, cf. p. 6-404, e um apêndice. Este contém algumas devoções e partes de cantos religiosos para animar encontros e celebrações do povo. Cf., tomo II, p. 29-35.
[247] Cf. COUTO, *Missão Abreviada para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar o fruto das missões*.

guerra no sertão da Bahia, como ficou demonstrado no primeiro capítulo, no âmbito teológico, Antônio Conselheiro é revisitado. “Hoje o chefe sertanejo não pode ser tratado, como antigamente, abusando-se dos adjetivos injuriosos. Seria ridículo, e sem sentido, chamá-lo de paranoico ou delinquente para desmascarar sua obra e sua ação” [248]. Como foi feito pelos principais historiadores brasileiros. Alexandre Otten o qualifica de “profeta do altíssimo”, “servo do Bom Jesus”, “peregrino à Pátria Celeste” [249] e também o caracteriza de “profeta e Bom Jesus Conselheiro” [250]. César Zama, que se dizia nem contra nem defensor do Peregrino, arrisca seu palpite. Ele não considera o Conselheiro um desequilibrado, fanático, republicano ou monarquista. Ao contrário, ele “não servia aos partidos políticos: nós o temos na conta de um crente, cujo espírito vivia em um sonho perene entre os labores da terra e as esperanças do céu: trabalhava, orava e predicava” [251].

Os manuscritos em questão compõem verdadeiro compêndio, em forma de homilias ou prédicas, de grande valia na ampliação dos conhecimentos a respeito da revisão histórica, paleográfica, filológica e teológica sobre Canudos. Eles abrem novos caminhos, no âmbito da teologia, para compreender o conteúdo teológico subjacente na catequese ensinada em Canudos, por Antônio Conselheiro, com acompanhamento do sacerdote, que dava assistência religiosa ao povo da região de Canudos, o Padre Manoel Couto, vigário de Cumbe.

De fato, os novos estudos históricos, e mais recentemente teológicos[252], sobre Canudos trazem novidades surpreendentes sobre o acontecido no sertão baiano, à luz da ciência teológica. Mesmo levando em consideração as informações euclidianas, de Nina Rodrigues, Macedo Soares e outros, as

---

[248]MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 12.
[249] Cf. OTTEN, *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 329-334; 334-340; 344.
[250] Cf. OTTEN, *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p 345-355.
[251] Apud NOGUEIRA, *Antônio Conselheiro e Canudos*, p. 12.
[252] Mesmo não sendo uma obra de teologia, considero que OTTEN, *“Só Deus é grande”*: *a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro* é de grande valia na reconstrução do pensamento teológico de Antônio Conselheiro, especialmente os capítulos 2, 3 e 4, p. 93-355. É obra de referência para a teologia, dado o rigor acadêmico. Alexandre Otten é padre verbita e sua obra foi resultado de uma tese de doutorado defendida na Universidade Gregoriana de Roma, em 1987. Para Fernando Peres, Otten “percorre com erudição as questões políticas, científicas, biográficas, históricas e teológicas, que transforma o tema Canudos, sua guerra e personagens, em um grande repositório de encontros e desencontros nos sertões da Bahia”. PERES, *Fragmentária*, p. 36.

homilias de Antônio Conselheiro vão além e focam em conteúdos de autoria do próprio líder de Canudos, pouco analisadas pelos estudiosos da causa de Canudos.

Através desses manuscritos, abrem-se novos horizontes, que completam os estudos de Canudos e recuperam a visão positiva sobre os ensinamentos do Conselheiro e salvaguardam parte significativa da história de Canudos que foi omitida: a personalidade do Peregrino, suas fontes de leitura, a teologia de suas prédicas e a ortodoxia de suas catequeses. É um documento imprescindível na elaboração da leitura teológica da experiência religiosa de Antônio Conselheiro e sua gente, oferecendo novos elementos para a historiografia, a teologia e, até mesmo, corrigir distorções sobre a vida de fé do povo de Canudos.

Sobre essa coletânea de sermões, podemos acenar para a seguinte assertiva: os manuscritos revelam sermões de conteúdo teológico em comunhão com a ortodoxia da Igreja, com género literário de acordo com os sermões dos sacerdotes e bispos do século XIX: "ali se ouve a voz de um sertanejo letrado, apesar de uma gramática, por vezes claudicante, sabendo expressar-se e formular seus argumentos" [253], afirma Walnice Nogueira Galvão, professora de teoria literária da Universidade de São Paulo.

Ao conjunto dos manuscritos, também batizados de *sermões*, *pregações*, *prédicas*, *instruções*, *catequeses*, etc., alguns pesquisadores preferem chamar de *Breviário*[254].

Os primeiros manuscritos de 1895 foram encontrados pelo militar Eugênio Carolino de Sayão Carvalho, soldado do Exército imperial, presente

---

[253] GALVÃO, *Piedade e paixão: os sermões de Antônio Conselheiro*, p. 20. Os escritos trazem poucos "erros" ortográficos. Porém, em nada compromete a objetividade do conteúdo e a seriedade doutrinal.

[254] É o caso dos professores que organizaram a publicação Breviário de Antônio Conselheiro, cf. GALVÃO e PERES, *Breviário de Antônio Conselheiro*, p. 9. Se bem que Walnice Nogueira fala em "manuscritos". NOGUEIRA, *Piedade e paixão: os sermões de Antônio Conselheiro*, p. 17-25. Na verdade, o gênero literário dos manuscritos não se enquadra no estilo de *breviário*, como defendem os organizadores do texto. Do ponto de vista teológico, breviário é um guia ou itinerário de orações. Do latim, o termo significa resumo, sumário, itinerário. Georg Schwikart ainda é mais preciso. Um breviário reúne "orações, salmos, textos bíblicos e cânticos para uso dos clérigos. É recitado em diferentes horas do dia por sacerdotes católicos, membros de Ordens religiosas e hoje em dia, por leigos também". SCHWIKART, *Dicionário ilustrado das religiões*, p. 21. O que não se aplica aos manuscritos de Antônio Conselheiro. Como os textos são cópias, interpretações e comentários de perícopes bíblicas, aplicados na vida cotidiana do povo de Canudos, prefiro a tipologia de *roteiros homiléticos* ou simplesmente *homilias de Antônio Conselheiro*, à breviário. Breviário é um manual de orações e não coletâneas de cópias diversificadas de textos, aplicações na vida cotidiana e suas interpretações.

nos últimos combates, no momento em que as tropas avançavam voraz e raivosamente contra o povo de Canudos. Fernando da R. Peres, professor emérito de História da Universidade Federal da Bahia, demonstra que o militar "salvou a fonte manuscrita, quando a retirou do cenário da guerra que findava em 1897, com seus destroços humanos e materiais" [255]. Peres reconhece o valor histórico do documento e sua serventia para a história de Canudos, ao afirmar que "o militar prestou uma enorme contribuição para o conhecimento e os estudos sobre a religiosidade do Conselheiro, ao preservar do fogaréu vitorioso o manuscrito que nos instiga e intriga" [256].

Quanto à autoria, à escrita e autenticidade dos manuscritos, há duas versões antitéticas. Ataliba Nogueira não deixa dúvidas: "a caligrafia do texto e a assinatura são suas (de Antônio Conselheiro), as mesmas que se podem ver em duas cartas emolduradas e suspensas da parede, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (...). A obra manuscrita é autêntica e do punho do Conselheiro" [257].

Mesmo sem negar a autoria do sermonário, porém, há quem levante suspeita quanto à escrituração do achado, a partir do testemunho de Vilanova, sobrevivente da guerra, recolhido por Nertan Macedo, em 1964. Para Macedo, Antônio Conselheiro tanto escrevia quanto ditava para Leão da Silva (ou Leão de Natuba), seu secretário. Na qualidade de escrivão, um evangelista chegara de Natuba para auxiliar o Conselheiro. Este, "que escrevendo ou ditando a Leão da Silva, o evangelista, que lhe chegara um dia de Natuba, como um presente do céu" [258], organizava suas homilias para dizer ao povo na grei canudense.

---

[255] PERES, *Prefácio à segunda edição do Breviário*, p. 9.
[256] PERES, *Prefácio à segunda edição do Breviário*, p. 10. É elucidativo o conteúdo da nota 8 do rodapé, na página 11. "O brigada Sayão de Carvalho entregou ou fez chegar o manuscrito de 1895 ao Jornal de Notícias, em Salvador, cujo diretor, o jornalista e poeta Aloísio de Carvalho (1866-1942), conhecido como Lulu Parola (epigramista e satírico) conservou o documento e deixou-o para seu filho, o professor Aloísio de Carvalho Filho (1901-1970), escritor, jornalista e ex-senador da República, cujos filhos, por instâncias de Paulo Maciel, doaram a preciosa fonte histórica ao Prof. José Calazans (1915-2001), que nos relatou os seus passos de mão em mão, quando fomos pedir sua autorização para publicá-la. Esta é a versão verdadeira, a quem interessar possa. Hoje, o manuscrito tem 115 (cento e quinze) anos e está bem conservado para ser objeto de estudos paleográficos, linguísticos, históricos e teológicos. Esta é a ciranda dos "proprietários" do manuscrito de 1895 que terminou com a sua incorporação ao domínio público por um gesto de benemerência do Prof. José Calazans, fundador do Núcleo do Sertão da Universidade Federal da Bahia".
[257] NOGUEIRA, *Antônio Conselheiro e Canudos*, p. 23.
[258] Cf. MACEDO, *Memorial de Vilanova*, p. 58.

José Calazans, historiador e proficiente pesquisador sobre a guerra de Canudos, também afirma que Antônio Conselheiro tinha um secretário de nome Leão de Natuba. Ele recolhia "as palavras do pai Conselheiro, colocando-as no papel" [259]. Ao posicionar-se sobre as homilias do Peregrino, o pesquisador Nertan Macedo cita reportagem do jornalista Luciano Carneiro sobre as homilias do Peregrino, na revista *O Cruzeiro* (5-XII-53), edição que Vilanova guardava ciosamente no fundo de um baú. Encontradas no Santuário do Peregrino, após a destruição de Canudos, narra aquela reportagem sob o título *Os conselhos de Antônio Conselheiro*.

> Lá em São Paulo existe algo que vai ser muito útil para quem tiver a coragem de escrever uma nova história de Canudos: um livro que acompanhava Antônio Conselheiro nos seus últimos dias de vida. Não é um diário e nem a letra pertence a Conselheiro. Mas suas 628 páginas, manuscritadas ora em forma de preces, ora como se fossem sermões, parecem condensar boa parte da moral religiosa de que Canudos se alimentava. Pois o Conselheiro foi quem as mandou copiar[260].

Entretanto, penso que Ataliba Nogueira tem razão. Sem negar os serviços escriturísticos prestados por Leão de Natuba ao Peregrino, estudos comparativos sobre as homilias e outros manuscritos do Peregrino levam à conclusão cabal de que, de fato, os manuscritos nasceram do punho do próprio Antônio Conselheiro. Análises caligráficas comparativas com textos são argumentos mais importantes que as afirmações do sobrevivente. Mesmo assim, se o texto é ou não de Antônio Conselheiro não tem tanta relevância. O mais admirável é o fato do Peregrino assumir como seus os manuscritos e transportá-los em seu bornal de couro, e usá-los durante seus colóquios, sempre que se encontrava com o povo da comunidade religiosa de Canudos.

Para o historiador Cândido da Silva, o Conselheiro era um homem de fé e o sermonário "selou sua identidade religiosa, já (que) tudo caminhava a passos largos para o dia da ira, ao pôr na escrita o que sempre entendeu de si; do sentido das atividades que lhe desenharam a imagem aceita e rejeitada" [261].

Nertan Macedo informa que as meditações de Antônio Conselheiro "foram divulgadas em reportagem de Luciano Carneiro na revista "O Cruzeiro"

---

[259] CALAZANS, *Quase biografias de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro*, p. 76.
[260] Apud MACEDO, *Memorial de Vilanova*, p. 59.
[261] SILVIA, *O Peregrino entre os pastores*, p. 201.

(5-XII-53), edição que Honório Vilanova guardava ciosamente no fundo do baú. Encontradas no santuário do Peregrino, após a destruição de Canudos, narram aquela reportagem sob o título "Os conselhos do Conselheiro"" [262].

Antes de avaliar o conteúdo das prédicas do Conselheiro e extrair delas as linhas teológicas que as norteiam, convém apresentar o pensamento de Euclides da Cunha, proprietário do documento, sobre o silêncio e até o ataque presente em Os Sertões sobre os manuscritos e a pessoa do Peregrino.

Com 628 páginas, os manuscritos, que ainda carece de estudos acurados, constituem-se em auxílio fundante para superar preconceitos e afirmações cristalizados por Euclides da Cunha e repetidos por diversos historiadores, intelectuais brasileiros e reproduzidos em muitos livros didáticos nas escolas públicas nacionais[263] como "verdades", por mais de cem anos. Na verdade, os manuscritos receberam desprezo quase que total de Euclides da Cunha e pelos clássicos da literatura euclidiana[264]. Escritores como o Tenente de infantaria Macedo Soares, o médico legista Nina Rodrigues, o Coronel de Jeremoabo, o médico João de Souza Pondé (que fez a necropsia do Peregrino), o Brigadeiro Marcos Evangelista da Costa Vilela Jr, entre outros, silenciaram sobre os fragmentos manuscritados pelo Peregrino.

Ataliba Nogueira até levanta dúvidas sobre esse silêncio de Euclides. "É provável que (Euclides da Cunha) nem tenha lido sequer a primeira página do manuscrito, que apareceu num "sebo", muitos anos depois, sendo adquirido pelo poeta Aristides Seixas, ilustre presidente da Academia de Letras" [265], afirma o historiador Nogueira.

Certamente, a divulgação dos manuscritos, entregues a Euclides da Cunha, poria em xeque a versão oficial, que foi construída antes, durante e depois da guerra. Euclides acreditou que o documento comprometeria a tese da destruição de Canudos, propalada pelos jornais e confirmada pelos escritores oficiais, de personalidade doentia de Antônio Conselheiro. Teria Euclides retido os manuscritos com receio de que pudesse provocar reviravolta

---

[262] MACEDO, *Memorial de Vilanova*, p. 59.
[263] O conteúdo sobre a guerra de Canudos nos livros didáticos foi objeto de análise no final do primeiro capítulo desta tese.
[264] Nas poucas páginas (cf. p. 223-228) que Euclides da Cunha dedica aos manuscritos de Antônio Conselheiro em *Os sertões*, com o título *As prédicas*, ele fixou o olhar exclusivamente sobre o aspecto negativo dos ensinamentos do Peregrino, comprometendo o pensamento originário de Antônio conselheiro.
[265] NOGUEIRA, Antônio Conselheiro e Canudos, p. 23.

na literatura sobre os acontecimentos de Canudos ou influenciaria na revisão sobre a personalidade de Antônio Conselheiro, inclusive a formulada por ele?

O historiador Villa até põe em dúvidas certos textos, atribuídos aos conselheiristas, amplamente publicados pelos jornais da época e citados por Euclides da Cunha em *Os Sertões*. Vários rumores eram divulgados pela imprensa republicana e antimonarquista. Alguns documentos apócrifos, de caráter sensacionalista, com clara intenção de confundir a opinião pública e descaracterizar a luta do povo sertanejo, foram oferecidos à opinião pública. Exemplo clássico é a profecia atribuída ao Conselheiro de que "o sertão virará mar e o mar virará sertão" e textos como nas páginas 227-228 de Os Sertões [266]. Na concepção de Villa, "é muito provável que não passa de mais um dos inúmeros textos apócrifos da época" [267] e que foram atribuídos ao Peregrino.

Euclides da Cunha dedicou ínfimo espaço em *Os Sertões* para tratar dos manuscritos atribuídos A Antônio Conselheiro e o fez desqualificando o Peregrino, desmerecendo os manuscritos e atacando a personalidade do líder sertanejo. O literato utilizou-se de fortes argumentos para rebaixar a figura do Beato. Começa minimizando as pregações dos padres das missões interioranas; desqualifica as missões interioranas como instituição missionária, com duros ataques aos envolvidos, com a intenção de atingir, posteriormente, o Peregrino, protagonista dos movimentos religiosos, antes de chegar a Canudos: "o missionário moderno é um agente prejudicialíssimo no agravar de todos os desequilíbrios do estado emocional dos *tabaréus*" [268]. Por apresentar "o inferno truculento e flamívomo, numa algaravia de frases rebarbativas a que completam gestos de malucos e esgares de truão" [269], o missionário "destrói, apaga e perverte o que incutiram de bom naqueles espíritos ingênuos os ensinamentos dos primeiros evangelizadores" [270]. Na concepção euclidiana sobre a missão, as pregações dos missionários beiram o ridículo, e são medonhas. "Tem privilégio estranho das bufonerias melodramáticas. (...) E alucina o sertanejo crédulo; alucina-o, deprime-o, perverte-o" [271].

---

[266] CUNHA, *Os Sertões*, p. 227-228.
[267] VILLA, *Canudos: o povo da terra*, p. 231.
[268] CUNHA, *Os Sertões*, p. 196.
[269] CUNHA, *Os Sertões*, p. 197.
[270] CUNHA, *Os Sertões*, p. 196-197.
[271] CUNHA, *Os Sertões*, p. 197-198.

No tocante aos manuscritos, Euclides garimpou filigranas das "profecias" de Antônio Conselheiro, em "pequenos cadernos encontrados em Canudos", para "confirmar" o caráter "milenarista" e "sebastianista" dos ensinamentos[272]. Apropriando-se de afirmações do Peregrino, Euclides entende que o Conselheiro anuncia o juízo final e anos sucessivos de desgraças[273].

> Em 1896 há de rebanhos mil correrem da praia para o sertão; então o sertão virará praia e a praia virará sertão.
> Em 1897 haverá muito pasto e pouco rasto e um só pastor e um só rebanho.
> Em 1898 haverá muitos chapéus e poucas cabeças.
> Em 1899 ficarão as aguas em sangue e o planeta há de aparecer no nascente com o raio do sol que o ramo se confrontará na terra e a terra em algum lugar se confrontará no céu... Há de haver uma grande chuva de estrelas e aí será o fim do mundo. Em 1900 se apagarão as luzes. Deus disse no evangelho: eu tenho um rebanho que anda fora deste aprisco e é preciso que se reúnam porque há um só pastor e um só rebanho!

Na verdade, tais fragmentos, usados por Euclides da Cunha estão fora do contexto. É uma interpretação de Antônio Conselheiro sobre partes do discurso escatológico de Jesus, em Mateus 24 e não se pode usar para fundamentar catástrofes no sentido literal ou para afirmar transliteração de profecias messiânicas, "como se vê na sua boca, o mesmo tom com que despontou na Frigia, avançando para o Oriente" [274].

Para Antônio Conselheiro, a maior catástrofe era uma realidade anunciada e, também, por vir: o fim do mundo do sofrimento dos mais pobres, causado pelo governo republicano. O discurso escatológico em Mateus, apropriado por Antônio Conselheiro, compatibiliza o anúncio da destruição de Jerusalém com o fim de uma época. Os discípulos ficaram inquietos, levantaram dúvidas e pediram explicações ao Cristo. "Diz-nos quando vai ser isso, qual o sinal da tua vinda e o fim desta época" (Mt 24,3b). Jesus fala que os sinais apontam para o início do fim. "Haveis de falar sobre guerras e rumores de guerras. Cuidado para não vos alarmardes. É preciso que estas coisas aconteçam, mas ainda não é o fim. Pois se levantarão nação contra nação e reino contra reino. E haverá fome e terremotos em todos os lugares. Tudo isso será o princípio das dores" (Mt 24, 6-8).

---

[272] Cf. CUNHA, *Os Sertões*, p. 226-229.
[273] CUNHA, *Os Sertões*, p. 227.
[274] CUNHA, *Os Sertões*, p. 228.

O Conselheiro percebia os sinais anunciados por Jesus e transmitia ao povo de Canudos no contexto sociopolítico brasileiro. O Brasil lutava contra o Brasil. O Peregrino faz sua interpretação a respeito desses conflitos, não a partir do profetismo do século II, como sugere Euclides, mas inspirado no discurso escatológico de Mateus 24, 6-8, parafraseando o que Jesus afirmou. "Em verdade vos digo, quando as nações brigam com as nações, o Brasil com o Brasil, a Inglaterra com a Inglaterra, a Prússia com a Prússia, das ondas do mar de D. Sebastião sairá com todo o seu exército" [275].

O governo tinha perdido a liderança. O povo sonhava com a chegada do fim do mundo, mas o mundo da fome, do abandono do Nordeste. A linguagem do Conselheiro, como toda linguagem religiosa, também é metafórica. O Peregrino não anunciava somente catástrofe, se bem que a vida no sertão beirava a desgraça, por causa da situação política e social. Euclides o entendeu como os que carregavam traços do profetismo heresiarca do século IIe seu anúncio trazia traços idênticos ao "juízo de Deus, a desgraça dos poderosos, o esmagamento do mundo profano, o reino de mil anos e suas delícias (...) Abriram-se as portas do catolicismo mal compreendido" [276].

Essa religiosidade vista por Euclides nunca foi o catolicismo seguido pela gente de Canudos. No final da vida terrena, Antônio Conselheiro teve o tempo e o cuidado necessários para pedir perdão pelos seus excessos, especialmente nas ásperas críticas ao regime republicano excludente e aos que não se dobravam diante de Deus, mesmo com sua insistente pregação. O sentimento de perdão sai do seu coração, até mesmo se tiver "proferido palavras excessivamente rígidas, combatendo a maldita república, repreendendo os vícios e movendo o coração ao santo temor de Deus; todavia, não concebam que eu nutrisse o mínimo desejo de macular a vossa reputação" [277].

A seriedade do Conselheiro, sua coerência de vida, a lógica, o conteúdo e a linearidade caligráfica dos manuscritos denunciam parte das críticas, por demais acentuadas, ao comportamento e à personalidade do Peregrino. Seus textos põem em dúvidas muitas afirmações de Euclides em *Os Sertões* e,

---

[275] CUNHA, *Os Sertões*, p. 228.
[276] CUNHA, *Os Sertões*, p. 228.
[277] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, 181.*

consequentemente, acrescentam elementos históricos e teológicos a respeito dos reais motivos que embasaram as decisões dos destruidores de Canudos e a relação de Antônio Conselheiro sobre a ortodoxia da fé cristã.

Com menos intensidade, mesmo os que adotam a revisão histórica, não se ocuparam devidamente do estudo mais rigoroso dos manuscritos. O pouco valor dado pelos primeiros escritores sobre Canudos pode ser entendido como omissão proposital, desconhecimento ou medo de tornar Antônio Conselheiro um "líder normal"? Ou os manuscritos não teriam relevância? Ou, ainda, poder-se-ia reabilitar Antônio conselheiro?

Na verdade, os manuscritos têm enorme valia na revisão histórica, especialmente para a fiel leitura teológica do pensamento, na prática religiosa no Belo Monte e na superação de certos mitos construídos e reproduzidos pela historiografia oficial brasileira. É uma pérola para a teologia e para a Ciência da Religião. Trata-se dos manuscritos, apontamentos e roteiros de homilias dirigidos ao povo de Canudos encontrados pelo médico João de Souza Pondé[278], que atuou como cirurgião, durante a expedição Artur Oscar (1897, ano da guerra) e ajudou a fazer a autopsia do Peregrino. O achado é Antônio Conselheiro [279].

Ataliba Nogueira, que trata da revisão histórica do fato Canudos, advoga ser o manuscrito de Antônio Conselheiro: a "obra manuscrita é autêntica e do punho do Conselheiro" [280]. O livro chegou às mãos de Euclides da Cunha meses antes de sua morte. Porém, ele evitou qualquer referência em seus últimos escritos. De certo modo, os manuscritos contrariam a versão oficial sobre a guerra de Canudos e muitos escritos até então produzidos e divulgados na imprensa e em livros.

---

[278] João de Souza Pondé (1874-1934), nascido na Vila de Itapicuru de Cima, Bahia, médico e professor na Faculdade de Medicina de Salvador, ainda criança disse ter beijado a mão de Antônio Conselheiro.

[279] Nogueira apresenta o testemunho de quem manteve a guarda do achado entre os escombros do arraial. "No dia 5 de outubro de 1897, em que as tropas legais sob o comando do general Artur Oscar de Andrade Guimarães assenhorearam-se vitoriosa e decisivamente do arraial de Canudos, dando busca no lugar denominado Santuário em que morreu o célebre Antônio Conselheiro, foi este livro encontrado, em uma velha caixa de madeira, por mim, que me achava como médico em comissão do governo estadual e que fiz parte da junta de perito que no dia 6 exumou e reconheceu a identidade do cadáver do grande fanático. Submetido ao testemunho de muitos conselheiristas, este livro foi reconhecido ser o mesmo que, em vida, acompanhava nos últimos dias a Antônio Maciel, o "Conselheiro". Bahia, março de 1898, João Pondé". Apud NOGUEIRA, *Antônio Conselheiro e Canudos*, p. 22.

[280] NOGUEIRA, *Antônio conselheiro e Canudos*, p. 23.

Pergunta-se concretamente: por que motivo Euclides, mesmo de posse dos manuscritos, silenciou-se sobre seu conteúdo? O teor das homilias poria em dúvidas certas afirmações sobre a personalidade de Antônio Conselheiro? Ou a ideia preconceituosa poria em xeque o conjunto da vida e obra de Antônio Conselheiro?

Pelo conteúdo dos manuscritos a versão euclidiana sobre a personalidade doentia do Conselheiro não encontra amparo. Para ele, Antônio Conselheiro reúne as condições para se concluir, pela pessoalidade doentia: um homem de "temperamento delirante," viveu em "ambiente propício ao germinar do próprio desvario", evangelizador "monstruoso, mas 'autômato'" [281]; asceta "da rudeza disciplinar de quinze anos de penitência;" que veio "do tirocínio brutal da fome, da sede, das fadigas, das angústias recalcadas e das misérias fundas" [282]. E disfere adjetivos:

> (...) sua *fisionomia estranha: face morta, rígida como uma máscara, sem olhar e sem risos; pálpebras descidas dentro de órbitas profundas*; e o seu *entrajar singularíssimo*; e o seu *aspecto repugnante, de desenterrado*, dentro do *camisolão comprido*, feito uma mortalha preta; e os longos cabelos compridos e poentes caindo pelos ombros, *emaranhando-se nos pelos duros da barba descuidada*, que descia até a cintura – *aferroaram a curiosidade geral*[283].

Que ente poderia resistir a tamanho relato unilateral ou que comunidade resistiria a tal visão distorcida de Euclides? São adjetivos duros e com propósitos ocultos. Quanto ao povo, à comunidade de fiéis, Euclides caracteriza de "agrupamentos bizarros", pessoas desqualificadas, ingênuas, despersonalizadas de tal modo que qualquer aventureiro os conduz.

> Ali estavam, gafadas de pecados velhos, serodiamente penitenciados, as beatas – êmulas das bruxas das igrejas – revestidas da capona preta lembrando a holandilha fúnebre da Inquisição; as *solteiras*, termo que nos sertões tem o pior dos significados, desenvoltas e despojadas, *soltas* na gandaíce sem freios; as *moças donzelas* ou *moças damas*, recatadas e tímidas; e honestas mães de família; nivelando-se pelas mesmas rezas.
> Faces murchas de velhos – esgrouviados viragos em cuja boca deve ser um pecado mortal a prece; - rostos austeros de matronas simples;

[281] Cf. CUNHA, *Os Sertões*, p. 216.
[282] Cf. CUNHA, *Os Sertões*, p. 220.
[283] CUNHA, *Os Sertões*, p. 221. Grifei.

> fisionomias ingênuas de raparigas crédulas, misturavam-se em conjunto estranho.
> Todas as idades, todos os tipos, todas as cores[284].

Ora! O conteúdo, a forma, a fundamentação bíblica e teológica dos manuscritos não confirmam ser Antônio Conselheiro homem de personalidade com tais características e gravidade, nem homem retrógrado, fora do seu tempo. Também essa forma de abordar a personalidade do líder de Canudos o descaracteriza e o classifica muito mais como monstro do que como ser humano, dotado de qualidades e defeitos. É uma visão distorcida de um "visionário", que sabia apontar novos caminhos, sob a proteção do "Bom Jesus".

2.2 Roteiro das principais homilias de Antônio Conselheiro

Em dissertação de mestrado, apresentei índice esquemático do referido achado, publicado pelo escritor e jurista Ataliba Nogueira, do qual me valho para esta análise teológica[285].

ESQUEMA GERAL DO MANUSCRITO DE ANTÔNIO CONSELHEIRO[286]

PRIMEIRA PARTE

I Tempestades que se levantam no coração de Maria (até a página 223), com 29 mistérios, divididos em três pontos, cada um.

1. Tempestades que se levantam no coração de Maria por ocasião do mistério da anunciação (p. 3-9).
2. Sentimento de Maria por causa da pobreza em que se achava, por ocasião do nascimento de seu divino filho (p. 10-16).
3. Dor de Maria na circuncisão de seu Filho (p. 17-23).
4. Humilhação de Maria no Mistério da apresentação (p. 24-29).
5. Dor de Maria na profecia de Simeão (p. 30-37).
6. Dor de Maria por ocasião de sua fugida para o Egito (p. 38-46).
7. Dor de Maria na morte dos inocentes (p. 47-55).
8. Desolação de Maria durante o seu desterro do Egito (p. 56-62).

[284] CUNHA, *Os Sertões*, p. 262.
[285] Texto integralmente publicado por NOGUEIRA, *Antônio Conselheiro e Canudos*, p. 49-182.
[286] Cf. ANDRADE, *A experiência religiosa e sociopolítica de Canudos*, p. 73-75.

9. Aflição de Maria na sua volta do Egito (p. 63-70).
10. Dor de Maria na perda de seu Filho no Templo (p. 71-77).
11. Sentimento de Maria na morte de seus pais (p. 78-85).
12. Dor de Maria durante a vida particular de Jesus em Nazaré (p. 86-92).
13. Sentimento de Maria quando seu Filho se retirou para o deserto (p. 93-101).
14. Dor de Maria por causa das injúrias proferidas contra seu Filho (p. 102-109).
15. Dor de Maria por ocasião da permissão que Jesus lhe pediu para suportar a morte (p. 110-117).
16. Dor de Maria na prisão de seu Filho (p. 118-124).
17. Dor de Maria na flagelação de seu Filho (p. 125-133).
18. Dor de Maria quando seu Filho foi apresentado por Pilatos ao povo (p. 134-139).
19. Dor de Maria encontrando seu Filho com a Cruz aos ombros (p. 140-147).
20. Dor de Maria na agonia de Jesus (p. 148-155).
21. Dor de Maria quando os soldados repartiam entre si os vestidos de seu Filho
(p. 156-163).
22. Compaixão de Maria na sede de seu Filho pregado na Cruz (p. 164-171).
23. Dor de Maria na agonia de Jesus (172-179).
24. Dor de Maria quando seu Filho lhe falou da Cruz (p. 180-187).
25. Martírio de Maria na morte de seu Filho (p. 188-194).
26. Dor de Maria quando o lado de seu Filho foi aberto com uma lança (p. 195-202).
27. Dor de Maria no descimento da cruz e funeral do cadáver de seu Filho (p. 203-209).
28. Dor da Senhora em sua soledade (p. 210-216).
29. Maria, Rainha dos Mártires (p. 217-223).

SEGUNDA PARTE

2Exposição sobre os dez mandamentos da lei de Deus (p. 224-426).

Reflexão sobre cada mandamento

1º Mandamento (p. 224-250).
2º Mandamento (p. 251-270).
3º Mandamento (p. 271-292).
4º Mandamento (p. 293-318).
5º Mandamento (p. 319-342).
6º Mandamento (p. 343-362).
7º Mandamento (p. 363-380).
8º Mandamento (p. 381-403).
9º Mandamento (p. 404-415).
10º Mandamento (p. 416-426).

TERCEIRA PARTE

3Textos extraídos da Sagrada Escritura (p. 427-485), sem divisão.

QUARTA PARTE

4 Prédicas de circunstâncias e discursos, (p. 486-559), com 7 subdivisões.

Sobre a República (p. 560-623) e com duas partes[287].

1. Sobre a Cruz (486-508).
2. Sobre a Missa (509-516).
3. Sobre a confissão (517-528).
4. Sobre as maravilhas de Jesus (529-530).
5. Construção e edificação do templo de Salomão (531-536).
6. Sobre o recebimento da chave da Igreja de Santo Antônio, padroeiro de Belo Monte (p. 537-553).
7. Sobre a parábola do semeador (p. 554-559).

Sobre a República (p. 560-623).

A companhia de Jesus – O casamento civil – A família imperial – A libertação dos escravos (p. 560-523).

Despedida (p. 624-628).[288]

Primeira parte das homilias supra. Tempestades, sentimentos, dores, humilhações, desolação, aflição, compaixão, martírio, que se levantam no coração de Maria[289].

Percebem-se temas relacionados ao sofrimento do povo; reflexões em forma de homilias sobre a piedade Mariana[290]. Cada ponto segue metodologia homogênea. Divididas em três partes, as reflexões adotam roteiro coerente; apresentam o mistério, batizado de "Tempestade que se levanta no coração de Maria"; comentário a partir do texto apresentado e aplicado na vida cotidiana dos fiéis. Via de regra, termina cada ponto em forma de oração contemplativa. É o caso, por exemplo, de "Tempestades que se levantam no coração de Maria

[287] Cf. ANDRADE, *A experiência religiosa e sociopolítica de Canudos*, p. 73-75.
[288] Cf. NOGUEIRA, *Antônio Conselheiro e Canudos*, p. 24-25.
[289] Cf. ANTÔNIO COSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses*, in: NOGUEIRA, *Antônio Conselheiro e Canudos*, p. 56-103.Com 29 homilias, divididas em três partes, o texto é rico em citações bíblicas, enxertado pelo pensamento de autores cristãos. A qualidade teológica das homilias leva-nos a pensar que ele tenha copiado de algum roteiro de homilias ou recebido de algum padre os temas prontos. Ainda não foi realizado trabalho pormenorizado sobre todas as fontes.
[290]São 29 homilias sobre a experiência misteriosa de Maria, a mãe de Jesus. Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudense*, 55-103.

por ocasião do mistério da Anunciação" [291]. Maria, ainda na casa de seus pais, destinada a ser a Mãe do Justo, "por cuja vinda tanto suspirava" [292], não duvida da mensagem do anjo.

O Peregrino cita a forte agitação no coração da menina de Nazaré. "Não passo de obscura filha de Israel; donde, pois, pode vir merecimento para tão alto destino? Deverei crer na realidade desta embaixada ou alguma ilusão veio assaltar a paz de minha alma?" E exclamou: "– Meu Deus, meu Deus, acrescentaria a Senhora, em tudo e por tudo sede a minha luz" [293].

Em seguida, o anjo "a tranquiliza e lhe explica o mistério dizendo que será Mãe do Messias" [294]. Em forma de admiração, Antônio Conselheiro contempla o dom de Deus, agindo na obediência da Virgem. "Admiremos, pois, em Maria tanto temor nesta saudação, tanta prudência na resposta e tanta cautela no zelo da sua virgindade" [295].

Conclui com uma oração dirigida à Maria, em forma de lamento. O coração de Maria fica perturbado porque "Deus não pode redimir o gênero humano sem passar pelas maiores humilhações: contraímos com isto grande dúvida para a Senhora, vendo o modo por que vai cooperando para nossa redenção" [296].

O desafio enfrentado por Maria, transladado para a perseverança do povo na luta pela sobrevivência, vem da mística marial, ensinada pelo Conselheiro, de inspiração bíblica, interpretada à luz da Palavra de Deus, dos Padres da Igreja e dos Papas. Na concepção de Pablo Richard, "a Igreja dos pobres não é um projeto político e nunca deve utilizar o poder político como meio próprio de crescimento ou de defesa" [297]. A mística de sustentação dos propósitos estava embasada na religiosidade, e se materializava nos encontros fraternos diariamente e na partilha dos bens. Pelo fato de dizer-se convertido ao seguimento de Jesus de Nazaré, sua pregação gozava de credibilidade diante da comunidade sertaneja.

---

[291] ANTONIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses*, *p.* 55-56.
[292] ANTONIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses*, p. 55.
[293] ANTONIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 55.
[294] ANTONIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 56.
[295] ANTONIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 56.
[296] ANTONIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 56.
[297] RICHARD, *A força espiritual da Igreja dos pobres*, p. 37.

Segunda parte do sermonário. Exposição sobre os dez mandamentos da lei de Deus[298]. O Peregrino organiza dez reflexões sobre os mandamentos; cada ensinamento segue uma ordem. Apresentação do texto, quase sempre com a citação bíblica ligada ao preceito; seguida de reflexões, com excertos de textos das sagradas escrituras e argumentos dos santos padres; orações e atos de contemplação da bondade de Deus. As reflexões têm consistência teológica e linguagem catequética acessível ao povo simples. Os argumentos do texto são tão sólidos que poderiam ser usados em nossa catequese atual[299].

Ao posicionar-se sobre as homilias do Peregrino, Douglas Teixeira identifica "um esforço de aproximação com relação à concepção de justiça, tal como o Conselheiro a entende, apertada dentro da estreiteza da condição humana" [300]. É nos dez mandamentos que ele encontra instruções objetivas a despeito do não matar, respeitar os semelhantes e comprometer-se com a vida de fé na comunidade.

Para o Conselheiro, o Deus de bondade, que enviou seu Filho para nos salvar, não permite que os pecadores sejam condenados. Se o pecador abandonar o pecado o Deus bondoso "usará de sua infinita bondade e misericórdia para com eles, visto como deseja que ninguém se perca" [301]. Por isso, constitui-se em "uma ofensa que comete neste preceito (no segundo mandamento) aquele que fizer qualquer jura, invocando o santo nome de Deus em vão" [302]. Para o Peregrino, a ação divina repreende tanto os que ofendem a Deus, quanto os que usam de maldade com próximo.[303] Por isso, no acampamento, era proibida a prática da prostituição, de bebida alcóolica e de furtos.

Terceira parte do sermonário. Intitulado de "Textos extraídos da Sagrada Escritura",[304] o Peregrino escreve livremente sobre assuntos variados,

---

[298] ANTONIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 107-143.
[299]São diversas homilias, ao estilo das reflexões do Padre Manoel da Madre de Deus. Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro ao povo de Canudos*, p. 107-147. Cf. DEUS, *Práticas mandamentais*, especialmente, p. 8-95, como exemplo.
[300] MONTEIRO, *Um confronto entre juazeiro, Canudos e o Contestado*, p. 69.
[301] ANTÔNIO COSELHEIRO, *Os dez mandamentos da lei de Deus*, p. 111.
[302] ANTÔNIO COSELHEIRO, *Os dez mandamentos da lei de Deus*, p. 111.
[303] ANTÔNIO COSELHEIRO, *Os dez mandamentos da lei de Deus*, p. 14.
[304] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 147-157. É a menor das 4 partes. Mesmo assim, são 60 páginas manuscritas.

com certo esnobismo. Abusa das citações em latim em todas as páginas[305], criando irritação a Euclides da Cunha. Inicia falando sobre a ação do Espírito Santo na vida de Maria durante a anunciação do Anjo[306]; trata do pecado, do perdão, do amor a Deus e ao próximo, do primado de Pedro[307]; cita o Servo Sofredor de Isaías 50,6; citando Mt 5,22 pede para amar os inimigos; exalta o Filho de Deus; destaca a salvação dos que estavam perdidos[308]; fala coisas bonitas vindas de Jesus e aplica textos bíblicos na vida prática dos fiéis[309]. Conclui falando sobre o sepultamento dos mortos, citando Eclesiástico 38,16 e evocando os costumes da comunidade: "enterremos os mortos conforme o uso dos fiéis, como é em cada terra costume, para que não aja no enterramento coisa que se note ou escandalize" [310].

De fato, em Canudos, havia dois cemitérios. O próximo à Igreja de Santo Antônio para sepultar os anjinhos (crianças) e o outro para enterrar adultos. O cuidado com o sepultamento dos mortos sempre foi constante no sertão.

Quarta parte do sermonário. "Prédicas de circunstância e discursos"[311], nas quais aborda temas especificamente teológicos. São prédicas bem elaboradas. Trabalha temas como a Cruz de Cristo[312], também conhecido por "Bom Jesus", que ganha os nossos corações[313]; o estímulo à participação dos fiéis na Missa[314]. Em sua catequese sobre a confissão, orienta os fiéis para o sacramento do perdão, que o chamou de *boa confissão*[315]; reserva uma homilia sobre as maravilhas operadas por Jesus[316]; admira e faz

---

[305] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 147-157.
[306] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 147.
[307] Cf. MACIEL, ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 148.
[308] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 149-152.
[309] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 154-157.
[310] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 157. Os sepultamentos no sertão sempre foram realizados com dignidade e as devidas orações.
[311] Cf. ANÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 161-175.
[312] Cf. ANÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 222-223.
[313] Cf. ANTÔNIO COSELHEIRO, *Os dez mandamentos da lei de Deus*, p. 108.
[314] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 223.
[315] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 224-225.
[316] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 255.

comentários sobre a "Construção do templo de Salomão" [317], relacionando-o com a nova igreja no Belo Monte[318]; interpreta a parábola do semeador.[319] Esse conteúdo atesta seriedade e solidez na catequese ensinada no acampamento, de onde se pode extrair parte da fundamentação teológica das homilias.

Finaliza com longa homilia "Sobre a república – A companhia de Jesus – O casamento civil – A família imperial – A libertação dos escravos" [320] e breve despedida[321]. Essas categorias teológicas oferecem os elementos básicos para o ensaio de uma leitura sistemática do pensamento de Antônio Conselheiro.

2.3 Leitura teológica das homilias do Conselheiro

Consideramos, inicialmente, que os estudos teológicos sobre a experiência religiosa de Antônio Conselheiro não fazem jus à grandeza religiosa da vida interna da comunidade de Belo Monte. O novo paradigma sobre o fato Canudos, oferecido pelos historiadores e sociólogos, vem provocando interesses de setores da Igreja sobre o resgate da "veraz história" de Canudos. A história de Canudos passa pelo crivo da ciência teológica. As prédicas são um marco da nova hermenêutica sobre o legado do Peregrino, também no âmbito da teologia cristã. O conteúdo das homilias é indispensável para recuperar a herança histórica de Antônio Conselheiro e sua gente.

Edmundo Moniz não tem dúvidas sobre a importância das prédicas como fundamentos "indispensáveis para se formular um julgamento aproximado, mas sério e preciso, do pensamento de Antônio Conselheiro" [322]. Uma apreciação crítica das Prédicas leva-nos a afirmar que "Antônio Conselheiro fazia questão de prestar obediência à Igreja, mas com liberdade de interpretar os ensinamentos da Bíblia. Para isso, demonstrava seus conhecimentos do Antigo e do Novo Testamento, bem como da filosofia

---

[317] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 226.
[318] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 226-228.
[319] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 228.
[320] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 174-181.
[321] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 181-182.
[322] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 247.

patrística" [323], afirma o sociólogo Edmundo Moniz. Ele não foi mero copista de textos da Bíblia e do magistério da Igreja, para proclamá-los durante suas homilias. Ele aplica sua hermenêutica, não obstante os limites de seu tempo.

Antônio Conselheiro se apropria do discurso religioso da Igreja Católica de seu tempo e o reproduz cuidadosamente nas homilias, preparadas para instruir o povo de Canudos. Seu sermonário reúne elementos de publicações da Igreja como a *Missão Abreviada*, *Horas marianas*, *Práticas mandamentais*, a encíclica *Quanta cura*, o *Syllabuserrorum*[324] e a Bíblia Sagrada. Parte significativa dos sermões inspirados desses manuais da Igreja não implica transliteração pura e simplesmente. O Conselheiro "não as repete sem qualquer alteração, mas resume alguns trechos, muda a ordem dos elementos, altera determinadas construções, atenua algumas expressões, adapta o vocabulário, acrescenta ou suprime períodos", como demonstra a análise linguística de José Luís Fiorin, em estudo comparativo, por exemplo, das homilias do Conselheiro e o livro *Missão abreviada*, do Padre Manoel Couto[325].

Os temas abordados apresentam relevância e mística do sertanejo machucado e sofrido, em profunda sintonia com o pensamento teológico da Igreja. Certamente o povo sertanejo não teria tanta consciência política para sustentar tamanho embate com o Estado armado por tanto tempo, se não fosse dada por Deus e animado por líderes de reputação e credibilidade da envergadura do Peregrino. Essa seria a compreensão de Antônio Conselheiro.

---

[323] MONIZ, a guerra social de Canudos, p. 247. Alguns autores fizeram pequenas apreciações sobre as homilias do Peregrino de Canudos. Cf. CUNHA, Os Sertões, p. 223-228; MONIZ, *A guerra social de canudos*, p. 247-257. Walnice Nogueira Galvão, professora de teoria literária e literatura comparada da Universidade de São Paulo apresenta seu singelo parecer sobre os sermões do Conselheiro. Cf. GALVÃO, *Piedade e paixão: os sermões de Antônio Conselheiro*, p. 17-26; OTTN *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio conselheiro*, p. 203-232: descrição do conteúdo das prédicas; p. 232-248: ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 174-181.

[323] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, p.* 181-182.

[323] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 247.

[323] MONIZ, a guerra social de Canudos, p. 247. Alguns autores fizeram pequenas apreciações sobre as homilias do Peregrino de Canudos. Cf. CUNHA, Os Sertões, p. 223-228; MONIZ, *A guerra social de canudos*, p. 247-257. Walnice Nogueira Galvão, professora de teoria literária e literatura comparada da Universidade de São Paulo apresenta seu singelo parecer sobre os sermões do Conselheiro. Cf. GALVÃO, *Piedade e paixão: os sermões de Antônio Conselheiro*, p. 17-26; OTTN *Só Deus é grande: a mensagem* leitura sistemática do pensamento teológico.

[324] Cf. FIORIN, *A Ilusão da Liberdade discursiva: uma análise das prédicas de Antônio Conselheiro*, especialmente p. 101.

[325]Cf. FIORIN, *A Ilusão da Liberdade discursiva: uma análise das prédicas de Antônio Conselheiro*..., p. 101-118.

Pelo fato de Canudos caracterizar-se como movimento de caráter religioso com viés político e social, a ciência teológica tem algo a dizer. No que diz respeito ao estudo sobre a vida interna da comunidade cristã de Canudos, o labor do teólogo propriamente dito inicia quando o fato Canudos e a realidade que o envolve são analisados e interpretados à luz da fé cristã, da Palavra de Deus e da Tradição Eclesial. O Concílio Vaticano II considerou que

> (...) os estudos e as descobertas mais recentes das ciências, da história e da filosofia despertam problemas novos, que acarretam consequências também para a vida e exigem dos teólogos novas investigações. Além disso, os teólogos, observados os métodos próprios e as exigências da ciência teológica, são convidados sem cessar a descobrir a maneira mais adaptada de comunicar a doutrina aos homens de seu tempo, porque uma coisa é o próprio depósito da fé ou as verdades e outra é o modo de comunicá-las, conservando-se contudo o mesmo significado e a mesma sentença[326].

Os manuscritos em questão oferecem elementos novos para a teologia e "acarretam consequências também novas". A coleção dos sermões do Conselheiro exige do teólogo *novas investigações*, seguindo as expressões dos padres conciliares. À luz da teologia, os manuscritos jogam luz na experiência de fé da comunidade de Canudos. Reunindo o povo em nome do "Bom Jesus", inspirado na experiência das comunidades primitivas, Antônio Conselheiro fundou o arraial do Bom Jesus[327] e lá vivera os valores do "novo céu" e da "nova terra".

Ao contemplar o estilo de vida e o entusiasmo do povo, Euclides da Cunha distingue gente "imersa de todo o sonho religioso" e exclama, "Canudos era o cosmos" [328]. Os sinais da fé cristã saltam aos olhos. As terras de uso comunitário, semelhante ao costume coletivista tribal dos beduínos do deserto turco, eram abençoadas por Deus. O uso "pessoal apenas de objetos móveis e das casas, comunidade absoluta da terra, das pastagens, dos rebanhos e dos escassos produtos das culturas, cujos donos recebiam exíguo quota parte, revertendo o resto para a *companhia*" [329].

A explícita ação reveladora de Deus na vida do povo de Canudos era perceptível. Antônio Conselheiro sente-se chamado por Deus para uma

---

[326]*Gaudium et Spes (GS)*, 406.
[327]Cf. *CUNHA, Os Sertões, p. 233.*
[328] CUNHA, Os sertões, p. 41.
[329] CUNHA, Os Sertões, p. 251. Grifo do autor.

missão. Se a revelação é histórica e, portanto, contextual, Deus continua falando ao ser humano em cada momento de sua história. Foi pela experiência "através da história que Israel conheceu Javé, quando no Egito experimentou seu poder libertador" [330].

Antônio Conselheiro percebeu a ação de Deus na vida do povo e usou dos instrumentos catequéticos para instruir sua comunidade, em direção à terra prometida e batizada por ele de Belo Monte. Para Edmundo Moniz, a cidadela entendida pelo Conselheiro como "Belo Monte", "Jerusalém do Alto", lugar de chegada e permanência para vida digna inscreve-se no campo das utopias do século XIX[331] e no sonho desenhado no início dos Atos dos Apóstolos, tornado factível por setores cristãos nas comunidades primitivas. É como pensa Edmundo Moniz, professor, advogado, jornalista e militante de esquerda.

No que tange à vida em Canudos, o elemento doutrinário nos manuscritos do Conselheiro é de suma importância para a elaboração do discurso teológico. A formação catequética, a mensagem religiosa e a cosmovisão do líder de Canudos determinam sua ação missionária e fundamentam a opção de vida, inspirada no seguimento de Jesus Cristo.

Do ponto de vista da teologia cristã, há uma coerência no discurso do Conselheiro ou um "fio que costura tudo" e que podemos caracterizar de leitura teológica do pensamento religioso de Antônio Conselheiro. As homilias formam um mosaico desordenado e policromo, porém, o suficiente para a defesa de uma leitura teológica e fiel ao seu pensamento. Podemos identificar os elementos teológicos basilares para fazer a leitura geral do pensamento de Conselheiro, presentes em seus manuscritos.

Alexandre Otten, em dissertação de mestrado defendida em Roma e publicada no Brasil em 1990[332], oferece preciosa contribuição sobre a leitura

---

[330] *LATOURELLE, Teologia da revelação, p. 27.*

[331] De interpretação socialista, Edmundo Moniz enxerga em Canudos a implantação do igualitarismo ingênuo dos primeiros cristãos. Além disso, ele advoga Antônio Conselheiro como próximo da literatura de Thomas More e Fourier e de Owen. Mesmo sabendo da ardente religiosidade do líder canudense, existe "semelhança entre Canudos de Antônio Conselheiro, os falanstérios de Fourier e a New Harmony de Owen". MONIZ, A guerra social de Canudos, *p. 31.*

[332] Cf. OTTEN, *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 203-355, especialmente o que ele chama de "Leitura sistemática do pensamento teológica" de Antônio Conselheiro, p. 232-247. A análise de Alexandre combina dois aspectos importantes: a racionalidade sociológica e as exigências da fé cristã. As referências que os estudiosos sobre a história de Canudos fazem a respeito das homilias escritas por Antônio Conselheiro, por si só,

teológica do pensamento do Peregrino. Em sua "Leitura sistemática do pensamento teológico" [333], Otten aponta para "os filões teológicos inerentes nas páginas que têm como fim declarado, ao que todo pensar concorre, a salvação de seus ouvintes" [334].

Em dissertação de mestrado, José Luiz Fiorin aborda o conteúdo das pregações do Conselheiro, de forma ainda mais ampla que Otten[335], porém, a partir do viés discursivo da linguística. Ele analisa as fontes nas quais Antônio Conselheiro se inspirou para elaborar suas homilias, a partir do universo teológico do final do século XIX.

No tocante às citações do livro *Missão abreviada* do Padre Manuel Couto, Antônio Conselheiro transcreve partes dos textos e evita transliterar simplesmente frases: "não as repete sem qualquer alteração, mas resume alguns trechos, muda a ordem dos elementos, altera determinadas construções, atenua algumas, adapta o vocabulário, acrescenta ou suprime períodos. Ele adaptou as instruções de Missão abreviada para um público específico" [336]. Mesmo assumindo passagens de livros e ideias de diversos autores, ele se apropria dos conteúdos e assume como seus, conforme comparação de partes de textos apresentados em sinopse por Fiorin, comparando a *Missão abreviada* e o texto final do Peregrino[337].

Na concepção de Fiorin, a teologia dos manuscritos em questão está organizada em três grandes eixos: cristologia[338], mariologia[339] e eclesiologia[340], seguindo a tríade metodológica para o entendimento fiel do discurso elaborado

---

revelam a importância e, até mesmo, a justificativa do cuidado que os teólogos devem ter sobre esses escritos. Os diversos estudos já realizados sobre as homilias do Conselheiro revelam sua importância na análise teológica de seu conteúdo.

[333] Cf. OTTEN, *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 232-248.

[334] OTTEN, *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 232.

[335] Cf. FIORIN, *A ilusão da liberdade discursiva: uma análise das prédicas de Antônio Conselheiro*, especialmente p. 101-291. A abordagem de Fiorin é no campo da linguística e tem valor considerável na pesquisa sobre a estrutura das homilias do Conselheiro. Seu trabalho é base para a leitura teológica dos manuscritos do Peregrino.

[336] FIORIN, *A ilusão da liberdade discursiva: uma análise das prédicas de Antônio Conselheiro*, p. 102.

[337] Cf. FIORIN, *A ilusão da liberdade discursiva: uma análise das prédicas de Antônio Conselheiro*, especialmente p. 103-118.

[338] Cf. FIORIN, *A ilusão da liberdade discursiva: uma análise das prédicas de Antônio Conselheiro*, p. 119-132.

[339] Cf. FIORIN, *A ilusão da liberdade discursiva: uma análise das prédicas de Antônio Conselheiro*, p. 132-134.

[340]Cf. FIORIN, *A ilusão da liberdade discursiva: uma análise das prédicas de Antônio Conselheiro*, p. 134-139.

pelo Conselheiro: 1) descrição do conteúdo semântico das prédicas; 2) estudo das condições estruturais que determinaram o conteúdo semântico dos textos; e 3) análise criteriosa das posições políticas e religiosas de Antônio Conselheiro. O conjunto de textos que formam a substância semântica abrange a teologia, a cosmologia (concepção de mundo do Peregrino) e a posição ética do Conselheiro.

Para Fiorin, a "cosmovisão conselheirista é teocrática (Deus é o verdadeiro rei e dele emanam os poderes deste mundo)" [341]. Desta visão, deriva a defesa do governo monarquista, mesmo que Antônio Conselheiro não tenha militado em partido político, ainda que tenha sido acusado indevidamente de militante monarquista. Ao apropriar-se dos conteúdos da *Missão abreviada*, o Conselheiro usou o que Fiorin batizou de *presença de um discurso no outro*[342]. Ao colocar algumas passagens do livro *Missão abreviada* e dos manuscritos de Antônio Conselheiro lado a lado, Fiorin conclui que "o discurso católico do século XIX está presente no discurso do Conselheiro" [343].

A análise comparativa que Fiorin oferece nos coloca em sintonia com a revisão do conteúdo teológico do pensamento religioso do Conselheiro e a ortodoxia de seus ensinamentos. Ele não foi "divulgador de doutrinas suspeitas". Pelo menos, não se pode deduzir de seus manuscritos. Ao contrário, revela o cuidado e a sintonia com a catequese da Igreja e abre horizonte para uma revisão mais criteriosa da figura do Peregrino, em nossos dias. Equívocos no conteúdo teológico agora podem ser reparados.

O tripé de assuntos teológicos, defendido por Fiorin, foi desenvolvido por Vicente Dobroruk, em pequeno artigo, intitulado de *A teologia de Antônio Conselheiro*[344], no item "*Aspectos essenciais da teologia conselheirista*: *cristologia, mariologia e eclesiologia*" [345]. Se, de um lado, Fiorin encontra novidades no discurso teológico do Peregrino; do outro lado, Dobroruk não

---

[341] FIORIN, *A ilusão da liberdade discursiva: uma análise das prédicas de Antônio Conselheiro*, p. 153.
[342] FIORIN, *A ilusão da liberdade discursiva: uma análise das prédicas de Antônio Conselheiro*, p. 103.
[343] FIORIN, *A ilusão da liberdade discursiva: uma análise das prédicas de Antônio Conselheiro*, p. 103.
[344]DOBRORUKA, *A teologia de Antônio Conselheiro, à luz de seu manuscrito de 1897: observações sobre pontos específicos do pensamento conselheirista*, p. 85-111.
[345]DOBRORUKA, *A teologia de Antônio Conselheiro, à luz de seu manuscrito de 1897: observações sobre pontos específicos do pensamento conselheirista*, p. 89. Grifo do autor.

percebe inovações no conteúdo das prédicas analisadas. Para ele, a novidade intelectual de Antônio Conselheiro revelada nos manuscritos só aparece nos posicionamentos políticos, frente aos poderes deste mundo[346].

Ele destaca, ainda, temas secundários e que também revelam a mentalidade do Peregrino, como os ataques que fez aos judeus, protestantes e outras forças que resistiam à vontade divina e, portanto, contrárias à Igreja Católica. Vicente Dobroruk chama a atenção a respeito da "incompatibilidade essencial entre as concepções conselheiristas, expressas no manuscrito e o juízo acerca de Antônio Conselheiro, manifestado por Euclides da Cunha (...) em nada se fundamenta na análise das ideias do Beato de Canudos" [347].

A princípio os "autores que se deram ao trabalho de analisar os escritos do Conselheiro concordam com a ortodoxia dos ensinamentos ali contidos, e me parece que o que neles mais se destaca é a exigência de permanente atenção por parte do crente, para a sua própria salvação" [348], observa. Isso redime o Peregrino de acusações preconceituosas e infundadas e coloca o pesquisador no centro da história do pensamento e das ideias de Antônio Conselheiro.

Consideramos, ainda, a notável tese doutoral de Pedro Lima Vasconcelos sobre o aspecto bíblico dos manuscritos em análise. Mesmo sendo abordagem pelo viés das ciências sociais Vasconcelos demonstra que o uso da Bíblia pelo Conselheiro é essencial na compreensão do universo religioso do Beato, na forma da organização da comunidade de sertaneja e na elaboração das pregações dirigidas aos canudenses[349]. Antônio Conselheiro usou largamente textos da Bíblia Sagrada, o que revela ter encontrado nela inspiração para motivar seus irmãos de caminhada.

Em dissertação de mestrado, também realizei ensaio de leitura sistemática do pensamento de Antônio Conselheiro[350], a partir de seus manuscritos. Na verdade, o valor dos manuscritos não está tanto na inovação dos conteúdos, mas pelo uso no contexto de sofrimento do povo. O uso da

---

[346] Cf. DOBRORUKA, *A teologia de Antônio Conselheiro, à luz de seu manuscrito de 1897: observações sobre pontos específicos do pensamento conselheirista*, p. 106.
[347] DOBRORUKA, *A teologia de Antônio Conselheiro, à luz de seu manuscrito*, p. 110.
[348] DOBRORUKA, *A teologia de Antônio Conselheiro, à luz de seu manuscrito*, p. 89.
[349] *Cf. VASCONCELOS, Terra das promessas, Jerusalém maldita: memórias bíblicas sobre Belo Monte (Canudos)*, p. 13-16. Destacam-se, também, as páginas 106-158.
[350] Cf. ANDRADE, *A experiência religiosa e sociopolítica de Canudos*, p. 99-110.

Bíblia, os manuais de catequese e a religiosidade popular davam sentido às lutas do sertanejo e traziam entusiasmo nos momentos de desânimos. A fé sustentava a luta.

O gênero literário dos manuscritos caracteriza-se pelo *estilo homilético*. A preocupação de Antônio Conselheiro parte do texto bíblico, seguido de comentários interpretativos, com os respectivos fundamentos teológicos. As homilias levam as marcas das interpretações pessoais, citações diretas de numerosos teólogos[351] e comentários, com conteúdo dogmático, que saltam aos olhos. Os aspectos trinitários, eclesiológicos, mariológicos e sacramentais estão presentes e são fundamentais no discurso religioso do Peregrino, conforme homilias sobre estes temas.

As questões dos sacramentos e da Pessoa do Espírito Santo, entretanto, tiveram atenção secundária no conjunto da obra. Não há reflexão extensa, mesmo escrevendo duas homilias, uma sobre a missa[352] e a outra sobre a confissão[353]. Ele teceu comentários sobre a terceira Pessoa da Trindade[354]. A abordagem sobre a Santíssima Trindade, Eclesiologia (Igreja) e Mariologia possuem ampla reflexão, o que revela abrangência suficiente para advogar uma leitura a partir de temas fundamentais da teologia sistemática, presente nas homilias do Peregrino. Em seu olhar sistemático sobre o conteúdo temático dos manuscritos de Antônio Conselheiro, Alexandre Otten os classificou de "*filões teológicos*" [355].

Neste aspecto, cabe ao teólogo problematizar sobre o conteúdo dos manuscritos deixados pelo Peregrino e, especialmente, a prática cristã, inspirada pela fé e que motivou milhares de sertanejos, a ocuparem as margens do rio Vaza-barris, em busca da experiência solidária, oferecida em Canudos.

Pelo fato de falar diretamente ao povo, escrever prédicas para balizar suas reflexões e andar com elas em seus alforjes, poder-se-ia afirmar que

---

[351]Na homilia sobre o primeiro mandamento, por exemplo, Antônio Conselheiro cita São João Crisóstomo, Cardeal Hugo, Santo Tomás de Aquino, São Pedro Damião, São Boaventura, Santo Agostinho e diversas citações dos evangelhos e cartas paulinas. Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, Os dez mandamentos, p. 107-111.

[352] ANTONIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses*, in: NOGUEIRA, Antônio Conselheiro e Canudos, p. 165-166.

[353] ANTONIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses*, p. 166-168.

[354] ANDRADE, *A experiência religiosa e sociopolítica de Canudos*..., p. 107.

[355] OTTEN, *Só Deus é Grande, a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 232. Grifei.

“Antônio Conselheiro fazia teologia. Suas prédicas estão marcadas pelas fontes essenciais da ciência teológica: A Bíblia, Tradição e Magistério”,[356] categorias essenciais na formulação do discurso teológico.

Os temas teológicos que emolduram o pensamento do Peregrino estão ancorados em três relevantes aspectos e “se formam ao redor das imagens de Deus, de Jesus Cristo e da Igreja”,[357] afirma Alexandre Otten. O Peregrino fala, também, da justiça e da misericórdia de Deus. Porém, “há indícios de que quer minimizá-la, pendendo para o lado da misericórdia de Deus em detrimento da sua justiça” [358]. E encontra em Rm 5, 15 o argumento bíblico. “Não foi tão grande o pecado como o benefício; onde abundou o pecado superabundou a graça” [359]. Isso só foi possível porque o “Eterno Pai” “fez o amável Redentor” “expiar por sua morte a pena que merecíamos; e apagando com seu sangue a ata da nossa condenação, para que a Divina Justiça não tivesse mais a exigir de nós a satisfação de que lhe éramos devedores. Ele próprio a uniu na cruz em que morreu” [360].

O Peregrino reconhece, no ser humano, atitude proativa diante da Graça de Deus. “Como podem ter confiança na divina misericórdia, vivendo em pecado... A vontade de Deus é que todos se salvem, que ninguém se perca” [361]. A visão do Deus é a razão maior da vida humana: o “centro do pensamento teológico do Conselheiro – o Pai Amoroso que entrega o próprio Filho para salvar os homens – é pelo beato representado e atualizado para seus seguidores” [362], afirma Alexandre Otten.

Outros elementos que caracterizam a mentalidade teológica do Peregrino destacam-se: a presença criadora de Deus; a atuação salvadora de Jesus Cristo; a ação santificadora do Espírito Santo; a intercessão dos santos,

---

[356] ANDRADE, *A experiência religiosa e sociopolítica de Canudos*, p. 76.
[357] OTTEN, *Só Deus é Grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 246.
[358] OTTEN, *Só Deus é Grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 234. Se bem que teologicamente justiça e misericórdia não são termos antônimos. O Deus justo é misericordioso e compassivo.
[359]ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 110-111.
[360]ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 110.
[361] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 110.
[362] OTTEN, *Só Deus é Grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 235.

especialmente a de Nossa Senhora, que não deixa de cooperar para a nossa salvação[363].

A visão que o Conselheiro tem de Deus assemelha-se com a mesma que a Igreja ensinava na catequese do século XIX, com características do concílio de Trento (1545-1563). Essa ótica doutrina repercutiu na Igreja Católica até o Concílio Vaticano II (1962-1965) e cunhou "uma base doutrinal que será a forma mesma pela qual o catolicismo pensará e agirá durante quatro séculos" [364].

O Concílio Vaticano I procurou respostas para enfrentar o avanço do modernismo, tratou do conhecimento natural de Deus e da revelação divina. A doutrina dos concílios de Trento e Vaticano I marca o conteúdo das prédicas conselheiristas.

No desejo de desqualificar os ensinamentos do Peregrino, Euclides da Cunha não se deu ao labor de comparar o conteúdo dos ensinamentos do Conselheiro com o pensamento oficial da Igreja ou procurar saber quais textos de catequese para adulto circulavam no sertão e foram apropriados por Antônio Conselheiro. Ao contrário das afirmações euclidianas, constata-se que a doutrina extraída dos manuscritos não tem conteúdo herético e nem destoa da catequese ensinada pelos párocos da região de Canudos, confirmada pelos missionários capuchinos e oratorianos, que circulavam na região do Belo Monte. Isso tem importância fundamental na recuperação do conteúdo catequético, ensinado no acampamento de Canudos.

Antônio Conselheiro demonstra bastante liberdade no uso dos textos da Sagrada Escritura, em suas homilias. Tanto apresenta citações diretas, quanto se apropria dos escritos sagrados de modo que as homilias são verdadeiros comentários bíblicos, com recheios de práticas do cotidiano, como podemos observar, por exemplo, nos textos extraídos da Sagrada Escritura[365] e nas prédicas de circunstâncias e discursos[366].

A reflexão sobre a trindade de Deus aparece de modo bem objetivo nos manuscritos. Deus Pai, Filho e Espírito Santo formam o "Poço da Santíssima

---

[363] Cf. NOGUEIRA, Antônio Conselheiro e Canudos, p. 56.
[364] BEDOUELLE, *Trento*, p. 1755.
[365] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 147-157.
[366] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 161-174.

Trindade" [367]. Deus, distinto das criaturas, totalmente transcendente ao mundo criado, precisa ser aceito e amado acima de qualquer outro interesse. Ele anota o mesmo que Jesus lembrou a um dos doutores da lei. "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o máximo e o primeiro mandamento (Mat., 22,v. 38)" [368]. E lamenta que a maioria dos seres humanos não observe este preceito divino, "cuja verdade não necessita de prova, e para fazê-la mais patente basta o que se observa acerca de semelhante objeto" [369].

A ideia que o Conselheiro tinha de Deus veio do Concílio Vaticano I, chegou aos sertanejos pelos missionários e o Peregrino teve acesso por meio das missões itinerantes e continuada pela *Missão abreviada*, livro usado pelo Peregrino:

> (...) há um só Deus verdadeiro e vivo, criador e Senhor do céu e da terra, onipotente, eterno, incomensurável, infinito em intelecto, vontade e toda perfeição; o qual, sendo uma substancia espiritual uma <e> singular, inteiramente simples e imutável, deve ser pregado como real e essencialmente distinto do mundo, beatíssimo em si e por si mesmo, e inefavelmente elevado acima de tudo o que fora dele existiu ou se possa conceber[370].

Para Antônio Conselheiro, o poder, a bondade e o amor de Deus estão acima de qualquer maldade. O espírito do mal não tem mais poder diante de Deus. Até mesmo "o demônio tem perdido toda esperança de ver a Deus; mora no mais infinito lugar da terra, que é o centro do inferno: e tem perdido tudo porque perdeu a graça divina" [371]. E apresenta os principais atributos de Deus, advindos do concílio Vaticano I, com clareza teológica:

> (...) só Deus é a suma verdade e nunca falta no que prometeu, nem há de faltar. Só Deus é rico e Todo-Poderoso, por ser Senhor do céu e da terra, do amor e de todos os mais bens e haveres deste mundo; porque os fez e os permitiu que se produzissem para a conservação

---

[367]ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 115.
[368] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 107.
[369] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 107.
[370] DENZINGER, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, p. 3001.
[371] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 156.

> das criaturas os quais bens pode dar e repartir com quem sua divina providência quiser: e é tão bom pagador que dá cem por um[372].

Partindo da ação amorosa de Deus frente ao sacrifício de Abraão, Antônio Conselheiro, citando autores como o Cardeal Hugo, São João Crisóstomo e Santo Tomás de Aquino, faz um lamento marcado pela mística de quem quer o bem para o povo de Canudos; acredita na proteção divina e reprova os que insistem em não acreditar em Deus:

> (...) que ingratidão daqueles que assim procedem! Até quando viverão eles na tibieza e indiferentismo, na observância do preceito divino? Abraão tendo um filho único, Isaac, mandando Deus que o sacrificasse, por obedecer a Deus cujo amor excedia ao do filho, o pôs em execução: ao que Deus acudiu mandando-lhe o anjo suspender o golpe por ter mostrado a sua fé, amor e nos dar exemplo. Deus em todos os seus benefícios, diz o cardeal Hugo, tem Jesus em reserva, até que chegou o tempo da graça; Ele o enviou para dar o último golpe e ferir de amor os corações dos homens. Na antiga lei podia o homem duvidar se Deus o amava com ternura; mas depois de o ter visto derramar o seu sangue num suplício e morrer, como podemos duvidar se nos ama com a ternura do seu coração? Oh homem, diz São João Crisóstomo, por que motivo és tão avarento e dás o teu amor com tanta reserva a este Deus que se há dado até sem partilha? (...) *Oh! Deus infinito*! Como pudeste usar conosco de ternura tão amável. Quem poderá jamais compreender o excesso desse amor pelo qual para resgatar o escravo quisestes dar vosso Filho Unigênito? *Deus nos deu seu próprio Filho e porque motivo? Unicamente por amor*[373].

A base teológica da cristologia e do conhecimento sobre Deus do Peregrino tem como fontes principais a Bíblia Sagrada, as formulações de Santo Tomás de Aquino e as conclusões dos concílios de Trento[374] e Vaticano I. Parafraseando comentários do citado teólogo sobre o amor e a bondade de Deus, afirma: "o dom que o eterno Pai nos fez de seu Filho foi verdadeiro dom

---

[372] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 156.

[373]ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 707-108. Grifei.

[374] Na sessão de 4 de fevereiro de 1546 o Concílio de Trento aprovou o decreto sobre o símbolo de fé católica, seguindo a versão mais antiga do símbolo apostólico. Cf. DENZINGER, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, p. 18 e 394. Trento remete à versão do símbolo da Igreja etíope, apresentado em forma de indagação ao catecúmeno no dia do batismo, como segue. "Crês em um só Deus, Pai Onipotente, e no seu Filho único Jesus Cristo, Nosso Senhor e Salvador, e no Espírito Santo, que vivifica toda a criação, a trindade igual quanto à divindade, e um só Senhor, um só reino, uma só fé, um só batismo [cf. Ef 4,5] na santa Igreja católica, e a vida eterna?". Cf. DENSINGER, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, p. 18.

inteiramente gratuito e sem merecimento algum da nossa parte, isto é, unicamente por amor, como se exprime o mesmo doutor" [375].

Em seguida, fala da Justiça Divina, sem a qual não haveria para "nós a satisfação de que lhe éramos devedores" e agradece ao Deus bendito. Não poderia haver maior prova de amor do que ter enviado seu Filho para nos resgatar de nossos pecados, sem que tenhamos qualquer merecimento. "Ah! que prodígio, ó excesso de amor, digno somente de uma bondade infinita. Ah! que maior amor podia Deus mostrar-nos depois de condenar à morte seu Filho inocente para salvar miseráveis pecadores como nós?" [376]. Para ele, a misericórdia divina está acima da justiça.

Deus é o "Eterno Pai". Comentando o segundo mandamento, o Peregrino entende que não se deve invocar o nome do Deus altíssimo sob forma de juramento, tamanha é a grandiosidade de seu nome: "aquele que fizer qualquer jura, invocando o santo nome de Deus em vão" [377], será punido. Para ele, Jesus Cristo, Verbo divino encarnado, foi "despachado da Mesa do Poço da Santíssima Trindade, trazendo o poder, o saber e o amor" [378]. Jesus "veio do céu a tomar natureza humana, concebido no seio da Santa Virgem Maria, nascido em Belém, e logo mandou pregoar, pelos anjos, paz aos homens, porque os vinha governar de boa vontade" [379]. Não deixa dúvidas: "a Encarnação do verbo teve lugar pela operação do Espírito Santo, isto é, unicamente pelo amor, como se exprime o mesmo doutor (Santo Tomás)"[380].

Jesus, mesmo sendo adorado pelos homens, assistido pelos anjos de Deus, "nem por isso deixou de ser o mais humilde, desprezando a soberba, reto em fazer justiça. Veio pobre, viveu independente, morreu desprezado e partiu-se para a pátria com muitas enchentes de Graças" [381]. Pelo bom governo

---

[375] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 108.
[376] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 110.
[377] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 111.
[378] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 115.
[379] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 115.
[380] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 108.
[381] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 115.

que fez aqui na Terra, Jesus até recebeu o título de rei. Para Antônio Conselheiro, o Filho de Deus encarnado é o "Bom Jesus" [382]. Trazendo o poder, o saber e o amor, Jesus ensinou uma nova forma do ser humano se relacionar e respeitar o próximo. O poder de julgar deriva somente de Jesus, especialmente no final dos tempos, quando ele proporcionará o prêmio aos bons e o castigo aos maus. "Quando Nosso senhor Jesus Cristo vier a julgar a todos os homens, dos bens e males que fizeram em sua vida, dando a cada um o prêmio e o castigo, segundo os seus merecimentos" [383].

O adjetivo "Bom" aplicado a Jesus ("Bom Jesus") vem da tradição popular e chegou ao sertanejo especialmente pelos dois grandes santuários do "Bom Jesus", o do Senhor Bom Jesus do Bonfim, de Salvador, em 1754; e o da cidade baiana de Bom Jesus da Lapa, fundado em 1691, às margens do Rio São Francisco. A devoção ao "Bom Jesus" ecoa nos ouvidos de Antônio Conselheiro pelos manuais de devoções populares deixados pelos missionários no final das missões e demais subsídios que circulavam na região.

Antônio Conselheiro destaca a morte redentora de Cristo e o alcance vicário do sacrifício na cruz. Ao morrer na cruz, Jesus prova a bondade, o amor e a misericórdia para com os pecadores. Somos devedores "ao Bom Jesus, que voluntariamente se ofereceu por nossos pecados a seu Eterno Pai, livrando-nos assim das penas eternas e vendo que já estava escrita a sentença contra nós por causa dos nossos pecados" [384]. A morte dele tem a intenção de ajudar na conversão dos descrentes. "As chagas de Jesus, diz São Boaventura, são todas chagas de amor; são setas, são chamas que ferem os corações mais duros e abrasam as almas mais frias" [385].

O juízo que o Conselheiro formou da pessoa de Jesus de Nazaré, que aparece nos manuscritos em questão, está presente nos próprios ensinamentos da Igreja de seu tempo; faz parte da doutrina cristológica ensinada nos cursos de teologia aos futuros presbíteros e popularizada pelos

---

[382] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 72.
[383] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 156.
[384] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 109-110.
[385] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 109.

missionários durante as missões sertanejas de então. Defende o caráter exclusivista da soteriologia. Se "Jesus é a única esperança da nossa salvação; fora dele não há salvação em parte alguma" [386].

O conceito que ele faz do Espírito Santo, terceira Pessoa da Santíssima Trindade, está nos chamados textos extraídos da Sagrada Escritura[387]. A boa leitura da Palavra de Deus e sua fiel interpretação derivam da iluminação do Espírito Santo. O Espírito Santo procede de Deus e desce do céu para iluminar e ajudar nas decisões duvidosas do ser humano. A terceira pessoa da Santíssima Trindade veio em socorro de Maria, através do recado do anjo Gabriel.

O discurso religioso de Antônio Conselheiro é marcado por citações da Bíblia, conforme podemos constatar na quase totalidade de suas homilias. Assume, como suas, frases da Bíblia dentro do discurso religioso. "O Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do altíssimo te cobrirá com sua sombra" [388]. Ao comentar homilias de São João Crisóstomo, afirma que quem tem o hábito de ler a Bíblia recebe a luz do Espírito Santo: "diz São João Crisóstomo que é muito importante a lição dos Livros Sagrados, pois, por meio deles, recebe a alma a santificação e graça do Espírito Santo (Homil. 3) "[389].

Assume práticas católicas de enterrar os mortos, pois é vontade do Espírito Santo e evita escandalizar os que adotam esse costume. "Vejam o que aconselha o Espírito Santo sobre o enterramento dos mortos. (...) enterremos os mortos conforme o uso dos fiéis, como é em cada terra costume, para que não haja no enterramento coisa que se note ou escandalize" [390]. Para o Peregrino, o Espírito Santo tem relação estreita com a prudência, a sagacidade e a astúcia.

---

[386] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 172.
[387] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 147, 157.
[388] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 147.
[389] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 157.
[390] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 157. Cita Eclesiástico 38, 16, texto que a Igreja ainda hoje usa em celebrações pelos mortos. "Filho, derrama lágrimas pelo morto, e entoe lamentação como alguém que sofre profundamente. Depois, enterre o cadáver segundo o costume, e não se descuide do túmulo dele. Chore amargamente, faça a lamentação e observe o luto proporcional à dignidade do morto, de um ou dois dias, para evitar os comentários; e depois console-se de sua tristeza".

No entanto, há uma lacuna na abordagem sobre a pessoa do Espírito Santo nos manuscritos. Até mesmo pelo fato de o Espírito Santo não ser um tema recorrente nas preocupações acadêmicas e na prática eclesial no final da década de 1890. De fato, como categoria teológica, o Espírito Santo tomou lugar de destaque na reflexão teológica no final do século XX, ocupando espaço privilegiado no Concílio Vaticano II. Durante o Concílio, "os bispos das Igrejas unidas do Oriente recordam o nexo pneumatológico do terceiro artigo do credo, e lembram que o tempo da Igreja é o tempo do Espírito Santo" [391]. Por essas razões, a Pessoa do Espírito Santo foi objeto de pouca preocupação do Peregrino. Suas principais fontes não ofereceram elementos suficientes para um maior aprofundamento.

Logo no início dos manuscritos, no comentário sobre a encarnação do Verbo de Deus, Antônio Conselheiro destaca a perturbação de Maria diante do anúncio do anjo, porém, sem duvidar do poder de Deus. Mesmo "entre as agitações em que luta o seu coração, diria consigo mesma: donde, pois, pode vir merecimentos para tão alto destino?" [392]. Diz admirar "em Maria tanto temor nesta saudação, tanta prudência na resposta e tanta cautela no zelo da sua virgindade" [393]. O Peregrino se identifica com os sofrimentos, as dúvidas e as decisões de Maria. Isso justificaria o acento dado às *tempestades*, *dores*, *humilhações*[394]no coração de Maria, diante das muitas circunstâncias nas quais esteve envolvida. Ele se sensibilizava diante da força que Maria encontrava "durante o seu desterro no Egito, não poucas vezes derramava lágrimas pelo que via diante de seus olhos e pela distância de sua querida Sião" [395].

O Beato de Canudos revela bastante admiração pela Mãe de Jesus; atribui-lhe fabulosos adjetivos e revela domínio doutrinal de ordem mariológica,

---

[391] HILBERATH, *Pneumatologia,* p. 473. O Panorama histórico põe a descoberta uma série de razões do relativo esquecimento do Espírito Santo na teologia (católica) da primeira metade de nosso século (XX): um tratamento bastante formalista das processões e relações intratrinitárias, uma doutrina da graça preponderantemente presa ao vocabulário tradicional, a completa ausência da dimensão pneumatológica na doutrina da criação e na escatologia", p. 472.

[392] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 55.

[393] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* p. 56.

[394] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p. 55, 58, 60,*

[395] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p. 67.*

na abordagem popular das devoções marianas. Não comete qualquer deslize teológico ou doutrinal. Para ele Maria esteve "destinada a ser Mãe"; "a Senhora", "virgem e Virgem (quer) permanecer"; "incomparável Maria"; "Mãe Santíssima"; "Mãe do Messias"; "a flor das virgens"; "Senhora"; de "sublime coração"; cooperadora "para a nossa redenção"; nasce de Maria "o justo dos justos"; "Mãe extremosa"; "Maria, a melhor das mães"; "dá à luz de modo todo miraculoso"; "Maria tem motivos para alegrar-se"; diante do desamparo do nascimento de Jesus "causa-lhe um sentimento tão vivo que lhe arranca lágrimas", "Divina Maria"; nossa querida Mãe"; medita "profundamente nas traças da Divina Onipotência"; diante da pobreza da manjedoura "amargura-se de ver um desamparo sem exemplo" de Jesus; "Mãe humildemente"; "como é doloroso ver a Mãe chorar"; "Maria procura afagar Jesus"; "minha carinhosa Mãe"; "Maria Imaculada"; Santíssima Virgem" [396].

As reflexões dele sobre Maria são marcadas pela admiração das virtudes mariais, pelo domínio teológico da mística cristã e de profundo sentimento humano. Para ele, "Maria via nos Livros Santos o que havia a suceder a seu Filho... Ah! Que reflexões para o coração de uma tal Mãe" [397], conclui.

Sobre a Igreja não tem dúvidas: foi fundada por Jesus Cristo. No texto extraído do Evangelista Mateus apresenta parte da perícope mais significativa sobre a origem divina da Igreja, edificada em Pedro. "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ele (Mt 16,18) "[398]. A Igreja é o povo de Deus, "congregação dos fiéis que, por dever indeclinável, devem curvar-se reverentemente diante de Deus, rendendo-lhe as devidas adorações, invocando seu nome com amorosa confiança, tendo por certo que Deus lhe será propício" [399], conclui o Peregrino. A Igreja não se

[396] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens* p. 55-62.
[397] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 62.
[398] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p.148.
[399] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 172.

compara a qualquer organização humana. Tem origem na vontade de Jesus de Nazaré. “Foi Nosso Senhor Jesus Cristo, fiéis, que fundou a sua Igreja” [400].

Sendo de origem divina, saída da vontade do Filho de Deus encarnado, a Igreja não deve ser entendida como mera organização humana, porém, “é de grande valia e agradável aos divinos olhos do nosso Bom Jesus a construção de templos” [401]. Para ele, trabalhar e colaborar para edificar as construções das igrejas santifica os colaboradores. A verdadeira Igreja é formada “pelos santos e convertidos, por aqueles que puseram o amor de Deus e a busca da salvação em primeiro lugar, segundo a lei divina e os preceitos da Santa Igreja e da Santa Religião, com pertinência e assiduidade” [402]. Por isso, o bom cristão se compromete com as novas construções para abrigarem os seguidores do Bom Jesus, especialmente para a edificação da igreja de Santo Antônio do Belo Monte.

Na visão de Antônio Conselheiro, a Igreja fundada por Jesus Cristo tem, na liderança de Pedro e na continuidade dos papas, a realização da vontade de Deus. Reconhece o caráter hierárquico da Igreja. Os papas, os cardeais, e os bispos são investidos em dignidade eclesiástica: abençoam o povo no fim da missa e em outras cerimônias da Igreja. Os representantes da Igreja, investidos de tal dignidade, quando santificam o povo cristão invocam as três Pessoas da Santíssima Trindade [403]. “Na vara do sumo pontífice se veem expressamente estas três cruzes, símbolo do supremo poder daquele supremo ministro de Deus” [404].

2.4 A teologia prática nos manuscritos de Antônio Conselheiro

Entre muitos teólogos da América Latina, há consenso sobre a teologia feita pelo povo ou mais precisamente que o povo faz teologia nas comunidades. Membros do povo de Deus nos surpreendem ao refletir sobre a

---

[400] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p. 172.
[401] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p. 172.
[402] OTTEN, *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio conselheiro*, p. 242.
[403] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p. 163.
[404] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p. 163-164.

prática da fé. O mundo dos pobres, como lugar teológico/teologal, vem da prática de Jesus de Nazaré (Lc 4,14-30), passa pelas experiências históricas da Igreja, recebe nova roupagem no Concílio Vaticano II e é fato reconhecidamente expresso pelas conferências de Medellín à Aparecida.

Mesmo com enfoque diferente das conferências anteriores, a Conferência Episcopal de Santo Domingo destacou os valores da religiosidade popular e a inseriu na tradição da Igreja. Nesta ótica, a religiosidade popular não "se trata só de expressões religiosas, mas também de valores, critérios, condutas e atitudes que nascem do dogma católico e constituem a sabedoria de nosso povo, formando-lhe a matriz cultural" [405] e sustentando a mística dos pobres.

Na teologia prática,[406]o pobre tem lugar privilegiado e constitui-se capítulo central na elaboração da teologia fundamental, a partir do método da teologia da libertação, como revelam Francisco de Aquino Junior[407], João Batista Libanio[408], Clodovis Boff, Gustavo Gutierrez,[409] Ignacio Ellacuría e outros. Clodovis Boff desenvolveu o método[410] da produção teológica na América Latina, a partir da experiência dos teólogos que acompanharam a vida de diversas comunidades eclesiais e os encontros intereclesiais das CEBs.

Em Canudos, a reflexão que Antônio Conselheiro fazia da prática religiosa levava a uma fé engajada e, portanto, em prática libertadora[411]. O povo escutava a voz de Deus e se deixava guiar pelo seu projeto libertador, sempre em sintonia com a comunidade do Belo Monte.

Pelos manuscritos encontrados no final da guerra de Canudos, podemos realizar leitura teológica, pelo viés da práxis cristã. Os moradores de Canudos

---

[405] CONSELHO EPISCOPAL-LATINO AMERICANO, *Documento de Santo Domingo*, 36.

[406]Como área do conhecimento, João Batista Libanio apresenta dois objetivos básicos da teologia da prática. (1) Guia a vida da Igreja, lidar com suas respectivas adaptações, reformas eclesiológicas, sempre em diálogo com as ciências humanas e das artes. (2) Proporciona visão integrada das disciplinas práticas do ministério, no que diz respeito à unidade na ação evangelizadora da Igreja. Cf. LIBANIO e MURAD, *Introdução à teologia*, p. 214.

[407] Cf. JUNIOR, *A teologia como intelecção do reinado de Deus*, p. 265-265-318. Acentua-se, especialmente, o "Mundo dos pobres e oprimidos: lugar teologal fundamental", p. 296-317.

[408] LIBANIO, *Teologia da libertação*, com destaque para o *povo-objeto da libertação*, p. 256-257 e o *povo-sujeito da libertação*, p. 257.

[409] Cf. GUTIERREZ, *Teologia da libertação*, p. 350-363.

[410] Cf. BOFF, Teoria do método teológico, especialmente os capítulos 5-7, p. 110-195, nos quais Clodovis Boff expõe o método da Teologia da libertação e apresenta suas polêmicas críticas. Uma crítica importante ao método de desenvolvido por Clodovis Boff, cf. JÙNIO, *A teologia como 'intelecto amores'*, p. 388-415.

[411] Evidentemente que o termo *libertação* no sentido da teologia latino-americana só é colocado nos finais dos anos de 1960, diverso da forma usada pelo Peregrino.

adotaram, como guia, a Bíblia, especialmente pelas orientações dos dez mandamentos[412], os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, Atos dos Apóstolos e textos de cartas de Paulo às primeiras comunidades cristãs. O destaque que o Peregrino deu a temas ligados ao Êxodo e à libertação do Egito revela sintonia entre a assimilação das vitórias do povo de Deus, quando ainda era escravo e a luta no sertão, em especial nos conflitos com as forças militares, no último ano, durante a guerra.

Em tese doutoral defendida em 2004, Pedro Lima Vasconcellos apresenta a forma como Antônio Conselheiro trabalhava a Bíblia, como fonte de ensinamentos para o povo de Canudos. A apropriação da Bíblia pelo Peregrino "teve implicações profundas: impactou na definição de territórios, na nomeação e qualificação de lugares, na estigmatização ou engrandecimento de pessoas e instituições" [413]. A leitura atenta dos manuscritos e suas opções por determinados textos sagrados serve para aprofundar seu pensamento, colocando os moradores da grei

> (...) em contato, muitas vezes, com o Anticristo e com maldições proféticas; o livro do apocalipse e suas imagens espetaculares; a história de Moisés e dos hebreus rumo à terra prometida. Juntam-se referências ao paraíso edênico (e até a árvore do bem e do mal), e ao relato do dilúvio e da barca de Noé. Sem contar anúncios do juízo final e proclamações sobre o pecado e a graça divina, e ainda tantas alusões à capital dos judeus; efetivamente, Euclides da Cunha não inovou de todo ao batizar a vila conselheirista com a 'Jerusalém de taipa'[414].

O capítulo de suas prédicas intitulado "Textos extraídos da Sagrada Escritura" ocupou toda a terceira parte dos seus manuscritos, somando 60 páginas[415]. Variados temas teológicos usados como objetos em suas homilias revelam a preocupação do pregador de estar em sintonia com a Palavra de Deus e os ensinamentos da Igreja de seu tempo. Trata de temas teológicos

---

[412] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses*, p. 107-157.
[413] VASCONCELOS, *Terras das promessas, Jerusalém maldita: memórias bíblicas sobre Belo Monte*, p. 12.
[414] VASCONCELOS, *Terras das promessas, Jerusalém maldita: memórias bíblicas sobre Belo Monte*, p. 12.
[415] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 147-157. Na verdade, o livro do apocalipse de São João não foi manuscrito pelo Peregrino.

dos mais variados. Fala longamente sobre a Cruz de Cristo[416]; apresenta a catequese sobre a Santa Missa[417]; instrui os fiéis sobre o sacramento do perdão ou confissão[418]; trata sobre a ação maravilhosa de Jesus[419].

Toda a segunda parte dos manuscritos dedica-se longamente a respeito dos dez mandamentos da lei de Deus[420]. Em brilhante comentário ao primeiro mandamento da lei de Deus, demonstrando domínio do conteúdo teológico, cita o Cardeal Hugo, São João Crisóstomo, Santo Tomás de Aquino, São Pedro Damião, São Boa Ventura e Santo Agostinho[421].

Mesmo preocupado com a correta doutrina da Igreja, o segundo manuscrito de Antônio Conselheiro constitui-se em normas de conduta para o povo do Belo Monte. Por que o Peregrino deu tanta atenção aos dez mandamentos da Lei de Deus?[422]. O que está por trás do cuidado com cada mandamento: reflexões sobre outros textos bíblicos; citações e comentários sobre os santos padres; orações de pedidos, lamentos, agradecimentos e louvores? O texto revela a preocupação do líder com a formação espiritual e prática do povo no acampamento de Canudos.

O colapso da política, gerado no contexto da queda da Monarquia e pela instalação da República, a crise religiosa, a migração interna no Nordeste, provocada pela crise econômica, as sucessivas secas, levaram a população a um estado de abandono e desespero. A justiça estava aos cuidados dos fazendeiros, cangaceiros e bandos armados no serão. Prevalecia a lei da vingança pela iniciativa dos “mais fortes”.

Sem confiança no Estado, descrente da “novidade” noticiada pelos republicanos, Antônio Conselheiro recorre à Lei de Deus; adota os Dez Mandamentos como legislação do povo sertanejo. Não confiam mais na lei dos

---

[416] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 161-165.
[417] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 165-166.
[418] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.*166-168.
[419] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 168-170.
[420] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.*107-143.
[421] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 107-109, 111.
[422] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.*107-143.

homens. O amor a Deus e ao próximo está acima de qualquer possibilidade de vingança. Ele é lógico. Se os homens da República são ateus, estão contra a Igreja e maltratam o povo, por que recorrer às suas leis? O incrédulo presidente da República "entende que pode governar o Brasil como se fora um monarca legitimamente constituído por Deus; tanta injustiça os católicos contemplam amargurados" [423].

Diante de grupos de justiceiros, da omissão das autoridades de direito, da crise ética, ao combater o desejo de vingança, ele apela para o ensinamento de Jesus Cristo: "amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que têm ódio: e orai pelos que vos perseguem e caluniam" [424] (Mt 5,44).

No acampamento, havia normas expressas. Em sua pregação, ao comentar o quinto mandamento, o Peregrino fala da bondade de Cristo para com o pecador. Diante das desavenças, pede para evitar a vingança, ao citar o apóstolo dos gentios. São Paulo adverte aos que procuram a vingança contra o próximo: "venceremos o mal com o bem. E se não obramos assim, procedem as iras, os ódios e as vinganças contra o nosso próximo (...). O homem que verdadeiramente ama a Deus não pode ofender ao próximo; porque consequentemente o ama" [425].

2.5 A dimensão teocrática do poder nos manuscritos e as consequências para a eclesiologia

O substantivo *teocracia* deriva do grego *theokratía* e significa governo em que a autoridade, emanada dos deuses ou de Deus, é exercida por seus representantes na terra. Até mesmo do ponto de vista semântico, o termo teocracia tem significado polissêmico e pode ser aplicado no sentido jurídico, político, teológico e extrapola a semântica, percorrendo a práxis humana em geral. Tomando a palavra no sentido dinâmico, o termo *teocracia* leva em

---

[423] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 564. Um maior aprofundamento sobre os regimes monarquista e republicano, cf. 2.5, a seguir.
[424] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p. 126.
[425] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p. 127.

consideração três aspectos: a significação como tal, a causa de suas mudanças e as formas concretas dessas variações.

Para Orsi Pimenta, "são chamados regimes teocráticos aqueles em que se busca destacar a origem divina da autoridade política, como ocorreu com a cristandade europeia da Idade Média" [426] e que influenciou a Igreja católica do Brasil, no período de 1808 até o final do governo monárquico, em 1889.

Antônio Conselheiro viveu nesse contexto religioso, cuja mentalidade teológica era teocrática. Mesmo sabendo que a defesa de qualquer sistema de governo não era imposição para todos os países, os católicos sempre foram livres na opção. Enganam-se os que classificam o Peregrino de monarquista somente pelo fato de ele apresentar duras críticas à República e até defender a família imperial. Diante das elites políticas, talvez tenha sido o grande erro de Antônio Conselheiro defender a família real, de forma tão ingênua.

Pelo que estava acontecendo no governo republicano, ele percebia que era preciso uma posição profética em defesa dos mais pobres e contra o sistema republicano injusto com os mais pobres. Entra em defesa da família real. O "presidente da república, que a seu talento quer governar o Brasil, praticando tão clamorosa injustiça, ferindo assim o direito mais claro, mais palpável da família real, legitimamente constituída para governar o Brasil"[427]. Pede aos republicanos que se convençam, "que não hão de triunfar porque a sua causa é filha da incredulidade, que a cada passo está sujeita a sofrer o castigo de tão horroroso procedimento" [428].

Sua ira contra o sistema republicano advém da reação ao sofrimento infligido aos pobres e do conflito com a Igreja Católica; reprova a ação do governo republicano de lançar "mão como meio mais eficaz e pronto para

---

[426] Teocracia, in: PIMENTA, *Dicionário brasileiro de política*, p. 150. A UNESCO elenca pelo menos 7 formas conhecidas de teocracias. "Primeiro grupo – teocracia direta – a) Poder ou governo direto de um Deus, ou de vários deuses hierarquizados; b) Poder ou governo direto de um rei deus, ou rei civilizado; c) Poder de um delegado ou dependente, de um deus ou deuses; d) Direito de um 'monarca de direito divino'; e) Governo de um rei-sacerdote; f) Governo dos sacerdotes de um deus ou deuses, como poder superior, inclusive sobre os reis; g) Governo dos sacerdotes, por meio de uma superioridade de fato sobre os reis ou governantes de direito". Apud, PIMENTA, *Dicionário brasileiro de política*, p. 150.

[427]MACIEL, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 180.

[428] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 179-180.

exterminar a religião" [429]. Não aceita que o governo republicano oprima a Igreja e os fiéis: "chegando à incredulidade a ponto de proibir até a Companhia de Jesus; quem pois não pasma à vista de tão degradante procedimento?" [430].Diante da perseguição aos bispos da Igreja, durante o final do padroado, Antônio conselheiro não percebe boas intenções entre os opositores da Igreja.

Quando o Barão de Jeremoabo tentou convencê-lo a render-se ao sistema republicano, afirmando que o papa já havia reconhecido o sistema republicano, o Conselheiro replicou: "o Papa está errado" [431].

De onde vem tamanha aversão do Conselheiro pela República? Os manuscritos em questão respondem: "a república quer acabar com a religião, esta obra prima de Deus que há dezenove séculos existe e há de permanecer até o fim do mundo. Porque Deus protege a sua obra; ele tem atravessado no meio das perseguições" [432]. Esse "antirrepublicaníssimo foi amplamente explorado pelos círculos governistas e pela imprensa quando se tratou de explicar o que parecia injustificável: um levante de pobres do campo nos sertões do Nordeste" [433].

Quanto à não filiação partidária do peregrino, encontramos quase a unanimidade entre os estudiosos do fato Canudos. Para Rui Facó, a acusação de monarquista só veio quando algumas lideranças pegaram em armas para defender a comunidade das perseguições externas.[434] As elites republicanas tentaram fazer "uma ligação, materialmente dificílimo ou impossível à época, entre os chefes monarquistas do Rio e de Petrópolis e a população rebelde de Canudos" [435]. Além de não se conhecer fatos que comprovem a relação política entre os monarquistas e as lideranças do levante de Canudos, seria "impossível por um motivo muito simples: o quase completo isolamento em que se encontravam as populações sertanejas em relação aos chefes políticos da metrópole" [436].

---

[429]ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 175.
[430] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 175.
[431] Apud, CALAZANS, *O Ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro*, p. 41.
[432] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 175.
[433] FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, p. 84.
[434]Cf. FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, p. 84.
[435] FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, p. 85.
[436] FACÓ*, Cangaceiros e fanáticos*, p. 85.

O Peregrino foi exigente com os defensores do sistema republicano recém-instalado no país. O novo regime de governo é incontestavelmente um grande mal para o Brasil, porque barbaramente oprime a Igreja e os fiéis, procurando até substituir o casamento religioso pelo civil [437]. Em sua visão, o único casamento válido é o que vem de Deus e "é puramente de competência da santa Igreja, que só seus ministros têm poder para celebrá-lo". Continuando, fecha o diálogo com os promotores da união civil: o "casamento civil é incontestavelmente nulo, ocasiona o pecado do escândalo e não conta com a misericórdia de Deus" [438]. Em sua concepção, as decisões da Igreja não podem sofrer intromissão do poder político.

Segundo Edmundo Moniz, Rui Barbosa "assinalou a insensatez de acusar de monarquista o movimento de Antônio Conselheiro" [439]. De fato, não há documentos históricos que atestem a participação de monarquistas no movimento de Canudos ou integrantes dos seguidores do Conselheiro na militância entre monarquistas.

2.6 Outras religiões em Canudos

A prática pastoral de Antônio Conselheiro carregou certas contradições, especialmente no tocante ao diálogo inter-religioso. Em Canudos, havia negros, vindos das várias regiões da África, que chegavam dos arredores de Canudos (Jeremoabo, Tucano e Cícero Dantas) com seus cultos e deuses; protestantes (estes em menor escala); indígenas, das tribos kiriri e kaimbé e os sem religião. Se, de um lado, o número de protestantes em Canudos era pequeno; de outro lado, a participação dos índios kiriri, Kaimbée negros era significativa dada à proximidade de Mirandela, Massacará, Jeremoabo, Cícero Dantas e Tucano, de onde vinham índios e negros para o acampamento de Canudos. Sobre a religiosidade dos povos indígenas e africanos o Peregrino

[437]ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 175.
[438]ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 178.
[439] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 63.

não se manifestou nem contra nem a favor. Não há informações documentais dando conta de conflitos religiosos em Canudos[440].

As críticas genéricas mais severas do Peregrino dirigiram-se aos protestantes. O Conselheiro censurou os maçons, os protestantes e os republicanos. Para ele, essas três categorias merecem igual tratamento. É bem verdade que o número de católicos prevalecia amplamente no acampamento e as várias denominações religiosas de origem protestante, só começaram a chegar ao Brasil no início do século XX.

Encontramos duas explicações para a convivência entre negros, índios e brancos (católicos) viverem sem manifestações de querelas religiosas. Uma, estar na lei da sobrevivência. Quem chegava ao acampamento tinha medo de "criar problemas", em função da rigidez do posicionamento do Conselheiro contra os protestantes. Isso poderia inibir manifestações de outras religiões, mesmo as mais significativas, como a indígena e a africana.

A segunda explicação vem do cuidado que o Peregrino tinha diante das manifestações de "desobediência" às normas internas da comunidade. O fato, por exemplo, de haver proibição expressa da prática da prostituição, do uso de bebidas alcoólicas, de não abandonar mendigos, doentes e pobres não significava dizer que não houvesse falhas dos membros da comunidade. Se for verdade que as práticas religiosas diversas da cristã eram proibidas em Canudos, da mesma forma também é fato que a tolerância ou o exercício clandestino das manifestações religiosas de índios e negros não eram reprimidos com violência em Belo Monte.

Para Antônio Conselheiro, os judeus, maçons, protestantes e republicanos espalhavam "doutrinas falsas e errôneas aos ignorantes, arrastando assim tantas almas para o inferno, além das perseguições que eles fazem à religião do Bom Jesus, nunca eles hão de triunfar, porque Deus protege a sua obra" [441]. Tamanha aspereza do Peregrino tem origem nos próprios ensinamentos da Igreja. Era parte da teologia ensinada nos seminários e na catequese das paróquias, o posicionamento explícito contra a

---

[440] Pelos diversos manuscritos deixados pelo Peregrino não se pode concluir que ele tenha tido querelas com as religiões afras ou com outras práticas religiosas diversa do catolicismo. Parece ter havido tolerância ou indiferença do Conselheiro em relação a essas práticas religiosas.

[441] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 172.

maçonaria e os protestantes[442]. Na verdade, em Canudos, não havia judeus, maçons e, muito provavelmente, não existiam protestantes em número significativo em Canudos.

No que se refere à república, a crise religiosa, caracterizada de "a questão religiosa", causou rompimento entre Igreja e Estado. Antônio Conselheiro, porém, via no governo da república um inimigo da Igreja a ser combatido. Em sua prática pastoral, além dos judeus, protestantes e maçons, o governo republicano é alvo de fortes críticas do Peregrino. Suas convicções eram alimentadas pelos ensinamentos da própria Igreja e não por persuasões político-partidárias, do partido republicano.

As influências políticas respingavam vagamente no interior sertanejo, através do Barão de Jeremoabo, conforme correspondências com aliados republicanos, preocupado com a movimentação religiosa de Antônio Conselheiro, na região do município de Jeremoabo[443]. Sua posição contrária vinha muito mais dos textos de que se apropriava para preparar suas homilias do que das dificuldades de conviver ao lado de outras expressões religiosas. Até o Concílio Vaticano II, a Igreja tinha posição muito clara contra a maçonaria e os judeus.

Em relação ao judaísmo, somente no período que antecedeu o concílio, essa posição passa a ser mais branda. A declaração *Nostra Aetate* reconheceu o grande patrimônio espiritual comum a judeus e cristãos. Supera a criminalização do povo judeu quanto à morte de cruz de Jesus: "aquilo, contudo que se perpetrou na Sua Paixão (de Cristo) não pode indistintamente ser imputado a todos os judeus que então viviam, nem a todos os de hoje" [444]. Superando esses preconceitos sobre o povo da primeira aliança, o Concílio Vaticano II afirma que a Igreja reprova qualquer forma de perseguição ao povo da Antiga Aliança e os judeus "não devem ser apresentados nem como condenados por Deus, nem como amaldiçoados, como se isso decorresse das Sagradas Escrituras (...) lamenta os ódios, as perseguições, as manifestações

---

[442] Preocupação prevalentemente da Igreja no continente europeu.
[443] Cf. CARVALHO, *Canudos: a posição do Barrão de Jeremoabo*, p. 17- 29 e SAMPAIO, *Canudos: a construção do medo*, p. 31-85.
[444]*Nostra Aetate* (NA), 4.

antissemíticas, em qualquer termo e por qualquer pessoa dirigidas contra os Judeus" [445].

Seguindo a mentalidade teológica em vigor, o líder de Canudos tece duras críticas aos judeus, acusando-os de incredulidade sobre os benefícios do Bom Jesus e por acreditarem somente na lei de Moisés. Diante da bondade de Deus, que enviou o Bom Jesus ao mundo, os judeus "ainda hoje permanecem na mesma maldade a ponto de só acreditarem na lei de Moisés",[446] protagoniza o Peregrino.

Portanto, em Canudos, conviviam harmoniosamente as práticas religiosas indígenas, cristã, a religião afra e, em menor escala, o protestantismo. Mesmo assim, não há registros de conflitos severos entre católicos e outras religiões, mesmo com grupos mais numerosos, como indígenas e afrodescendentes, no Belo Monte. As posições do Conselheiro sobre as outras religiões eram repetições das pregações dos missionários e do livro *Missão abreviada*, deixado pelos missionários.

2.7 A religiosidade popular na prática eclesial em Canudos

Pelo convívio que o Conselheiro teve com o Padre Ibiapina, o contato com o Padre Cícero e a larga vivência junto às devoções populares, não foi tão difícil organizar a comunidade de Canudos. A eclesiologia subjacente em Canudos é fruto da mística do catolicismo popular sertanejo. Na Igreja de Canudos, havia muitas orações, diversas cantorias, práticas sacramentais e, especialmente, a vivência dos sacramentos da Eucaristia, Penitência e Batismo.

A Bíblia Sagrada e os manuais catequéticos circulantes na região de Canudos ajudaram a inspirar o Conselheiro na organização da vida comunitária no Belo Monte. Autores como Edmundo Moniz e Rui Facó advogam até práticas do cristianismo primitivo em Canudos. Em Canudos, a prática do cristianismo e sua organização comunitária por lideranças leigas, especialmente por mulheres, acolhia com presteza os que perambulavam no

---

[445] Idem, 4.
[446]ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 171.

sertão, os desvalidos das secas e os "libertos" das senzalas. O próprio Antônio Conselheiro era leigo, comprometido com a linha do catolicismo de missão, implantado no sertão do Nordeste pelos frades capuchinhos, lazaristas e alimentado pelos padres seculares, com visitas periódicas, para as *desobrigas*[447]. Em Canudos os empobrecidos encontram apoio.

Para Eduardo Hoornaert, esse "veio" do "catolicismo popular constitui a cultura mais original e mais rica que o Brasil já produziu durante os quatrocentos e tantos anos de sua história" [448]. Ao tratar dos critérios e sinais da evangelização na América Latina, o documento de Puebla afirma que a fé do Povo de Deus é a fé da Igreja universal[449]. O povo tratava Antônio Conselheiro de "o homem da reza", pois ele articulou com maestria os ensinamentos da Igreja Católica com a prática genuína do catolicismo popular de origem lusitana[450]. O povo sertanejo tinha dificuldade para assimilar certas homilias de párocos romanizados e com prática litúrgica um tanto distante da cultura do povo. Além disso, a escassez de padres no sertão provocava o nascimento de diversas lideranças leigas, cuja prática religiosa era organizada pelo próprio povo e pelas suas lideranças, sem desrespeitar os conteúdos ensinados pelos membros do clero. Os manuais oferecidos por eles ajudavam os líderes na animação da religiosidade do povo e alimentavam ainda mais as suas devoções.

A devoção ao rosário, o ofício de Nossa Senhora, a via-sacra na quaresma, a recitação do terço mariano, as devoções de manuais como as

---

[447] Desobriga: prática religiosa exigida aos cristãos pela Igreja Católica de confessar-se ao menos uma vez ao ano, na Pascoa. Implantada pelo IV Concílio de Latrão (1215) a desobriga foi uma prática dos missionários católicos no sertão brasileiro "para que todos pudessem cumprir o preceito da Igreja e receber os sacramentos. A exigência da desobriga marcava fortemente as missões populares na igreja romanizada". *Desobriga.* In: POEL, *Dicionário da Religiosidade popular*, p. 311.

[448] HOORNAERT, *Formação do Catolicismo brasileiro*, p. 99.

[449] Cf. PUEBLA, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina*, 373, p. 384.

[450] Estudo bastante amplo sobre os diversos aspectos do catolicismo popular brasileiro encontra-se em número especial da REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA, v.36/141, março, 1976. Cf. os seguintes artigos. CESAR, *O que é "popular" no catolicismo popular*, p. 5-18; BOFF, *Catolicismo popular: o que é catolicismo?* P. 19-52; LIBANIO, *Critérios de autenticidade do catolicismo, p. 53-81*; ANTONIAZZI, *Várias interpretações do catolicismo popular no Brasil, p. 82-94*; AZZI, *Elementos para a história do catolicismo popular*, p. 95-130; OLIVEIRA, *Catolicismo popular e romanização do catolicismo brasileiro*, p. 131-141; ROLIN, *Condicionamentos sociais do catolicismo popular*, p. 142-170; VALLE, *Psicologia social e catolicismo popular*, p. 171-188; HOORNAERT, *O catolicismo popular numa perspectiva de libertação: pressupostos*, p. 189-201; MAURA, Frei *Damião e os impasses da religião popular*, p. 202-225; SILVEIRA, *Estado atual da pesquisa sobre o Padre Cícero, p. 226-260*.

Horas marianas, Missão abreviada e a Bíblia Sagrada tornaram-se instrumentais nas mãos de conselheiros, catequistas e líderes nos arredores do Belo Monte. Essa forma de expressar a fé, marcada pelas procissões, vivas aos santos, foguetes, estandartes coloridos, bandeiras, roupas brancas, pés descalços, espírito de penitência, oração do ângelus conduzem o devoto à realidade meta-histórica, em direção ao transcendente, ao Deus Benigno e Bom Jesus[451]. Merecem destaque, ainda, as devoções a Santo Antônio, a Nossa Senhora das Dores, ao Bom Jesus, esta última preferida pelo Conselheiro.

A construção da nova Igreja de Santo Antônio, posteriormente estopim para o início da Guerra de Canudos, revela o progresso da fé no Belo Monte e o viés religioso da obra do Conselheiro. Ele até se acha "indigno encarregado da construção da Igreja de Santo Antônio, padroeiro deste lugar, cuja obra se acha feita em virtude do poderoso auxílio do Bom Jesus" [452]. Não esconde a satisfação de contemplar a construção da igreja nova como obra divina "que tocou e moveu os corações dos fiéis para me prestarem as suas esmolas e os seus braços a fim de levar a efeito a obra do seu servo" [453]. Mesmo sendo fruto de sua iniciativa, Antônio Conselheiro incorpora o aprendizado da experiência junto às missões com o Padre Ibiapina. As Igrejas são construídas em mutirões, com doações das comunidades e devotos. A edificação da Igreja de Santo Antônio de Canudos não foge à regra. "Aqueles, porém, que concorreram com as suas esmolas e com os seus braços, podem estar certos que o Bom Jesus os recompensará generosamente" [454], garante o Peregrino.

A Virgem Maria sempre foi a consoladora dos aflitos, Mãe das dores, nossa Senhora da guia, Senhora do bom parto, aquela que acompanha seus filhos nas estradas da vida rumo ao céu. A pessoa de Maria recebia destaque especial na comunidade, como prática do catolicismo popular brasileiro. Ela não era equiparada a um santo qualquer. Maria, por ter sido a escolhida de Deus para trazer ao mundo o Salvador da humanidade, predestinada para a

---

[451] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 171.
[452] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 170.
[453] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 170.
[454] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 170.

função de Mãe de Deus, é "Mãe do Messias, sem deixar de ser a flor das virgens, pois Deus, que é a mesma santidade, é quem vinha nela encarnar"[455].

O ofício de Nossa Senhora, os frequentes encontros para a prática das horas marianas, a organização de oratórios domiciliares, com os diversos santos, as orações em comunidade, pelo menos três vezes ao dia, a participação nas missas confirmam o caráter devocional do catolicismo em Canudos e sua força religiosa. Na primeira parte dos manuscritos, Antônio Conselheiro dedica 48 páginas para refletir sobre a virgem Maria. Escolhe temas significativos do imaginário popular e de grande valia teológica[456]. Isso mostra a identificação do peregrino e sua comunidade como, por exemplo, "Tempestades que se levantam no Coração de Maria por ocasião do mistério da encarnação" [457] e "Sentimento de Maria por causa da pobreza em que se achava, por ocasião do nascimento de seu Divino Filho" [458].

O sentimento de Maria aflora. Em meio às "agitações em que luta o seu coração, iria consigo mesma: Não passo de obscura filha de Israel: donde, pois, pode vir merecimentos para tão alto destino?"[459]. E até trata a Mãe de Jesus de "a Divina Maria tão pobre, aquecendo em seu peito o fogo a tremer de frio, o rico na extrema indigência, a luz como que eclipsada, o Senhor da Glória revestido de carne humana, chorando na Terra os pecados dos homens" [460].

A segurança doutrinal sobre a Mariologia fundamenta a identidade que o povo do Belo Monte tinha com as devoções marianas, tão bem valorizadas pelo Conselheiro. A recitação do terço, as ladainhas de Nossa Senhora e as cantorias marianas animavam a gente sofrida, em busca da Jerusalém Celeste.

Comentando o terceiro mandamento, recomenda ao povo: para ser glorificado com Cristo, santifique "o domingo e dia santo de guarda, ouvindo a

---

[455] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 56.
[456] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens,* p. 55-103.
[457] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 55-56.
[458]ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 56-58.
[459] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 55-56.
[460] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 57.

missa, lendo livros espirituais, rezando o rosário e assistindo aos atos da religião" [461]. Esse compromisso forma o caráter católico da religiosidade popular sertaneja e garante a perseverança para superar as intempéries do conflito político e do combate militar.

2.8 A teologia sacramental nos manuscritos de Antônio Conselheiro

Convém dizer, inicialmente, que Antônio Conselheiro foi acusado de herege e de ter ensinado doutrinas nocivas às orientações da Igreja. Em reflexões anteriores, demonstrei a inverdade de tais insinuações. Ao contrário.

Os manuscritos revelam, por exemplo, uma catequese consistente e aprovada pelo representante oficial da Igreja em Canudos. O Belo Monte fazia parte da Paróquia do Cumbe. A catequese sobre o batismo, a penitência e a eucaristia ensinada por Antônio Conselheiro aos canudenses não somente esteve em sintonia com o pároco da freguesia de Cumbe, Padre Pedro Sabino dos Santos, como também teve seu aval. Ele visitava frequentemente Canudos e lá se hospedava.

Não se tem registros de conflitos entre Padre Sabino com Antônio Conselheiro, nem do ponto de vista pessoal, nem dissenções doutrinais. Este fato leva à conclusão de que o vigário de Cumbe tinha conhecimento das pregações do Conselheiro e gozava de seu apoio. Durante o conflito com frei João Evangelista em Canudos, o Padre Pedro Sabino, que esteve com o capuchinho durante a missão, não recebeu qualquer hostilidade de Antônio Conselheiro e dos canudenses. Algumas lideranças de Canudos hostilizaram o frade, durante a missão.

Os fundamentos das afirmações do Conselheiro sobre os sacramentos do batismo, penitência e matrimônio encontram-se no livro a *Missão Abreviada*[462], do Padre Manoel Couto, na Bíblia Sagrada, nos autores cristãos

---

[461] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 115.

[462] O nome completo do livro do Padre Couto é *Missão abreviada, para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar o fruto das missões.* Cf. bibliografia final. A obra, de muita valia para os párocos, foi distribuída massivamente para as principais lideranças leigas do Nordeste brasileiro. No final do século XIX foi uma espécie de Bíblia na formação do povo sertanejo. As instruções do Padre português Manoel José Gonçalves Couto sobre o sacramento da eucaristia e a comunhão eucarística serviram de base para a catequese do Peregrino. Cf. COUTO, *Missão abreviada* sobre a comunhão eucarística, p. 241-243; sobre a

(padres da Igreja) e na sua própria experiência como cristão. Em Canudos, havia prática sacramental, especialmente Batismo, Eucaristia e Penitência.

A catequese ensinada pelo Conselheiro sobre os sacramentos não eram intuições meramente teóricas nem ensinamentos da própria cabeça do Peregrino. Seus ensinamentos eram tirados dos manuais de catequese oferecidos pela Igreja e tinha o acompanhamento do pároco. O pároco de Antônio Conselheiro não manifestava desacordo com o conteúdo e a forma da pregação do Peregrino. O Padre Sabino tinha conhecimento da experiência do Peregrino na Missão Ibiapina e da serenidade do Conselheiro por onde passou, antes de chegar a Canudos. Esse tirocínio, junto ao Padre Ibiapina, desabona as muitas acusações de heresias, doutrinas ultrapassadas e desacordo com os ensinamentos da Igreja. Não é demais lembrar que Canudos nunca foi uma Igreja dentro da Igreja. Sendo um "reduto de gente marginalizada", nutria-se espiritualmente da doutrina corrente da Igreja.

A *Missão abreviada* carrega lacunas e limitações que influenciaram na visão doutrinal de Antônio Conselheiro e no conteúdo catequético por ele ensinado. Eduardo Hoornaert identificou pelo menos três lacunas na Missão abreviada[463]. Inicialmente, o Padre Couto reduz a mensagem cristã ao âmbito individual, provocando uma moral excessivamente individualista, herança da polêmica entre Santo Agostinho e o pelagianismo, que influenciou a teologia do sacramento do batismo no ocidente cristão. As lideranças "populares de todas as épocas da história da Igreja mostraram predileção acentuada pelos temas agostinianos de pecado original (que chegou a dominar a visão que se tinha a respeito do batismo), concupiscência, perdão, morte, céu e inferno, salvação deste mundo perverso etc." [464].

A segunda lacuna diz respeito à exaltação quase que unilateral da obediência e da penitência como virtudes cristãs. A penitência foi reduzida à mortificação. No livro *Missão abreviada*, a penitência aparece como necessária para a salvação. Pela concepção do Padre Couto, o cristão precisa morrer para esta vida para receber o prêmio eterno. A mortificação é o único caminho pelo qual se chega à salvação eterna. O pecador precisa ter consciência de que "a

---

comunhão sacrílega, p. 413-416; sobre a missa, p. 445-448; visita ao Santíssimo sacramento, p. 656-668: são orientações para 7 visitas.

[463] HOORNAERT, *Verdadeira e falsa religião no Nordeste*, p. 77-87.

[464] HOORNAERT, *Verdadeira e falsa religião no Nordeste*, p. 79.

penitência é necessária a todas as pessoas. Só pelo caminho da mortificação e da penitência é que se vai para o céu" [465].

A mortificação quase é colocada no lugar da graça divina, caracterizando certa concepção soteriológica que distorce o sentido da salvação como dom de Deus. Cândido da Costa e Silva assinala que a pregação dos missionários no sertão "foi sempre um convite à conversão, provada na penitência, para alcançar uma salvação meta-histórica. Os pregadores guardaram inteira fidelidade aos mendicantes medievais como seus legítimos descendentes e continuadores" [466].

A terceira lacuna: a quase identificação entre vida cristã e vida de piedade. Valoriza-se o pietismo cristão, caracterizado pelo devocionismo, que aos poucos vai abrindo espaço para a introdução do sacramentalismo. Daí a supervalorização das devoções marianas ao Senhor do Bonfim, ao santíssimo Sacramento, à Nossa Senhora etc. Os sacramentos do batismo, da eucaristia e da reconciliação ocupam espaço especial, com a chegada do processo de romanização.

O livro *Missão abreviada* fala pouco sobre os sacramentos do batismo e eucaristia. Porém, o suficiente para embasar os fundamentos doutrinais do ensino que o Conselheiro proporcionava, juntamente com seu pároco, Padre Pedro Sabino, em especial sobre o batismo a penitência, a eucaristia e suas celebrações. O livro do Padre Couto não se detém sobre o sacramento da crisma, pouco ministrado no sertão, mas apresenta longas reflexões sobre o pecado, sobre a morte do justo e do pecador. Na segunda parte da *Missão abreviada*, o autor apresenta diversas instruções, fundamentadas em textos bíblicos sobre os aspectos do perdão de Deus, da misericórdia de Jesus, da conversão dos pecadores, sobre a necessidade da confissão[467], etc. Sem penitência não há salvação[468].

No capítulo sobre as "Prédicas de circunstâncias e discursos" [469] Antônio Conselheiro manuscreveu duas homilias: uma sobre a Missa[470] e a outra sobre

---

[465] Apud HOORNAERT, *Verdadeira e falsa religião no Nordeste*, p. 81.
[466] SILVA, *Roteiro de Vida e da morte*, p. 42.
[467] Cf. COUTO, *Missão abreviada*, p. 163, 177, 187, 189.
[468] Cf. SOUTO, *Missão abreviada*, p. 209.
[469] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p. 161-182.

a confissão[471]. Na conjuntura de contestação ao sistema republicano, faz referências ao Batismo[472] e ao Matrimônio[473]. Ao fundamentar sua pregação sobre o batismo, Antônio Conselheiro repete o que Jesus ensinou. "'O que crê e for batizado será salvo, o que, porém, não crê será condenado'. Parece-me que há homens que olham indiferentemente estas verdades" [474], pondera o líder de Canudos. Suas homilias oferecem conteúdos de fé e práticas sacramentais à comunidade reunida pela convocação do Bom Jesus.

Depois de atacar o casamento civil, reagindo à maldade do governo republicano, o Peregrino defende o sacramento do matrimônio como único casamento válido e ministrado pela Igreja. O casamento cristão "é um contrato de duas vontades ligadas com amor que Deus lhes comunica, justificados com a graça que lhes deu Nosso senhor Jesus Cristo e autorizada com a cerimônia que lhes juntou a santa madre Igreja" [475] e tem como objetivo unir duas almas. O casamento, sendo celebração puramente de competência da Igreja, somente seus ministros autorizados por ela estão habilitados para celebrar: "não pode, portanto, o poder temporal de forma alguma intervir neste sacramento, cujo matrimônio na lei de Nosso senhor Jesus Cristo o elevou à dignidade de sacramento, figurando nele a sua união com a santa Igreja, como diz são Paulo" [476].

Sobre a missa, o Peregrino afirma que se o cristão entendesse "o que lucra em assistir e ouvir a missa todos os dias, deixaria os maiores negócios deste mundo para não faltar a este tão grande bem espiritual" [477]. A missa é a melhor dádiva que Deus deixou para a Igreja. Constitui-se em remédio "para destruir os vícios, chegarmos a Deus e granjear virtudes: faz abater a soberba,

---

[470] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* MACIEL, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p. 165-166.
[471] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p. 166-168.
[472] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p. 175.
[473] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p. 177-189.
[474] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p.176.
[475] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p. 178.
[476] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p. 178.
[477] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 165.

deixar a avareza, aplacar a ira, esquecer daquela, extinguir a inveja e finalmente de tíbios e preguiçosos nos faz diligentes no serviço de Deus" [478].

A missa remete o fiel ao mistério de Deus. É o que melhor se pode oferecer pelas almas. Ele lamenta que alguns cristãos não queiram confessar-se ao menos uma vez por ano. Mesmo que observem todos os outros preceitos da Igreja, se não recorrerem ao sacramento do perdão "não seriam dignos de ter em si a Jesus, este Deus imenso, que o universo não pode conter, tornado nosso hóspede inseparável logo que o recebemos em nosso coração na sagrada comunhão" [479]. Com emoção, ele comunica sua convicção pessoal, ao dizer que "Nosso senhor Jesus Cristo está na sagrada comunhão, com tantas perfeições, como esteve no seio da virgem Maria, e acha-se à direita do Eterno Pai" [480]. No dia em que o padre passava por Canudos para celebrar a missa, o povo deixava de trabalhar para participar da eucaristia. Em muitos lugares do Nordeste, este costume permanece até os dias atuais. A *Missão abreviada* oferece longas orações para antes e depois da sagrada comunhão, com direito às indulgências plenárias[481].

Sobre a confissão, o Peregrino dedica longa prédica[482]. O caráter penitencial do catolicismo rústico se revela através do espaço que o Conselheiro deu à dimensão penitencial da experiência de fé. A *Missão abreviada*[483]. O livro de cabeceira do Conselheiro, pela quantidade de instruções sobre a penitência, confissão, pecado, mortificação revela o caráter penitente da religiosidade popular, praticada pelo povo em Canudos. O livro do

---

[478] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 165.
[479] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p. 167.
[480] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p. 167.
[481] COUTO, *Missão abreviada*, p. 684-694. No final da oração depois da comunhão, Padre Couto faz a observação que segue. (Esta oração, recitada depois da comunhão, tem indulgência plenária, rogando pelas tensões dos Sumos Pontífices; e para lucrar esta, bem como outras indulgências, podem usar das seguintes orações:) e seguem as orações "Pela exaltação da Santa Igreja"; "Pela extirpação das heresias"; "Pela paz entre os Príncipes Cristãos"; "Pela propagação da santa Fé; Pelo Sumo Pontífice". Cf. COUTO, *Missão abreviada*, p. 694-697.
[482] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p. 166-168.
[483] O nome completo do livro é *Missão abreviada*, para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar o fruto das missões. A obra, de muita valia para os párocos, foi distribuída massivamente para as principais lideranças leigas. No final do século XIX foi uma espécie de Bíblia na formação do povo sertanejo.

Padre Couto, fonte inspiradora principal do Peregrino, oferece os conteúdos principais para instruir a grei canudense.

Padre Couto faz um elenco de temas indispensáveis a uma catequese de preparação para a confissão, de muita valia nas orientações para os fiéis penitentes de Canudos. O pecador se compromete em observar as orientações da Igreja. Depois da confissão sacramental, o pecador reza de coração contrito: "muito me pesa de ter pecado, e proponho firmemente, ajudado com a vossa graça, de nunca mais pecar, ainda que me custe a própria vida: também proponho fugir de todas as ocasiões e perigos de pecar, e obedecer pontualmente a todos os preceitos e conselhos do meu confessor" [484].

A confissão limpa o coração do cristão das máculas causadas pelo pecado; fala da tríplice concupiscência que afeta o ser humano, desde sua origem. A maldade no coração do pecador provém da "soberba ora atrevida e violenta, ora disfarçada de astúcia, uma curiosidade desmedida, apetites insaciáveis, o ódio acompanhado da injúria, do ultraje e da calúnia, a inveja mãe do homicídio, da avareza".

Esses impulsos malévolos, que incomodam o ser humano e o levam a pecar, Antônio Conselheiro os classificou de "sementes de morte" que vêm do pecado original, como "herança dos filhos de Adão" [485]. Para se livrar desse incômodo, ele apela para a misericórdia de Deus. Quem acusa seus crimes Deus perdoa. "Deus abandona os que escondem os seus crimes e perdoa aos que os acusam. Movido de compaixão a favor dos pecadores, instituiu Jesus Cristo o sacramento da penitência, que os regenera no sangue do cordeiro e os reveste da inocência primitiva" [486]. Somente o perdão sacramental é capaz de curar as feridas da alma causadas pelo pecado e recuperar as forças espirituais do pecador.

---

[484] COUTO, *Missão abreviada*, p. 683-684.
[485] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p. 166-167.
[486] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, p. 167.

2.9 Apostolicidade, Unidade, Santidade e Catolicidade da Igreja nos manuscritos de Antônio Conselheiro

Em Canudos, não houve um cisma na Igreja, como Euclides da Cunha, algumas correspondências do arcebispo da Bahia e alguns determinados párocos do sertão tentaram enquadrar o movimento do Belo Monte. Não foi uma Igreja dentro da Igreja, nem um estado dentro do Estado. O que existiu em Canudos foi uma experiência de uma porção do povo de Deus, com presença limitada de seus pastores, mas com profundo *sensus fidei*, sob a liderança de Antônio Conselheiro, com acompanhamento sistemático do Padre Sabino, pároco do Peregrino. O padre Sabino sempre esteve em comunhão com seu arcebispo e garantia em Canudos a unidade, a santidade e a apostolicidade da Igreja.

Antônio Conselheiro tinha consciência da ação do Espírito Santo na construção da unidade eclesial. Por isso, não referendou nem aceitou qualquer provocação que levasse ao distanciamento com a Igreja de Jesus Cristo. No Conselheiro, havia um "instinto natural" pela unidade da Igreja, a partir do Evangelho, pelo ensino da doutrina da Igreja, em profunda sintonia com o seu pároco.

Durante as prédicas dirigidas ao povo de Canudos Antônio Conselheiro fala da única Igreja querida por Deus e fundada por Jesus Cristo. A Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica goza da inerância durante seus ensinamentos; o próprio Jesus a constituiu. A Igreja deve submeter-se reverentemente ao seu instituidor; necessita prestar-lhe as devidas adorações. E confessa a fé na fundação da Igreja pelo próprio Cristo, destacando a inerrância de seus ensinamentos, conforme determina a doutrina da primeira Constituição Dogmática *Pastor aeternus* do Concílio Vaticano I, princípios que circulavam nos manuais de catequese, no final do século XIX[487]. "Foi Nosso Senhor Jesus Cristo, fiéis, que fundou a sua Igreja e consequentemente só ela é verdadeira, cujo ensino vem do mesmo Senhor: nela não há erro, porque o seu fundador é

[487] Cf. DENZINGER, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, p. 652-660.

a fonte de toda sabedoria, santidade e perfeição" [488], dizia Antônio Conselheiro aos seus fiéis, durante as pregações no acampamento de Canudos.

Ele evita uma visão de Igreja que supervaloriza o aspecto hierárquico, mesmo sem recusá-lo, ao afirmar que "a Igreja é a congregação dos fiéis que, por dever indeclinável, devem curvar-se reverentemente diante de Deus, rendendo-lhe as devidas adorações" [489]. Na ótica de Antônio Conselheiro, só existe uma única Igreja, fundada por Jesus Cristo: a Igreja Católica; não admite pertença a qualquer outra denominação religiosa. Portanto, a Igreja Católica "é obra daquele que diz não ter vindo destruir a lei mas aperfeiçoá-la" [490]. E segue criticando os judeus, protestantes, republicanos e maçons, considerados por ele como inimigos da verdadeira Igreja de Jesus Cristo[491].

A crítica assumida pelo Peregrino ao protestantismo, veio do Padre Manoel Couto do livro *Missão abreviada*. Ser contra os protestantes constituía-se um princípio elaborado pelo Concílio de Trento e aprofundado pelo Concílio Vaticano I. Em Trento, a Igreja definiu que as transmissões dos seus ensinamentos vêm dos "livros escritos e tradições não escritas que, recebidas pelos apóstolos da boca do próprio Cristo ou transmitidas como que de mão em mão pelos apóstolos, sob o ditado do Espírito Santo, chegaram até nós" [492]. Por isso não se deve aceitar outros princípios que não sejam derivados dessas fontes ou de alguém que não esteja em comunhão com a Igreja. A doutrina ensinada pelo Conselheiro vinha das conclusões desses concílios e chegou às suas mãos pelo livro do Padre Couto[493], razão pela qual Antônio Conselheiro foi tão exigente com os protestantes.

---

[488] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 172.
[489] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 172.
[490] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 171.
[491] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 171-172. De fato, na Europa a Igreja vivia em conflito com essas organizações.
[492] DENZINGER, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, 1501.
[493] As orientações do padre português sobre o protestantismo eram muito duras e excludentes. Para ele a diferença entre o catolicismo e o protestantismo é como o erro e a verdade. "Só há uma Religião verdadeira, a qual é a de Jesus Cristo, e só ela é a que abrange todos os séculos, todos os povos, todos os homens, por isso sempre foi chamada a católica ou universal... As seitas protestantes não são esta religião única e católica de Jesus Cristo, só o nome lhes basta para indicá-lo; logo não são a verdadeira religião, são um erro e uma corrupção do cristianismo". COUTO, *Missão Abreviada*, p. 561. A 41ª instrução é uma longa

2.10 Outras fontes citadas nos manuscritos de Antônio Conselheiro

A principal fonte do Conselheiro foi seu tirocínio junto à Missão Ibiapina, a experiência nas lutas sociais e o desejo de construir um lugar para acolher os milhares de sertanejos sem amparo do governo republicano. Padre Ibiapina acompanhava seus seguidores com orientações básicas sobre o projeto de formar comunidades, construir casas de Caridade e organizar os estatutos para funcionamento harmonioso dessas casas. O Padre Ibiapina oferecia orientações para o missionário apostólico[494]. Se o Conselheiro viveu parte de seu tempo na *Missão Ibiapina*, então ele teve acesso ao conteúdo dessas orientações do Padre Mestre, que influenciaram na organização comunitária de Canudos.

Edmundo Moniz afirma ter o Beato conhecido e lido *A Utopia*, obra do humanista Thomas Morus[495]. Tudo leva a crer, "que Antônio Conselheiro chegou a ler este livro, cuja influência é tão clara na obra que se propôs a realizar" [496]. Ele "imaginou a criação de uma comunidade em que prevalecesse a igualdade cristã dos primeiros séculos de nossa era" [497]. Procurava implantar uma comunidade inspirada no cristianismo primitivo. De fato, está mais do que comprovado que o Peregrino se inspirou em textos bíblicos dos Atos dos apóstolos, cartas paulinas e perícopes do livro do Êxodo como fontes inspiradoras para organizar a comunidade solidária do Belo Monte.

De outro lado, há os que afirmam que o Conselheiro não teve acesso *A Utopia* de Morus, obra que seguramente não circulou no sertão de Canudos no final do século XIX. Não se tem conhecimento de que houvesse prática de leitura de tal literatura, ideia defendida pelo historiador Marco Villa. Tentar provar, como fez Edmundo Muniz que "a leitura de *A Utopia* de Morus tenha servido de inspiração para fundar Belo Monte é um grande equívoco" [498].

---

defesa do catolicismo, recheada de ataques ao protestantismo. Cf. COUTO, *Missão abreviada*, p. 561-566.

[494] Cf. HOORNAERT, *Crônicas das casas de Caridade*, p. 61.

[495]Cf. MORE, *Utopia*. More utilizar-se de um personagem vindo de uma longa viagem, Rafael Hitlo, que lhe relataria o encontro com uma sociedade ideal: sem violência, sem divisão de classes, etc.

[496] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 31.

[497] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 30.

[498] VILLA, *Canudos, o povo da terra*, p. 237.

Na verdade, a única referência que o Peregrino fez, em seus manuscritos, ao pai de *A utopia* foi no contexto dos comentários aos "Textos extraídos da Sagrada Escritura" muito mais como admiração pelo ato heroico de fé de Morus, do que como inspiração pelo conteúdo sociológico de *AUtopia*. Ele apresenta o exemplo de Morus, por deixar as riquezas e desprezar o mundo para testemunhar a fé cristã. Morus nunca negou a fé, não obstante as perseguições[499].

Na concepção de Euclides da Cunha, as pregações de Antônio Conselheiro continham também "excertos truncados das *Horas marianas*, desconexa, abstrusa, agravada, às vezes, pela ousadia extrema das citações latinas" [500]. Observando as *Novíssimas Horas marianas*, edição de 1852, reimpressa no Brasil em 1909, pela aprovação do bispo do Rio de Janeiro é possível perceber que essa obra alimentou a religiosidade popular sertaneja. O livro é uma coletânea de textos devocionais, encontrado no final da guerra de Canudos junto aos pertences do Peregrino. Parece não haver dúvidas de que o referido manual circulou na região de Canudos. Entretanto, não foi suporte para Antônio Conselheiro manuscrever suas homilias. Referindo-se às obras citadas por Euclides da Cunha, Ataliba Nogueira é mais taxativo: "não é exato que os dois livros mencionados por Euclides como inseparáveis do orador e conduzidos no surrão de couro que levava às costas por toda parte fossem o manancial de sua oratória" [501]. O livro *Horas marianas* poderia fornecer-lhe uns poucos elementos para os seus sermões, mas distribui a matéria de modo diferente e as desenvolve também de outra maneira. Isso não significa que ele não tenha usado as *Horas marianas* na preparação das orações comunitárias no acampamento.

Entretanto, novos estudos indicam que *Missão abreviada* serviu de base para os manuscritos do Peregrino. Estudo muito sério de José L. Fiorin conclui que não paira qualquer dúvida de que "Missão abreviada foi uma das fontes

---

[499] Thomas Morus reagiu à condenação "à morte por não querer seguir a heresia: e indo lhe falar ao cárcere sua mulher, para perverter, lhe perguntou aquele sábio varão: Quantos anos poderei viver? Respondeu ela que vinte e ainda mais. Concluiu ele assim: Vindes-me logo persuadir que troque vinte anos de vida por uma eternidade de pena. Se dissésseis vinte mil anos, diríamos muito, mas a respeito da eternidade era nada. E assim sacrificou a vida pela defesa da religião católica". ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens*, *p.* 156.
[500] CUNHA, *Os Sertões*, p. 223.
[501]NOGUEIRA, *Antônio Conselheiro e Canudos*, p. 29.

diretas da sermonística do Conselheiro... Passagens de *Missão abreviada*, praticamente transcritas pelo Conselheiro, comprovam essa afirmação" [502]. Fiorin teve o cuidado de organizar sinopse de trechos significativos de Missão abreviada e partes dos manuscritos do Conselheiro e concluiu que

> (...) o discurso católico do século XIX está presente no discurso do Conselheiro. Deu-se preferência, nesta exemplificação, às passagens que praticamente são copiadas de Missão abreviada, pois isso demonstra, sem qualquer dúvida, a presença de um discurso no outro. O mesmo trabalho foi feito com passagens dos outros textos, embora, nesse caso, só haja reprodução de ideias[503].

Portanto, pelos novos estudos, podemos concluir que o Peregrino transcreveu partes, reinterpretou textos e copiou ideias da *Missão Abreviada*; usou material catequético da missão Ibiapina e se inspirou no projeto de vida das comunidades cristãs primitivas, como aparece no livro dos Atos dos apóstolos.

Conclusão

A obra manuscrita de Antônio Conselheiro, encontrada junto aos escombros de Canudos, não aponta para visão milenarista do Conselheiro, como advogam Euclides da Cunha e Maria Isaura de Queiroz, responsáveis pela divulgação do caráter milenarista do movimento camponês baiano, como vimos no capítulo anterior. Vicente Dobroruka é peremptório: "a teologia conselheirista em nada aponta para uma experiência milenarista ou sequer quietista" [504]. O mesmo advoga Marco A. Villa. Em Canudos, não houve messianismo, nem milenarismo. "Não houve em Belo Monte a espera coletiva do milênio, ou seja, a crença de uma idade futura em que todos os males seriam corrigidos, as injustiças, reparadas e abolidas as doenças e a morte" [505].

Segundo o historiador Marco A. Villa, entre os diversos escritores da saga do Conselheiro, inclusos historiadores, jornalistas, militares e escritores

---

[502] FIORIN, *A ilusão da Liberdade discursiva: uma análise das prédicas de Antônio Conselheiro, p. 102.*
[503] FIORIN, *A ilusão da Liberdade discursiva: uma análise das prédicas de Antônio Conselheiro, p. 103.*
[504]DOBRORUKA, *A teologia de Antônio Conselheiro, à luz de seu manuscrito de 1897,* p. 106.
[505] VILLA, *Canudos: o povo da terra*, p. 239.

“Euclides da Cunha em *Os sertões* foi o único que apontou uma influência sebastianista em Canudos, a esperança na vinda de um rei predestinado” [506]. Os que vieram depois de Euclides repetem suas ideias e não apresentam elementos convincentes que provem de messiânica a prática religiosa e sociopolítica em Canudos. As fontes usadas por Euclides da Cunha “não resistem a uma análise mais apurada” [507].

De fato, classificar o movimento de Canudos de mero milenarismo deturpa o legado, desfoca o debate sobre a experiência solidária dos sertanejos e empobrece sua mensagem. Na perspectiva dos manuscritos de Antônio Conselheiro, a tese messiânica esvai-se e o milenarismo conselheirista desmantela-se.

Os manuscritos, diferentemente do que afirma Euclides da Cunha[508], estão em sintonia com os ensinamentos da Igreja Católica no final do século XIX, não somente porque ele usou os textos correntes na catequese da Igreja, mas também deu interpretações ortodoxas sobre a doutrina da Igreja. Pela análise teológica que fiz nas homilias de Antônio Conselheiro, não se conclui da pregação do Peregrino, por teses messiânicas; nem se afirmam ensinamentos heterodoxos da teologia que circulava no litoral e sertão baianos.

Segundo Fiorin, não podemos afirmar que as homilias de Antônio Conselheiro fossem compreendidas como “um curso de teologia dogmática, pois algumas verdades sequer são expostas. Aqueles dogmas sobre os quais o Conselheiro discorre, entretanto, não se desviam dos parâmetros da ortodoxia. O beato não pode, em hipótese alguma, ser considerado um herege” [509] e muito menos fora do seu tempo, conforme insinuações de Euclides da Cunha, que afirmou que a “exemplo de seus comparsas do passado, Antônio Conselheiro era um pietista ansiando pelo reino de Deus, prometido, delongado sempre e, ao cabo, de todo esquecido pela Igreja ortodoxa do século II. Abeira-se apenas ao catolicismo mal compreendido” [510]. Pela análise de suas homilias, não se pode chegar a tal conclusão.

---

[506] VILLA, *Canudos: o povo da terra*, p. 231.
[507] VILLA, *Canudos: o povo da terra*, p. 235.
[508] Cf. CUNHA, *Os sertões*, p. 223-232.
[509] FIORIN, *A ilusão da Liberdade discursiva: uma análise das prédicas de Antônio Conselheiro*, p. 140.
[510] CUNHA, Os Sertões, p. 229.

A forma de vivência comunitária e o envolvimento do leigo na catequese da Igreja em Canudos, entretanto, é que estavam à frente de seu tempo. De fato, os movimentos pré-conciliares tiveram início no final do século XIX. A valorização do leigo em Canudos fazia parte de um movimento laical, que ia além do protagonismo de Antônio Conselheiro na região de Canudos, que será assumido no Concílio Vaticano II, por pressão dos movimentos bíblico, litúrgico, ecumênico e missionário. Para Libanio, o sujeito social pré-moderno invadia o seio da Igreja em busca de cidadania e "lentamente começou a aparecer no século XIX, uma série de movimentos que chegavam no bojo os traços do futuro sujeito moderno" [511].

Pela prática de vida comunitária, Antônio Conselheiro já apontava para o advento da categoria Povo de Deus na Teologia. Os teólogos europeus Yves Congar[512] e Joseph Ratzinger já ofereciam reflexões sobre a teologia do povo de Deus e os ministérios não ordenados. Eles tiveram papel decisivo na elaboração da Teologia do Povo de Deus, assumida pelo Concílio Vaticano II. Depois destes, a Igreja na América Latina acolhe com muita criatividade o Concílio, através de Medellín, Puebla, pela prática das comunidades eclesiais de base e pela teologia latino-americana da libertação.

Doutrinalmente, os ensinamentos de Antônio Conselheiro se encontram com o que a Igreja ensinava. A teologia subjacente em suas homilias, como também a forma de organização da comunidade de Canudos (os ministérios) revelam certo modelo eclesiológico popular e laical. A organização eclesial no Belo Monte aponta para uma Igreja pobre, de pobres e com os pobres. Fato que não foi considerado pelas autoridades eclesiásticas da Bahia, influenciadas pelo modelo do padroado, objeto de análise do capítulo seguinte.

Em Canudos houve encontros e desencontros de dois modelos eclesiológicos: o de matriz preponderantemente laical, de origem popular e o hierárquico, advindo da eclesiologia dos concílios de Trento e Vaticano I, com acento na categoria hierárquica, com diminuição deliberada do protagonismo do leigo. Essa conclusão deriva da análise teológica dos manuscritos do Peregrino, em virtude organização eclesial da grei canudense. A confirmação

---

[511] LIBANIO, *Concílio Vaticano: em busca de uma primeira compreensão*, p. 21.

[512]Cf. CONGAR, *Jalons Pour une théologiedu laicato*, especialmente p. 1-18 onde ele apresenta "O problema atual de uma teologia do laicato", nos inícios de 1950. Congar desenvolve a teologia do laicato no capítulo dois da primeira parte da referida obra, p. 46-84.

definitiva dessa tese terá lugar no capítulo III, no qual explicitarei os dois modelos eclesiológicos: pontos de encontros e desencontros da mesma Igreja de Jesus Cristo, com dificuldade de harmonizar a participação cidadã do leigo e a tríplice missão do sacerdote: de ensinar, coordenar e santificar o povo de Deus.

3 ENCONTROS E DESENCONTROS DE DOIS MODELOS ECLESIOLÓGICOS EM CANUDOS

> *A razão do surgimento, da existência e da resistência de Canudos deve ser encontrada no mundo sertanejo, nas relações sociais, na vivência religiosa e na luta cotidiana pela sobrevivência. Não cabe incluir Canudos na linha evolutiva sequëncial das revoluções ocidentais.*
>
> ***Marco Antônio Villa***[513].

A experiência religiosa de Canudos revela um marco fundamental na história da *Igreja dos pobres* ou *Igreja popular* no Brasil. Quem primeiro usou a expressão *Igreja dos pobres*, como *ponto luminoso* para a Igreja foi o Papa João XXIII, dias antes do início do Concílio Vaticano II, no contexto da pobreza no nosso continente: "pensando nos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta e quer realmente ser a Igreja de todos, em particular a Igreja dos pobres" [514].

Do ponto de vista eclesial, o que houve em Canudos foi uma experiência da *Igreja dos pobres*, com presença marcante de porção do povo de Deus e parte de seus pastores, estes ainda divididos pelos machucões do final do padroado régio, no alvorecer da década de 1890. A teologia cristã não pode silenciar diante da experiência da grei canudense.

A partir dos numerosos estudos históricos, antropológicos e sociológicos, que superaram Canudos como fato marginal da história brasileira, o Belo Monte não pode ser desconsiderado pela teologia cristã, nem deve ser transformado em mito. O cuidado é fator determinante para não transformar a experiência eclesial concreta de Canudos em algo irreal, o que comprometeria o rigor da ciência teológica. Para isso, recorro ao que a história vem produzindo nas universidades e pelas novas publicações.

---

[513] VILLA, *Canudos: o povo da terra*, p. 237-238.

[514] JOÂO XXIII, *Mensagem radiofônica a todos os fiéis católicos, a um mês da abertura do Concílio*, p. 21. Durante o longo período de recepção do Concilio, a *Igreja dos pobres* ou *Igreja popular* foi objeto de estudo na eclesiologia na América Latina por Pablo Richard. "Não se trata de uma *nova* Igreja, mas de um *novo* modelo de Igreja para renovar a Igreja historicamente existente". RICARD, *A força espiritual da igreja dos pobres*, p. 11. Ao escrever o prólogo do referido livro de Richard, Leonardo Boff alerta que a Igreja dos pobres se realiza na base e compõe-se de rede de comunidades, em grande maioria de pobres. "O maior presente que a América Latina está dando a Igreja universal é exatamente a Igreja dos pobres"; BOFF, *a Igreja dos pobres existe*, in: RICHARD, *A força espiritual da Igreja dos pobres*, p. 9. Considerável estudo, mesmo com o objetivo de combater a *Igreja dos pobres* foi feito por KLOPPENBURG, Igreja popular, p. 13-37.

Quase sempre a Igreja conviveu com diversos modelos ou cenários em sua prática eclesial. Ao tratar de dois modelos eclesiológicos, encontros e desencontros em Canudos, chamo a atenção para a Igreja e sua auto compreensão. Sendo uma realidade histórica e envolta em mistério, a Igreja de Jesus Cristo não é prisioneira da experiência humana e sua história. Entretanto, está inserida na realidade concreta e dela recebe influências. Também, sendo uma realidade visível e invisível, estudá-la, aplicando os métodos científicos deve ser realizado de modo sereno e imparcial, valendo-se de documentos históricos em sintonia com a ação do Espírito de Deus. Por ser uma instituição criativa, dinâmica, ela é uma realidade multiforme, sem perder sua catolicidade, concretizada em cada Igreja Particular, comunidade paroquial e pequena comunidade eclesial.

Como as práticas eclesiais são diversas, também são diversas as formas de perceber a realização histórica da Igreja. Quando falamos de modelo eclesiológico, nos deparamos com tal diversidade que nos faz contemplar o mistério da Igreja em sua variedade de experiências[515] e, até mesmo, como um corpo e seus membros: "o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo" (1Cor 12,12).

O Concílio Vaticano II enriqueceu ainda mais o conceito de diversidade ao falar da Igreja como "corpo místico de Cristo, a assembleia visível e a comunidade espiritual, a Igreja terrestre e a Igreja enriquecida de bens celestes".[516].

Identificar os diversos modelos eclesiológicos no tempo de Antônio Conselheiro confirma as formas diferenciadas da vivência da fé, sem que o dinamismo e a essencialidade da Igreja fossem comprometidos. Ao contrário, revela sua criatividade. Faço-o em profunda sintonia com a fé eclesial.

Um estudo consistente sobre a Igreja deve ser feito dentro do âmbito eclesial e em sintonia com a Tradição viva da Igreja. Ao apresentar a experiência do povo do Conselheiro, enquanto continuidade com a experiência da única Igreja de Jesus faço-o levando e consideração que Canudos não foi uma "igreja paralela", nem "outra Igreja" dentro da Igreja Católica. Ao contrário.

---

[515] Cf. DULLES, *A Igreja e seus modelos*, p. 11-32.
[516] Lumen Gentium (LG), 8.

Antônio Conselheiro foi protagonista do modelo eclesiológico que aprendeu a admirar desde a sua infância. Como veremos, sua escola teve como principais mestres o Padre Ibiapina, o Padre Cícero de Juazeiro, o vigário de Cumbe e o campo fértil do catolicismo popular sertanejo, animado pelas missões itinerantes. Como homem profundamente ligado ao seu tempo, o Beato deveu seu protagonismo ao compromisso assumido com o seu povo.

Em sintonia com as mudanças conflituosas de seu tempo, Antônio Conselheiro foi um grande construtor e reformador de igrejas e cemitérios. Durante sua caminhada de fé, soube enfrentar os encontros e desencontros com a instituição eclesiástica, sem perder seu amor pela Igreja e seus representantes legítimos. Este capítulo procura resgatar a história e a eclesiologia da experiência de Antônio Conselheiro.

Os diversos modelos eclesiológicos acompanham a reflexão teológica, desde a Igreja primitiva[517] aos nossos dias e segue particularmente a tradição latina-americana. Cada modelo carrega sua utilidade e seus limites[518]. A unidade da Igreja é uma realidade histórica, mas que encontrará sua plenitude na realização escatológica. A diversidade de modelos vem desde as comunidades neotestamentárias, da experiência de Mateus, Marcos, Lucas, João, Paulo e se concretiza ao longo da história. Nosso recorte focaliza o século XIX, na Bahia e, particularmente, o acontecido em Canudos.

O que houve no Belo Monte faz parte do desejo de construir a comunhão em um contexto de tensão. Em sua eclesiologia, Moltmann fala em uma prolongada sinfonia na qual as dimensões cristológica, missionária, ecumênica e política se entrelaçam e se complementam na autocompreensão histórica da Igreja[519]. O mistério paradoxal da Igreja entre o histórico e o escatológico, objeto de fé e, ao mesmo tempo, grandeza histórico-escatológico continua sendo desafio na realização temporal da Igreja.

---

[517]Cf. TIHON, *A Igreja*, p. 289-290.

[518] Ao optar pela análise dos *modelos* eclesiológicos em Canudos, procuro destacar os interesses políticos (dos atores republicanos) e os religiosos. É apenas um instrumental teórico, objetivando compreender a conjuntura eclesial no contexto histórico de Antônio Conselheiro. Essa opção tem suas vantagens e limites. É claro que a Igreja não se enquadra em um ou, até mesmo, em algumas dezenas de modelos. A opção pelos modelos visa unicamente compreender os interesses que causaram tensões entre o catolicismo popular e os representantes do novo projeto pastoral da Igreja do final do século XIX. O discurso teológico recorre às analogias, a parábolas, símbolos, a fim de expressar com palavras humanas o mistério insondável de Deus. A Igreja também é mistério.

[519] Cf. MOLTMANN, *A Igreja no poder do Espírito*, p. 19-39.

A identidade da Igreja se realiza também nos acontecimentos eclesiais, se realiza em sua práxis, pela autocompreensão histórica, não obstante as vicissitudes históricas, mesmo sem segar a iniciativa de Jesus, como fundador da Igreja. A Igreja da Bahia fez parte desse paradoxo. Tratarei da implantação do modelo eclesiológico pelo projeto de romanização na Bahia no final do século XIX e suas incidências no catolicismo popular na região de Canudos.

3.1 O modelo eclesiológico do catolicismo romano

Neste bloco de temas, apresento a chegada, pelo além-mar, do catolicismo romano, que se implantou no Brasil na segunda metade do século XIX, influenciando a Igreja no litoral brasileiro e, posteriormente, no sertão. Esse novo projeto de catolicismo fincou raízes nos seminários e influenciou as novas gerações de sacerdotes. A chegada do catolicismo romano encontrou a Igreja do Brasil em situação ambígua diante do Estado e se apresentou como alternativa importante ao modelo do Padroado em via de extinção.

O catolicismo romano se apresentava como forma ortodoxa e quase exclusiva de viver a doutrina da Igreja, enquanto prática de fé supostamente "pura". Para Pedro Ribeiro de Oliveira, o catolicismo popular brasileiro, de origem portuguesa, sofreu um processo de romanização, tendo "por principais protagonistas os 'Bispos Reformadores' que pretendiam substituir o catolicismo luso-brasileiro pelo catolicismo universalista, segundo o modelo romano" [520].

O catolicismo romano trouxe consigo o modelo eclesiológico protagonizado pelos concílios de Trento e Vaticano I, com centralização excessiva do governo da Igreja na santa Sé. Esse modelo hierárquico e piramidal conflita com o modelo laical do catolicismo popular e encontra seu ponto alto com a visita do Frei João Evangelista de Monte Marciano ao acampamento de Canudos. Destaco, ainda, a necessidade de harmonização entre o modelo eclesiológico do catolicismo romano e outros modelos historicamente existentes, como condição para estabelecer a comunhão eclesial, sem passar pela uniformização, como imaginavam os "implantadores" do catolicismo romano.

[520] OLIVEIRA, *O catolicismo do povo*, p. 13.

3.1.1 Tipologia do catolicismo romano

Entender o *catolicismo romano* é pré-requisito para a compreensão das incidências e desencontros nas práticas eclesiais em Canudos. Os destacados representantes do catolicismo romano desenvolveram papéis importantes durante o conflito entre as forças estatais de repressão e a comunidade de Canudos. No cenário do confronto entre a população de Canudos e as forças governamentais apareciam representantes da Igreja que, no entendimento do historiador Marco Antônio Villa participaram das comemorações na chegada das tropas a Salvador[521].

Inicialmente o catolicismo romano não pode ser entendido em oposição ao catolicismo popular, como fazem certas abordagens sociológicas, nem como único meio de expressar a fé cristã, como defendem alguns setores da Igreja. Essa maneira de viver a fé tem sua peculiaridade em um determinado tempo, com claros objetivos. O *catolicismo* romano e o catolicismo popular são realidades multiformes, distintas e expressão da mesma fé cristã. Não é possível reunir seus múltiplos v aspectos em um único conceito nem os resumir numa única definição.

O termo genérico *catolicismo* indica a catolicidade ou universalidade da fé cristã; catolicismo é a religião dos cristãos que seguem os ritos católicos e adota a vida eclesial sob a organização da Igreja Católica, universalmente conhecida pela liderança do papa, bispos, sacerdotes e o povo de Deus. Além de adotar o sistema hierárquico, o catolicismo aceita, em tese, os dogmas cristãos, os sete sacramentos da Igreja, o culto aos diversos santos, as conclusões conciliares e demais orientações da Cúria Romana, das dioceses, paróquias, pastorais e movimentos eclesiais, como conteúdos a serem vividos.

O *catolicismo romano* ou *romanismo*[522] foi "o movimento de renovação e de reforma que seguiu o concílio de Trento objetivando privilegiar os vínculos

---

[521] Cf. VILLA, *Canudos: o povo da terra*, p. 222.

[522] A expressão *romanismo* talvez melhor caracterize o aspecto teológico da *romanização* da Igreja no Brasil e o acento se desloca do aspecto sociológico para o teológico da categoria *romanização da Igreja.* De fato, o que ficou caracterizado como *romanização* teve suas origens no *romanismo* como movimento que seguiu o concílio de Trento e demonstrou fôlego durante séculos. Tratando da influência do ultramontanismo na Igreja, Jacques M. Gres-Gayerchama a atenção para o *romanismo* como defesa de uma eclesiologia demasiadamente centralizada no papado que, em muitos casos, asfixia a Igreja Local. Cf. GRES-GAYER, *Ultramontanismo*, p. 1795-1800.

que uniam a Igreja local à Sé Romana" [523], e tornou-se base para reagir à intromissão do poder do Estado em assuntos eclesiásticos. O romanismo foi encorajado pelos papas, pelos prelados reformadores das ordens religiosas ou fundadores de novas formas de apostolado. Os que mais se destacaram foram Bérulle, João Eudes, Vicente de Paulo, Jean-Jacques Olier e outros. Eles acentuaram a grandeza e a autoridade do papado e animaram suas intervenções[524]. Trata-se de uma concepção eminentemente hierárquica da Igreja, com prerrogativas romanas e sua extensão missionária. É o veio clerical do cristianismo, assumindo posição oposta à dos 'jansenistas', que priorizavam o acesso dos leigos à vida espiritual,[525] na perspectiva de uma eclesiologia que valorizava a participação efetiva do leigo[526].

As expressões *catolicismo romano e romanização da Igreja* são categorias sociológicas amplamente aceitas pelos diversos teólogos, especialistas em eclesiologia e história da Igreja[527]. No Brasil, a expressão *catolicismo romano*, *catolicismo popular* e *romanização da Igreja* foram usadas especialmente no século XVIII no Norte do país[528] e, no Nordeste, no contexto do final do século XIX, calor dos ideais ultramontanos, apogeu da crise do padroado e do surgimento dos "bispos reformadores," conforme tratamos no capítulo anterior.

O problema maior é que, ao desembarcar no Brasil, o *catolicismo romano* ou *romanismo* veio junto com o projeto missionário de romanização da Igreja, com o objetivo te exercer maior controle sobre o laicato[529] e reafirmar a separação entre Igreja e Estado. Por isso, provocou choques de interesses

---

[523] GRES-GAYER, *Ultramontanismo*, p. 1795.
[524] Cf. GRES-GAYER, *Ultramontanismo*..., p. 1795.
[525] Cf. GRES-GAYER, *Ultramontanismo*, p. 1796.
[526] Cf. GRES-GAYER, Jansenismo, p. 927.
[527]A equipe do CEHILA, Comissão de História da Igreja na América Latina, tem desenvolvido estudos confiáveis sobre o *catolicismo popular brasileiro*, a Igreja e o processo de *romanização no Brasil*. A esse respeito podem ser consultados, com proveito, os estudos do historiador católico FRAGOSO, *A Igreja na formação do Estado liberal*, p. 141-253; OLIVEIRA, *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura, e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Um proveitoso trabalho sobre esse assunto foi desenvolvido pelo grande especialista no tema, o historiador católico Riolando Azzi. Cf. AZZI, *O Catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos, p. 3- 156 e O episcopado no Brasil frente ao catolicismo popular*. Cf. bibliografia.
[528] Estudiosos da Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA) documentam a romanização da Igreja na Amazônia no século XVIII. Cf. SANTOS, *A romanização da Igreja Católica na Amazônia*, p. 296-320. Dois bispos se destacaram nessa missão: Dom José Afonso de Morais Torres (1844-1859) e Dom Antônio de Macedo Costa (1861-1890).
[529] Cf. OLIVEIRA, *Catolicismo popular e romanização do catolicismo brasileiro*, p. 19-24.

com a prática do catolicismo popular brasileiro. No entendimento de Pedro Ribeiro, "o processo de romanização do catolicismo brasileiro é ao mesmo tempo um processo de destituição religiosa do leigo e substituição do catolicismo luso-brasileiro pela prática do catolicismo universalista, de modelo romano" [530]. O romanismo chegou ao Brasil em oposição ao sistema do Padroado, coordenado a partir de Lisboa, na segunda parte do século XIX[531] e na região Amazônica na primeira metade da década de 1840, conforme destaca João dos Santos[532].

A chegada do romanismo ao Brasil encontrou fragilidade na Igreja. Além da crise do Padroado, as ordens religiosas estavam em crise; o clero escasso e com problemas de ordem moral (havia prática de simonia e concubinato). Os bispos reformadores recorreram às novas ordens e congregações religiosas, que pudessem assumir a missão: Padres da Missão, Irmãs da Caridade, Capuchinhos Franceses e mais tarde, Dominicanos e Jesuítas destacaram-se neste período[533].

A romanização ou *catolicismo romano* tem seu apogeu na Europa no século XIX, no contexto do ultramontanismo, "de uma resistência à escalada dos Estados modernos e da defesa de um ideal de cristandade (...) destinada a facilitar a cristianização das massas" [534]. O catolicismo romano procurava desenvolver plena fidelidade ao centralismo da Igreja a partir de Roma, gerando uma eclesiologia mais piramidal e centralista, do que laical e participativa, mesmo constatando forte protagonismo de leigos, especialmente ligados aos movimentos eclesiais, sob influência de clérigos.

Desse modo, o modelo eclesiológico do catolicismo romano ou romanismo caracteriza-se pelos vínculos que unem a Igreja local e a sé romana. Segundo Jacques M. Grees-Gayer, a concepção mistérica da Igreja vai dando lugar à "nota da unidade, mas, segundo uma interpretação jurídica: a Igreja é fundada no papa que é o princípio de sua unidade" [535]. Pela influência dos reformadores, a Igreja procurou ainda mais enfatizar as notas constitutivas

---

[530] OLIVEIRA, *Catolicismo popular e romanização do catolicismo brasileiro*, p. 131.
[531] HOORNAERT, *O catolicismo Moreno no Brasil*, p. 173.
[532] Cf. SANTOS, *A romanização da Igreja na Amazônia*, p. 296-320.
[533] C. FRAGOSO, *A Igreja na formação do Estado liberal*, p. 141-253.
[534] GRES-GAYER, *Ultramontanismo*, p. 1795.
[535] GRES-GAYER, *Ultramontanismo*, p. 1797.

da Igreja (unidade, santidade, catolicidade, apostolicidade) e realçar sua "romanidade" ou "romanismo".

Quando o catolicismo romano chegou ao Nordeste, prevalecia o catolicismo lusitano, de origem devocional e laical, com pouco "domínio" do clero. No Brasil, do ponto de vista sociológico, o centro de gravidade do catolicismo romano é caracterizado pela paróquia: a figura do padre, as missas, associações pias, novenas dos santos, festas do padroeiro, solenidades religiosas, procissões, imagens dos santos, com destaque para a piedade e moralidade cristãs[536]. Os bispos reformadores "pretendiam substituir o catolicismo luso-brasileiro pelo catolicismo universalista, segundo o modelo romano" [537]. Esse fato se deu a partir de 1850 e encontrou seu apogeu no pontificado de Leão XIII, por ocasião do Concílio Plenário dos bispos da América Latina, em 1889, "sob os impulsos de uma romanização agora explícita e codificada", como declara E. Hoornaert[538].

A busca pela independência da Igreja em relação ao poder temporal só chegou ao Brasil com a crise do padroado, resultando forte conflito entre o "poder espiritual" e o "poder temporal" durante a segunda metade do século XIX[539]. Na pessoa do arcebispo da Bahia, Dom Jerônimo Tomé, esse catolicismo romano encontrou-se com o catolicismo lusitano, este amplamente praticado na região de Canudos, provocando tensões entre alguns membros da hierarquia eclesiástica e representantes do povo de Deus.

Afora os maus entendidos, não há matéria que justificasse o conflito entre os membros do povo de Deus sobre as práticas entre o catolicismo romano e o catolicismo popular, de origem portuguesa. O mesmo aconteceu no litoral com as confrarias. Em relação à figura do padre, "as confrarias no Brasil-colônia e na primeira metade do século 19 nunca se entenderam a si mesmas como submissas ao clero" [540].

---

[536] OLIVEIRA, *O catolicismo do povo*..., p. 13. A abordagem do presente artigo é de caráter sociológico e não teológico.
[537] Idem, p. 13.
[538] HOORNAERT, *O cristianismo moreno do Brasil*, p. 134. "Os decretos do Concílio Plenário constituem a Carta Magna da romanização do catolicismo latino-americano. A inspiração deles provém parcialmente dos impulsos do concílio Vaticano I, realizado em Roma sob Pio IX e dirigido principalmente contra a modernidade, e por outra parte do Concílio de Trento que optou por uma clericalização extrema da vida eclesial," p. 134.
[539] Cf. HOORNAERT, *A cristandade durante a primeira época colonial*, p. 287.
[540] HOORNAERT, *O cristianismo moreno do Brasil*, p. 135.

Para Eduardo Hoornaert, a prática comunitária das irmandades, de um lado e o acento exagerado no aspecto hierárquico da Igreja, do outro criaram dificuldades para a "base da mútua compreensão e do respeito à autonomia de ambas as instâncias articuladoras da vida cristã na sociedade: confrarias e clero" [541]. Com isso, fortalece-se o modelo eclesiológico centrado na pessoa do ministro ordenado, carecendo do ponto de equilíbrio. Uma análise mais apurada de documentos que tratam das confrarias destaca o tom de liberdade, franqueza e independência que as lideranças leigas tinham, revelando um clima de respeito e tolerância diante do clero, sem cair no anticlericalismo, demonstrando equilíbrio entre forças diferentes e, em muitos casos, contrárias.

3.1.2 Modelo eclesiológico a partir do Concílio de Trento

A base teológica do modelo eclesiológico romano tinha apoio no Concílio de Trento (1545-1563), convocado no contexto da reforma protestante, após a fissura causada na Igreja por Lutero e seus seguidores. A preocupação fundamental consistia em encontrar respostas aos questionamentos dos reformadores sobre pontos fundamentais da doutrina da Igreja. De um lado, a autoridade papal encontrava-se em processo de rejeição em meio aos reformadores e, de outro, havia enrijecimento da liderança pontifícia em oposição aberta aos reformadores.

Disputas políticas, religiosas e dificuldades para construir o diálogo acirravam ainda mais os ânimos e isolavam cada vez mais Lutero e seus admiradores de primeira hora do ideal de unidade na Igreja. Entre os estudiosos da História da Igreja, prevalece a ideia de que as reformas na instituição foram adiadas durante séculos, criando "desde o princípio, uma história de procrastinação, de um paralisante beco sem saídas, dos arroubos e de iniciativas fugidias de potências religiosas e políticas" [542].

Mesmo sem ser um concílio eminentemente eclesiológico, o Concílio de Trento fornece bases para um modelo de Igreja centrado na autoridade. Ao fazer frente ao protestantismo, os padres conciliares acenam para o modelo eclesiológico hierárquico-centralizador e adotam um tom pouco dialogal diante

[541] HOORNAERT, *O cristianismo moreno do Brasil*, p. 135.
[542] HELZEM, *Bases europeias para uma confessionalização católica*, p. 375.

do conflito. Montam-se as bases para a doutrina sobre o romano pontífice, tornada realidade no pontificado de Pio IX, com a publicação do Sílabo.

De um lado, a Igreja assumiu posturas "de retranca" e, de outro, "de ataque". Diante dos questionamentos dos reformadores, ela precisava reafirmar sua doutrina e condenar os que insistissem no erro. A fenda causou consequências e trouxe desdobramentos à instituição eclesiástica de grandes proporções, dentro e fora da Igreja. No ambiente interno ao concílio, havia muita divisão, gerando dificuldade na formação de consenso, durante as sessões, conforme destaca Hubert Jedin[543].

Aos poucos, duas eclesiologias ganhavam corpo: a *eclesiologia de comunhão*, com participação mais forte dos leigos e a *eclesiologia centrada na "monarquia papal"*, de cunho conservador, piramidal e centralizador. A Igreja sente-se como que acuada pelo crescimento do protestantismo e das ideais modernistas, de cunho laicista e anticlerical. Os professores de teologia que estudavam na Europa (Itália e França) "voltavam ligados a este magistério e à linha de orientação então chamada 'ultramontanismo'. (...) a 'ortodoxia' então significava de modo especial oposição ao jansenismo, ao galicanismo, ao regalismo, ao liberalismo" [544].

No Brasil, o crescimento do protestantismo sob a livre interpretação da Bíblia, o destaque da pregação por leigos e o crescimento das ideias dos reformadores também amedrontavam os membros da Igreja católica, que procuravam novos caminhos missionários. Havia tensões entre a Igreja de "mentalidade tridentina" e o governo liberal. Em 1866, Dom Macedo Costa reage à intromissão do governo brasileiro em assuntos eclesiásticos. As autoridades civis imiscuíam-se em assuntos estritamente eclesiásticos como na catequese, na formação do clero, na administração das paróquias, nos estatutos das catedrais e até nos pormenores da admissão às ordens religiosas. O prelado lamenta: o "governo ingere-se em tudo, e quer decidir em tudo... E assim vão os avisos, os decretos, as consultas dos magistrados seculares substituindo pouco a pouco os cânones da Igreja" [545].

---

[543] Cf. JEDIN, *Concílios ecumênicos: história e doutrina*, p. 107-141.
[544] FRAGOSO, *A Igreja na formação do Estado liberal*, p. 198.
[545] Cit. in: FRAGOSO, *A Igreja na formação do Estado liberal*, p. 185.

Durante o pontificado de Pio IX, inicia-se o processo de centralização da Igreja no Brasil, a partir de Roma. Segundo Henrique Cristiano José Matos, a "centralização romana torna-se um poderoso instrumento na arregimentação de todas as formas eclesiásticas, colocando-as rigorosamente em uma linha de combate aos 'perversos avanços da modernidade'" [546]. Esse modelo centralizador entrou em choque com as práticas do catolicismo popular sertanejo, mesmo que as lideranças populares não tivessem a percepção de tal cruzada. A "moralização" do clero, os conflitos comas irmandades e muitas outras organizações do povo foram práticas que geraram dificuldade entre as organizações leigas e membros da hierarquia eclesiástica.

Na concepção de Eduardo Hoornaert, por mais de dois séculos, os papas mantiveram silêncio sobre a evangelização na América Latina e, portanto, também no Brasil. O cuidado do Vaticano com as missões no Brasil cresce durante as dificuldades com o Padroado Régio e a criação do organismo intitulado *De Propaganda Fide*. "A eventualidade de uma romanização ou maior internacionalização do cristianismo brasileiro já estava no ar desde a abertura dos portos em 1808" [547].

A chegada da romanização no país encontrou resistências entre fortes setores do clero e do episcopado brasileiros. Segundo João F. Hauck, dois grupos diferentes dominavam o cenário da Igreja e formavam como que dois partidos. "Um liderado por Feijó, e incluía principalmente o bispo e grande parte do clero de São Paulo; o outro partido encabeçado pelo arcebispo da Bahia, Romualdo Antônio Seixas, propunha a formação de um clero celibatário, mas ligado a Roma" [548]. O grupo de São Paulo defendia, por exemplo, a liberação do celibato, como solução para clérigos "infiéis".

Eduardo. Hoornaert chama a atenção para um movimento chamado de "Igreja Patriótica", em clara reação a certos aspectos do romanismo que chegava ao Nordeste brasileiro, fazendo frente ao catolicismo popular brasileiro de matriz portuguesa e, portanto, coordenado por setores do clero e lideranças leigas. A "Igreja Patriota" esboçava um amplo projeto organizado pelo Padre Antônio Feijó, com quatro pilares fundamentais: 1) Superação dos seminários

---

[546] MATOS, *Nossa história: 500 anos de presença da Igreja católica no Brasil*, p. 73.
[547] HOORNAERT, *O cristianismo moreno do Brasil*, p. 135.
[548] HAUCK, *A Igreja na emancipação*, p. 14.

que admitiam crianças para a formação sacerdotal; 2) Liberdade para os bispos brasileiros decidirem pelo fim da lei do celibato dos sacerdotes; 3) Reformulação dos estudos eclesiásticos de filosofia, direito e latim, em substituição por história natural, física, química, geografia, aritmética, geometria retórica e poética[549].

Aos poucos o romanismo vai suplantando as ideias da "Igreja Patriótica", com a encarnação do modelo hierárquico da Igreja protagonizado pelo Concílio de Trento e, posteriormente, pelo Vaticano I. Ele foi fundamental na propagação da visão eclesiológica que fazia frente aos reformadores. Esse modelo eclesiológico aos poucos penetra no sertão brasileiro.

3.1.3 Convivência harmônica entre dois ou mais modelos eclesiológicos?

Não existe um modelo ou cenário de Igreja quimicamente puro. A construção histórica de um modelo eclesiológico é sempre construção histórica; recebe elementos de outros modelos, especialmente quando migra do "além-mar" para substituir outra realidade histórica. Ao chegar da Europa na segunda metade do século XIX, o romanismo primeiro se instala no litoral brasileiro e, posteriormente, com muita dificuldade, chega ao sertão. A escassez de sacerdotes e a força da religiosidade popular de matriz portuguesa, fortemente presente nas paróquias sertanejas retardaram a influência determinante do catolicismo romano.

Em Canudos, em um primeiro momento, a romanização não provoca tanto conflito com as lideranças leigas. Já na visão do historiador Marco A. Villa, a "romanização da Igreja brasileira não permitiu uma relação harmônica com as práticas religiosas populares. (...) O espaço da religiosidade popular sertaneja foi limitado pelo racionalismo doutrinário imposto pela romanização" [550]. Penso, ao contrário, que o romanismo não significou ruptura com a religiosidade popular na região de Canudos. As lideranças religiosas e o próprio povo foram assimilando, aos poucos, o conteúdo do projeto romano. Ao invés de ruptura, prefiro a expressão *tensão* entre duas formas de vivência da fé cristã.

---

[549] HOORNAERT, *O cristianismo moreno no Brasil*, p. 132-135.
[550] VILLA, *Canudos: o povo da terra*, p. 46.

Elementos como os sacramentos, a presença constante da figura do padre, o aspecto popular e devocional do catolicismo lusitano incorporam-se ao capital religioso do sertanejo. O catolicismo romano afirma a identidade sacramental[551] e tem aceitação do povo. Tanto o catolicismo romano quanto o catolicismo popular valorizam a instituição, a doutrina, a lei, a moral, o rito, os sacramentos, os ministérios ordenados e não ordenados. Nesse sentido, há uma complementariedade entre as duas experiências. Na concepção de Frei Hugo Fragoso, as santas missões populares incrementavam o afervoramento religioso, estimulavam novas conversões, regularizavam a vida sacramental (especialmente o batismo, a penitência, o matrimônio e a eucaristia) e serviam para reconciliar os inimigos[552].

Aos poucos, a depender da criatividade dos párocos, o projeto de romanização penetrava lentamente no sertão e provocava forte centralismo do clero, desmobilização de práticas populares do catolicismo e certo indiferentismo do clero sobre as práticas religiosas do povo. Mesmo assim, o povo acolhia a presença do padre e muitas práticas do romanismo, sem maiores conflitos. A chegada do padre na cidade ou nas comunidades rurais significava a celebração da Eucaristia, dos sacramentos do batismo e, em menor escala, do sacramento do perdão e visitas aos doentes, com a unção dos enfermos e as exéquias. Esse é o lado bom do romanismo e aceitável pelo sertanejo.

Antônio Conselheiro não manifestou qualquer resistência ao novo conteúdo da pregação e prática do clero. O Peregrino de Canudos nunca teve a intenção de fundar outra denominação religiosa para confrontar-se com a Igreja Católica. Ao contrário. Mesmo acusado por setores da Igreja de desrespeitar a “sã doutrina”, de ter sido proibido de catequizar nas comunidades paroquiais por onde passava, o Peregrino sempre foi fiel à Igreja e demonstrou respeito pelas autoridades constituídas. Sem renunciar, porém, às suas prerrogativas de cristão praticante.

A prática pastoral da Igreja em Canudos oferecia experiências diversificadas, com elementos eclesiológicos de influência romanizada, mas também laical, lusitana e sertaneja, estimulando o surgimento de lideranças

[551] Cf. BOFF, *Igreja, carisma e poder*, p. 170-176.
[552] Cf. FRAGOSO, *A Igreja em crise final do império*, p. 209-210.

leigas, que dinamizavam as práticas populares do cristianismo devocional. Tudo era muito diverso, mesmo prevalecendo características eclesiológicas, acento no protagonismo dos leigos e, entre eles, as mulheres.

Esse catolicismo de base laical não criou antagonismo com a visão mais clerical. Na Igreja, sempre coexistiram binômios eclesiológicos reveladores de tensões e desejo de comunhão eclesial entre poder e serviço, hierarquia e laicato, instituição e carisma, ortodoxia e ortopráxis. Nem sempre seus líderes souberam lidar com esses binômios, às vezes mais confluentes que contraditórios. A construção da unidade na diversidade das experiências históricas deve ser objeto de preocupação dos membros da Igreja e não de neutralização do diferente. Por não ser uma instituição monolítica, a Igreja, desde suas origens, experimentou diversos modelos eclesiológicos, não obstante as tensões e, em alguns casos, rupturas.

Antônio Conselheiro sempre teve boas relações com muitos párocos do sertão. A boa convivência com os vigários de Itapicuru, Cônego Agripino da Silva Borges e Padre Ramos revelam a cooperação mútua entre o Peregrino e os membros do clero[553]. Em determinados momentos, porém, "os conflitos entre o Conselheiro e os padres imbuídos da Reforma se exacerbam. O protagonista é Pe. Júlio Fiorentini, que revela ter um caráter extremado, pois onde passa cria situações carregadas de tensões e conflito" [554]. Colocando-se como defensor da fé católica, "cuidador da Igreja Católica Romana", Padre Júlio entendia que o Peregrino não passava de um "apóstolo de satanás", "falso profeta", "refinado maçom, mais danoso que o protestantismo". Padre Júlio utilizou-se do instituto da excomunhão e declarou Antônio Conselheiro excomungado da Igreja, atitude que não acarretou qualquer efeito nem entre o clero nem entre o povo do Belo Monte.

Para Alexandre Otten, o Padre Júlio Fiorentini "induziu o velho arcebispo D. Luís a combater com firmeza o Conselheiro, que então, por sua vez, numa circular adverte os vigários quanto ao "espírito de trevas" do Conselheiro" [555].

Os padres recebiam orientações permanentes do arcebispo, seguiam as Constituições do Arcebispado da Bahia e, de algum modo, tinham acesso à

---

[553] Cf. OTTEN, *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 156-160.
[554] OTTEN, Só Deus é grande: *a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 159.
[555] OTTEN, Só Deus é grande: *a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 159.

nova tendência do romanismo. No entanto, muitos párocos do sertão faziam "vistas grossas" a certas "ordens" do arcebispo e apoiavam o catolicismo devocional[556], sem o qual não seria possível atrair tantos fiéis, durante a passagem do Peregrino pelas freguesias. Abelardo Montenegro anota que Antônio Conselheiro não hostilizava a Igreja. Ao contrário: "sua atitude para com os padres era amistosa. Recebia os missionários que iam a Canudos, dando-lhes inteira liberdade no exercício de seu ministério" [557].

Mesmo com orientação do arcebispo da Bahia diferente do modelo do catolicismo popular sertanejo, havia harmonia em Canudos entre a religiosidade popular e o catolicismo trazido da Europa, com base sacramental e clerical, tocado pelos párocos. Em linhas gerais, prevalecia a religiosidade, que se desenvolvia sempre mais. Eduardo Hoornaert fundamenta essa experiência. A comunidade de Canudos não foi resultado de interesses meramente humanos, nem "por um homem e seu "séquito", mas por um jogo de forças, umas provenientes da ancestralidade americana, africana e/ou europeia, outras da novidade cristã incorporada no comportamento do Conselheiro" [558], afirma Eduardo Hoornaert, especialista em história da Igreja.

Pergunta-se: se havia certa convivência entre os ensinamentos do romanismo e as práticas do catolicismo popular, qual o motivo do conflito da Igreja em Canudos? As razões nem foram de ordem doutrinal nem pastoral. Foram de natureza política e humanitária. De ordem política, porque a Igreja tinha saído do confronto com o Estado, durante a crise do padroado. Ela precisava reatar os laços de razoável convivência e superar as desavenças. O diálogo do arcebispo da Bahia e o governador sobre a guerra de Canudos tornou-se passo importante de aproximação entre o arcebispo e o governador da Bahia. Nas proximidades da guerra de Canudos, em 1895, "a Igreja e o Estado já encetavam, com decisão e vigor, embora com todos os eufemismos e dissimulações aconselháveis, a caminhada inversa e o processo de aproximação" [559].

---

[556]Para maiores informações sobre o amplo apoio do clero sertanejo ao movimento de Antônio Conselheiro cf. FILHO, *A adesão do clero ao movimento conselheirista*, p. 71-77.
[557] MONTENEGRO, *Fanáticos e cangaceiros*, p. 136.
[558] HOORNAERT, *Os anjos de Canudos*, p. 32.
[559] Apud MARTINS, *A história da inteligência brasileira*, p. 354.

Para Abelardo Montenegro, o governador baiano solicitou ao arcebispo de Salvador que procurasse desestimular o Conselheiro e seus seguidores a desistirem da experiência no acampamento e voltarem para suas casas. A aproximação "do Arcebispo com o Governador, visando à intervenção do Estado em Canudos, era recebida sob reserva. A Igreja estava separada do Estado" [560].

A constituição de 1891 determinou a laicidade do Estado, introduzindo a liberdade religiosa. De ordem humanitária porque, por parte do Estado, a guerra passava a ser uma decisão política irrevogável. O recuo parecia a única prerrogativa dos canudenses. A missão do Frei João Evangelista a Canudos constitui-se em um divisor de águas entre o povo de Canudos e a decisão do arcebispo de desfazer a comunidade, conforme veremos (cf. 3.2.7).

A chegada do religioso capuchinho não significou diálogo e paz entre o povo de Canudos e o arcebispo. Ao contrário. Colocou, pela primeira vez, o prelado no cenário da opção pelo confronto. Não houve bom senso entre as partes. A decisão do início da guerra poderia ter sido evitada, se o acento da decisão não tivesse recaído na superação do conflito entre Igreja e Estado, gerado pelo Padroado.

3.1.4 Teologia da comunhão eclesial a partir do fato Canudos

Muitos procuraram desqualificar Antônio Conselheiro e sua gente. A comunidade de Canudos foi denunciada por ser uma seita e Antônio Conselheiro proibido de frequentar algumas paróquias por ser acusado de ensinar doutrina errônea. Os clichês de movimento de *monarquistas*, *salteadores*, *fanáticos*, *malfeitores* e *bandidos* foram adjetivos de opositores que se sentiam ameaçados pelo crescimento da grei sertaneja.

Com pavor dos boatos sobre Antônio Conselheiro, um prelado cearense "advertiu o Padre Cícero de que não tomasse Antônio Conselheiro como exemplo a ser seguido" [561]. A maior reação da Igreja realizou-se durante a visita do legado do arcebispo da Bahia, Frei João Evangelista, cujo relatório

[560] MONTENEGRO, *Fanáticos e cangaceiros*, p. 136.
[561] VILLA, Canudos: o povo da terra, p. 181.

final demonstra forte dissintonia com a fé do homem sertanejo e, portanto, do catolicismo praticado em Canudos[562].

O conflito no Belo Monte não decorreu de afronta às autoridades constituídas da Igreja, nem porque o Peregrino ensinasse doutrinas heréticas, mesmo que alguns assim entendessem. Ao contrário. Em Canudos, houve duas formas de viver a fé na mesma Igreja de Jesus Cristo: a romanizada, com acento na liderança do clero, que provocou conflitos com as irmandades e o catolicismo popular no sertão, com presença mais forte de lideranças leigas, apoiadas por setores do mesmo clero.

Talvez tenha faltado o reconhecimento dos valores cristãos na vida do povo do Belo Monte. Para Moltmann, a "eclesiologia teológica pode desconsiderar o fato de que o credo fala não só de uma Igreja celestial, mas também da Igreja na esquina da nossa rua. E nenhuma eclesiologia empírica pode desconsiderar o fato de que a Igreja na esquina da nossa rua, enquanto lugar de fé, é ao mesmo tempo objeto da fé" [563]. Canudos foi essa espécie de "Igreja na esquina da nossa rua", ou experiência eclesial "fora do domínio da autoridade episcopal", mas em comunhão.

Em Canudos, celebravam-se os sacramentos, respeitavam-se suas lideranças e procurava-se coerência entre a fé professada, a fé celebrada e a fé vivida. O pároco de Cumbe sempre foi bem recebido pela comunidade de Canudos, durante suas "desobrigas". O essencial da fé cristã era ensinado e vivido em Canudos. A fé eclesial tornou-se lugar teológico para dar sentido à vida econômica, ao isolamento do progresso e ao distanciamento dos serviços religiosos prestados pelos líderes da Igreja, concentrados em maior número no litoral. Em Canudos, não havia uma Igreja paralela ou antitética à Igreja oficial. Talvez a capacidade da comunidade de canudos interagir com esses dois modelos eclesiais tenha origem em dois elementos essenciais na formação do povo brasileiro.

O primeiro elemento vem da própria antropologia. Autores como Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro oferecem a formulação antropológica da confluência das três raças na formação da sociedade brasileira, gerando confluência entre

---

[562] Cf. MARCIANO, *Relatório apresentado ao Arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro*, p. 4-8.
[563] MOLTMANN, *A Igreja no poder do Espírito*, p. 43.

o indígena, o europeu e o africano. Isso suscitou o que Gilberto Freyre classificou de "democracia racial", na perspectiva da "confraternização entre as três raças", ou a tolerância entre a diversidade. Esse fato tem sua origem ainda no período colonial, pela influência do cristianismo, através da catequese. Gilberto Freyre coloca a religião, por exemplo, como "o ponto de encontro e de confraternização entre as duas culturas, a do senhor e a do negro; e nunca uma intransponível ou dura barreira" [564]. Igualmente acontece, guardadas as devidas proporções, com os índios e outros povos que, posteriormente, migram para o Brasil.

Ocupando-se da influência das três raças na formação do povo brasileiro, Darcy Ribeiro sugere o nascimento "da confluência, do entrechoque e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos" [565]. Isso despertou nos povos envolvidos a capacidade de convivência e a tolerância, não obstante reações de negros e índios aos colonizadores. O encontro de raças diferentes provocou o que Darcy Bibeiro batizou de "ilhas-Brasil", verdadeiros núcleos aglutinadores e aculturadores de povos vindos da África, Portugal e diversos outros países, "dando unidade e continuidade ao processo de gestação étnico, cujo fruto é a unidade sociocultural básica de todos os brasileiros" [566]. Esta nação é um composto de muitas etnias, formando os vários brasis. O antropólogo Darcy Ribeiro fala do Brasil, cuja matriz fundamental vem das várias tribos indígenas, com destaque para tribos de tronco tupi[567], constituindo-se nos brasis crioulo, caboclo, sertanejo, caipira, sulinos, gaúchos, matutos e gringos[568].

O segundo elemento é de ordem teológica. Desde a origem do cristianismo, é possível identificar modelos e formas diferentes na formação da Igreja primitiva, com destaque para a tolerância, durante o encontro com outras religiões ou culturas. Nos quatro evangelhos e demais textos do Novo Testamento, identificam-se modelos eclesiológicos bastante diversos. Eles

---

[564] FREYRE, *Casa-grande & senzala*, p. 439.
[565] RIBEIRO, *O povo Brasileiro*, p. 17.
[566] RIBEIRO, *O povo Brasileiro*, p. 244-245.
[567] Cf. RIBEIRO, *O povo Brasileiro*, p. 26-37.
[568] Cf. RIBEIRO, *O povo Brasileiro*, p. 244-401.

deram aos cristãos a capacidade especial para a tolerância, durante as experiências concretas.

As sete comunidades do apocalipse, animadas por João na Ásia Menor (cf. Ap 2, 1-3,22), iniciam novas experiências da Igreja fora do âmbito judaico, com forte influência da cultura helênica. Essa pluralidade, de um lado, e tolerância, do outro, podem ser identificadas nas formas de variedade dos carismas em cada pequena comunidade, na abertura ao Espírito Santo, no cuidado com os pobres e na comunhão com outras igrejas, que se expressam na controvérsia, por exemplo, em Antioquia (cf. At 15, 1-35), no envio de novos missionários (cf. At 15, 36-16,1-15), na fundação da Igreja de Corinto (cf. At 18,1-11), no acolhimento dos diferentes carismas e dons (cf. Rm 12,3-13), evitando sempre as divisões (cf. 1Cor 1,10-16) e cuidando dos pobres (cf. At 6,1-7). Cada Igreja tinha sua peculiaridade.

No entanto, não deixava de compor o mosaico que configurou as primeiras comunidades cristãs no final do primeiro século do cristianismo, não obstante as diferenças religiosas, como aconteceu na Síria, na Mesopotâmia, na Grécia, na Ásia Menor, no Mediterrâneo Ocidental, em Alexandria e no Egito[569] e, em muitos casos, com perseguições dos impérios.

Em Canudos, três aspectos de religiosidade se encontram na formação religiosa do povo, a partir da catequese ensinada por Antônio Conselheiro e os líderes cristãos: a religião indígena, afro e cristã. Primeiro aspecto, a experiência de fé dos índios Kiriri e Kaimbé, que viviam nos arredores de Canudos e estiveram presentes no Belo Monte[570]. Levaram para a comunidade, prevalentemente de católicos, sua fé, contos, mitos, celebrações e deuses. A história não registra dificuldades ou conflitos de ordem religiosa.

O segundo aspecto diz respeito à religiosidade dos negros africanos, advindos das senzalas, com acento no sincretismo, alimentado nos terreiros e igrejas. Muitos vieram de Jeremoabo, Tucano e Alagoinhas. Outros habitavam nas margens do Rio Vaza-barris. Eles encontravam em Canudos espaço para viver sua fé, em diálogo com a experiência cristã.

---

[569] Cf. IRVIN e SUNQUIST, *História do movimento cristão no mundo*, p. 86-126.

[570]Kiriri, comunidade indígena de Mirandela, então município de Ribeira do Pombal, atualmente município de Banzaê, Bahia. Kaimbé, comunidade indígena de Massacará, município de Euclides da Cunha, Bahia.

O terceiro aspecto e maior grupo religioso vem da presença marcante do cristianismo no sertão, pelo viés do catolicismo popular, pessoas vindas dos fluxos migratórios e encontravam abrigo em Canudos, especialmente pressionadas pelas secas e pela crise econômica do final do século XIX. Isso criou aproximação entre a religiosidade indígena, afro e o catolicismo sertanejo, o que dotou o sertanejo de respeito à forma do outro expressar sua fé, sem maiores dificuldades. Fato que colaborou para minimizar a tensão com a chegada do cristianismo romano, trazido pelo clero. A presença de índios, negros e brancos na comunidade de Canudos, certamente, com suas manifestações religiosas particulares, preparou o povo para o encontro com a romanização sem maiores conflitos por parte do sertanejo, o mesmo não acontecendo com alguns ministros ordenados da Igreja.

A assimilação do projeto romano em Canudos não se deu por aniquilamento do modelo eclesiológico popular, nem os canudenses sentiam-se agredidos pela implantação do projeto romano, mas também não havia identificação eclesial com o novo modelo. O que houve foi assimilação de elementos importantes do novo projeto na perspectiva do catolicismo popular, laical, devocional e miscigenado. A dificuldade partia quase sempre das autoridades eclesiásticas. Talvez pela falta de conhecimento mais profundo da religiosidade do homem do campo não foi possível sucesso na missão de dispersar o povo de Canudos. Os missionários necessitavam de melhor formação sobre enculturação para melhor conhecer a mentalidade do homem sertanejo.

O romanismo, presente no projeto de evangelização, não teve muita influência em Canudos, mas movimentou a Igreja da Bahia em seu projeto pastoral, com destaque para a formação do clero e a chegada de novas ordens religiosas. As principais orientações sobre a doutrina cristã encontravam-se nas Constituições do Arcebispado da Bahia[571]. Os ensinamentos doutrinais tinham origem no concílio de Trento e na investida missionária do romanismo. Entretanto, havia número significativo de sacerdotes no interior da Província da Bahia que fazia “vistas grossas” às orientações do arcebispo e até às normas das Constituições do Arcebispado. Muitos párocos na região de Canudos, por

[571] Cf. VIDE, *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*, p. 212-219.

exemplo, mesmo com proibições expressas pelo arcebispo, conhecendo o projeto pastoral do romanismo, recepcionavam Antônio Conselheiro[572]. Permitiam suas pregações e a organização de mutirões para construção e recuperação de igrejas e cemitérios.

Exemplo notório foram Pe. José e Pe. Agripino, duramente questionados pelo Pe. Júlio Fiorentini de não seguirem os ensinamentos demandados do romanismo reformador, por sustentarem e protegerem o Conselheiro em suas freguesias. Ele escreve ao arcebispo da Bahia para tomar todas as providências, coibindo o deslocamento do Conselheiro para essas paróquias[573]. A nomeação do Padre Júlio Fiorentino coadjutor do vigário de Inhambupe cria conflitos de grandes proporções entre os padres que apoiavam e os que eram contra a presença do Conselheiro nas paróquias. Em missiva dirigida ao Cônego Miranda, Pe. Fiorentini suplica providências do arcebispo contra os padres defensores do Peregrino. O Pe. Júlio Fiorentino, colocado como coadjutor em Inhambupe queixa-se sobre a omissão do vigário diante das visitas de Antônio Conselheiro. O Peregrino conseguia mobilizar pessoas e atendia às necessidades urgentes de paróquias pobres do sertão[574]. O Conselheiro não exigia recompensas financeiras.

As práticas do catolicismo das confrarias e irmandades no litoral e o catolicismo popular no sertão davam o colorido à fé cristã. Segundo Eduardo Hoornaert, a "verdadeira força do cristianismo antes da romanização estava nas confrarias, pelo menos nos conglomerados urbanos, sendo que a situação do campo era um tanto diferente" [575]. O movimento religioso gerado pelas missões itinerantes suscitou uma religiosidade no campo, que provocou certa identidade no sertanejo e o ajudou no aspecto comunitário e cultural. Os leigos atuavam nos espaços em que o clero não tinha condições de chegar. Mesmo que o arcebispo da Bahia não estimulasse o catolicismo popular e suas práticas, parte do clero via nele a alavanca para sustentar a fé do povo e "manter" as igrejas cheias. Desse modo, o modelo eclesiológico do catolicismo

[572] Cf. FILHO, Ismar de Oliveira Araújo, *A adesão do clero ao movimento conselheirista*, p. 71-77.
[573] OTTEN, *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 311.
[574] OTTEN, *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 306-321.
[575] HOORNAERT, *O cristianismo moreno no Brasil*, p. 135.

sertanejo encontrava maneiras criativas de conviver com membros da hierarquia eclesiástica sem maiores conflitos.

Quanto ao trabalho com os pobres, além das práticas de caridade cristã, Oscar Beozzo classifica de "hesitações" a postura da Igreja e das pastorais. "Seu caráter liberal, de um lado, e posteriormente revolucionário de outro, mantiveram-na afastada e reticente" [576]. Mesmo que houvesse gestos isolados de solidariedade aos pobres, não caracterizava como postura da instituição, mas de lideranças ou grupos individuais. A instituição assumia atitudes caridosas sem qualquer postura que pudesse causar rompimento com o império e atitudes deliberadamente de cuidado aos mais carentes, especialmente até a década de 1850.

A polarização entre o catolicismo praticado em Canudos e setores da hierarquia católica se deu devido ao exagero da comunhão com o centro da "ortodoxia", segundo o espírito de Trento[577]. Henrique Matos caracteriza como uma Igreja mais romana. Para alguns, "Só é autêntica a ortodoxia católica emanada de Roma. Portanto, não basta ser católico; é preciso ser 'católico romano'" [578].

Outro ponto importante na construção da comunhão eclesial em Canudos foi o legado do Padre Ibiapina. No Nordeste, o modelo eclesiológico ligado aos pobres é marcado pelo testemunho do Padre Ibiapina com suas diversas casas de caridade e hospitais para acolher mulheres pobres, órfãs, proporcionando-lhes proteção, alfabetização e cuidado. "Toda atividade das casas de caridade do Padre Ibiapina estavam numa linha promocional, cuja tônica era a formação para o trabalho através de exercícios práticos" [579]. Antônio Conselheiro bebeu nessa fonte. Ao dar continuidade à obra de Pe. Ibiapina, o movimento do Peregrino teve papel importante para a fé cristã em toda a região. O Peregrino abraçou as práticas do catolicismo popular e firmou o modelo de Igreja voltado para os pobres e desvalidos do campo. Os manuais de devoção popular usados pelos missionários durante as semanas missionárias eram assumidos pelo Conselheiro, para animar a fé do povo.

---

[576] BEOZZO, *A Igreja na crise final do império*, p. 279.
[577] Cf. HAUCK, *A Igreja na emancipação*, p. 182-192.
[578] MATOS, *Nossa história: 500 anos da história presença da Igreja católica no Brasil*, p. 74.
[579] FRAGOSO, *A Igreja na formação do Estado liberal*, p. 213.

O exemplo de Igreja voltada para os pobres que Padre Ibiapina imprimiu "tornou-se modelo para duas outras figuras religiosas e forte irradiação por todo o Nordeste: o padre Cícero, de Juazeiro do Norte (CE) e o Beato Antônio Conselheiro, de Quixeramobim (CE)" [580]. De fato, o Padre Ibiapina, passando por Antônio Conselheiro e os diversos beatos e conselheiros do Nordeste, imprimiram à Igreja do Nordeste a marca de orientação social e de trabalho com os mais pobres que permanece até nossos dias.

Antônio Conselheiro pregou sobre o sacramento do batismo. Este sacramento constitui o fundamento da identidade pessoal do cristão e o remete para o compromisso eclesial. Era essa a compreensão do Peregrino. Conhecia bem o papel das autoridades eclesiásticas constituídas e mantinha o devido respeito. Sabia que o papa é o sucessor de Pedro, confirmando com o texto de Mt 16,18. "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" [581].

De fato, a missão do cristão encontra fundamentos na teologia do sacramento do batismo. Segundo São Gregório de Nazianzo quem recebe o batismo granjeia "o mais belo e o mais magnífico dom de Deus" [582]. Antônio Conselheiro levou isso a sério, durante toda a sua vida. Para ele, quem recebe o batismo tem as condições essenciais para a salvação. Reprovando o que não assume a fé, afirma que a incredulidade pesa diante de Deus e desfere comentário sobre os frutos do batismo: "para fazê-la mais patente vejam o que diz Nosso Senhor Jesus Cristo (Mat., cap. 16, v. 16). O que crer e for batizado será salvo, o que porém não crer será condenado" [583]. Viver e ensinar a doutrina do batismo foi sua obsessão maior. Não pensava em obras grandiosas. Seguir Jesus Cristo e estar a serviço de sua obra: eis sua missão.

3.1.5 Elementos essenciais para a comunhão eclesial

Do ponto de vista teológico, a comunhão na Igreja deriva da *Unidade* enquanto nota fundamental e constitutiva de sua eclesialidade. A Igreja é por

---

[580] HOORNAERT, *Crônicas das Casas de caridade: fundadas pelo Padre Ibiapina*, p. 7-8.
[581] ANTONIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses,* p. 148.
[582] GREGÓRIO DE NAZIANZO, *Orationes*, 40,3.
[583] Cf. ANTONIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses*, p. 176.

natureza *Una*[584]. No símbolo niceno-constantinopolitano já aparecem as propriedades essenciais da Igreja. "Creio na Igreja, Una, Santa, Católica e Apostólica". A unidade é uma busca permanente e esforço de todos os membros da Igreja, cada um no seu nível de serviço. O Deus trindade de pessoas é o protótipo de unidade na diversidade. Tertuliano protagoniza o conteúdo que relaciona a Igreja com a Santíssima Trindade. "Onde estão o Pai, o Filho e o Espírito Santo, aí também se encontra a Igreja que é o corpo dos Três" [585].

Ao dirigir-se ao Pai em oração, Jesus encaminha a Igreja, comunidade dos discípulos, para a unidade perfeita, "a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste" (Jo 17, 21). O envio para a missão dá-se pela ação da Trindade em nome da qual o seguidor deve ensinar e batizar: "fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-as a observar tudo o que vos ordenei" (Mt 28, 19-20). Na Trindade, a unidade da Igreja "não se restringe apenas à perspectiva religiosa; ela se traduz na comunhão de bens e de vida, como foi vivido na comunidade primitiva dos Atos dos Apóstolos" (cf. At 2,44-45; 4,34-36)[586]. A unidade é "o já e ainda não". Para Pietro Rossano é uma realidade concreta e deve consumar-se escatologicamente[587].

A Trindade, portanto, é o paradigma para a realização da unidade. O cristão, clérigo e leigo olham para o mistério trinitário para corrigir distorções, tentativas de cismas, perigo de isolamentos e experiências individualistas. Os cristãos leigos e membros da hierarquia constroem a unidade eclesial a partir da vontade do Pai, da docilidade ao Espírito, no seguimento de Jesus Cristo e em comunhão com os irmãos.

É preciso dizer que o povo de Canudos sempre se sentiu Igreja. A forte liderança de Antônio Conselheiro, sua reputação e credibilidade na Igreja, a razoável formação religiosa, a confiança que os párocos da região depositavam em sua presença foram fortalecendo a ideia de que ele não tinha como ideário

---

[584] Para uma boa reflexão sistemática sobre as quatro notas Cf. KASPER, *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*, p. 203-255.
[585] TERTULIANO, *De baptismo*, IV, 1.
[586] BOFF, *A trindade, a sociedade e a libertação*, p. 137.
[587] Cf. ROSSANO, *Propriedades essenciais da Igreja*, p. 15.

separar-se da Igreja Católica, mas viver intensamente sua fé, no ambiente construído em Belo Monte. Todos os elementos oferecidos pela prática do catolicismo popular ajudaram na ambientação para a comunhão fraterna e as orações cotidianas. O vigário do Cumbe representava o elo de unidade da Igreja pela comunhão com o arcebispo, na constante presença em Canudos, pelos sacramentos que presidia especialmente batismo, penitência e eucaristia.

Ao refletir sobre a comunhão na comunidade de fé de Canudos, diversas dúvidas saltam aos olhos. Que atitude Antônio Conselheiro poderia ter tomado diante da decisão do arcebispo da Bahia de dissolver Canudos? A decisão de Antônio Conselheiro de não aceitar essa investida foi erro grave ou poderia ter alternativas, que não "aconselhar o povo a dispersar-se e voltar aos lares e ao trabalho, no interesse de cada um" [588], como sugeriu Frei João Evangelista, em relatório apresentado ao arcebispo da Bahia? Há mais de três anos que o povo tinha abandonado suas casas, até mesmo vendido propriedades para viver em Canudos. Voltar para casa e trabalhar seria possível? Permanecer na e com a comunidade atentaria contra a unidade da Igreja ou desrespeitava o princípio da autoridade religiosa?

Não estamos em condições de responder a todas as perguntas. Queremos, apenas, suscitá-las. Talvez as respostas estivessem em uma boa conversa entre as autoridades religiosas e republicanas. Ou, ainda, em uma visita pessoal do arcebispo a Antônio Conselheiro e, posteriormente, em um encontro com a comunidade do Belo Monte. Não seria possível manter o povo em Canudos e superar o mal entendido de ambas as partes? Não faltou uma segunda tentativa de diálogo com outro representante da Igreja mais inteirado, com melhor conhecimento do jogo de interesses entre os imbricados nos fatos? Com bom senso, capacidade de diálogo e comunhão, Canudos poderia ter tido destino diferente. Onde está o ponto de comunhão? Foi Antônio Conselheiro que não fez comunhão com o arcebispo, não acolhendo seu pedido, ou o prelado exigiu, sem qualquer sintonia com a comunidade, algo não factível?

Do ponto de vista teológico, a comunhão na Igreja se realiza a partir da pessoa de Jesus Cristo e seu projeto de Reino. O Papa Pio XII, ao lançar a encíclica sobre *O corpo místico de Jesus Cristo*[589], afirma que, se esse "corpo

[588] MARCIANO, *Relatório do Frei João Evangelista sobre Antônio Conselheiro*, p. 4.
[589] PIO XII, *Carta encíclica Mystici corporis*, 12-61.

requer também multiplicidade de membros, que unidos entre si se auxiliam mutuamente" [590]. A comunhão na Igreja só se realiza no diálogo entre a autoridade constituída e os membros do povo de Deus, de forma dialógica. A prática do diálogo se realiza pela escuta reverente do Cristo Cabeça (cf. Cl 1,18). Para Jesus, o bom pastor dá a vida pelas ovelhas (cf. Jo 10,11). "O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê o lobo aproximar-se, abandona as ovelhas e foge, e o lobo as arrebata e dispersa, porque ele é mercenário e não se importa com as ovelhas" (Jo 10,12-13).

Durante o período em que as autoridades políticas tramavam invadir Canudos, o governador baiano delegou uma nobre missão ao arcebispo da Bahia: fazer um acordo com Antônio Conselheiro para evitar o confronto armado. O prelado contava com a simpatia do Peregrino. Entre os moradores de Canudos não havia hostilidade ao arcebispo e nem aos representantes hierárquicos da Igreja. Esse fato poderia ajudar em um acordo vantajoso para ambas as partes.

Não se conhecem os motivos que levaram o arcebispo da Bahia a não assumir o protagonismo de pacificar Canudos. Enviou Frei João Evangelista, frade capuchinho, recém-chegado da Itália ao Brasil, para conversar com Antônio Conselheiro, durante uma semana missionária em Canudos. A missão não foi bem sucedida. Em Canudos, a posição do frade foi pré-concebida e unilateral. Desde o início da missão, ele teve posições conflitivas. O povo de Canudos reagiu e não aceitou deixar Canudos, como propunha frei João Evangelista, em nome do Arcebispo. O protagonismo do frade foi direto. Sem muito conhecimento do que se passava em Canudos, o capuchinho demonstrou indignação sobre o estado de pobreza do sertanejo e logo atribuiu a culpa ao Conselheiro[591].

Como entender a posição do Frei João Evangelista? A sua pouca experiência, o não envolvimento do vigário de Cumbe no diálogo, Padre Vicente Sabino (com quem o Peregrino tinha ótimas relações), figura importante para informar o que estava acontecendo em Canudos, certamente ajudaria construir uma posição diferente que o confronto. Antônio Conselheiro e

---

[590] PIO XII, *Carta encíclica Mysticicorporis*, 15.

[591]Cf. MONTE MARCIANO, relatório apresentado pelo Frei João Evangelista ao Arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro e Canudos p.44 a45

as principais lideranças de Canudos não foram ouvidos. Desprezou-se o preceito evangélico fundamental de fazer um caminho, com o testemunho de mais pessoas, conforme a determinação de Jesus, quando um irmão peca (cf. Mt 18,15-19).Faltou criatividade dos que tinham a missão de exercer o poder-serviço e o ministério da comunhão eclesial.

Durante os conflitos nas comunidades primitivas, os que estavam envolvidos na vivencia da fé recebiam orientação de Paulo: "amor especial, por causa do seu trabalho. Vivei em paz uns com os outros. (...) Não extingais o Espírito; não desprezeis as profecias. Discernir tudo e ficai com o que é bom" (1Ts 5,13, 21-22).

Ao refletir sobre a tomada de decisão em momentos limites na Igreja, C. Geffré pontua: o "magistério está a serviço da comunidade eclesial e de seu testemunho. Isso significa que ele não pode usar a confissão de fé como instrumento de poder" [592]. Por isso, é fundamental para a autoridade episcopal, atuando em nome da Igreja, tomar a sério o *sensus fidei* de todos os fiéis na busca de toda a verdade[593].

Não é justo imputar a responsabilidade da guerra de Canudos a Antônio Conselheiro e sua gente, como fizeram historicamente representantes da República e setores da Igreja. É preciso compartilhar a incapacidade de chegar a um acordo aos republicanos, aos emissários da Igreja e ao povo do Conselheiro, este com menor escala, atribuindo o preceito evangélico. "Àquele a quem muito se deu, muito será pedido, e a quem muito se houver confiado, mais será reclamado" (Lc 12,48b). Essa correção faz justiça histórica a um povo estigmatizado, responsabilizado por algo provocado pela "raça superior", o "Brasil do litoral", os "representantes da ciência positiva". A "sub-raça" não foi capaz de fazer valer a narrativa de sua história pelos seus representantes. Esses reparos são fundamentais para devolver a verdade histórica ao povo de Canudos.

Para P. Tihon o jeito diferente e até mesmo oposto de pensar e agir na Igreja nos ajuda criar condições para a comunhão: "a coexistência de tendências opostas no seio da Igreja podem contribuir para uma forma de

---

[592] GEFFRÉ, *Como fazer teologia hoje: hermenêutica teológica*, p. 99.
[593] Aprofundaremos melhor a relação do magistério da Igreja e o sensus fidei ao abordarmos o conflito entre dois modelos eclesiológicos. Cf. 3.2.7.

unidade mais maleável, resistente à degradação dos apoios sociais e simbólicos antigos" [594]. Claude Geffré sugere "tomar a sério o *sensusfidei* de todos os fiéis e fala de 'auto-regulação' de todo o povo dos crentes como organismo vivo em sua procura da verdade toda" [595]. As saídas para o diálogo e a superação do conflito armado encontravam-se difusas entre o povo de Canudos, os representantes da Igreja e as forças políticas da República, esta, com seu braço armado. O diálogo não sendo possível, aparece o trágico caminho do confronto.

3.1.6 A dimensão ministerial da Igreja em Canudos e a comunhão eclesial

A Igreja em Canudos gozava de certa organização. Sempre que o pároco de Cumbe, Padre Vicente Sabino, chegava à comunidade para celebrar a eucaristia, visitar e confessar os doentes encontrava quase tudo organizado. O vigário demonstrava abertura, respeito e sensibilidade pelas práticas religiosas populares no acampamento; ele incentivava as lideranças. Uma testemunha que viveu em Canudos, ouvida por Euclides da Cunha, atestou que o vigário de Cumbe celebrava missas de 15 em 15 dias no Belo Monte, sempre com a participação de Antônio Conselheiro e lhe permitia predicar durante o momento da homilia[596].

O conflito do arcebispo da Bahia com o Conselheiro deu-se em dois momentos específicos. Durante as peregrinações, antes da chegada e da formação da comunidade de Canudos e nas proximidades do início da guerra. Ao chegar a Canudos, Antônio Conselheiro e sua comunidade não foram importunados por qualquer autoridade eclesiástica. Ao contrário. Sempre que estava perto do seu vigário, demonstrava-lhe respeito e colaborava no ministério pastoral como cristão leigo praticante, tornando-se o principal catequista no Belo Monte.

Antônio Conselheiro, beatos, rezadeiras, benzedeiras, puxadores de cantos, soltadores de foguetes e tocadores de sinos garantiam as atividades religiosas para todos, em clima festivo. Os serviços na comunidade de

---

[594] TIHON, P., *A Igreja*, p. 453.
[595] GEFRÉ, *Como fazer teologia hoje: hermenêutica teológica*, p. 98.
[596] Cf. CUNHA, *Diário de uma expedição*, p. 109.

Canudos podem ser entendidos como ministérios eclesiais, porque faziam parte da Igreja de Jesus Cristo, O Bom Jesus. É um serviço evangélico ao povo cristão, na vida cotidiana no acampamento[597].

O povo tinha o hábito de acolher o padre em Canudos para as diversas celebrações: missas quinzenais; três vezes ao dia para as orações; aos sábados, para rezar o ofício de Nossa Senhora e, ao anoitecer, para escutar a pregação de Antônio Conselheiro. Revelam a necessidade de organizar e distribuir tarefas. As lideranças em Canudos desenvolviam atividades em serviços determinados pelas próprias necessidades cotidianas. Não havia desordem. Alguns exerciam coordenações gerais. Antônio Conselheiro se destaca, em todas as áreas, como líder principal. Por ele passava cada pessoa que ingressava no acampamento. Havia uma boa conversa com os que ingressavam, recebiam as instruções diretamente do Conselheiro: não usar bebida alcoólica[598]; não praticar prostituição; acolher e cuidar dos pobres, doentes e necessitados; assumir atividades a partir da aptidão de cada um: trabalhar no comércio, na agricultura, na criação de animais (carneiros, bodes e gado), nas relações comerciais com municípios vizinhos e nas atividades religiosas. Antônio Conselheiro contava com líderes em muitos setores específicos[599].

a) **O grupo dos beatos e beatas**[600].Destacam-se: Antônio Beatinho, Beato José Paulo da Rosa e José Beatinho. Eles coordenavam as atividades religiosas e ordenavam grupos específicos para os serviços comunitários: "tiravam" as rezas, escolhiam os benditos, puxavam as ladainhas, organizavam as campanhas para recolher fundos para as obras da Igreja e recebiam os padres, providenciando a alimentação para a residência do pároco. Os beatos

---

[597] Euclides da Cunha lembra lideranças importantes e que sempre estiveram próximas ao Conselheiro na organização da comunidade: José Venâncio, Pajeú, Pedrão, Lalau, Chiquinho, João da Mota, Joaquim Tranca-Pés, Raimundo Boca-Torta, Chico Ema, Norberto, Quinquim de Coiqui, Antônio Fogueteiro, José Gama, Fabrício de Chorrochó, Macambira, Vila Nova, João Abade, Antônio Beato, José Félix, Taramela e Manoel Quadrado. Cf. CUNHA, *Os Sertões*, p. 263-265.

[598] Cf. CUNHA, *Diário de uma expedição*, p. 109.

[599] Cf. CALAZANS, *Quase biografias de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro*, p. 13-29. Destaco especialmente as lideranças religiosas, dado o caráter predominantemente religioso do movimento de Canudos.

[600] Mesmo sabendo que havia número significativo de mulheres na organização das atividades religiosas em Canudos, os historiadores quase não citam mulheres nos trabalhos religiosos. Muitos autores levantam questionamentos sérios sobre a visão negativa que o autor de *Os Sertões* revela sobre a figura feminina, como CALAZANS, *As mulheres de Os serões*, p. 189.

estavam subordinados ao Conselheiro e recebiam instruções do padre sobre as missas e visitas aos doentes. Como cantor, Antônio Beatinho era conhecido como "dono de uma voz muito bonita para entoar benditos. A mando do Santo, saía pelo sertão para tirar esmolas" [601]. Porém, ele mantém a vigilância: "seu domínio é de fato absoluto; não penetra em Canudos um só viajante sem que ele o saiba e permita" [602].

Segundo José Calazans, no final da guerra, Antônio Beatinho agitou uma bandeira branca em sinal de paz. Ele foi também "zelador de imagens, encarregado de tomar conta das coisas da Igreja, com direito de morar no santuário, perto do Santo Conselheiro" [603]. Foi degolado pelas forças policiais, no final da guerra.

Antônio Timóteo Bispo de Oliveira, conhecido por Timotinho, compadre do Conselheiro, teve a função de repicar o sino na torre da igreja velha do Belo Monte, indicando os horários das orações em comum. Morreu de forma heroica e dramática, "atingido por uma bala de canhão, na torre da igreja, que liquidou o sineiro e jogou longe o sino" [604]. José Felix, conhecido por Taramela, de fértil imaginação, falava muito, verdadeiro falastrão, gozava da confiança do Conselheiro. Ele guardava as igrejas e tomava conta da chave. Foi responsável pelo grupo das "beatas de vestidos azuis, cingidas de cordas de linho, encarregadas da roupa, da refeição exígua daquele (Conselheiro) e de acenderem diariamente as fogueiras para as rezas" [605], anota Euclides. José Félix recebia e distribuía cartas, desvendava o futuro dos indecisos, como adivinho.

Manoel Quadrado exercia o ministério do cuidar dos doentes. Para Euclides da Cunha, Manoel Quadrado trabalhava como "curandeiro" e "médico". Ocupava-se "num investigar perene pelas drogarias primitivas das matas" [606]. Limpava as feridas dos machucados, fazia os curativos e orava pela recuperação.

---

[601] CALAZANS, *Quase biografias de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro*, p. 14-15.
[602] CUNHA, *Diário de uma expedição*, p. 108.
[603] CALAZANS, *Quase biografias de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro*, p. 16.
[604] CALAZANS, *Quase biografias de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro*, p. 20.
[605] CUNHA, *Os sertões*, p. 265. Completa a descrição em outra obra. "Vestem roupas azuis, cingidas as cinturas por cordas de linho alvíssimo; não variam nunca este uniforme consagrado". CUNHA, Diário de uma expedição, p. 107.
[606] CUNHA, *Os Sertões*, p. 265.

Manoel Faustino, mestre de obras, pedreiro e talhador de altares. Antes de chegar a Canudos, na passagem pelo arraial do Bom Jesus (atual cidade de Crisópolis, na Bahia), Antônio Conselheiro construiu uma igreja. A coordenação dos trabalhos ficou aos cuidados de Manuel Faustino. Conhecido como "grande artista", Faustino organizou os trabalhos durante a construção da igreja nova de Canudos e providenciou o grande cruzeiro erigido na praça da igreja.

b)O grupo da segurança da comunidade. Uma equipe de homens formava a Guarda Católica, batizada pelo Frei João Evangelista de "guarda avançada do Conselheiro" [607]ou, ainda, "Companhia do Bom Jesus" [608], para defender a comunidade, zelar pela segurança e evitar as desavenças.

João Abade era o comandante principal do grupo. A ele cabia organizar piquetes de defesa, especialmente durante o ano da guerra. Segundo Euclides da Cunha, faziam parte, como liderança de piquetes, Pedrão, Pajeú, Mota (ou Mata), João, Chiquinho de Maria Antônio, Canabrava, o negro Estevão e João Grande. Via de regra não eram pessoas violentas, nem acreditavam muito no poder das armas, mesmo sabendo que havia alguns com fama de valentes. No decorrer da guerra, "houve necessidade de distribuir seus comandados para as missões de vanguarda em Uauá, serra do Cambaio, Cocorobó, Umburana e outras localidades" [609]. Euclides da Cunha chegou a dizer que "As armas dos jagunços eram ridículas" [610].

c) O Grupo dos comerciantes e proprietários de terra. Ao chegar à fazenda Velha, Antônio Conselheiro encontrou as famílias Motas e Macambira, donas de pequenas propriedades nas margens do rio Vaza-barris e de grande influência regional. Ambas montaram casa comercial na praça da igreja, para vender couro de bode e coordenavam o comércio com Cumbe e Monte Santo. Com o crescimento da cidade, Antônio da Mota sugeriu ao Conselheiro a construção da nova igreja de Santo Antônio de Canudos[611], dado que a pequena capela de Nossa Senhora da Conceição não suportava o crescimento da população. Durante a guerra, ele esteve organizando os trabalhos da construção da nova igreja de Canudos.

---

[607] MARCIANO, *Relatório do Frei João Evangelista sobre Antônio Conselheiro e Canudos*, p. 3.
[608] CALAZANS, *Quase biografias de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro*, p. 33.
[609] CALAZANS, *Quase biografias de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro, p. 34.*
[610] CUNHA, Os Sertões, p. 406.
[611] Durante a construção, a madeira que deveria ser transportada de Juazeiro, tornou-se estopim para o início da guerra.

Joaquim Macambira, agricultor e comerciante, encomendou a madeira para a cobertura da igreja em construção ao proprietário João Evangelista. Seu filho, Manuel Macambira, trabalhava como vaqueiro na fazenda Cocorobó, do Juiz Paulo Martins Fontes.

Esses serviços garantiam o dinamismo da comunidade de Canudos. Para Alberto Parra, os ministérios da 'base' são eclesiais porque os pobres e crentes recuperam sua ministerialidade[612] no agir cotidiano, a partir das necessidades da comunidade eclesial. Em Canudos, a prática dos mutirões nas roças, na construção de novas casas e cemitérios, também acontecia na organização das orações e distribuição dos serviços, eclesiais.

Duas características marcavam a vida religiosa no acampamento: o caráter comunitário e o caráter festivo. Durante as missas e celebrações comunitárias, os diversos cantos, as procissões, os foguetórios e a atenção às homilias iam dando sentido à vida sofrida e marcada pela carência. Oração e trabalho, vida solidária, o cuidado aos pobres visibilizavam a organização interna do acampamento. A fé se traduz em gestos concretos entre os irmãos: o amor a Deus e o cuidado aos pobres no ensinamento do Peregrino. Em Canudos, os mais pobres encontram abrigo, fé, vida comunitária e segurança.

3.2 Modelo eclesiológico de Canudos

Os representantes da instituição eclesiástica correm sérios riscos de reforçar ou impor o aspecto estritamente institucional da Igreja. Quando se opta pelo modelo institucional da Igreja, a cúria romana, a diocese e a paróquia recebem reforços que suplantam a prática laical dos movimentos eclesiais, do catolicismo popular mais carismático e das comunidades distantes dos centros operacionais da instituição.

João Batista Libanio vê nesta forma de organizar a Igreja, o fortalecimento da autoridade, que exerce o controle das ações. O Direito Canônico desempenha função importante. Apela-se "à lei, às normas, às regras, aos ritos, às rubricas. Continuará a tradição romana do segundo

[612] PARRA, *Os ministérios na Igreja dos pobres*, p. 59-61.

milênio, excluindo o pequeno lapso de tempo em torno do concílio Vaticano II. Predominará a tradição garantida pela autoridade" [613].

O modelo eclesiológico em Canudos caracterizava-se pela forte presença do leigo. A escassa presença de membros do clero levou os próprios leigos a assumirem responsabilidades fundamentais para dinamizar a fé do povo sertanejo. Mesmo organizado pelos leigos, as lideranças do catolicismo popular sertanejo não tinham muita dificuldade com os membros do clero. A causa do conflito entre o modelo institucional e o popular partiu mais de alguns padres e do próprio arcebispo da Bahia que das lideranças leigas.

Na verdade, a causa geradora do conflito em Canudos não justificaria atitudes tão radicais contra Antônio Conselheiro e sua gente, conforme o tom condenatório presente no relatório do Frei João Evangelista, a mando do arcebispo da Bahia[614], como veremos a seguir.

3.2.1 Tipologia do modelo eclesiológico do catolicismo popular brasileiro

O catolicismo popular de Canudos tem raízes no catolicismo popular brasileiro.Não podemos contrapor o catolicismo romano ao catolicismo popular, nem devemos entender o modelo do catolicismo romano de forma antitética ao catolicismo popular. O catolicismo popular sempre teve relação dialética e não antitética com o catolicismo oficial. Em Canudos, o catolicismo praticado pelo povo foi trazido para o Nordeste pelas missões da Igreja Católica, por meio da prática popular do catolicismo português. O modelo do catolicismo no acampamento do Belo Monte foi um misto do catolicismo romanizado (oficial) e o catolicismo popular brasileiro praticado no Nordeste, sob a orientação dos párocos, muitos dos quais não entendiam o catolicismo popular vivido pelo povo e o classificavam como prática heterodoxa do povo sertanejo.

Enquanto no litoral brasileiro prevalecia o catolicismo das confrarias, irmandades, com presença sistemática do clero, no sertão, o catolicismo era tocado sob a liderança de cristãos leigos, pela benção do vigário, quando tinha tempo para visitar o povo nas pequenas comunidades e cumprir as desobrigas.

---

[613] LIBANIO, *Cenários da Igreja*, p. 15.
[614] Cf. MONTE MARCIANO, *Relatório apresentado ao Arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro*.

O catolicismo romano tem objetivos diferentes. Nasce preocupado em fazer frente às interferências do Estado em assuntos religiosos, ligado à autoridade eclesiástica, ao "uso correto" da doutrina católica e às leis eclesiásticas. Além de procurar restaurar o prestígio da Igreja, a ortodoxia junto ao clero e aos fiéis leigos, essa prática veio moldar a Igreja do Brasil à fé cristã católico-romana, cujo modelo encontrava-se na Europa.

O catolicismo popular que se desenvolveu em Canudos tinha seu universo simbólico próprio e seguia a gramática do povo: a fé alimentava a vida cotidiana e dava-lhe sentido. O acento se deslocava da ortodoxia para a ortopráxis, do ministério ordenado para os ministérios leigos, da obediência estrita à autoridade eclesiástica para o seguimento de Jesus, que se traduzia nos ministérios leigos.

Para Pedro Ribeiro, esse catolicismo não deve ser encarado como desvio em relação ao catolicismo oficial[615]. É uma das muitas formas de expressão da fé católica. Na concepção de L. Boff, os movimentos de renovação profética, mística e de piedade "irromperam do meio popular, no qual a experiência de Deus e de Jesus Cristo, livre de superegos da doutrina oficial, podia ensaiar uma nova mediação". E continua. "Sem o catolicismo popular não vive o catolicismo oficial, sem o catolicismo oficial não se legitima, em seu caráter católico, o catolicismo popular" [616]. Há diferença entre os dois catolicismos e não incoerência. Não se trata de fazer comparações ou juízo de valor. Os bispos em Puebla afirmaram que a fé da Igreja universal existe e se se exprime concretamente em suas comunidades particulares, de forma concreta[617]. O catolicismo popular, com seus valores e limites, concretiza a fé da Igreja. Qualquer experiência humana de fé é passível de correções e aperfeiçoamentos. O catolicismo popular também tem suas idiossincrasias, seus fanatismos ou suas incoerências. Os critérios para purificação de possíveis distorções encontram amparo no próprio Evangelho, considerando

---

[615] Cf. OLIVEIRA, *Religiosidade popular na América Latina*, p. 355. Um estudo digno de consideração foi realizado por COMBLIN, *Para uma tipologia do catolicismo no Brasil*, com destaque para a superação do binômio "catolicismo oficial" X "catolicismo popular", "catolicismo popular X ortodoxia".

[616] BOFF, *Igreja Carisma e poder*, p. 181.

[617] Cf. Puebla, 373. "Uma comunidade particular concretiza em si a mesma fé da Igreja universal e deixa de ser comunidade privada; supera sua própria particularidade na fé da Igreja total", conclui.

que a perfeição doutrinal das práticas da fé se realizará,em sua plenitude, somente na parusia.

José Comblin entende que o catolicismo liderado pelos clérigos e o catolicismo popular (coordenado por lideranças do povo) tomaram rumos quase opostos. O problema é que "os clérigos imaginam que o seu cristianismo é puro e o único verdadeiramente autêntico, e os outros não têm a problemática de ortodoxia, nem de autenticidade. (...) As formas populares merecem tanto respeito quanto as formas oficiais" [618]. Os que assumem a missão de comando ou ensino (o sacerdote, o bispo, o teólogo, a liderança, etc.) devem ter discernimento diante de certos desvios nos momentos de formação de novas comunidades cristãs. A preocupação com a autenticidade da fé não deve criar obstáculos que dificultem ou gerem conflitos com os envolvidos na experiência concreta.

Entrar em conflito com o catolicismo popular por causa de nuances constitui-se em grave erro. É preciso superar a obsessão pela doutrina pura e genuinamente ortodoxa. Na verdade, o catolicismo genuinamente oficial, definido pela teologia e pelo direito canônico, nunca existiu. Existem sistemas concretos, constituídos por entrelaçamento e impregnação cristã de várias civilizações. No cristianismo, esse fato poderia ter sido superado desde a bem sucedida aculturação da fé cristã durante o encontro com o helenismo. Desde o final do século primeiro, especialmente na experiência de Paulo, em suas viagens e São João, com a formação das comunidades do apocalipse, (cf. Ap 1, 1-3,22), na Ásia Menor e na assimilação da filosofia grega, no prólogo de seu Evangelho (cf. Jo 1, 1-18), a Igreja demonstrou capacidade de se aculturar, respeitando a cultura autóctone sem perder o que é próprio do cristianismo. Porém, sem escrúpulo em assimilar os valores da cultura judaica, grega e romana. Valoriza-se o positivo da experiência e procura-se purificar o que padece de limites, por meio da paciência histórica. O catolicismo quimicamente puro é um ente de razão e só serve para criar conflitos na demarcação hegemônica de espaço no interior da Igreja.

---

[618] COMBLIN, *Para uma tipologia do catolicismo no Brasil*, p. 48. E continua. A "conversão ao cristianismo não se fará por imposição a todos de um cristianismo oficial definido a priori pelos clérigos, e sim pelo contato renovado com o Evangelho que cada um firma dentro de suas próprias estruturas. Não devemos destruir o catolicismo popular, mas deixar que os próprios cristãos populares o melhorem de dentro de seu próprio dinamismo. Mas essa atitude supõe que reconheçamos pelo menos a existência e coerência dos católicos populares".

O encontro das duas experiências, não obstante as tensões e, até mesmo rupturas, não implica, necessariamente, contradições ou puramente falta de ortodoxia. São possibilidades diversas que traduzem o evangelho na prática cotidiana, conforme o lugar eclesial no qual a experiência se realiza. Esse fato em Canudos superou certo universalismo que desfigura a forma concreta da encarnação do Evangelho.

O modelo eclesiológico em Canudos seguiu a tipologia do catolicismo implantado no Nordeste pelas missões itinerantes, animado pelas lideranças leigas e acompanhado pelos sacerdotes. Os "católicos populares" sentem-se Igreja e nunca pensaram em viver a fé cristã à revelia da instituição ou independentes de suas lideranças. A mudança de paradigma eclesiológico provoca inquietações no povo, quase sempre vítima de certas mudanças de cima para baixo, em momentos de ambiguidade na vivência da fé.

3.2.2 Fundamentos teológicos da visão de Igreja para Antônio Conselheiro

O catolicismo popular de Canudos sempre esteve impregnado de símbolos religiosos, ritos, gestos e palavras, oriundos da experiência da fé cristã católica. A existência com igrejas (capelas), estandartes, imagens de santos, rituais de novenas, refrãos, fogos de artifícios, procissões, promessas, etc. marcaram a religiosidade popular protagonizada pela gente de Antônio Conselheiro, com características próprias e caráter festivo.

O líder Antônio Conselheiro tinha duas virtudes fundamentais, indispensáveis para uma liderança que fala e ensina em nome da Igreja. A primeira virtude foi sua correta visão sobre a Igreja e suas estruturas fundamentais. Esse fato se comprova nas homilias que ele deixou por escrito, e que lia nos encontros com o povo. Ao tratar, por exemplo, da fundação da Igreja, Pedro é presentado como fundamento (pedra), conforme o argumento bíblico (Mt. 16,18): "tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" [619]. Também falando do

[619] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses*, p. 179.

sacramento do matrimônio, no contexto da implantação do casamento civil, apela para a autoridade da Igreja:

> (...) o casamento civil ocasiona a nulidade do casamento, conforme manda a santa madre Igreja de Roma, contra a disposição mais clara do seu ensino (sempre benigna, sempre caridosa, e sábia no seu ensino) vêm os homens ao conhecimento de toda a verdade para melhor se aproveitarem no serviço de Deus[620].

Para ele, a Igreja, fundada pelo próprio Cristo, é mãe e mestra. Seu ensino é verdadeiro e ninguém pode duvidar de suas orientações. O "verdadeiro" casamento deve ser celebrado unicamente pela Igreja. Ele não reconhece casamento civil e nem a legitimidade do Estado que se intromete em assuntos religiosos. Sua visão sobre o conteúdo de fé ensinado pela Igreja estava de acordo com a catequese ensinada pelos padres e lideranças católicas no sertão.

As homilias do Conselheiro são pérolas que comprovam a seriedade de seus ensinamentos, a solidez doutrinal, a consciência sobre os conteúdos corretos da catequese, especialmente quando se dirigia ao povo em nome da Igreja. Tinha visão correta sobre a doutrina a respeito da Santíssima Trindade, sobre a mariologia, os sacramentos, a respeito do primado de Pedro e sobre as devoções oferecidas pela Igreja de seu tempo.

Muitas acusações feitas por Euclides da Cunha, com o objetivo de desqualificar as pregações do Peregrino[621], não encontram amparo em suas homilias. Os textos de Euclides não resistem ao confronto com os manuscritos do Peregrino. O que o Conselheiro ensinava era o que a Igreja de seu tempo oferecia. As homilias comprovam, sem qualquer dúvida, a sintonia com a doutrina da Igreja. Ele fazia clara relação entre a Igreja e seus ensinamentos. Se a Igreja foi fundada por Jesus Cristo, então seus ensinamentos são verdadeiros. Nos manuscritos, Antônio Conselheiro não comete qualquer deslize quando reflete sobre a Igreja. Ao contrário, apresenta uma visão correta.

---

[620] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses*, p. 177.

[621] Euclides colheu informações que "provam" que as pregações do Conselheiro estavam marcadas por "oratória bárbara e arrepiadora, feita de excertos truncados das Horas Marianas, desconexa, abstrusa, agravada, às vezes, pela ousadia extrema das citações latinas; transcorrendo em frases sacudidas; misto inextricável e confuso de conselhos dogmáticos, preceitos vulgares da moral cristã e de profecias esdrúxulas". CUNHA, *Os sertões*, p. 223.

Mesmo tendo vivido sob a influência do catolicismo popular e laical, única experiência que conheceu, Antônio Conselheiro defendeu a organização hierárquica da Igreja e se apropriou dos bons manuais de catequese sobre a Igreja. Para ele, o papa sempre foi autoridade máxima da instituição. Porém, não deixava dúvidas que "só Deus é grande".

A crítica do Peregrino ao regime republicano revela mais que um confronto com os poderes deste mundo. Manifesta o seu inconformismo frente às perseguições sofridas pelos padres e bispos, ferindo a própria Igreja. A República "tem barbaramente oprimido a Igreja e os fiéis; chegando a incredulidade, a ponto de proibir até a companhia de Jesus. Quem diria que houvesse homens que partilhassem de semelhante ideia" [622]. Em seus escritos, não aparecem críticas à organização hierárquica da Igreja nem rejeição às autoridades religiosas. Ao contrário. Antônio Conselheiro conseguiu compatibilizar o respeito pelos ministros ordenados e, ao mesmo tempo, sua militância como leigo cristão.

O representante do arcebispo da Bahia, frei João Evangelista de M. Marciano, reconhece coerência no Peregrino, ao afirmar que, no tocante aos "deveres e práticas religiosas, Antônio Conselheiro não se arroga nenhuma função sacerdotal" [623]. Esse dado é importante do ponto de vista da serenidade de um cristão que conhece bem sua competência e não mistura suas atribuições de leigo responsável, com as funções dos ministros ordenados da Igreja. Mesmo espraiando críticas, muitas das quais sem fundamentos, Euclides da Cunha tinha grande admiração pela consistência de vida do Peregrino. Seguindo a boa tradição dos líderes cristãos do passado, "Antônio Conselheiro era um pietista ansiando pelo reino de Deus, prometido, delongado sempre e, ao cabo de tudo, esquecido pela Igreja ortodoxa do século II. Abeira-se apenas do catolicismo mal compreendido" [624]. Não se oferecia outro catolicismo diferente do ensinado pelo Peregrino. O processo de romanização avizinhava-se, porém, não tinha sido assimilado pelo sertanejo.

As acusações do arcebispo da Bahia em carta circular aos párocos do sertão, proibindo a presença do Conselheiro, dizem respeito às "doutrinas

---

[622] ANTÔNIO CONSELHEIRO, Prédicas de Antônio Conselheiro aos Canudenses, p. 175.
[623] MARCIANO, *Relatório do Frei João Evangelista sobre Antônio Conselheiro e Canudos*, p. 5.
[624] CUNHA, *Os Sertões*, p. 229.

supersticiosas" ensinadas por ele; "uma moral excessivamente rígida" e do suposto enfraquecimento da "autoridade dos párocos destes lugares," por onde passava a caravana do Conselheiro[625], não encontram respaldo nem na doutrina ensinada pela Igreja, nem nos manuscritos do Conselheiro. O Peregrino nunca permanecia em uma freguesia sem a anuência do pároco. Ele não adotava prática de afrontar a autoridade eclesial por onde passava. Sempre que sentia contrariedade no comportamento dos padres, ele se retirava sem emitir qualquer juízo de valor ou manifestar reação.

Da mesma forma, o ensinamento catequético ministrado pelo Peregrino sempre esteve de acordo com o conteúdo teológico que os ministros ordenados recebiam durante a formação nos seminários e transmitiam ao povo. Na análise que fiz de suas homilias (no 2º capítulo), concluí que não há "doutrinas supersticiosas", não encontrei "uma moral excessivamente rígida". Isso não significa que não houvesse exageros no tocante a certas atitudes morais praticadas pelo povo simples, inspiradas nos preceitos transmitidos pela Igreja[626].

O catolicismo popular, como qualquer forma de catolicismo, sempre carrega algo que não vem do Evangelho e manifesta aspectos exagerados da moral cristã. Toda e qualquer cultura tem seus valores e limites. Não é exclusividade da cultura sertaneja ou do catolicismo popular. Entre o conteúdo da fé ensinado e o assimilado pelo povo simples, há descompassos. Para E. Hoornaert, o que a Igreja pedia "ao povo era simplesmente a aceitação das tradições que o clero introduzira (as práticas sacramentais, nomenclaturas de santos, festas do ano litúrgico, etc.)" [627].

Desse modo, também não é razoável atribuir exclusivamente ao Conselheiro "ensino supersticioso" e "moral excessivamente rígida". A rigidez moral, a obediência acrítica e a mera repetição das práticas religiosas faziam parte do arcabouço da religiosidade popular e do próprio romanismo. Esse fato não justifica a proibição da passagem do Peregrino pelas paróquias. Para o

---

[625] Cf. CUNHA, *Os Sertões*, p. 230-231.

[626] O historiador católico Eduardo Hoornaert recolheu depoimentos surpreendentes de pessoas pobres do interior do Nordeste o que revela certo fatalismo, inspirado na religiosidade ensinada pela Igreja, conforme segue. "O que aprecio mais na religião é a festa". "Tiraram a santa da Igreja: acabou-se a Igreja. Não sei mais a quem devo rezar". "Todos têm que nascer na sorte: uns ricos, outros pobres". "o pobre tem que se confessar e achar que o mundo é assim mesmo". HOORNAERT, *Verdadeira e Falsa religião no Nordeste*, p. 51, 58, '60, 61,

[627] HOORNAERT, *Verdadeira e Falsa religião no Nordeste*, p. 70.

líder de Canudos, se a Igreja foi fundada por Jesus Cristo, então os seus ensinamentos são verdadeiros. Não havia dúvidas. A origem da Igreja e os ensinamentos vêm de Cristo. Ao descrever a construção do templo por Salomão[628], o Conselheiro traça surpreendente paralelo com as campanhas para edificar a Igreja de Santo Antônio de Canudos.

Para o Peregrino, a igreja de Canudos é a continuidade da Igreja fundada por Jesus Cristo. Ela recebe a força do ressuscitado que sempre esteve presente na Igreja, pela ação do Espírito Santo, infundido no dia de pentecostes aos que se esforçam para praticar o que a Igreja ensina.

3.2.3 Elementos da Tradição Eclesial nos manuscritos do Conselheiro

O que podemos encontrar de Tradição eclesial nos manuscritos do Beato e na prática de vida no Belo Monte? Descobrimos, em suas homilias, a formulação correta sobre a origem da Igreja. Seus ensinamentos estão em sintonia com a Tradição viva da Igreja, conforme o uso da Bíblia e o ensino dos manuais de catequese para adultos, oferecidos pelos párocos, tais como, *Missão Abreviada*, *Práticas mandamentais*[629] e *Horas Marianas*[630]. Esses livros de breves ensinamentos chegaram às mãos do Conselheiro por meio dos missionários e dos párocos da região, colaborando para inseri-lo na comunhão eclesial do seu tempo e tornaram, ao lado da Bíblia Sagrada, as principais fontes de inspiração para suas homilias. Antônio Conselheiro, de posse desses manuais de catequese da Igreja, que circulavam em Canudos, bebeu na fonte da doutrina da Igreja.

Outro ponto importante é o fato de o Peregrino usar como fontes para escrever suas homilias, textos bíblicos, dos padres da Igreja, de Santo Tomás de Aquino, dos papas e de documentos pontifícios. Isto revela certa habilidade no uso das principais fontes da Teologia cristã: Bíblia, Tradição e Magistérios ordinário e extraordinário da Igreja. “As chagas de Jesus, diz São Boaventura,

---

[628] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio conselheiro aos canudenses*, p. 169-170.
[629] Cf. DE DEUS, *Práticas mandamentais ou reflexões morais sobre os mandamentos da Lei de Deus*.
[630] Cf. SARMENTO, *Horas Marianas*.

são todas de amor; são setas, são chamas que ferem os corações mais duros e abrasam as almas mais frias" [631].

Ele não somente foi um católico que procurava viver com coerência a fé cristã, como também ensinou o que a Igreja de seu tempo proporcionava para os seus fiéis. Isso é fundamental para reconhecer os valores cristãos de uma liderança que foi afugentada pelo Estado brasileiro e por setores da Igreja. Reconhecer tudo isso é um ato de justiça com um líder que representou numerosos conselheiros que agiram em nome da Igreja, durante quase todo o século XIX e boa parte do século XX.

A apreciação global dos manuscritos de Antônio Conselheiro corrige uma série de acusações feitas ao Beato e faz justiça histórica a um líder que desempenhou sua função de cristão leigo praticante de modo coerente, independentemente de suas convicções políticas. Para Eduardo Hoornaert, Antônio Conselheiro continua a tradição do catolicismo popular circulante no Nordeste, implantada pelas missões populares, recebida do Padre Ibiapina e Padre Cícero e que continua na Igreja[632].

Como homem profundamente ligado ao seu tempo, Antônio Conselheiro interpretava a Palavra de Deus, a doutrina dos santos padres e usava os manuais de catequese da Igreja, a partir da realidade vivida pelo povo de Canudos. Para ele, ser coerente com o que a Igreja ensinava significava estar inserido na vivência concreta da fé na comunidade de Canudos. A fé inspirava o Peregrino durante as orientações aos que chegavam para fazer parte da comunidade do Belo Monte. No dizer de Maria Isaura de Queiroz, a vida em Canudos ostentava características religiosas, com "um conjunto de regras bem definidas apoiadas num substrato de crenças religiosas que davam àquelas a sua validez" [633].

Nertan Macedo colheu o depoimento de Vilanova, sobrevivente de Canudos, descrevendo atitudes de fé dos membros da comunidade do Belo Monte. "As beatas rezavam o dia inteiro. Estavam sempre ajoelhadas no oratório, desfiando os rosários, cantando as ladainhas. Até mesmo de madrugada. De manhã, era o ofício, as novenas de Santo Antônio. Cantavam

---

[631] ANTÔNIO CONSELHEIRO, Os dez mandamentos da lei de Deus, p. 107.
[632] HOORNAERT, *Crônicas das Casas de Caridade: fundadas pelo Padre Ibiapina*, p. 7-8.
[633] QUEIROZ, *O Messianismo no Brasil e no mundo*, p. 236.

os benditos" [634]. A chegada de Antônio Conselheiro na reunião era motivo para "repetir os Mandamentos da Lei de Deus e aconselhar o povo. Tudo o que ele proferiu antes da guerra nós vimos. Não era homem para acreditar em bruxarias. Lia a sua *Missão Abreviada*" [635]. Sempre que era possível, a comunidade recebia a visita do vigário de Cumbe, Padre Sabino, "que vinha celebrar, batizar e casar na Igreja do Peregrino. O reverendo gostava de Canudos e ali ficava mais de um dia e era muito bem recebido" [636], confirmando a presença do representante da Igreja, que tinha a missão de garantir a comunhão eclesial em sua paróquia, da qual Canudos fazia parte. O fato significativo é que o livro de cabeceira do Peregrino

> "era a Missão Abreviada, no qual muito se fala da morte, do inferno, do juízo final, dos açoites e espinhos e da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. (...) O Peregrino amava esse livro e varava o dia e a noite lendo ou copiando as meditações e os exemplos dos Santos" [637].

De fato, a afirmação de que o Conselheiro ensinava doutrinas diversas da ortodoxia católica não encontra fundamento na boa literatura sobre o beato e nem observando honestamente suas homilias deixadas por escrito para a história.

3.2.4 A militância do Beato junto ao Padre Ibiapina

José Antônio de Maria Ibiapina nasceu na Cidade cearense de Sobral (05-08-1806) e morreu em Bananeiras, Paraíba (19-02-1883). Formado em direito e atuando como advogado, juiz e deputado federal, Ibiapina abandona tudo para seguir carreira eclesiástica. Veio ser ordenado presbítero com 47 anos de vida, após a dispensa de boa parte dos estudos filosóficos e teológicos. Iniciou sua vida sacerdotal ligado a cargos de direção, como vigário geral e professor de teologia no seminário maior. Padre Ibiapina decide atuar como missionário junto aos pobres no interior do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, deixando a vida cômoda na capital e criando diversas casas de apoio às mulheres.

---

[634] MACEDO, *Memorial de Vilanova*, p. 68.
[635] MACEDO, *Memorial de Vilanova*, p. 68. Grifo do autor.
[636] MACEDO, *Memorial de Vilanova*, p. 68.
[637] MACEDO, *Memorial de Vilanova*, p. 49.

Antônio Conselheiro, nascido de família católica, formou sua conduta religiosa na prática popular do catolicismo, vivendo os conflitos de terra no Nordeste, especialmente na luta sangrenta entre a família dos macieis e dos Araújo, com mortes violentas dos dois lados. O estado de pobreza do povo nordestino criou em Antônio Conselheiro um grau de indignação ética que o levou a tomar atitudes de solidariedade aos empobrecidos. Maria Isaura fala que Antônio Conselheiro "dedicou-se a partir de 1867 ou 1868 totalmente à vida religiosa" [638].

Durante o período em que José Maria Ibiapina exercia o cargo de Juiz de direito na Comarca de Quixeramobim, Antônio Conselheiro o conheceu e aprendeu a admirá-lo pela prática correta da magistratura e pela sua simpatia pelos mais pobres do Ceará. Segundo Abelardo Monte Negro, durante o pouco tempo que passou pela referida comarca, o juiz José Ibiapina protegia a família dos macieis, de Antônio Conselheiro e colocava o seu saber jurídico a serviço da justiça aos mais pobres. É certo que Ibiapina introduziu devoções religiosas que Antônio Conselheiro as praticou em Canudos[639]. Essa militância junto às missões do Padre Ibiapina garantiu-lhe o aprendizado suficiente para organizar o movimento missionário e itinerante que chegou até Canudos.

Como militante no movimento do padre, o Beato teve a função de irmão pedinte, recolhendo donativos para os projetos das diversas construções do antigo magistrado[640]. Dessa militância ele recebeu os elementos basilares da religiosidade popular, dos serviços de caridade decorrentes da fé cristã, do amor aos pobres, desvalidos do Nordeste e, acima de tudo, o seguimento de Jesus Cristo.

A proximidade com Ibiapina provocou no Conselheiro o desejo de imitar suas virtudes. Admirava o Padre Mestre na "humildade, no vestuário, no uso do cajado, no combate ao luxo, na preocupação constante de fazer obras" [641]. Do padre também veio o aspecto moralista das pregações, que incutia nas mulheres indumentárias simples, superação de qualquer objeto pessoal que estimulasse a vaidade. Padre Ibiapina ajudou o Peregrino a conviver, a falar e

---

[638] QUEIROZ, *O messianismo no Brasil e no mundo*, p. 225.
[639] Cf. OTTEN, *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 272.
[640] Cf. CALAZANS, *O ciclo Caboclo do bom Jesus Conselheiro: contribuição ao estudo da companhia de Canudos*, p. 44.
[641] CALAZANS, *O ciclo Caboclo do bom Jesus Conselheiro: contribuição ao estudo da companhia de Canudos*, p. 44.

a comprometer-se com os pobres, cuja opção marcou a vida do Padre Mestre. O envolvimento nas atividades junto ao Padre Ibiapina deixou marcas na experiência de Antônio Conselheiro o que o tornou missionário autônomo e criativo durante sua missão.

Para Antônio Conselheiro, o Padre Ibiapina sempre foi referência de líder religioso. Não se tem informações precisas sobre o tempo em que ele conviveu como membro da missão Ibiapina. O que se sabe, porém, é queboa parte das práticas populares do catolicismo o Peregrino trouxe dessa vivência. A comprovação da proximidade deriva da semelhança no pensamento teológico. O contexto sócio religioso é o Nordeste semiárido, os manuais de catequese são comuns, o catolicismo popular influenciava o padre e o Peregrino. Os dois líderes andaram pelos mesmos caminhos, em espaços geográficos próximos.

O forte aspecto de espiritualidade cristocêntrica, mariológica, teocêntrica e sacramental evita o espiritualismo desencarnado das práticas religiosas. A forma de organização das missões do Padre Ibiapina, o estilo da comunidade solidária de Canudos, a necessidade de cuidar dos milhares de pobres que entravam na comunidade ajudavam a construir a mística cristã da solidariedade, a partir do trabalho, da oração e da convivência interpessoal. Tanto o Padre Ibiapina quanto Antônio Conselheiro utilizavam os mesmos manuais devocionais, possuíam semelhante concepção de pecado, pregavam a luta contra os maçons, destacavam a centralidade devocional sobre a cruz de Cristo, cultivavam as devoções marianas. Para eles, “só Deus é grande” e, por isso, distanciavam-se dos poderosos e buscavam, na própria comunidade, a solução para os problemas religiosos, sociais e políticos.

3.2.5 Contato com outros padres que influenciaram o Beato no Nordeste

Durante os anos de peregrinação pelo Nordeste, Antônio Conselheiro teve contatos com diversos sacerdotes, prática que trouxera do seu genitor, homem marcado pela religiosidade. Além do contato com o Padre Ibiapina, o Peregrino teve inclusões com os diversos párocos, durante suas andanças, como andarilho. Atuou em diversas localidades do sertão como brilhante meteoro, que iluminou muitas vidas e encantou numerosos seguidores e até

sacerdotes da região[642]. O encontro com os padres durante sua peregrinação acrescentava aos seus sonhos ingredientes para fortalecer sua missão com os pobres de Deus, antes de chegar a Canudos e depois que se estabeleceu no Belo Monte.

Com a postura do arcebispo contrária ao Conselheiro, o clero se dividiu. Uma parte contra e outra simpática ao Peregrino. Por causa das proibições do arcebispo da Bahia, muitos padres tinham receio de permitir a presença do Peregrino no território paroquial. Mesmo assim, Antônio Conselheiro os respeitava e continuava sua peregrinação, por outras localidades, pregando o Evangelho, reformando e construindo novas igrejas e clamando pela conversão dos pecadores. De vida andarilha, teve oportunidade de passar por diversas freguesias e manter contatos com os respectivos párocos. Antes de chegar a Canudos, passou pelo sertão de Curaçá, Chorrochó, Alagoinhas, Cumbe, Mocambo, Massacará, Pombal, Tucano, Monte Santo. Nesta cidade, organizou uma procissão penitencial e subiu a serra de Monte Santo com grande quantidade de fiéis.

Euclides da Cunha relata a passagem do Conselheiro por certa localidade e o padre o acolhe em sua casa, com gestos de cuidado, não obstante o temor da proibição explícita. "Dá-lhe o pároco com que se alimente, aceita um pedaço de pão apenas; oferece-lhe um leito, prefere uma tábua sobre que se deita sem cobertas, sem mesmo desatacar as sandálias" [643]. No dia seguinte, o hóspede pede para fazer uma pregação no início da novena e o padre negou-lhe sob o seguinte argumento: "- Irmão, não tendes ordens; a Igreja não permite que pregueis. Deixai-me, então, fazer a via-sacra. – Também não posso. Vou eu fazê-la" [644], finalizou o padre. Ele não insiste e "bateu em retirada".

Quando passou por Natuba, sem a presença do pároco, organizou mutirão para reformar a Igreja. De volta, o vigário reagiu ao feito e doou as pedras para fazer as calçadas do povo. Tempos depois, entretanto, com o andar da deterioração da Igreja e do cemitério da cidade, agora o padre o convida para a mesma empreitada e a limpeza do cemitério. Ele defere o

---

[642]Cf. OTTEN, *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 145,308-309.
[643] CUNHA, *Os sertões*, p. 235.
[644] CUNHA, *Os sertões*, p. 235.

pedido do vigário de Natuba. Porém, "fê-lo por meio de imposições discricionárias, relembrando, com altaneira destoante da pacatez antiga, a afronta recebida" [645].

Levando em consideração o arco de atuação do Peregrino e o número de paróquias percorrido, a documentação nos arquivos da Cúria da Arquidiocese de Salvador que proíbe a passagem do Conselheiro pelas freguesias é quase insignificante. Alguns seguem as proibições do arcebispo e reclamam dos colegas que dão apoio ao Conselheiro. O Padre Antônio Porfirio, pároco de Inhambupe, em 1º de julho de 1883, permitiu que o Conselheiro sentasse ao seu lado no altar, com roupas litúrgicas e o convidou para fazer a homilia durante a missa. Outros padres simpáticos ao Conselheiro ou "adesistas faziam vistas grossas quando das reuniões de pessoas em suas freguesias para ouvirem o Conselheiro" [646]. Havia até conflitos entre párocos sobre a concessão de homilias ao Conselheiro nas paróquias, como revela a reação do monsenhor Manoel dos Santos Pereira, ao pedir providências ao arcebispo em Salvador, para emitir nota de proibição.

Segundo Ismar de O. Araújo Filho, a "preocupação desses vigários e padres com o crescimento do número de seguidores do Conselheiro, bem como a adesão de muitos clérigos a esse movimento, concretizou o dualismo de opiniões dentro da Igreja Católica" [647]. Isso revela, porém, a falta de objetividade em relação aos reais motivos das proibições. Na verdade, Antônio Conselheiro não ia além das prerrogativas das lideranças leigas, que tocavam o catolicismo sertanejo.

Ao aterrissar em Canudos, o apoio popular ao Conselheiro era generalizado e irreversível. Sua comitiva tornou-se conhecida em toda a região. Quando o Peregrino coordenou a campanha para a construção da nova Igreja de Canudos, os donativos chegavam dos lugares por onde ele havia passado. Pessoas se deslocavam de Tucano e Itapicuru para auxiliarem na construção. Os donativos vinham de Alagoinhas, Feira de Santana e Santa Luzia. Até a doação de gado veio das cidades sergipanas e baianas de Simão Dias,

---

[645] Cf. CUNHA, *Os sertões*, p. 237.
[646] ARAÚJO FILHO, *A adesão do clero ao movimento conselheirista*, p. 72-73.
[647] ARAÚJO FILHO, *A adesão do clero ao movimento conselheirista*, p. 73.

Jeremoabo, e Bom Conselho[648]. Euclides da Cunha caracterizou a nova igreja de construção da "catedral admirável dos jagunços", e "forma dúbia de santuário e de antro, de fortaleza e de templo, irmanando no mesmo âmbito, onde ressoariam mais tarde as ladainhas e as balas, a suprema piedade e os supremos rancores" [649]. Para o povo, o Conselheiro ensinava o que era certo e mandava praticar a união e a caridade.

3.2.6 Tipologia do modelo eclesiológico de Canudos

A experiência eclesial do povo de Canudos foi marcada pelas práticas do catolicismo popular brasileiro. Canudos fazia parte do modelo eclesiológico trazido para o Brasil por missionários jesuítas e franciscanos (Capuchinos), através das missões itinerantes. Antes da implantação do processo de romanização no Nordeste do Brasil, prevalecia o escopo de uma Igreja na qual a presença do sacerdote foi muito escassa e a religiosidade do povo foi-se organizando a partir da animação de lideranças leigas, confirmadas pelos missionários e com o apoio dos párocos do sertão. A prática do catolicismo no Nordeste é uma questão eclesiológica, porque revela um modelo de Igreja próprio do sertanejo, durante o século XIX.

Para concretizar a fé cristã, a Igreja precisa de mediações históricas e a fé se encarna em formas concretas de organização do povo com seus pastores. Leonardo Boff define o catolicismo popular como uma experiência dentro da Igreja: "é o que não é oficial nem pertence às elites que detêm a gestão do Católico. Catolicismo popular é uma encarnação diversa daquela oficial romana, dentro de um universo, uma linguagem e gramática diferentes, exatamente aqueles populares" [650].

Em surpreendente pesquisa sociológica sobre o catolicismo popular na América Latina, Pedro Ribeiro apresenta valiosa síntese sobre religiosidade popular na América Latina, destacando sua unidade e pluralidade. Ele introduziu na compreensão sociológica dessa forma de manifestação da fé cristã a assimilação plural em forma de *constelações*, a partir de dados

---

[648] Cf. CUNHA, *Os sertões*, p. 259-260.
[649] CUNHA, *Os sertões*, p. 259.
[650] BOFF, *Catolicismo popular: o que é Catolicismo?* P. 49-50.

empíricos: “catolicismo é um sistema religioso definido, preciso, enquanto religiosidade é uma noção demasiadamente vaga” [651]. Isso, no entanto, não desmerece a importância da religiosidade popular como expressão da fé do povo simples, que não teve oportunidade de aprofundar a fé cristã. Pedro Ribeiro destaca pelo menos a prevalência de três tipos de constelações no catolicismo popular:

1) **Constelação sacramental**: “a constelação sacramental é assimilada por maiores camadas da população que num contexto ‘neutro’ – em que a predominância da Igreja como instituição é menos sensível" [652]. O corpo institucional: bispos, padres e líderes que preparem os fiéis para a recepção dos sacramentos determina a qualidade da “Constelação sacramental”. Em muitos locais a Igreja não dispõe de pessoas qualificadas para uma catequese eficiente e, por isso, a recepção dos sacramentos pode não vir acompanhada de convicção de fé.

2) **Constelação devocional**. Como não é possível uma ação eficiente na formação e acompanhamento dos líderes, prevalecem no corpo eclesial identificados com a devoção, novenas, rituais ligados à cultura local e “outros atos litúrgicos” distintos dos oferecidos pela Igreja. O povo “cria” os meios de oração, pelas novenas aos santos, culto às imagens, “e tantos outros pelos quais o devoto estabelece ou reforça uma aliança com seres sagrados pessoais. Chamamos esta constelação *devocional*” [653].

3) **Constelação protetora**. Consiste em uma prática de caráter quase mágico. Emana das promessas aos santos, pelas novenas precatórias, especialmente nas ocasiões de carências, dificuldades materiais e momentos de insegurança diante do desconhecido ou, até mesmo, diante da morte: “a relação com o santo é de tipo contratual (...) e pode se desfazer tão logo a ‘graça’ pedida seja obtida. Chamamos esta constelação de atos *protetora*” [654].

Conforme cada realidade cultural e a influência de outras crenças religiosas, o povo apresenta formas próprias e, até mesmo exóticas, da prática individual e coletiva da experiência religiosa. O critério de ortodoxia no

---

[651] RIBEIRO, *Religiosidade popular na América Latina*, p. 354.
[652] RIBEIRO, *Religiosidade popular na América Latina*, p. 359. Este estudo foi solicitado pelo CELAN durante a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medelín, em 1968.
[653] RIBEIRO, *Religiosidade popular na América Latina*, p. 357.
[654] RIBEIRO, *Religiosidade popular na América Latina*, p. 357.

“julgamento” sempre passa pelos valores evangélicos, respeitando sempre os limites culturais, com paciência história.

Membro da equipe de historiadores da CEHILA, Frei Hugo Fragoso questiona o “critério da ortodoxia” e da “observância legal” como padrões únicos de julgamento de parte do episcopado em suas cartas pastorais, sobre a religiosidade popular. Para ele, prevalecia o critério “clerical” diante da prática laical, sem qualquer alusão aos valores que o catolicismo popular criou durante mais de três séculos no Brasil[655]. Esse dado é muito importante para reconhecer como positiva a expressão da fé do povo de Antônio Conselheiro.

O modelo eclesiológico de Canudos chegou ao Brasil pela própria Igreja, através da concepção do padroado: a cruz chegou ao Brasil na mesma embarcação que a espada. O catolicismo popular “dominou” por muitas décadas o cenário religioso, tanto no litoral (com as irmandades e confrarias) quanto no sertão, desde a chegada de missionários portugueses. Em muitos casos em conflitos com a instituição. O projeto pastoral diferente não pode desconsiderar esse fato.

Em contraste com as abordagens pelo viés da “ortodoxia”, “legal” e “clerical” Hugo Fragoso, destacando o que parece detrair a religiosidade do povo, procura analisar a mística do catolicismo popular de maneira mais favorável. Ele cita o jornal de propriedade da Igreja em Salvador, impressão semanal, que revela o modo místico fervoroso do povo, de todas as classes sociais, tanto entre “os altos funcionários, como o pobre artista” [656]. Foram as missões portuguesas, em nome dos ensinamentos fundamentais da fé cristã, que deram as devidas orientações aos que exerciam liderança na comunidade. Antônio Conselheiro também seguia tais orientações.

Pelo menos quatro elementos merecem destaques na Igreja de Canudos: 1) O uso reiterado da Bíblia Sagrada pelo Conselheiro; 2) A participação da comunidade nas celebrações dos sacramentos, especialmente Batismo, Penitência e Eucaristia, sempre que o padre chegava; 3) A utilização dos principais manuais de catequese que circulavam nas paróquias da região, com destaque para *Missão abreviada*, *Práticas mandamentais*, *Horas Marianas*, textos dos santos padres, etc., e a Palavra de Deus na preparação

[655] Cf. FRAGOSO, *A Igreja na formação do Estado liberal (1840-1875)*, p. 218-219.
[656] Cit. in: FRAGOSO, *A Igreja na formação do Estado libera (1840-1875)*, p. 218.

das homilias do Peregrino[657]. 4) A sintonia da comunidade de Canudos com o pároco de Cumbe, Paróquia da qual Canudos fazia parte. Tudo isso confirma a ortodoxia da catequese ensinada em Canudos.

Em Belo Monte, Antônio Conselheiro ensinava ao povo a doutrina da Igreja, através dos manuais oferecidos pelos sacerdotes da região, pelos livros com instruções para dar continuidade às missões pelas lideranças leigas, deixados pelos missionários no final de cada ciclo missionário. Havia esforço para a observância dos dez mandamentos como norma a ser seguida[658]. O seguimento de Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro[659], segundo os ensinamentos do Peregrino, constituíam-se no ideal primordial para os que entravam na comunidade. O amor ao papa revela o senso de comunhão com a Igreja e a vontade divina da escolha de Pedro como pedra, para edificar a Igreja[660]. A práxis do povo de Canudos derivava da fé.

Os erros e acertos em Canudos foram claudicações e assertivas da própria Igreja. Os exageros em Canudos não comprometeram o conjunto da obra do Conselheiro e sua gente. Na qualidade de legado do arcebispo da Bahia, Frei João Evangelista teve dificuldade para entender os interesses implicados em Canudos. Religioso, recém-chegado ao Brasil, com pouco conhecimento da mentalidade do homem sertanejo e fora de sintonia com o que se passava no contexto político e religioso brasileiro, especialmente sobre o fato Canudos, Frei João Evangelista não estava apto para realizar tamanha missão.

Um missionário brasileiro, capaz de estabelecer diálogo, com capacidade de entender o movimento sertanejo em sua inteireza, sem intenção preconcebida de dispersar o povo, com o espírito desarmado, poderia ter desdobramento diferente, uma vez que o religioso não demonstrava tal habilidade. Em Canudos, dois erros se sucederam. Um da parte dos

---

[657] As homilias deixadas por escrito são fundamentais na recuperação teológica do legado de Antônio Conselheiro e sua gente.

[658] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses, in: Nogueira*, p. 107-143. As longas homilias preparadas pelo Conselheiro sobre os dez mandamentos e lidas nos encontros da comunidade revelam o desejo de normas de conduta para o povo no acampamento, em um momento de profunda crise moral, ética e política no Nordeste.

[659] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses*, p. 154.

[660] Cf. ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Prédicas de Antônio Conselheiro aos canudenses*, p. 148 e 152.

representantes da Igreja e o outro de Antônio Conselheiro. Do lado da Igreja, a falta de estratégia e de bom senso diante do acirramento dos ânimos entre as autoridades políticas e o povo de Canudos. Da parte de Antônio Conselheiro, por falta de maior abertura para o diálogo com Frei João Evangelista de M. Marciano. Poder-se-ia fazer uma segunda tentativa de diálogo com outro representante de maior capacidade de diálogo. Isso não foi possível nem da parte das lideranças da Igreja nem dos líderes de Canudos.

Depois de mais de três anos de vida comunitária querer dissolver a experiência e mandar as pessoas para suas casas não foi a melhor estratégia do representante do arcebispo. Levando em consideração o nível de desemprego no Nordeste, o colapso da economia, a migração interna e externa em busca de sobrevivência e o apoio que os mais pobres encontraram em Canudos, qual o melhor caminho: abandonar o acampamento e voltar para suas casas "sem eira nem beira" ou arriscar permanecer unidos em comunidade, compartilhando o uso coletivo da terra, cuidando e acolhendo os mais pobres? Eis a questão.

Frei João Evangelista, em seu relatório, durante a visita a Canudos revela muita mágoa ao descrever a vida no Belo Monte e desconhecimento em relação à fé do povo sertanejo. Ele não valorizou os muitos elementos positivos no acampamento nem percebeu, na vida da comunidade, a presença viva da Igreja, como veremos a seguir.

3.2.7 Conflito entre dois modelos eclesiológicos em Canudos

O histórico das dificuldades do arcebispo da Bahia, para compreender o movimento de Canudos e estabelecer diálogo, remonta às andanças do Conselheiro pelo interior da Bahia. Diversas acusações foram imputadas ao Conselheiro sem qualquer amparo histórico e real. "Nada se podia imputar de condenável em sua conduta pessoal" [661], afirma Edmundo Moniz.

As posições do arcebispo da Bahia trouxeram drásticas consequências para o início da guerra. Durante a década de 1880, quando Antônio Conselheiro passou pelas cidades baianas de Bom Conselho e Itapicuru, a

[661] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 30.

Igreja assume posição ambivalente[662] sobre o Peregrino, conforme atestam as correspondências do arcebispo da Bahia, Dom Luiz Antônio dos Santos[663]. O ordinário proibia que Antônio Conselheiro fosse recebido pelos vigários da região, impedia a catequese do Peregrino, afirmando que ensinava "doutrinas supersticiosas", pregava "uma moral excessivamente rígida" e debilitava "a autoridade dos párocos". O bispo justifica a decisão, uma vez que, "competindo, na Igreja Católica, somente aos ministros da religião a missão santa de doutrinar os povos, um secular, quem quer que seja, ainda quando muito instruído e virtuoso, não tem autoridade para exercê-lo". De fato, as Constituições do Arcebispado da Bahia proibiam, sob pena de excomunhão e multa, qualquer pessoa secular, ainda que seja douta e letrada, se intrometer a disputar, em púlpito ou em particular, os conteúdos da fé, faculdade exclusiva dos ministros ordenados[664]. Essa norma, porém, não foi aplicada para proibir os diversos conselheiros que havia no Nordeste brasileiro e que sustentavam o dinamismo do catolicismo popular sertanejo.

Diante das ordens do arcebispo, muitos párocos adotaram como atitude a "indiferença". Ao contrário, a passagem do grupo de Antônio Conselheiro por uma localidade, por iniciativa do Beato ou a convite dos padres, implicava aumento de côngruas[665] e rejuvenescimento da participação dos fiéis nas igrejas. Antônio Conselheiro não era o único beato que animava a fé no Sertão. Diversas lideranças leigas, beatos, conselheiros, catequistas e animadores de comunidades exerciam os ministérios, tornando o catolicismo popular realidade

---

[662] Dupla postura da Igreja: de um lado, o arcebispo proibia aos párocos acolherem nas paróquias o Peregrino. De outro lado, há diversos registros que atestam a presença de Antônio Conselheiro predicando nas igrejas, fazendo campanhas para recuperar e construir novas capelas, com o apoio expresso dos padres.

[663] A primeira circular de Dom Luiz, alertando todos os padres da região a não receberem o Peregrino ambulante, data de 16 de fevereiro de 1882 e traz o teor que se segue. "Chegando ao nosso conhecimento, que pelas freguesias do centro deste arcebispado, anda um indivíduo denominado Antônio Conselheiro, pregando ao povo, que se reúna para ouvi-lo, *doutrinas supersticiosas* e uma *moral excessivamente rígida* com que está *perturbando as consciências e enfraquecendo, não pouco, a autoridade dos párocos* destes lugares, ordenamos a V. Revma, que não consinta em sua freguesia semelhante abuso, fazendo saber aos Paroquianos que lhes *proibimos absolutamente*, de se reunirem para ouvir tal pregação, visto como, *competindo, na Igreja Católica, somente aos ministros da religião, a missão santa de doutrinar os povos, um secular, quem quer que seja, ainda quando muito instruído e virtuoso, não tem autoridade para exercê-lo*. Entretanto, sirva isto para excitar cada vez mais o zelo de V. Revma., no exercício do ministério da pregação, a fim de que os seus paroquianos, suficientemente instruídos, *não se deixem levar por todo vento de doutrina* etc." Grifei. Apud CUNHA, *Os Sertões*, p. 230-231.

[664] VIDE, *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*, Título V, 14, p. 7.

[665] Cf. CUNHA, *Os Sertões*, p. 230.

predominante na região de Canudos, sem maiores conflitos nem com os padres da região nem com o próprio arcebispo da Bahia[666].

Por que o arcebispo tinha essa dificuldade com o Conselheiro se havia tantos outros líderes leigos catequizando? Em sintonia com as proibições emitidas pelo arcebispo da Bahia, Euclides da Cunha escolhe certos adjetivos para desqualificar a figura de Antônio Conselheiro. Lembra até "os adoidados chefes de seita dos primeiros séculos, nota-se a revivescência integral de suas aberrações extintas". Sua "oratória era bárbara e arrepiadora"; "castidade exagerada" [667]. Na verdade, o que Antônio Conselheiro ensinava não saía de sua própria cabeça. O conteúdo do misticismo de Canudos vinha, principalmente, do livro *Missão abreviada*, obra de orientação moral rigorista, aprovada pelo arcebispo da Bahia. Os hábitos transplantados de Portugal, muitos dos quais até já superados pela Igreja eram conteúdo moral no Brasil. Mesmo assim, usados nas pregações dos missionários, dos padres, dos conselheiros, dos catequistas e dos animadores de comunidades sertanejas. Os exageros morais não eram prerrogativas exclusivas das pregações do Conselheiro. Faziam parte do arcabouço teológico do tempo. Foi o que a Igreja dispôs para suas lideranças, padres e leigos. Havia lacunas no conteúdo catequético oferecido pela Igreja.

Sobre a *Missão abreviada*, principal fonte de catequese da Igreja do Nordeste, no século XIX, Eduardo Hoornaert destaca pelo menos três lacunas, também chamadas de deformações do cristianismo: 1) A redução da mensagem cristã ao âmbito estritamente individual e moral; 2) A exaltação unilateral da obediência e da penitência como virtudes cristãs; 3) E a quase identificação entre 'vida cristã' e 'vida de piedade'(pietismo) [668]. Ele chama a atenção, ainda, para as diferentes imagens distorcidas a respeito da Virgem

---

[666] Eduardo Hoornaert fala em duas influências que marcaram a formação cristã no Brasil, desde os inícios do processo de colonização e que permanecem na Igreja do Brasil: "a força da instituição oficial (a missão) e a força da devoção" [666]. A devoção constrói um mundo simbólico, marcado pelos oratórios, novenas aos santos das devoções celebradas nas capelinhas, igrejas e na residência das famílias. As romarias, procissões e cantorias constroem o simbolismo de um cristianismo de "muitas rezas" e "multidões de santos", sempre em movimento. Antônio Conselheiro fala na Jerusalém do Alto ou no Belo Monte, revelando o sentido de superação, movimento e perfeição. Para Pedro Lima Vasconcelos, vida em Canudos, interpretada pelos comentários de Antônio Conselheiro "é entendida em perspectiva escatológica" [666]. O hoje em Canudos é vivido na perspectiva de um mundo melhor, pela presença do Bom Jesus.
[667] Cf. CUNHA, *Os Sertões*, p. 225.
[668] HOORNAERT, *Verdadeira e Falsa religião no Nordeste*, p. 78-87.

Maria. “A imagem que prevalece nas igrejas nordestinas como padroeira é a imagem de rainha (com o filho nos braços). Para o povo, Maria entrou no mundo aristocrático dos nobres, dos reis” [669].

Além das cartas do arcebispo, já mencionadas no capítulo anterior, questionando a ortodoxia do Conselheiro, o texto revela o ponto de desencontro entre a Igreja oficial e o povo de Canudos e materializou o confronto. O relatório do Frei João Evangelista de Monte Marciano, por ocasião de sua visita em missão a Canudos, a pedido do próprio Dom Luiz, revela uma visão depreciativa da vida em Canudos. Mesmo com recomendações para não ocupar os púlpitos das Igrejas, o arcebispo da Bahia não proferiu qualquer sentença de excomunhão, nem classificou de heresias os ensinamentos do Peregrino.

Quando o governador delega ao arcebispo da Bahia a missão de dialogar com o povo de Canudos, para desistir da vida no acampamento, dar-se-ia início o confronto e, portanto, o desencontro entre os dois modelos eclesiológicos: o catolicismo popular e a romanização. A decisão do arcebispo, que poderia ser o ponto de diálogo, tornou-se causa de discórdia e início de ruptura na Igreja.

Frei João Evangelista, com pouca familiaridade no que tange à questão de Canudos, acompanhado do Frei Caetano de S. Léo, convoca uma semana missionária para a grei sertaneja, para transmitir o desejo do arcebispo: destituir o acampamento. Logo transmite o recado aos moradores. Veio “abrir uma missão, e aconselhar o povo a dispersar-se e a voltar aos lares e ao trabalho, no interesse de cada um e para o bem geral” [670]. Isso causou verdadeiro choque para o povo que assistia ao sermão do Frei e causou verdadeiro reboliço na multidão. Antônio Conselheiro interferiu e pediu calma aos exaltados. Eles prontamente seguiram às ordens do Peregrino e os ânimos se acalmaram.

Será que essa teria sido a melhor atitude do frade? É claro que o povo iria reagir. De Canudos, o povo iria para onde? Foi pensado pelo governo e a Igreja uma alternativa além de sugerir a dissolução da comunidade solidária? O pouco conhecimento da realidade brasileira do religioso, a falta de experiência

---

[669] HOORNAERT, *Verdadeira e Falsa religião no Nordeste*, p. 85.
[670] MARCIANO, *Relatório apresentado ao arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro*, p. 4.

com o catolicismo popular sertanejo, o viés romano de interpretar a realidade eclesial em Canudos limitaram a compreensão do religioso na hora da tomada de decisão.

Ao contrário, logo que chega a Canudos, Frei João Evangelista teve impressão negativa da comunidade: casas construídas de barro, cobertas de palha, sem janelas, desarruadas. O interior de cada casa "é imundo, os moradores quase nus, atestavam, no aspecto esquálido e quase cadavérico, as privações de toda a espécie, que curtiam" [671]. A primeira impressão do missionário foi de estar em "um acampamento de beduínos. (...) O ar inquieto e o olhar ao mesmo tempo indagador e sinistro denunciavam consciências perturbadas e intenções hostis" [672]. Logo no início da missão, a notícia foi comunicada e o povo reagiu, não aceitando a proposta do Frei João Evangelista e criando um clima negativo para os missionários.

A quem poderíamos atribuir o erro que gerou o conflito? A falta de habilidade do missionário ou as "consciências perturbadas e intenções hostis" dos moradores, como afirmou o Frei? De fato, ao chegar à comunidade, sem qualquer conhecimento, sem estabelecer diálogo, sem sondar a opinião dos moradores, Frei João Evangelista foi logo comunicando o desejo do arcebispo: que todos se dispersassem e "voltem para suas casas, conforme o interesse de cada um".

Do ponto de vista prático, isso não seria possível, dadas as implicações de ordem econômicas e sociais. Desfazer, de forma tão simplista, uma comunidade com mais de três anos de vida intensa, com cerca de cinco mil casebres, com média de vinte mil moradores, através de simples comunicado, não seria razoável nem prudente, sem que tivesse uma atitude concreta das autoridades da república. A falta da apresentação de uma nova proposta para o povo impediu ensaiar solução factível com a realidade do povo sertanejo.

Pelo objetivo da visita do Frei João Evangelista, o conteúdo pouco conciliador do relatório apresentado no final da missão, e o tom um tanto agressivo, não havia disposição para encontrar solução conciliatória. Logo no início, traçam-se os objetivos da visita:

---

[671] Cf. MARCIANO, *Relatório apresentado ao arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro*, p. 4.
[672] MARCIANO, *Relatório apresentado ao arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro*, p. 4.

> (...) a fim de procurar pela pregação da verdade evangélica, e, apelando para os sentimentos da fé católica que esse indivíduo se diz professar chama-lo e a seus infelizes asseclas dos deveres de católicos e de cidadãos que de todos esqueceram e violaram habitualmente com as práticas as mais extravagantes e condenáveis, ofendendo a religião e perturbando a ordem pública[673].

Ora! Na concepção do capuchinho, a "verdade" seria implantada pela "pregação do evangelho"; o caminho para nela chegar seria "apelando para os sentimentos da fé católica", convencendo os seguidores do Conselheiro na qualidade de "infelizes" dos deveres de católicos e de cidadãos". Em sua ótica de conciliação, não houve possibilidade de encontrar o caminho predeterminado, uma vez que os "infelizes asseclas" "esqueceram e violaram habitualmente as práticas as mais extravagantes e condenáveis, ofendendo a religião e perturbando a ordem pública" [674].

O diálogo, quase sempre oneroso, não deixa de seguir um percurso. A intenção do capuchinho se desloca do aspecto religioso para a defesa política da República, como forma de governo. Segundo Edmundo Moniz, durante a visita do Frei, enquanto procurava dialogar com o Conselheiro, o Frei procurou "maldosamente desviar a conversa do campo religioso para o campo político, que não era o âmago da questão, e certamente deturpou o diálogo" [675]. Se Antônio Conselheiro "é católico, deve considerar que a Igreja condena as revoltas e, aceitando todas as formas de governo, ensina que os poderes constituídos regem os povos, em nome de Deus", afirma. E exemplifica: "a França, que é uma das principais nações da Europa, foi monarquia por muitos séculos, mas há mais de 20 anos é Republica; e todo o povo, sem exceção dos monarquistas de lá, obedece às autoridades e às leis do governo" [676]. O sistema republicano ainda não tinha sido assimilado por parte das populações rurais. A Igreja tinha passado pela crise do Padroado, com a perseguição religiosa, o início do casamento civil e outras práticas que causaram sofrimento à instituição, até com prisão de bispos. Quando Frei João Evangelista, ao invés de defender a Igreja, passou a falar bem e defender a República, o povo de Canudos reagiu e expôs o conflito.

---

[673] MARCIANO, *Relatório apresentado ao arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro*, p. 3.
[674] Idem, p. 3.
[675] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 50.
[676] MARCIANO, *Relatório apresentado ao arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro* p. 4.

Do ponto de vista formal, o frade tinha razão. Pedir adesão ao sistema político atenderia ao desejo do governador, mas não satisfazia às reais necessidades do povo carente. Na perspectiva da superação do conflito pelo diálogo, a intervenção do representante do arcebispo fracassou. Optar pela estratégia da rendição ao sistema não surtiu o efeito esperado. Canudos não era um reduto de monarquistas contra os republicanos. É provável que os informantes do arcebispo não tenham passado corretamente as notícias sobre a grei. É aí que reside o equívoco principal, causador das reações do povo durante o sermão do padre.

De fato, após a visita do religioso, "os canudenses sentiam o perigo. Ficavam, a partir da missão, em estado de alerta; na sua maneira de ver acertavam, quando chamavam os frades e maçons, protestantes e republicanos" [677], afirma Alexandre Otten. Para Alexandre Otten, o povo da grei canudense associou a pregação dos religiosos ao pensamento dos maçons e aos defensores da república, em função da defesa intransigente que os frades faziam do sistema republicano de governo. A partir desse momento, os moradores de Canudos não aceitam o casamento entre o político e o religioso. A missão, então, entra em derrocada.

O pedido do governador ao arcebispo da Bahia tinha único objetivo: aconselhar o povo para "voltar para suas casas" e manter o governo republicano fora de conflitos. Jesus sempre teve prudência ao relacionar-se com os poderes políticos. Ele contrapõe os objetivos de seus seguidores aos interesses dos que governam as nações. O domínio e a tirania dos grandes passam por transformações e mudanças. Entre os discípulos "não deverá ser assim. Ao contrário, aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o vosso servo" (Mt 20,26). Frei João Evangelista demonstrou não estar do lado do povo de Canudos. Ao contrário. Sua pregação despertou nos interlocutores a percepção de simpatia do Frei pelos ideais republicanos. Não foi possível diálogo.

Finalmente, considerando as cartas proibitivas do arcebispo e o relatório de Frei João conclui-se não ter havido sucesso de ambas as partes para profícuo diálogo e, portanto, levou o governador da Bahia a tomar a decisão

[677]OTTEN, *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 181.

pela guerra ao povo. Na verdade, o relatório manuscrito pelo Frei João Evangelista e entregue ao arcebispo da Bahia acabou servindo aos inimigos de Antônio Conselheiro e sua gente. As consequências foram drásticas para a Igreja, para o Estado e, mais ainda, para o povo de Canudos.

3.2.8 Dimensões profética, sacerdotal e real da comunidade de Canudos

Antônio Conselheiro viveu à frente de seu tempo. Seu esforço tinha objetivo definido: a busca pela perfeição, pelo seguimento de Jesus Cristo, concretizada na organização da vida comunitária em Canudos. Sua principal inspiração veio da experiência das primeiras comunidades cristãs[678]. A inspiração nos evangelhos e demais textos do Novo Testamento fundamentavam as ações contra o sistema feudal. Antônio Conselheiro sonhava com a concretização cada vez maior do reino de Deus na Terra. "A igualdade pregada pela Igreja, no Paraíso, pretendia estabelecê-la no mundo. E o mundo, para Antônio Conselheiro, era o sertão, povoado de gente simples, laboriosa e sofredora que lutava contra as forças adversas" [679].

As ações desenvolvidas por Antônio Conselheiro eram atividades da própria Igreja e tudo feito para a santificação do povo cristão. "Todos os seguidores de Antônio Conselheiro submetiam-se às principais exigências dos párocos: casavam-se no religioso, batizavam os filhos, iam à missa aos domingos e rezavam mais de uma vez por dia" [680], afirma Edmundo Moniz. Por isso, suas pregações e profecias encontravam amparo em muitos padres do Nordeste e, especialmente, pelo povo católico, que percebia, em Antônio Conselheiro, um servo de Deus em busca da perfeição cristã.

Consciente de sua missão, Antônio Conselheiro assume sua missão profética com maturidade na fé e se dispõe a seguir Jesus Cristo, com todas as consequências decorrentes dessa escolha. Assumir a condição de sujeito eclesial "é um projeto de construção que supera todas as formas de infantilismo eclesial que possam manter cristãos dependentes de outrem na consciência de

---

[678] Cf. MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 29-31.
[679] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 46.
[680] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 32.

si mesmo e de sua missão" [681]. Mesmo na complexidade da vida social e eclesial, Antônio Conselheiro procurou viver a fé cristã e transmiti-la aos sertanejos de Canudos. Se o batizado é portador da graça e da grave tarefa de identificar-se com a pessoa de Jesus Cristo, o Bom Pastor, então Antônio Conselheiro, em seu labor diário, nas atitudes e ações, procurou identificar-se com ele, não obstante as intempéries do contexto sociopolítico e eclesial.

A pregação Antônio Conselheiro fundamentava-se na Palavra de Deus. Seus argumentos procuravam refutar práticas de lideranças políticas, que não estavam de acordo com o Evangelho. Sua postura provocou diversas reações no meio político, causou preocupação aos grandes proprietários rurais e levantou suspeita em alguns setores eclesiásticos sobre a ortodoxia de sua pregação. A ação profética quase sempre vem acompanhada de perseguição. De fato, sempre que surgem profetas com certa liberdade institucional, os meios políticos e as instituições religiosas oficiais sentem-se desconfortadas.

A liberdade profética de Antônio Conselheiro não confrontava a Igreja, mas apontava para maior comprometimento e dinamismo de suas lideranças frente o crescimento da pobreza no Nordeste e o pouco compromisso profético diante das injustiças sociais. Da liberdade responsável de Antônio Conselheiro, de sua firme convicção de cristão praticante, firmeza doutrinal de seus ensinamentos, pode-se extrair elementos importantes para a teologia do laicato e a identidade do leigo cristão, acarretando até mesmo uma teologia do cristão leigo, que será objeto de preocupação do Concílio Vaticano II[682], e sentida com maior vigor nas conferências de Medellín, Puebla e Aparecida. Isso vem acontecendo, não sem conflitos, mas com muito sofrimento histórico. A experiência de Antônio Conselheiro foi emblemática para a Igreja.

O contexto eclesial do final do século XIX exigia maior participação do leigo na pastoral. O processo de romanismo atropelou muitas iniciativas dos leigos e gerou conflitos com o laicato. Segundo João Batista Libanio, fazia

---

[681] CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DE BRASIL, *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade*, p. 50.

[682]Podemos destacar entre os textos conciliares que reconheceram o protagonismo dos leigos de forma explícita a Constituição *Lumen Gentium* (cap. IV), na *Gaudium et spes* (n. 43), na *Presbyterorum ordnis* e, sobretudo, o decreto sobre o apostolado dos leigos, *Apostolicam actuositatem*. Antes do Concílio Vaticano II, em um contexto mais próximo da atuação de Antônio Conselheiro, é digna de lembrança a carta encíclica de Pio XII, *Mystici Corporis*, especialmente a primeira e segunda partes. A Igreja corpo "Místico" de Cristo e União dos fiéis com Cristo, respectivamente.

parte da mentalidade do clero e do leigo a "relação de submissão, de inferioridade, de quase minoridade deste em relação àquele. A tônica era dada pela desigualdade e pela humilde passividade dos leigos" [683]. A entrada da influência do sujeito moderno preocupava os pontificados dos papas Pio VII a Leão XIII. No período que vai de 1800 a 1903 - pontificaram papas como Gregório XVI e Pio IX, cuja direção pastoral foi fechar a possibilidade de qualquer contato entre a Igreja e as transformações científicas e "seculares". Por meio desse isolamento dever-se-ia preservar a doutrina católica das contaminações do materialismo, do racionalismo e do liberalismo como também, mais tarde, do comunismo.

É neste contexto que surgem movimentos leigos mais engajados, exercendo o seu protagonismo. Entre eles se destacam as diversas ramificações da Ação Católica[684] e os movimentos Bíblico, Litúrgico, Ecumênico, Exegético. Com presença marcante de leigos, esses movimentos proporcionaram dinamismo entre os jovens e trouxeram "sangue novo" para as veias da Igreja.

O catolicismo popular devolveu ao leigo seu protagonismo. O Peregrino surge como um turbilhão. Profeta pacífico, que defende seu povo encurralado em Canudos pelas forças republicanas, semeia a esperança, encaminha seu povo para a observância dos mandamentos, a prática da caridade cristã e a frequência aos sacramentos da Igreja, no Belo Monte, Jerusalém do Alto. No conjunto da obra de Antônio Conselheiro, não se encontra algo substantivo que descaracterize as razões da vida comunitária implantada em Canudos, a partir da perspectiva cristã: nem na doutrina, nem no comportamento moral, nem no respeito às autoridades eclesiásticas.

A inspiração do Conselheiro procede do seguimento de Jesus de Nazaré e da teologia do batismo cristão. O conteúdo teológico do batismo, expresso

---

[683] LIBANIO, *Concílio Vaticano II*, p. 35.

[684] JAC: Juventude Agrícola Católica - destinada a jovens trabalhadores rurais, com uma finalidade, de muita relevância, de fixar esse jovem à zona rural, dificultando a migração para a cidade. JEC: Juventude Estudantina Católica - destinada a estudantes secundaristas. JIC: Juventude Independente Católica - destinada a jovens profissionais liberais ou filhos de classe média ou burguesa, não estudantes. JOC: Juventude Operária Católica - destinada a jovens trabalhadores urbanos, especialmente os jovens operários das indústrias, com a máxima finalidade de se contrapor ao crescente movimento operário de inspiração anarquista ou marxista. JUC: Juventude Universitária Católica - destinada aos estudantes das escolas superiores. Cf. MANOEL, *A Ação Católica Brasileira: notas para estudo*, p. 213.

pelo Concílio de Trento, torna o neófito participante na tríplice missão de Cristo, como profeta, sacerdote e pastor. Antônio Conselheiro, de forma cristalina, sem usurpar funções próprias do ministro ordenado, leva às ultimas consequências a tríplice missão batismal. No batismo, ele encontra os fundamentos de sua missão profética, sacerdotal e real. Sentia-se sujeito de direitos e deveres na Igreja, desenvolvendo a consciência de autonomia e responsabilidade. Antônio Conselheiro esteve em sintonia com os ventos que sopravam da Europa e abriam portas para o engajamento dos leigos na Igreja, assumindo o envolvimento do líder cristão, decorrente do tríplice múnus sacerdotal, profético e régio. Essa onda será desenvolvida na Igreja a partir do início do século XX, pela Ação católica, por meio dos movimentos bíblico, litúrgico, ecumênico, missionário, leigo e teológico[685].

Mesmo admitindo que a prática de fazer pregações fosse de uso exclusivo do sacerdote, os párocos delegavam aos diversos conselheiros, catequistas e lideranças a prerrogativa de pregar, como condição para que a palavra de Deus chegasse ao coração do sertanejo. A formação, a organização e a animação da vida comunitária dependiam dessas lideranças, dado o número exíguo de sacerdotes na região. Aliás, as lideranças leigas sempre existiram e continuam importantes na vida da Igreja.

Conclusão

A experiência religiosa em Canudos não estava em dissintonia com a Igreja. Antônio Conselheiro nunca pensou em fundar outra Igreja na comunidade do Belo Monte. Ao contrário do que foi acusado por setores da Igreja, o Beato não ensinou doutrina diversa aos ensinamentos da Igreja. As fontes dos seus ensinamentos circulavam nas paróquias, nas mãos dos catequistas e demais animadores da fé católica.

A vida religiosa em Canudos se estruturou a partir da religiosidade popular trazida por Antônio Conselheiro, durante sua militância no movimento

[685] O envolvimento dos leigos, desde o final do século XIX, provoca reflexões no campo da teologia bíblica, litúrgica e ecumênica. No Brasil, a efervescência dos movimentos leigos, o dinamismo da religiosidade popular incrementa mudanças. Mesmo com o retardamento das mudanças trazidas pela implantação da romanização, o dinamismo dos leigos continua pela implantação do projeto de reformas oriundas do projeto do romanismo, o dinamismo dos leigos se intensifica no Brasil. A religiosidade popular continua tocada pelos leigos.

do Padre Ibiapina, de sua experiência com as missões itinerantes junto aos frades capuchinhos e de suas andanças pelos estados do Ceará, Sergipe e Bahia. No Nordeste brasileiro praticamente não havia alternativa ao catolicismo popular. A chegada do romanismo, porém, procurou enfraquecer esse tipo de catolicismo e favorecer a experiência religiosa que pudesse firmar a independência entre Igreja e Estado. Surge o catolicismo centrado na hierarquia, com a tônica nos sacramentos. Posteriormente, essa prática recebeu os adjetivos de "romanização" e "sacramentalização", em oposição ao sistema de padroado.

Em um primeiro momento, não houve conflito entre a religiosidade popular e o catolicismo romano em Canudos. Ao ser delegado pelo governador da Bahia para pacificar Canudos, o arcebispo da Bahia enviou o Frei João Evangelista para aconselhar a dispersão dos moradores do Belo Monte. A forma pouco dialogal do capuchinho provocou reação em parte dos moradores de Canudos. O relatório final da visita entregue ao arcebispo revela uma cisão entre os dois modelos de Igreja e o apelo ao aspecto político da ação. Durante o diálogo, o frade ameaça o Peregrino e observa a prática religiosa do povo sempre pelo lado negativo: "se é católico, deve considerar que a Igreja condena as revoltas, e aceitando todas as formas de governo, ensina que os poderes constituídos regem os povos, em nome de Deus" [686].

Mesmo reconhecendo que Antônio Conselheiro não usurpa função sacerdotal, Frei João Evangelista afirma que as cerimônias religiosas em Canudos "são mescladas de sinais de superstição e idolatria, como por exemplo, a que procede o chamado beijo das imagens... sem distinção entre as do Divino Crucificado e da Santíssima Virgem e quaisquer outras" [687]. As expressões usadas pelo frade revelam dificuldade de perceber os valores do catolicismo popular em Canudos, implantado e estimulado por muitos anos pela própria Igreja Católica. A visita do frade capuchinho revelou um olhar bastante distorcido e unilateral da vida religiosa em Canudos. Foi o divisor de águas. Para o religioso, Canudos é um reduto de "perturbadores da ordem", o

[686] MARCIANO, *Relatório apresentado ao arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro*, p. 4.
[687] MARCIANO, *Relatório apresentado ao arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro*, p. 5.

povo está preso e explorado por “fanáticos e perversos”, é uma “seita político-religiosa, um Estado dentro do Estado”, “milícia fanática”, “infeliz localidade” [688].

O referido relatório rompe com toda uma prática religiosa em Canudos, legitimada pelo próprio vigário do Cumbe, freguesia da qual Canudos fazia parte. Esse fato torna-se útil e necessário para fazermos “mea-culpa” e agirmos com prudência diante da história de sofrimento do povo. A postura previamente de confronto, como aconteceu em Canudos, nem sempre produz resultados satisfatórios. Ao contrário, provoca ruptura, sofrimento entre os mais fracos, pela força das armas, como aconteceu no Belo Monte.

Esses desencontros entre o catolicismo popular e o catolicismo romano ou entre o “catolicismo oficial” e o “catolicismo popular” continua ao longo da história da Igreja do Brasil, provocando encontros e desencontros, especialmente entre as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e lideranças, eclesiásticas, como veremos no capítulo IV.

[688] Cf. MARCIANO, *Relatório apresentado ao arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro, p.*. 4-8.

4 AS LIÇÕES DO FATO CANUDOS PARA A IGREJA

> *Foi o Bom Jesus (nutro a mais íntima satisfação em declarar-vos) que tocou e moveu os corações dos fiéis para me prestarem as suas esmolas e os seus braços a fim de levar a efeito a obra do seu servo. (...) Impossível seria, fiéis, eu fazer a Igreja de Santo Antônio se o Bom Jesus deixasse de prestar-me o seu poderoso auxílio.*
>
> ***Antônio Conselheiro***[689].

Do movimento de Canudos, podemos tirar lições surpreendentes para os dias atuais. Estudos e pesquisas históricas já tiraram Canudos do anonimato e reabilitaram Antônio Conselheiro, superando a versão exclusivamente euclidiana, ampliando ainda mais o número de interessados nas universidades brasileiras pela revisão histórica[690] e, mais recentemente teológica. De Canudos, temos vários registros, resquícios, marcas indeléveis, traços e monumentos que oferecem inúmeras possibilidades para a continuidade de novas pesquisas[691].

Sobre a forma de construção dos relatos, a propósito da guerra de Canudos, o historiador Edgar Salvador de Decca disse que até mesmo o romance "*Os Sertões* é uma denúncia da irresponsabilidade histórica de uma civilização, incapaz de compreender as suas relações entre o presente e o passado".[692] O próprio Euclides da Cunha, em nota preliminar a *Os Sertões*, classificou o episódio de "esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes. (...) Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime" [693]. O Estado moderno não deve

---

[689] ANTÔNIO CONSELHEIRIO, *Sobre o recebimento da chave da Igreja de Santo Antônio, padroeiro de Belo Monte*, p. 170.
[690] Conforme abordei no capítulo primeiro 1.3.5.
[691] Cf. Cito obras muito importantes que documentaram a criação do *novo parque de Canudos* dentro do município de Canudos, cf. BOAVENTURA, *O Parque Estadual de Canudos*, especialmente p. 49-82; um conjunto de fotografias do tempo de Antônio Conselheiro e fotos que vão do início da década de 1960 a 2002. A este respeito cf. INSTITUTO MOREIRA SALLES, Cadernos de Fotografia brasileira: Canudos, p. 53-303; impressões em pinturas, cf. FERNANDES NETO, Os sertões: impressões e pinturas; a documentação arqueológica bilíngue (português e inglês) no espaço do Parque Histórico de Canudos, in: UNEB – UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, Arqueologia histórica de Canudos; e o levantamento documental de muitos sobreviventes da guerra de Canudos, com os respectivos cuidados pelos sobreviventes, que perambulavam pela região de Canudos e Salvador, muitas crianças foram levadas para o Rio de Janeiro, aos cuidados de membros de alta patente do exército nacional. Cf. PIEDADE, *Histórico e relatório do comitê Patriótico da Bahia*.
[692] DECCA, *Euclides e Os Sertões: entre a literatura e a história*, p. 182.
[693] CUNHA, *Os Sertões*, p. 22.

continuar esse tipo de prática contra populações vulneráveis, como aconteceu como o povo de Antônio Conselheiro.

A revisão histórica e agora também teológica são formas eficientes que os pesquisadores encontraram para denunciar o que aconteceu em Canudos, com a figura emblemática de Antônio Conselheiro e construir nova narrativa sobre o episódio de Canudos.

Antônio Conselheiro e a gente Canudos fazem parte das inúmeras experiências do povo de Deus que continua teimando em encarnar os valores evangélicos. Neste aspecto, as comunidades eclesiais de base são continuadoras de muitos valores vivenciados em Canudos. O comportamento de Antônio Conselheiro revela, aos que dirigem a Igreja, maior prudência diante de lideranças leigas que, com sinceridade, desempenham o serviço e o testemunho de comunhão na Igreja.

O Peregrino de Canudos, mesmo com as restrições sofridas, não abdicou de suas prerrogativas de cristão leigo, comprometido com o seguimento de Jesus de Nazaré pelas práticas batismais. Como no tempo de Antônio Conselheiro, diversas lideranças das CEBs tiveram também encontros e desencontros com membros da hierarquia da Igreja. Porém, suplantando as contradições da história, foram capazes de trilhar pelo caminho da superação. Tanto no Belo Monte quanto nas CEBs hoje há mais encontros do que desencontros. Em contextos diversos, o conflito permanece semelhante. É o que pretendo mostrar neste quarto capítulo.

4.1 Viés popular do cristianismo a partir de Canudos: opção pelos pobres na Tradição Eclesial

Ficou demonstrado no capítulo primeiro que a comunidade religiosa de Canudos era constituída por pessoas pobres e simples; que, em Canudos, existiu uma experiência de vida inspirada nas comunidades primitivas, cujos relatos encontram-se no livro dos Atos dos apóstolos (cf. At 1,1-5,42). Autores como Edmundo Moniz e Rui Facó falam até de socialismo de inspiração cristã e comunismo primitivo.[694] A comunidade do Peregrino procurava oferecer

[694] Cf. FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, p. 69.

trabalho para todos. Cuidava para que "todos os habitantes vivessem fraternalmente, sem haver exploração do homem pelo homem, já que os produtos do trabalho seriam equitativamente distribuídos pelos cidadãos" [695], afirma Edmundo Moniz. Para ele, Canudos foi um campo experimental de uma sociedade igualitária.

Euclides da Cunha chamou a atenção sobre a religiosidade do povo do Conselheiro e via em Canudos a "antessala do Paraíso, pobre peristilo dos céus" [696]. Da mesma forma, o tenente Macedo Soares afirma que Antônio Conselheiro era um homem "eivado do espírito de religiosidade e misticismo, apanágio do sertanejo, avigorado em suas crenças pela desventura, atirou-se à prática de atos de carolice, encontrando decidido apoio nas populações incultas" [697].

O povo de Canudos seguia o repique do sino da Igreja de Santo Antônio, obedecia aos horários dos encontros com Antônio Conselheiro e ao pároco do Cumbe, sempre que chegava para realizar as desobrigas. As principais orações populares oferecidas pela Igreja foram usadas pela gente de Canudos: o ofício de Nossa Senhora e das almas; as novenas de Santo Antônio e Nossa senhora das Dores; as ladainhas de Nossa Senhora, do Sagrado Coração de Jesus e de Santo Antônio; a Via-sacra do Bom Jesus crucificado; cantos e benditos intermediavam os momentos de orações, comentários e pregações. O texto bíblico proclamado, explicado pelo Peregrino, iluminava a vida dos participantes e garantia o uso da palavra de Deus nos momentos de orações[698].

Vilanova deixou o seu testemunho sobre a vida de oração no Belo Monte. "As beatas rezavam o dia inteiro". Na Igreja de Canudos, tinham muitas imagens de Santo, doadas pelos que vinham morar em Canudos: "Nossa Senhora, Santo Antônio, São Pedro, São João (Batista)" [699]. Para completar a ortodoxia de Canudos, o Peregrino acolhia o vigário de Cumbe que

---

[695] MONIZ, *A guerra social de Canudos*, p. 46.
[696] CUNHA, *Os sertões*, p. 260.
[697] SOARES, *A guerra de Canudos*, p. 30.
[698] Cf. ANTONIO CONSELHEIRO, *Tempestades que se levantam no coração de Maria por ocasião do mistério da anunciação*, p. 55-103; ANTONIO CONSELHEIRO, *Os dez mandamentos da lei de Deus*, p. 107-143; ANTONIO CONSELHEIRO, *Textos extraídos da Sagrada Escritura*, p. 147-157; ANTONIO CONSELHEIRO, *Prédicas de circunstâncias e discursos*, p. 161-174; ANTONIO CONSELHEIRO, *Sobre a república*, p. 175-182.
[699] MACEDO. Memorial de Vilanova, p. 68

proporcionava a celebração da Eucaristia e demais sacramentos. Essas práticas entre os pobres dava segurança nos momentos de iminente necessidade, nas horas difíceis da comunidade.

Canudos situa-se no contexto do catolicismo popular e continua na perspectiva da tradição eclesial, ao cuidar dos pobres. Ao longo da história da Igreja, os pobres nos oferecem lições surpreendentes. Em Canudos, o povo pobre sertanejo fez sua experiência comunitária de fé e trabalho. A fé orientava os procedimentos cotidianos e o trabalho, a garantia da sobrevivência honesta e digna.

O cuidado pelos mais pobres constituía-se regra de vida entre os canudenses. Esse aprendizado vem do tirocínio junto ao movimento do Padre Ibiapina[700] e de sua admiração pelo cuidado que o Padre Cícero demonstrava pelos pobres do vale do Cariri. O catolicismo popular acolheu os valores cristãos e a prática cultural do sertanejo, de solidariedade entre os pobres.

A opção pelos pobres nasceu do próprio Jesus de Nazaré. Ao se identificar com os que têm fome, os que têm sede, os forasteiros, os que estavam nus, doentes e presos (cf. Mt 25,31-46), Jesus sinaliza e indica o cuidado que seus seguidores devem ter pela categoria dos excluídos. Na sinagoga de Nazaré, no início de sua vida pública, Jesus, enviado pelo Espírito, assume a missão de levar a Boa Nova os pobres, proclamar a libertação aos presos, recuperar a vista aos cegos, restituir a liberdade aos oprimidos e proclamar um ano de graça do Senhor (cf. Is 61,1-2; cf. Lc 4,18-19). Também, ao ver a multidão faminta, Jesus "teve compaixão dela, porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor" (Mt 9,36). Ao enviar seus discípulos para missão, Jesus afirma: "proclamai que o Reino de Deus está próximo. Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. De graça recebeste, de graça dai" (Mt 10,7b-8).

Na Igreja primitiva, os cristãos "mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações" (At 2,42). A instituição de sete homens de reputação teve como objetivo *cuidar das pobres viúvas* que chegavam do mundo helênico e precisavam da devida atenção dos

[700]*Missão Ibiapina*: nome dado ao trabalho desenvolvido no Nordeste pelo Padre José Maria Ibiapina e que se tornou título do livro de E. de Carvalho. Cf. CARVALHO, *A missão Ibiapina*, especialmente p. 11-22.

irmãos de origem hebraica (cf. At 6, 1-6), pois eles eram um só coração e uma só alma e, por isso, "partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração" (At 2,46b). Para efetivar a solidariedade, os que abraçavam a fé "punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo a necessidade de cada um" (At 2, 4b-5; cf. At 4,32-35).

Paulo também procurava organizar as primeiras comunidades a partir da mística do serviço, dos ministérios compartilhados: "assim como num só corpo temos muitos membros, e os membros não têm a mesma função, de modo análogo, nós somos muitos e formamos um só corpo em Cristo, sendo membros uns dos outros" (Rm 12,4-5). Para Paulo, o cuidado com os pobres se concretiza pela prática do amor a Deus e ao próximo. "A caridade não pratica o mal contra o próximo" (Rm 12,10). Na comunidade de Roma, a caridade é o fundamento dos seguidores de Jesus. Quem tem comida não pode desprezar os que não têm o que comer (cf. Rm 14, 1-3), para que haja justiça na comunidade.

Os apóstolos, primeiros seguidores de Jesus, ao organizarem o conteúdo da catequese das primeiras comunidades cristãs, apontavam para os pobres. "Divida tudo com o seu irmão, e não diga que são coisas suas. Se vocês estão unidos nas coisas que não morrem, tanto mais nas coisas perecíveis",[701]conforme a Didaqué, primeiro manual de catequese na prática apostólica. Nessas comunidades apostólicas, os bens materiais e da vida eram considerados dádivas de Deus e, por isso, deviam ser repartidos entre todos. A norma apostólica era de oferecer a quem pede e não pedir de volta o que foi dado. Para evitar abuso, havia norma: "se recebe por estar necessitando, será considerado inocente; mas se recebe sem ter necessidade, deverá prestar contas do motivo e da finalidade pelos quais recebeu".[702] A respeito do comportamento ético do cristão, a Didaqué apresenta dois caminhos. O que conduz para a vida e o que leva para a morte. O caminho do cristão é sempre o amor a Deus e ao próximo[703].

---

[701] DIDAQUÉ, *Instrução dos doze apóstolos*, 4,8.
[702] DIDAQUÉ, *Instrução dos doze apóstolos*, 1,5.
[703] Cf. DIDAQUÉ, *Instrução dos doze apóstolos*, 1,1-6.

Os padres da Igreja continuam a tradição de cuidar dos pobres como compromisso derivado da prática de Jesus de Nazaré e dos apóstolos. A tradição patrística evita abstrações sobre o pobre. Ao contrário, toma-o em seu lugar social concreto. O pobre é irmão de comunidade. Ele se encontra em situação que precisa de ajuda e socorro. O cristão sente-se no dever e até na obrigação de socorrê-lo com sua colaboração ativa. Em sua *História eclesiástica*, Eusébio de Cesareia disse haver somente na Igreja de Roma, durante o pontificado do papa Cornélio, "mais de mil e quinhentas viúvas e indigentes, todos sustentados pela graça e pelo amor aos homens de seu Senhor" [704].

Especialistas da história do cristianismo destacam a preocupação da Igreja com os pobres nos 41 concílios, durantes os primeiros 500 anos da Igreja. É "um sinal de que a simples existência do pobre incomoda a existência cristã e impele à ação em favor do irmão indigente e sofredor" [705].

Considerado grande teólogo do Oriente cristão, São João Crisóstomo (347-407), Patriarca de Constantinopla (398-404), em seu livro *Da providência de Deus,* ensinava que os cristãos devem cuidar dos pobres, "mesmo que estes sejam desconhecidos, estrangeiros, bárbaros ou prostrados, em extrema miséria, ou pobres a ponto de faltar-lhes o indispensável à subsistência, nada disso nos impede de dar-lhes tratamento" [706].

São Bento de Núrsia(480-543), ao publicar a famosa *Regra para os monges,* destaca o cuidado com os pobres e peregrinos, semelhante ao desvelo do Cristo. "Mostre-se, principalmente, um cuidado solícito na recepção dos pobres e peregrinos, sobretudo na pessoa desses, Cristo é recebido" [707].

Mesmo durante a alta idade média, não faltaram iniciativas na Igreja para cuidar dos pobres. São Francisco surgiu como um clarão que iluminou a Igreja e marcou a mística cristã de vida simples e pobre. Segundo Taddée Matura, cinco eixos marcaram a mística de Francisco de Assis[708]. Francisco

---

[704] EUSEBIO DE CESAREIA, *História eclesiástica*, VI, 43,11.
[705] Apud ANTONIAZZI e MATOS, *Cristianismo: 2000 anos de caminhada*, p. 86.
[706] JOÃO CRISSÓSTOMO, Da providência de Deus, 3.
[707] Apud ANTONIAZZI e MATOS, *Cristianismo: 2000 anos de caminhada*, p. 86.
[708] Cf. MATURA, *Franciscana (espiritualidade)*, p. 750-751. 1) O evangelho como fonte originária, "não de maneira seletiva, mas, segundo todo o seu equilíbrio, enquanto revelação do amor de Deus em Jesus Cristo e da vida nova daí decorrente"; 2) "Deus acima de todo desejável". Francisco fez profunda experiência do mistério trinitário. O olhar de Francisco sobre Deus vem do evangelho de João; 3) Pobreza radical. Nas regras, Francisco propõe a pobreza

propõe a pobreza material como desapego radical diante da grandeza de Deus. Para Taddée Matura,a influência franciscana perdura na Igreja até nossos dias[709].

Durante a cristandade, mesmo empregando cuidado assistencialista, a Igreja manteve "uma rede de instituições para tomar conta de todos os necessitados", [710] afirma José Comblin. O amor aos pobres, no período medieval, encontra sua máxima expressão em Santa Isabel da Hungria (falecida em 1231). Sob o altar do castelo de Wartburg, em sua própria residência, ela organizou um abrigo para pobres e doentes. "Entre esses enfermos, ela escolheu os mais pobres e fracos e os abrigava no próprio castelo. Repartia com eles os alimentos da sua mesa, privando-se de comida, junto com suas companheiras, para poder distribuí-la aos pobres" [711].

Ainda que em determinados momentos da história falte a setores da Igreja coerência evangélica para com os pobres, (como aconteceu com alguns no caso de Canudos), os romanos pontífices "reprovam uma leitura ou compreensão do magistério que vá em detrimento dos pobres e marginalizados e se parcialize em favor dos ricos".[712]

Walter Kasper vê, no surgimento das ordens religiosas, a busca de respostas aos apelos históricos da fé cristã, diante da irrupção do pobre, através do apelo do Espírito: "como resposta a situações em que a fé muitas vezes estava sendo posta à prova ou, como ocorreu muitas vezes na Era Moderna, como resposta às situações missionárias, pastorais ou sociais de emergência" [713]. Merece destaque as ordens mendicantes que souberam captar o espírito evangélico, durante o século XIII, por exemplo.

Na Idade Moderna, ressaltam-se figuras como São Vicente de Paula (1581-1660), conhecido como "pai dos pobres". Vicente de Paulo encarnou de tal maneira o serviço aos pobres como missão da Igreja que costumava

---

material como desapego radical diante da grandeza de Deus; 4) Amor materno ao próximo. Independente de quem seja o próximo deve ser acolhido com bondade, alegria e respeito; finalmente 5) Para São Francisco, o cristão deve evitar disputas, querelas de palavras e juízos negativos sobre o próximo. Ao contrário, deve manifestar em seu agir doçura, paz, serenidade, benevolência, humildade e cortesia.

[709] Cf. MATURA, *Franciscana (espiritualidade)*, p. 752.

[710] COMBLIN, *Cristãos rumo ao século XXI*, p. 139.

[711] ANTONIAZZI e MATOS, *Cristianismo: 2000 anos de caminhada*, p. 88.

[712] ANTONCICH e SANS, *Ensino social da Igreja*, p. 62.

[713] KASPER, *A Igreja Católica*: essência, realidade, missão, p. 356.

relacionar a pessoa do pobre ao próprio Cristo. “Vocês servem Jesus Cristo na pessoa dos pobres. (...) Vocês entram em casas pobres e lá vão encontrar Deus. Minhas filhas, como isso é confortável! Ele acolhe o serviço prestado aos doentes e o considera como feito a si mesmo” [714].

No Brasil, lembro o trabalho dos Jesuítas junto aos índios, da segunda metade de 1550 até a expulsão pelo Marques de Pombal. Sem entrar no mérito do conteúdo dos ensinamentos, os Jesuítas desenvolveram trabalhos junto aos índios e negros pobres. A Igreja do Brasil sempre convive com certa contradição entre o distanciamento e o cuidado aos pobres. Diversas comunidades religiosas que chegaram ao Brasil no século XIX traziam o aspecto da “mística do cuidado aos pobres”. Henrique Cristiano Matos, especialista em história da Igreja do Brasil destaca, por exemplo, duas frentes para cuidar dos pobres. Uma no Rio de Janeiro e a outra em São Paulo[715]. No Rio, a presença das irmãs Filhas da Caridade, congregação fundada na França por são Vicente de Paula, como pioneiras no Brasil na área hospitalar, na educação formal de meninas pobres e no acolhimento de crianças abandonadas.

Chegaram a São Paulo as irmãs francesas de São José. Ligadas à educação dos pobres, elas criaram o Colégio de Nossa Senhora do Patrocínio, em Itu e o orfanato para acolher os mais pobres. Instituíram o Externato para a instrução das filhas de escravas. Depois assumiram a santa Casa de Itu.

Durante a preparação para Concílio Vaticano II, o Papa João XXIII apresentou o cuidado pelos pobres como tarefa de toda a Igreja. O olhar para os países pobres impulsiona o cristão para o encontro com os pobres. A “Igreja se apresenta e quer realmente ser a Igreja de todos, em particular, a Igreja dos pobres” [716]. É verdade que, ao falar de “Igreja dos pobres”, João XXII procurou levar o tema para dentro do concílio e destacar a importância do ser pobre da Igreja com os pobres, para que a Igreja fosse coerente com o Evangelho. Francisco de Aquino Junior destaca, no gesto do Papa João XXIII de apresentar a expressão “Igreja dos pobres”, tanto uma provocação quanto uma indicação aos padres conciliares, que se fez “presente ao longo de todas as

[714] Apud ANTONIAZZI e MATOS, *Cristianismo: 2000 anos de caminhada*, p. 91.
[715] Cf. MATOS, *Nossa história: 500 anos de presença da Igreja católica no Brasil*, p. 210-212.
[716] JOÃO XXIII, Mensagem radiofônica a todos os fiéis, a um mês de abertura do Concílio, p. 23.

sessões conciliares, sobretudo através do grupo de bispos que ficou conhecido como os prelados da *Igreja dos pobres*" [717].

Os padres Ibiapina, Cícero e Antônio Conselheiro seguem a tradição eclesial de cuidar dos pobres e os transformam em membros da Igreja. No Brasil, a forma popular do cristianismo sertanejo incorporou facilmente o aspecto do amor a Deus e ao próximo. Este preceito esteve presente em uma das homilias do Peregrino. Infelizmente, lamenta Antônio Conselheiro, poucos observam o amor a Deus e ao próximo: a "maior parte dos homens não observa este preceito, cuja verdade não necessita de prova e, para fazê-la mais patente, basta o que observa acerca de semelhante objeto" [718].

Para o Conselheiro, "o excesso de amor" que Jesus demonstrou na cruz por nós é a prova maior do amor a Deus e ao próximo revelado plenamente no alto da cruz. Ele abriu, "em suas chagas, tantas fontes de graças" para os que o seguem.[719] Entre os moradores de Canudos, prevaleciam três categorias de pobres: índios, negros e fugitivos das sucessivas secas.

O Concílio Vaticano II, logo no início da *Gaudium et Spes* assume, como compromisso da Igreja e dos discípulos do Senhor, as dores, as angústias, os sofrimentos, as alegrias e esperanças dos seres humanos: "sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem".[720] Da mesma forma, o decreto *Christus Dominus* instrui os bispos, em seu ministério pastoral, para que se apropriem de métodos adequados às necessidades do nosso tempo e com "especial cuidado se interessem pelos pobres e humildes, para cuja evangelização os mandou o Senhor".[721] No item sobre a fraternidade entre os presbíteros, a *Presbyterorum Ordinis* pede que os ministros ordenados deixem-se tocar "pelo espírito fraterno, exerçam a hospitalidade, pratiquem a benevolência, a comunhão dos bens, com especial atenção aos doentes e aflitos".[722]

---

[717] JUNIOR, *Viver segundo o espírito de cristo: espiritualidade como seguimento*, p. 119. No final do Concílio Vaticano II um grupo significativo de "padres conciliares", durante missa celebrada nas Catacumbas de Santa Domitila, túmulo dos mártires Nere e Aquileu firmou um compromisso de vida simples e pobre no meio dos pobres. Esse compromisso ficou conhecido como "Pacto das Catacumbas".
[718] ANTÔNIO CNSELHEIRO, Os dez mandamentos da lei de Deus, p. 107.
[719] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Os dez mandamentos da lei de Deus*, p. 107.
[720] GAUDIUM ET SPES (GS), 1.
[721] CHRISTUS DOMINUS, 13.
[722] Cf. PRESBYTERORUM ORDINIS, 8.

Ao consumar a obra da redenção, na pobreza e na perseguição, da mesma maneira o Cristo convida a Igreja, para que, "embora necessite de bens humanos para executar sua missão, (contudo) não foi instituída para buscar a glória terrestre, mas para proclamar, também pelo seu próprio exemplo, a humildade e a abnegação".[723] A força da "Igreja dos pobres" teve espaço no Concílio por causa do compromisso dos mais de quarenta bispos que assinaram o Pacto das Catacumbas. Logo no dia seguinte, receberam "outras quinhentas adesões (que), assumiram o Concílio como um caminho de conversão e de compromisso pessoal com os pobres, seus sofrimentos, suas necessidades, suas lutas e esperanças" [724].

Com o olhar voltado para os pobres, o Papa Paulo VI pede que a Igreja não seja indiferente aos valores da fé dos mais pobres. Eles constroem um conjunto de crenças, também conhecidas por religiosidade popular. A Igreja precisa chegar mais próxima a essas pessoas. Na concepção de Paulo VI, nos locais onde ainda a Igreja não chegou poderá se inserir, para estimular e evangelizar as práticas do povo. "Se essa religiosidade popular, porém, for bem orientada, sobretudo mediante uma pedagogia da evangelização, ela é algo rico de valores" [725].

Com o advento das conferências episcopais da América Latina e do Caribe (Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida), a *Igreja dos pobres* se consolida e encontra sua explicitação em teólogos da libertação, como Gustavo Gutierrez, Leonardo e Clodovis Boff, João Batista Libanio, Pablo Richard e outros.

Inspirados na expressão *Igreja dos pobres* de João XXIII, os bispos, desde Medellín, falam da "Igreja popular" ou "a Igreja que nasce do povo", que "procura encarnar-se nos meios populares do nosso Continente e que, por isso mesmo, surge da resposta de fé que os grupos do povo dão ao Senhor" [726]. Aliás, mesmo com tom crítico, a *Instrução sobre alguns aspectos da "Teologia da Libertação"* refere-se a critérios eclesiológicos da *Igreja dos pobres*. No que se refere ao "significado positivo, "*Igreja dos pobres*", quer dizer a preferência,

---

[723]LUMEN GENTIUM, 22.
[724] BEOZZO, *Pacto das catacumbas: por uma Igreja servidora e pobre*, p. 9.
[725] PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, 48.
[726] PUEBLA, 263.

embora não exclusiva, dada aos pobres, segundo todas as formas de miséria humana, por serem os prediletos de Deus" [727].

Em sua obra *O povo de Deus*, José Comblin retoma a expressão "Igreja dos pobres" do Papa João XXIII e fala de "outra Igreja", com o mesmo sentido. Comblin chama a atenção também para duas eclesiologias. Uma que aparece na literatura "oficial" da Igreja: documentos pontifícios, direito canônico, história oficial da Igreja e explicitações teológicas, demonstrando certa eclesiologia vertical, conhecida também como "hierarcologia". Essa forma de entendimento da Igreja quase sempre apareceu antes do Concílio Vaticano II como "a única eclesiologia ortodoxa possível. Fora dela, somente havia as heresias. Não foi bem assim. Não se pode dizer que a hierarcologia tenha sido sempre doutrina unanimemente aceita". De fato, continua Comblin, "a concepção horizontal, fundada no povo de Deus, evangélica, pluralista, comunitária, participativa, em que a virtude máxima é a obediência a Deus, distinguida da obediência a autoridades humanas – mesmo na Igreja" [728], continua sobrevivendo na vida eclesial.

O cuidado com os pobres marcou as comunidades primitivas, *acompanha o sentir do próprio magistério da Igreja* e é característica da tradição eclesial Latino Americana.

Em 1988, frei Leonardo Boff lança o livro *O caminhar da Igreja com os pobres* e, em 1989, o teólogo chileno Pablo Richard escreveu *A força espiritual da Igreja dos pobres*[729], obras de grande aceitação entre os assessores das comunidades eclesiais de base (cebs) no Brasil e na América Latina e de ampla penetração no estudo da eclesiologia em muitas faculdades e institutos teológicos.

Para Leonardo Boff, a "Igreja dos pobres", ou "Igreja popular" é a autocompreensão da Igreja "encarnada nas classes subalternas", quando ela "avança para uma Igreja aberta aos problemas sociais e políticos, sensível ao

---

[727] CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ, *Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*, X/9.
[728] COMBLIN, *O povo de Deus*, p. 58.
[729] RICHARD, *A força espiritual da Igreja dos pobres*. É de grande valia para a compreensão do aspecto fundamental sobre a "Igreja dos pobres": 1) Parte I: O que é a Igreja dos pobres e onde está a sua força? P. 15-85. 2) Parte II: Raízes espirituais e bíblicas da Igreja dos Pobres, p. 87-137.

grito dos oprimidos" [730]. Bispos, teólogos e assessores comprometidos com essa nova eclesiologia procuram explicitar e tornar compreensível a Igreja a partir de sua presença no meio dos pobres, para que a ela se torne também Igreja dos pobres, como pensou o Papa João XXIII. "O importante nesta eclesiogênese (gênese de um novo modelo de Igreja) é constatar que o povo penetrou na Igreja" [731], sentiu-se acolhido, protagonista das atividades e decisões eclesiais.

4.2 A Igreja do Nordeste e o modelo eclesiológico de Canudos

O modelo de Igreja no Brasil do final do século XIX, baseado no Padroado, entra em colapso, a partir da Questão Religiosa, com o advento da constituição de 1891. A nova carta constitucional provocou mudanças significativas na relação entre Igreja e República. Na Bahia, o catolicismo popular sertanejo é caracterizado pela presença de lideranças leigas, da participação das mulheres e de práticas religiosas mais livres do controle das autoridades religiosas litorâneas. O modelo eclesiológico que prevalecia em Canudos foi marcado por esse catolicismo popular, com anuência de parte do clero.

Os pobres encontraram seu mecanismo de participação no exercício dos serviços concretos no Belo Monte, como ficou demonstrado no final do capítulo primeiro. No contexto de Canudos, a Igreja, no sertão brasileiro, estimulava a religiosidade popular e apresentava elementos para alimentar a fé do povo pelas novenas, pelos cantos, pelas promessas e pelos sacramentos da iniciação cristã. Os próprios sacerdotes do sertão, antes da chegada do projeto de romanização, animavam tal prática e dela se beneficiavam.

A identificação de lideranças leigas com esse modelo, a formação e o repasse de material de catequese para os coordenadores de catequese, novenas e práticas religiosas populares garantia a continuidade das missões e o dinamismo da fé onde o padre não tinha condições de chegar, além das datas fixas para as desobrigas. A Igreja vivia o modelo do Padroado e o catolicismo dependia, pelo menos, de duas distintas linhas, que marcavam a fé

[730] BOFF, *O caminhar da Igreja com os oprimidos*, p. 65.
[731] BOFF, *O caminhar da Igreja com os oprimidos, p. 77.*

cristã na Bahia: a via litorânea, assinalada pelo catolicismo das confrarias e o catolicismo popular sertanejo, ambos de matriz laical, quase sempre sustentadas por lideranças leigas.

Eduardo Hoornaert caracteriza esse veio do catolicismo como "a via peregrina". A vida desse povo peregrino e retirante poucas vezes é registrada por algum historiador, a não ser casualmente, "quando o peregrino se tornou célebre como Antônio Conselheiro, ou o Beato Lourenço de Caraça, ou ainda Pedro Palácios, o primeiro eremita conhecido da história do Brasil" [732].

Frei Hugo Fragoso, especialista em história da igreja e pesquisador da CEHILA, descreve com simplicidade a tradição eremita, que agregava muitos leigos e que atendeu parte dos anseios dos mais pobres.

> Havia uma longa tradição em nossa história religiosa, onde figuravam o irmão Lourenço, fundador do Caraça, ou irmão Joaquim, cognominado o "Vicente de Paulo brasileiro". Tipos de ermitães ou penitentes que abandonavam o mundo para fazer penitência e dedicar-se às obras de caridade. À obra de Pe. Ibiapina irão agregar-se os apóstolos da caridade, irmão Francisco, irmão Antônio, irmão Davi e outros "[733].

No litoral, as confrarias determinavam as práticas populares da religiosidade do povo. Mesmo com as restrições impostas pelas instituições eclesiásticas, as confrarias abrigavam pobres e negros. Eles ocupavam espaço público significativo na sociedade. Ser membro de uma confraria ou irmandade era motivo de status. As irmandades de Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora dos Pretos em Salvador, as ordens franciscanas e organizações de negros recolhiam os pobres e determinavam o modelo eclesiológico, com forte liderança dos leigos. Porém, com frequentes conflitos com membros do clero, com maior intensidade do que no catolicismo popular desenvolvido do sertão.

Para mediar o cuidado aos pobres, multiplicam-se os órgãos de assistência aos doentes, sob a égide da caridade cristã. A mística do bom samaritano (cf. Lc 10,29-37) estimulava as obras de misericórdia. Através dos asilos, orfanatos, leprosários, hospícios de alienados, irmandades e confrarias, os pobres encontravam apoio e cuidado. Essas formas de organização da

---

[732]HOORNAERT, O cristianismo moreno do Brasil, p. 103. Cf. HOORNAERT, *História da Igreja no Brasil, primeira época*, p. 104-107.
[733] FRAGOSO, A Igreja na formação do Estado liberal, p. 231.

Igreja proporcionavam assistência aos pobres e desvalidos. Mesmo que muitas organizações tivessem personalidade jurídica, o ideal vinha da mística cristã do bom samaritano que acolhe o caído, como o próximo que necessita de socorro e solidariedade humana[734].

A outra via do catolicismo estava no sertão. Com traços religiosos diferentes da experiência litorânea, o catolicismo popular sertanejo encontra-se mais distante do "controle" do clero que a via litorânea. E, portanto, teve menos conflito com a hierarquia eclesiástica. O leigo teve maior espaço para desenvolver suas atividades, até a chegada do período da romanização e o conflito aberto de setores da hierarquia com Antônio Conselheiro. Segundo Frei Hugo Fragoso, o pobre continua "objeto" de caridade cristã. Destacam-se "a ação caritativa das irmãs de caridade, dos padres de missão, dos vicentinos, das beatas do Padre Ibiapina, e tantos outros",[735] práticas que influenciaram o imaginário religioso do povo de Canudos.

O catolicismo popular foi uma das várias formas de concretizar a Igreja na história. O cristianismo existe dentro da história. O catolicismo popular de Canudos deve ser tratado como uma questão de eclesiologia. A prática do catolicismo popular na Igreja só é possível pela mediação da história. Na concepção eclesiológica de Leonardo Boff, devemos superar "a velha questão da Igreja de Cristo invisível e espiritual de um lado e com as várias agremiações eclesiais visíveis, produto humano, do outro. A Igreja vive sempre a unidade concreta e viva do divino e do humano, da fé e da história" [736].

A construção da polarização entre a experiência eclesial de Canudos com Antônio Conselheiro e muitos padres de um lado e a postura do arcebispo da Bahia com a outra parte do clero de outro, gerou divisão no interior da Igreja, entre o catolicismo popular sertanejo e o projeto de romanização: uma Igreja com dificuldades reais de dialogar com o povo e de superar a aliança com o Estado, representado pelo Padroado Régio.

É notório que a concretização histórica da Igreja, como aconteceu em Canudos, está submetida às vicissitudes históricas e aos ventos contraditórios da condição humana e seus redemoinhos. Mesmo sendo comparada com a

---

[734] Cf. MATOS, *Nossa história: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*, p. 195-235.
[735] FRAGOSO, *A Igreja na formação do Estado liberal*, p. 167.
[736] BOFF, *Catolicismo popular: que é catolicismo?* P. 31.

barca de Pedro agitada pelo vento (cf. Mc 6,45-52 e Mt 14,22-32), a Igreja recebe os impactos das tempestades e calmarias da história humana, "pois o vento era contrário" (Mt 14,24). Porém, conta sempre com a força do ressuscitado. Por causa do medo dos ventos e tempestades, não se deve evitar a navegação. Navegar é preciso!

É no Bom Jesus que se encontram os elementos fundamentais da fé do povo do Belo Monte. O culto ao Bom Jesus fazia parte da devoção popular dos canudenses. Os festejos ao Bom Jesus se concretizavam nas festividades natalinas e nas comemorações de reis, com presença cativa no calendário religioso do Nordeste brasileiro até nossos dias. Sobre a presença de Jesus na religiosidade popular, como o Bom Jesus, o Servo Sofredor e o Senhor do Bonfim, Riolando Azzi afirma: "a presença sentida do Bom Jesus Sofredor dava a essas pessoas um vigor excepcional para suportar as agruras da existência, despertando sua capacidade de resistência contra todo o sentimento de desespero" [737].

Na percepção de Alexandre Otten, Canudos guarda elementos da experiência da Igreja primitiva. O Belo Monte concretiza "um projeto em que são satisfeitos interesses divinos e humanos, necessidades sobrenaturais e naturais. Não conhece dicotomia entre Deus e o homem, salvação eterna e bem-estar na terra, indivíduo e comunidade" [738].

A Igreja de Canudos tinha seus líderes e coordenadores. Rui Facó observa que havia certa hierarquia. Na prática ministerial, Antônio Conselheiro despontava como liderança principal, líder leigo aceito pelos membros da comunidade. A liderança do Conselheiro revestia-se de sentido real e simbólico[739]. Essas características da Igreja em Canudos são retomadas pelas CEBs no interior do Nordeste, a partir dos inícios da década de 1960, incorporando elementos da prática cristã, que ficou conhecida pelos binômios "fé e vida", "fé e compromisso social", "fé e luta" etc.

Em Canudos, mesmo em contextos socioreligiosos diversos, a tradição eclesial do catolicismo popular é reconhecida e plenamente desenvolvida pelas

---

[737] AZZI, *A Igreja Católica na formação da sociedade brasileira*, p. 53.
[738] OTTEN, *"Só Deus é grande": a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 380.
[739]Cf. FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, p. 55. Os títulos atribuídos a Antônio Conselheiro (de o Peregrino, Bom Jesus Conselheiro, Antônio dos Mares, etc.) revelam o nível de aceitação de sua liderança entre os sertanejos.

conferências de Medellín, Puebla, Santo Domingos e Aparecida. Hoje a "Igreja dos pobres" é um capítulo importante na eclesiologia de comunhão, tornou-se patrimônio da tradição eclesial da Igreja na América Latina e se incorporou ao discurso teológico desenvolvido pela teologia latino-americana da libertação.

Não custa dizer, também, que houve fortes reações contra a "Igreja dos pobres" ou "Igreja popular". A mais contundente partiu de Frei Boaventura Kloppenburg, teólogo presente no Concílio Vaticano II e assessor da conferência de Puebla. Em seu livro *Igreja popular*[740], o prelado faz amplo levantamento sobre a Igreja popular na América Latina e revela tom assustador sobre o envolvimento de cristãos, teólogos e intelectuais no engajamento ao lado dos pobres. Mesmo assim, as CEBs se cristalizam e superam o período de conflito e rejeição, conforme afirmam os bispos em Aparecida ao reconhecem "em alguns lugares um florescimento de comunidades eclesiais de base, segundo o critério das conferências anteriores, em comunhão com os bispos e fiéis ao magistério da Igreja" [741].

4.3 História das romarias de Canudos no contexto eclesial atual

Autores de livros sobre Canudos, acadêmicos e pesquisadores questionavam certo silêncio dos agentes de pastoral sobre a revisão teológica de Canudos. O passo dado por esses estudiosos agora precisaria ser dado pelos pastoralistas e teólogos.

O ponto fundamental que desencadeou o movimento do resgate da história religiosa de Canudos foram as romarias. No início da década de 1980, os principais agentes de pastorais e historiadores católicos começaram estudar Canudos pelo prisma religioso, com o objetivo de encontrar na luta do Belo Monte lições para a "Igreja dos pobres". Fizeram parte dessa façanha padres e leigos das dioceses de Paulo Afonso, Senhor do Bonfim, Rui Barbosa, Alagoinhas e Juazeiro, todos ligados às comunidades eclesiais de base (CEBs), aos movimentos sociais e à Pastoral Rural dessas dioceses. Nesse ínterim, Alexandre Otten publica o livro "*Só Deus é grande": a mensagem*

---

[740] Cf. KLOPPENBURG, *Igreja popular*. Destaca-se, principalmente, a "Primeira Parte: como surgiu a Igreja Popular", p. 13-37 e a "Segunda Parte: Como se afirmou a Igreja Popular", p. 39-75.
[741] CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Documento de Aparecida*, 99e.

religiosa de Antônio Conselheiro, que estabeleceu os fundamentos para o discurso no âmbito religioso. Mesmo sem serem de autores cristãos, os livros de Ataliba Nogueira[742], Edmundo Moniz[743] e Rui Facó[744] ajudaram aos agentes de pastoral na elaboração do discurso religioso no aspecto revisor da vida interna da comunidade de Canudos.

Outra via importante foi a equipe da CEHILA e as diversas publicações sobre o catolicismo popular brasileiro, o cristianismo moreno, com relatos que levam em consideração a experiência do povo e suas lideranças.

O início do resgate religioso de Canudos se deu no contexto das lutas pela redemocratização do Brasil (na década de 1980), com o final da ditadura militar, pela anistia dos exilados políticos e pelas "eleições diretas já". Entidades da sociedade civil como a União Nacional dos Estudantes (UNE), os vários sindicatos rurais e associações de moradores das periferias das cidades somaram-se aos partidos políticos de esquerda, contra a ditadura militar, pela democracia e eleições livres.

No âmbito eclesial destacam-se no ativismo pela democracia entidades como a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), as CEBs[745], o Movimento de Educação de Base (MEB) e o que ainda restava da Ação Católica[746] (JAC, JEC, JOC e JUC). Nesta quadra, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil esteve comprometida com o processo democrático brasileiro. Numerosos pronunciamentos da CNBB explicitavam a posição da Igreja sobre a conjuntura política brasileira. São dignos da memória bispos como Dom Helder Câmera, Dom Paulo Evaristo Arnes, Dom Pedro Casaldáliga e outros. Estiveram comprometidos muitos religiosos como Frei Beto, Frei Leonardo Boff, Frei Tito. O projeto "Brasil nunca mais" [747] da Arquidiocese de São Paulo (Comissão Justiça e Paz) documentou as denúncias sobre a tortura nos porões da ditadura militar.

---

[742] Cf. NOGUEIRA, *Antônio Conselheiro e Canudos: revisão histórica*, com a publicação dos manuscritos mais importantes de Antônio Conselheiro.
[743] Cf. MONIZ, *A guerra social de Canudos*.
[744] FACÓ, *Cangaceiros e fanáticos*, 77-122.
[745] Cf. GOHN, *Teorias dos movimentos sociais*, p. 277.
[746] Um aprofundamento sobre a nova consciência na práxis eclesial, cf. FREITAS, *Uma opção renovadora: a Igreja no Brasil e o planejamento pastoral*, p. 58-65.
[747] ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, *Brasil: nunca mais*. Este livro relata com detalhes as prisões e torturas praticadas de forma generalizada pelo próprio Estado nacional.

As romarias nascem com a presença de setores mais progressistas da Igreja em diálogo com esferas importantes da sociedade civil. Desde as primeiras romarias de Canudos, membros da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e representantes das associações de fundo de pasto, sindicatos rurais, professores de níveis médio e fundamental, entidade como IRPAA e PALMA estiveram envolvidas na preparação e celebrações de Canudos.

A Igreja criou o projeto Canudos, Uauá e Curaçá (CUC), objetivando organizar e financiar planos de formação de lideranças cristãs, apoiar e desenvolver projetos de convivência com o semiárido. Esses projetos eram apoiados pela Pastoral Rural das Dioceses de Paulo Afonso e Juazeiro, através das irmãs do Sagrado Coração de Jesus, comunidade sediada em Canudos.

Da mesma forma, os agentes de pastorais fundaram o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), para desenvolver projetos de adaptação ao clima e conviver bem no Nordeste. Essas entidades reuniram técnicos que desenvolveram projetos nas áreas da agricultura apropriados ao semiárido, na formação de lideranças e na melhoria da qualidade da caprinocultura. O sucesso do trabalho desenvolvido pelo IRPAA atraiu recursos de entidades internacionais e financiamentos dos governos estadual e federal.

Para os organizadores das romarias de Canudos, os objetivos estavam estabelecidos: apresentam os fundamentos bíblicos das caminhadas, através da inspiração do caminho e deslocamentos do povo de Deus. O ontem e o hoje da vida de Canudos ocupam a criatividades dos envolvidos na programação religioso e histórica dos atos religiosos durante as romarias. A Comissão da Romaria tem clara a inspiração na história viva da Belo Monte do Antônio Conselheiro, como ficou demonstrado em *As romarias de Canudos e o jeito livre e criador do povo nordestino*[748]. A ligação entre os patriarcas, os profetas e o próprio Jesus garantiu a inspiração bíblica para a construção da espiritualidade das romarias de Canudos.

[748]Cf. IPMC, *Canudos: uma história de luta e resistência*, p. 31-34. "Raízes bíblicas tem este jeito nordestino. Perguntamos aos patriarcas e matriarcas do Velho Testamento: o nômade Abraão, o pastor Moisés, o andarilho Jacó; perguntamos aos profetas: o incansável Isaías, o peregrino Elias. Quem imagina o Cristo parado e o Paulo de Tarso evangelizando apenas em uma cidade. A vida deles é um ir e vir incansável", p. 31.

> Jesus fez romarias ao templo de Jerusalém. A vida de Paulo é uma romaria pelo império romano. O Nordestino é romeiro porque a terra e o clima assim o exigem, e porque ele se sente bem desatrelado e sempre recriando ou reinventando sua própria existência. O Canudos de hoje se inscreve nesta cultura sertaneja, resgata o jeito romeiro de Antônio Conselheiro e se torna um palco de romarias para que, alma romeira e corpo andarilho e livre, se encontrem no lugar onde se instalou uma comunidade de romeiros, a comunidade de Belo Monte[749].

A ligação entre o Instituto Popular Memorial de Canudos (IPMC)[750] e a Comissão da Romaria garantia a presença de outros estudiosos durante os seminários, mesas redondas e conferências, abordando a história passada de Canudos e as implicações com a vida atual. O público alvo a ser atingido pelos organizadores das romarias de Canudos sempre foi o homem sertanejo em seu habitat natural, marcado pela religiosidade popular nordestina, pesquisadores da história de Canudos, estudantes secundaristas e universitários.

As diversas dioceses do Nordeste valorizam as romarias de Canudos, investem em suas realizações e estimulam os ministros ordenados para proporcionarem atendimentos qualificados aos romeiros. Nas romarias, essas lideranças parecem ter superado os desencontros de setores da Igreja com Antônio Conselheiro, uma vez que recuperam o aspecto positivo da experiência e deixam as querelas para um segundo plano. Seminaristas das dioceses do sertão e da Arquidiocese de Salvador participam das celebrações e se envolvem nos debates sobre o Canudos de ontem e a relação com as lutas de hoje.

Nos trabalhos pastorais da Paróquia de Canudos e na programação das festas de Santo Antônio incluem-se temas ligados a Antônio Conselheiro e à história do Belo Monte. Nas paredes da atual Igreja de Santo Antônio de

---

[749]IPMC, *Canudos: uma história de luta e resistência*. 31-32.

[750] O Instituto Popular Memorial de Canudos (IPMC) foi fundado durante uma reunião da Comissão da Romaria de Canudos, dia 17 (18) de setembro de 1993, na cidade de Senhor do Bomfim, Bahia. Mesmo sendo uma sociedade civil de direito privado e personalidade jurídica, o IMC guarda ligação de simbiose com a Igreja Católica. Quase sempre entre os membros da diretoria aparece um ou mais representantes da Igreja. A primeira diretoria eleita foi composta pela coordenadora Irmã Jelda Zorzo (das Irmãs da Congregação do Sagrado Coração de Jesus); o secretário Pe. José Wilson Andrade (pároco da Paróquia Sagrada Família, Paulo Afonso, Bahia); e o tesoureiro Pastor Djalma Torres (da Igreja Batista Nazareth, de Salvador, Bahia). Seguindo essa tradição, atualmente(2017) o diretor do IPMC é o Padre José Wilson Andrade, do clero da Diocese de Paulo Afonso, no momento administrador da Paróquia da Imaculada Conceição (da Arquidiocese de Feira de Santana - BA e professor da Faculdade Católica de Feira de Santana, BA.

Canudos foi feito um belo painel com personagens de Canudos e animais da caatinga. Nomes de ruas, de bares, de restaurantes, hotéis da cidade e de casas comerciais com o nome de Antônio Conselheiro garantem a relação do passado com o presente e o futuro de Canudos.

Entidades sediadas na atual cidade de Canudos como o Museu Municipal de Canudos, o Instituto Popular Memorial de Canudos, o Museu histórico Estadual de Canudos, e o Parque Estadual de Canudos[751] desenvolvem trabalhos sobre a Canudos de ontem e a Canudos de hoje. Da mesma forma, desde quando foi criada a Paróquia de Santo Antônio de Canudos, os padres que por lá passaram adotam o diálogo com as entidades que trabalham no resgate da história de Canudos e ressaltam o exemplo de Antônio Conselheiro e sua gente.

O trabalho da Igreja desenvolvido pelas romarias de Canudos é destaque na tese de doutorado do historiador e professor Antônio Fernando. Ele relaciona a religiosidade do povo sertanejo trabalhada pela Igreja Católica como fundamento atual para recuperar as lutas atuais na região de Canudos: "a religiosidade também fundamenta a identidade coletiva do MST, produto da atuação fundamental da Comissão Pastoral da Terra (CPT), norteada pela Teologia da Libertação, no cotidiano do movimento, inclusive justificando a ideia de que a terra é de todos" [752].

---

[751] O decreto de criação do Parque Estadual de Canudos data de 1986, conforme segue.
Decreto nº 33.333, de 30 de junho de 1986. Cria o Parque Estadual de Canudos, no Município de Canudos – Estado da Bahia e dá outras providências. O Governador do Estado da Bahia, no uso de suas atribuições. RSOLVE:
Art. 1º - Fica criado no Município de Canudos, o Parque Estadual de Canudos, estando a Secretaria de Educação e Cultura da Bahia, por intermédio da Autarquia Universidade do Estado da Bahia – UNEB – autorizada a adotar todas as providências necessárias à construção do Parque, inclusive delimitando a área respectiva, nos termos d Decreto nº 33.193, de 27 de maio de 2986.
Art. 2º - No Parque, deverão funcionar Museu, Laboratório de Arqueologia, Escolas Experimentais e outras instituições relacionadas com a preservação da área, envolvendo os aspectos ecológicos, arqueológicos, científicos, históricos e educacionais.
Art. 3º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
PALÁCIO DO GOVERNADOR DA BAHIA, em 30 de junho de 1986.
João Durval Carneiro
Governador
Edvaldo Machado Boaventura
Secretário da Educação e Cultura.

[752] SÁ, *Filigranas da memória: história e memória nas comemorações de Canudos (1993-1997)*, p. 188.

Na concepção de Antônio Fernandes, os líderes que organizam as romarias de Canudos dialogam e se articulam com o MST na região e conseguem levar o tema da reforma agrária para a mídia regional e nacional:

> (...) as ações de luta social desencadeadas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), que, articulado às iniciativas da Igreja Católica, guindou a questão da reforma agrária para o centro do debate político nacional, tornando-a recorrente nos meios de comunicação. Neste sentido, nos anos 1990 o tema de Canudos ajudou a fomentar essa viabilidade na mídia, interpelavando (sic) a sociedade brasileira como um todo, associando-o à reforma agrária[753].

Portanto, o trabalho com o Canudos romeiro não se restringe ao aspecto exclusivamente religioso, mas articula mística cristã e as ações concretas para mudar a vida do povo sertanejo hoje. A leitura teológica dos objetivos das romarias de Canudos foi feita por Dom Pedro Casaldáliga, em vídeo distribuído em escala, depois da romaria do centenário da destruição de Canudos (1993) de Antônio Conselheiro e que revela o novo pensamento da Igreja Católica sobre o acontecido em Canudos:

> Outubro de 1993. Levantando poeira, memória e esperança, a Romaria do primeiro centenário de Canudos chega a esta terra estigmatizada como região da seca, chão da morte, domínio de coronéis, a terra proibida do Nordeste. Cerca de dez mil pessoas vêm de muita parte. Com muitas bandeiras, mas uma só fé. A Romaria vem para contestar todos estres estigmas, celebrando a memória de Antônio Conselheiro e seu movimento de libertação[754].

Em relatório de uma das assembleias do IPMC, o Padre Tiago Milan, então pároco da Paróquia de Canudos e participante da Comissão da Romaria de Canudos, externou a linha de interesse de levar a história de Canudos às comunidades eclesiais de base e popularizar a saga de Antônio Conselheiro. "Quando a história sai dos tratados e dos escritos formais para chegar à cabeça, ao coração e às mãos dos poetas populares, podemos ter uma certeza: essa história se transforma em MEMÓRIA que, além de trazer o passado para o presente, faz força para construir o futuro" [755].

---

[753]SÁ, *Filigranas da memória: história e memória nas comemorações de Canudos (1993-1997*), p. 186-187.
[754] INSTITUTO POPULAR MEMORIAL DE CANUDOS, *Canudos, açude vivo* (filme), 1994.
[755] RELATÓRIO DA III ASSEMBLEIA DO INSTITUTO POPULAR MEMORIAL DE CANUDOS.

O pesquisador Antônio Fernando entende ainda que, “nas Romarias de Canudos, a Igreja Católica recupera esta leitura cuja principal tarefa foi difundir o reconhecimento do direito ao passado enquanto dimensão básica da cidadania”, para que a fé cristã encontrasse, na história humana, a mediação suficiente para que a vida tivesse sentido no sertão.

4.4 O Povo de Deus em Canudos e a categoria *Povo de Deus* na teologia cristã

Não restam dúvidas de que Canudos sediou a experiência de uma porção do povo de Deus e povo de pobres. A presença deles na Igreja vem da própria vontade de Jesus. De tal modo os cristãos construíram a mística do cuidado pelo povo, especialmente os pobres, que, se um membro da Igreja sofre, todos sofrem com ele. O povo cristão provocava admiração até mesmo entre os pagãos, conforme anote Tertuliano: “Vede como se amam uns aos outros” [756].

Com o advento do sujeito moderno, o envolvimento do leigo na Igreja sofre mudanças significativas. Do cristão leigo passivo, obediente, ajudante e quase apático ao leigo ativo, consciente, proativo, cidadão. Os leigos de características mais dóceis se agremiavam em movimentos como a Congregação Mariana, Apostolado da Oração e Legião de Maria.

Para João Batista Libanio, sob a influência do sujeito moderno, os leigos na Igreja introduziram a modernidade na vida eclesial e ajudaram mudar a concepção do clero sobre o papel do cristão batizado na vida eclesial. Enquanto lugar de reflexão e liberdade de atuação, os diversos organismos da Ação Católica (JAC, JEC, JIC, JOC, JUC e ACO) “inseriram-se em seus ambientes específicos a tal ponto que trouxeram para dentro da Igreja toda a problemática moderna que neles vivia” [757]. Ação Católica proporcionou a dupla função do leigo na Igreja. Primeiro, sua atuação interna na liturgia e nos movimentos internos das instituições eclesiais. Esse envolvimento provocou a necessidade de formação teológica e espiritual. Ao mesmo tempo, a Ação Católica confrontou-se com o mundo da cultura e da política, procurando

[756] Apud HAMMAN, A. G, *A vida cotidiana dos primeiros cristãos*, p. 131.
[757] LIBANIO, *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira explicação*, p. 35.

respostas para os problemas temporais. Teologicamente, recupera-se "o tríplice múnus sacerdotal, profético e régio do leigo. Ele se sentia sujeito de direitos e deveres na Igreja, criando uma consciência de maturidade, autonomia e responsabilidade" [758].

Do ponto de vista teológico, Yves Congar foi um dos teólogos que ajudou a introduzir a categoria "povo de Deus" nas sessões do Concílio Vaticano II. Para José Comblin Congar, foi "o teólogo que mais lutara para que fosse introduzido esse tema no esquema conciliar de eclesiologia" [759]. A introdução dessa temática provoca reviravolta no esquema da *Lumen gentium* (LG) e inicia um debate sobre as mudanças na concepção de Igreja, provocando uma virada copernicana de consequências inimagináveis. A virada eclesiológica cria um novo paradigma. O "povo de Deus" causou essa "virada" na *Lumen gentium* e provocou "uma mudança de época na história da Igreja" [760].

Os padres conciliares tinham consciência de que a eclesiologia, centrada no conceito de Igreja como *societas perfecta*, precisava abrir espaço a uma eclesiologia situada no povo de Deus. Abria-se um novo capítulo para os diversos ministérios. O ministério ordenado destina-se ao serviço do povo de Deus. Além dos sacramentos e dos ministérios, Deus reparte "seus dons 'a cada um como lhe compraz' (1Cor 12,11), distribui entre os fiéis de qualquer classe graças especiais" (LG 12b).

O povo, quando recebe por graça a fé, não é mais a massa anônima desorganizada e sem projeto, mas cria organismos, institui projetos de mudanças na sociedade e busca um novo modelo de Igreja. Na compreensão de Leonardo Boff, o povo é entendido primeiramente no sentido sociológico. Entretanto, "se transforma em um povo de Deus, quando ilumina pela fé sua própria realidade e aceita Deus como uma realidade decisiva em suas vidas" [761].

O texto conciliar mais importante sobre o povo de Deus é o capítulo segundo da *Lumen gentium* (especialmente o n. 9). Na instituição da nova aliança, o próprio Cristo chama entre judeus e gentios e constitui um povo, para

---

[758] LIBANIO, *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira explicação, p. 36.*
[759] COMBLIN, O povo de Deus, p. 17.
[760] VELASCO, *A Igreja de Jesus*, p. 241.
[761] BOFF, *O caminhar da Igreja com os oprimidos*, p. 77.

“que junto crescesse para a unidade, não segundo a carne, mas no Espírito, e fosse o novo povo de Deus”. O texto atribui a este novo povo de Deus características próprias: é um povo messiânico, tem Cristo como cabeça, tem liberdade e dignidade dos filhos de Deus, guia-se pelo mandamento do amor, sua meta é o Reino de Deus na terra. Sendo um povo messiânico e sacerdotal, “embora não abranja atualmente todos os homens e por vezes apareça como pequeno rebanho é, contudo, para todo o gênero humano, germe firmíssimo de unidade, esperança e salvação (...) entra na história dos homens, enquanto simultaneamente transcende os tempos e os limites dos povos” (LG 9).

O texto conciliar chama a atenção para o aspecto universal da categoria povo de Deus. “Todos os homens, pois, são chamados a esta católica unidade do povo de Deus, que prefigura e promove a paz universal (LG 13d). E inclui também os que, por um motivo ou por outro, ainda não tiveram acesso à fé cristã: “os que ainda não receberam o evangelho se ordenam por diversos modos ao povo de Deus” (LG 16a).

Antes do concílio a concepção eclesiológica vertical, também conhecida como hierarcologia, procura impor uma única visão e considerar a Igreja harmoniosa e monolítica. A partir desta visão, a comunhão se realiza não tanto pelo seguimento de Jesus Cristo, mas pela obediência aos membros da hierarquia.

Com a *Lumen gentium*, o modelo eclesiológico de sociedade perfeita deu lugar a eclesiologia de comunhão. Logo no primeiro capítulo, a *Lumen gentium* supera o conceito de Igreja como “Societas perfecta”, “corpus perfectíssimum” e a apresenta como mistério e sacramento de salvação (LG 9-8): “a Igreja é em Cristo como que o sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG, n. 1).

Cleto Caliman caracteriza o modelo eclesiológico de “deslocamentos” na Igreja, provocados pela novidade do Concílio Vaticano II, como segue: a) “de uma Igreja mais voltada sobre si para uma Igreja aberta ao mundo”; b) “de uma Igreja centrada na hierarquia para uma Igreja Povo de Deus”; c) “de uma compreensão “universalista” para uma a partir da Igreja local ou particular” [762].

[762] Cf. CALIMAN, *A eclesiologia do Concílio Vaticano II e a Igreja do Brasil*, p. 230-238.

A recepção do Concílio pela Igreja na América Latina incorporou ao conceito de povo de Deus "os pobres" deste continente. Para José Comblin, a "irrupção dos pobres" faz parte da tradição teológica na América Latina, desde a conquista, passando pelo comércio de escravos, e a tentativa de subjugar os índios[763]. Na tentativa de mostrar a relação da Igreja com o povo de Deus, o teólogo José Comblin considera que, se "quisermos numa palavra exprimir o que trouxe o Vaticano II para a Igreja, poderíamos dizer: lembrou à Igreja que ela é o povo de Deus" [764].

A "irrupção dos pobres" é, inicialmente, um dado sociológico perceptível na história de Canudos. Para o cristão, o pobre tem sentido essencialmente teológico, porque eles provocam na Igreja uma volta às fontes cristãs e alerta à instituição eclesiástica para o seguimento de Jesus Cristo. Movimentos de revoltas marcaram a vida do povo brasileiro. Lembro, especialmente, diversas insurreições dos negros (Quilombos dos Palmares), dos índios, alfaiates, malês, etc. Puebla considerou os pobres como "alentados pela Igreja (e) começaram a organizar-se para uma vivência integral de sua fé e, por isso, para reivindicar os seus direito" [765].

O acontecimento Canudos ultrapassa o aspecto sociológico e assume características teológicas que encontram amparo na esperança cristã. A luta em Canudos não foi para substituir o poder político nem contrariar o poder religioso, mas para criar um novo céu e uma nova terra, simbolizados no Belo Monte, nome dado à grei canudense. O povo sempre quis ser Igreja. É dentro da comunidade eclesial que se constrói a esperança e a confiança em dias melhores. Esse efeito histórico se dá, sobretudo, na ordem simbólica. O "Novo Céu" e a "Nova Terra" encontram em Canudos o lugar crível para a comunidade viver sob o aguadeiro da esperança cristã.

Para Moltmann, "a escatologia cristã é idêntica à doutrina da esperança cristã, que abrange tanto aquilo que se espera como o ato de esperar, suscitado por esse objeto" [766]. Ao analisar os aspectos escatológicos de Canudos, Libanio afirma que, mesmo o Belo Monte sendo um movimento de práticas e "caráter social, a motivação é religiosa e se arranca do capital

---

[763] Cf. COMBLIN, *Cristãos rumo ao século XXI*, p. 135-153.
[764] COMBLIN, *O povo de Deus*, p. 9.
[765] PUEBLA, 1137.
[766] MOLTMANN, *Teologia da esperança*, p. 30.

espiritual do povo". O simbolismo da "bandeira do divino", da "terra sem males" revelam o caráter escatológico que o povo de Deus vive em momentos históricos difíceis. O "já e ainda não" podem ser parcialmente encontrados nos movimentos de busca por dias melhores. Para Libanio, o cerne dos movimentos religiosos por libertação é escatológico[767].

O olhar teológico sobre a vivência do povo de Deus em Canudos identifica algo que escapa ao mero fenômeno social, que levou ao confronto entre as forças militares do Estado republicano e sertanejos fanáticos ou lúcidos. Para Libanio, quando se trata de movimentos de transformação social pela motivação da fé ou de caráter messiânico, é preciso "situar-se na maneira da articulação entre a construção dum reino terrestre – mas sem que se perca a dimensão escatológica transcendente" [768].

O desejo de dias melhores, a vontade de superar as forças da República impulsionavam a luta e davam sentido ao sonho de vitória aos canudenses. O sonho de dias melhores em Canudos, de um lado é utopia e de outro se torna tópica. A utopia é iluminada pela esperança cristã. A experiência de Canudos carrega elementos da dimensão escatológica cristã. Seu desejo era a salvação do povo. É dessa forma que o Peregrino se expressa durante o colóquio final, durante seu ultimo discurso ao povo: "aceitai a minha despedida, que bem demonstra as gratas recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança deste peregrino, que aspira ansiosamente a vossa salvação e ao bem da Igreja" [769]. Seu sonho, portanto, fora construído em sua vida eclesial.

4.5 A dimensão sociotransformadora da fé cristã em Canudos e nas CEBs

A fé provoca no cristão compromisso e o compromisso se traduz em obras. O apóstolo Tiago trava um debate sobre a fé e as obras que derivam da fé (cf. Tg 2,14-24).Para ele, "é morta a fé sem as obras" (Tg 2,26b). A dimensão transformadora da fé sempre acompanhou o cristianismo autêntico. À proporção que o cristianismo olvida o aspecto transformador, a fé cristã se

[767] LIBANIO e BINGEMER, *Escatologia Cristã: o novo céu e a nova terra*, p. 56.
[768] LIBANIO e BINGEMER, *Escatologia Cristã: o novo céu e a nova terra*, p. 54.
[769]ANTONIO CONSELHEIRO, *Despedida*, p. 181.

distancia do significado originário de seu fundador. Naturalmente a fé nos orienta para o compromisso com o pobre.

Antônio Conselheiro não teve dificuldades para entender que a fé sem obras é morta. O diferencial entre as experiências de Antônio Conselheiro e o Padre Ibiapina reside exatamente no aspecto do "engajamento social do cristão". Enquanto Padre Ibiapina organizou casas de caridade, hospitais para acolher os pobres, especialmente as mulheres, Antônio Conselheiro organizou os pobres em Canudos através da fé e as atividades campesinas nas margens do rio Vaza-barris. Ibiapina não precisou ter conflitos com os poderes estabelecidos.

A prática da comunidade de Canudos, porém, incomodou autoridades civis, militares e religiosas. Antônio Conselheiro reagiu ao pagamento de impostos, pois não via retorno para a comunidade. O aspecto libertador do povo de Canudos, o uso coletivo das terras, a vida comunitária coesa preocuparam os proprietários rurais e as lideranças políticas. O que irritou os poderes políticos e os proprietários da terra não foram tanto as pregações do Peregrino, nem a religiosidade do povo, mas o estilo de vida desenvolvido em Canudos (uso comum da propriedade da terra, organização da comunidade sem admitir a presença de políticos, etc.) e as fortes críticas aos representantes do governo republicanos: "a república, que é incontestavelmente um grande mal para o Brasil (...) tem barbaramente oprimido a Igreja"[770], dizia o Peregrino em suas homilias. Para os representantes da República, Canudos tornava-se uma espécie de secessão no país.

Sua preocupação com os "desclassificados" o impulsionava em busca de mudanças no sistema político vigente. Mesmo assim, a pobreza continuava aumentando. O Peregrino não se conformava com as injustiças cometidas repetidamente com os pobres. Ele percebia que a lei divina estava sendo desrespeitada pelos governantes e perguntava: "Como pode conciliar-se a lei divina e as humanas, tirando o direito de quem tem para dar a quem não tem?" [771]. Por isso, a gente de Canudos procurava conciliar a fé vivida e celebrada e os gestos que provocassem mudanças no sistema republicano e religioso. Para

[770] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Sobre a república*, p. 175.
[771] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Sobre a república*, p. 176.

Cristiano Henrique, "Antônio Conselheiro torna-se missionário dos "mal-aventurados" sertanejos, o defensor dos "desclassificados". "A mal aventurança" dos pobres é devido à opressão dos poderosos, à extorsão do fisco e às arbitrariedades das autoridades públicas" [772].

Da mesma forma, as CEBs nasceram com o compromisso de viver a fé em um contexto que pedia compromisso com os irmãos e, portanto, o engajamento para mudar a realidade do povo. As CEBs são consideradas sementes de uma nova sociedade, baseada na participação dos pequenos, na igualdade de oportunidades e valorização dos pequenos.[773] A resistência dos poderosos com relação à Canudos assemelha-se ao que aconteceu com relação às CEBs. De acordo com Gustavo Gutierrez, a origem das CEBs coincide com um conjunto de reivindicações na América Latina e no Caribe, "exigindo mudanças em uma sociedade que tinha esquecido – e ainda esquece – a maioria de sua população" [774].

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) apresentou a freira Norte Americana Irmã Dorothy e a médica brasileira Zilda Arnes como exemplos inspiradores para muitas lideranças e comunidades eclesiais de base. São duas testemunhas recentes na Igreja do Brasil desse "duplo ministério dos discípulos e discípulas de Jesus Cristo: Dra. Zilda Irnes e Irmã Dorothy Stang pelo Brasil afora, elas inspiraram a ação das CEBs" [775] e deixaram o testemunho de compromisso com os pobres.

A dimensão sociotransformadora da fé cristã levou ao martírio muitos cristãos. No Brasil, José Vicente, poeta popular, através do "Canto dos mártires da terra", revela a marca da esperança cristã. "Eis o tempo da graça, eis o dia da libertação! De cabeças erguidas, de braços unidos, irmãos! Haveremos de ver, qualquer dia, chegando à vitória, o povo nas ruas, fazendo a história, crianças sorrindo, em toda a nação" [776]. Também a versão do Pai-nosso dos mártires retrata o drama que se realizou nas comunidades eclesiais de base e que entrou no cancioneiro popular. Hoje muitas dessas canções são cantadas

---

[772] MATOS, *Nossa história: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*, p. 226.
[773] Cf. MATOS, *CEBs: uma interpelação para o ser cristão hoje*, p. 124.
[774] GUTIERREZ, *A teologia Latino-Americana: trajetória e perspectivas*, p. 201.
[775] CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Mensagem ao povo de Deus sobre as comunidades eclesiais de base*, p. 14.
[776] VICENTE, *Canto dos mártires da terra*, p. 138d.

nas ordenações sacerdotais, nas romarias e celebrações litúrgicas em comunidades do Nordeste brasileiro.

4.6 Canudos e a história das Comunidades Eclesiais de Base no Nordeste brasileiro

Ao longo da história da Igreja, os pobres sempre encontraram um jeito próprio de organização para vivenciar a fé. Canudos tem um antes e um depois. Antes, porque o povo do Conselheiro não foi pioneiro na forma de organização social e de expressão de fé. A religiosidade do povo do Belo Monte esteve dentro do contexto do catolicismo lusitano e que influenciou também São Paulo, Minas Gerais e praticamente todos os estados do Norte e Nordeste brasileiros. Desde o fim do Padroado, a Igreja do Brasil procura organizar um projeto pastoral com o rosto do povo brasileiro.

É bem significativa a esse respeito a análise de Pablo Richard do período que vai de 1870 a 1930. Mesmo com a chegada do romanismo ao Brasil, o episcopado brasileiro, aos poucos, foi desenvolvendo um projeto pastoral com características nacionais e latino-americanas. Há significativa mudança na Igreja. De

> (...) uma Igreja romanizada, estrangeira, centralizada sobre as devoções formais e as manifestações religiosas de massa, e absorvida pelos problemas familiares e educacionais, avança-se para uma Igreja aberta aos problemas sociais e políticos. A nova cristandade evolui do conservantismo para o social-cristianismo reformista e desenvolvimentista[777].

Aos poucos, a religiosidade popular começa ser valorizada como cultura dos oprimidos e os leigos vão assumindo protagonismo importante. A primeira conferência do episcopado brasileiro realizada no Rio de Janeiro em 1955 explicita o divisor de águas na gênesis do projeto pastoral específico para a Igreja na América Latina e por extensão no Brasil. Mesmo com preocupações voltadas eminentemente para os problemas internos da Igreja (ad intra) a conferência do Rio de Janeiro abordou temas como a escassez de sacerdotes,

[777] RICHARD, *Morte das cristandades e nascimento da Igreja*, p. 112.

a ignorância religiosa do povo, as missões entre os fiéis. Os bispos estimulam a associações do clero e a formação do clero nacional[778].

Relativamente ao laicato, a Conferência do Rio de Janeiro destaca a importância da Ação Católica[779] e o apostolado dos leigos em geral. Mesmo tratando o leigo como "auxiliares do clero", é um passo à frente da Constituição do Arcebispado da Bahia, na versão oferecida em 1853, que punia com excomunhão e multa a interferência de qualquer leigo que "se intrometta a disputar em publico, ou particular sobre os mystérios de nossa Santa Fé, e Religião Christã" [780].

O envolvimento do cristão na Igreja remonta às próprias comunidades primitivas. O cristão tinha efetiva participação na missão da Igreja. A comunidade de Canudos foi um exemplo histórico do envolvimento e protagonismo do leigo na Igreja, conforme demonstração feita no início deste capítulo (cf. 4.2). A gênese das CEBs esteve na efervescência da participação do cristão na Igreja, na política e nas organizações sociais. O surgimento dessa imbricação do cristão na Igreja coincide também com a emergência do novo sujeito moderno. João Batista Libanio caracteriza o leigo na Igreja até o limiar do Concílio Vaticano II de sujeito social, predominantemente *pré-moderno, tradicional*[781]. No contexto do Vaticano II, o perfil do leigo passava por mudanças significativas.

O Papa Pio XII incentivou os teólogos a procurarem caminhos de superação da eclesiologia clássica de Igreja como "sociedade perfeita e desigual", por uma "eclesiologia integral". Quem mais se destacou neste serviço entre os teólogos foi Y. Congar. No âmbito mais filosófico,J. Maritain e Emanuel Maunier[782] também deixaram valiosas contribuições. As CEBs, enquanto espaço de acolhida do leigo, encontram sua pré-história neste contexto. Elas nascem na conjuntura pós-conciliar de contestação das ditaduras na América Latina, no momento em que o povo começava a ter acesso à Palavra de Deus e despertava para a participação na Igreja. A virada

---

[778] Cf. CELAM – CONSELHO EPISCOPAL LATINOAMERICANO, *Conferência do Rio de Janeiro*, 24 e 28-33.
[779]CELAM – CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Documento do Rio de Janeiro*, p. 21: "À ação Católica e demais associações de apostolado enviamos nossa sincera palavra de complacência pelo meritório trabalho até agora realizado".
[780] VIDE, *Constituições primeiras do arcebispado da Bahia*, Livro I, V, 14, p. 7.
[781] Cf. LIBANIO, *Concilio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*, p. 15.
[782] Cf. LIBANIO, *Concilio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*, p. 25-48.

eclesiológica da Lumen Gentium (cf. LG 9-38) e a abertura aos desafios da sociedade, na concepção da *Gaudium et Spes* (cf. GS 17-44)[783], incrementaram o dinamismo dos leigos.

Para os Padres Conciliares, tanto os leigos quanto os membros da hierarquia "participam, cada qual a seu modo, do único sacerdócio de Cristo" (LG 10). Nas origens das CEBs, está o desejo do fiel leigo viver o batismo. As raízes das CEBS remontam aos idos de 1955-60, como sementes plantadas nas dioceses de Barra do Piraí (RJ) e Natal (RN) por equipes de leigos, que complementavam as atividades pastorais nas capelas das comunidades rurais e da periferia da cidade, onde os padres não davam conta da demanda. Castor Ruiz também compartilha dessa mesma ideia. Essas experiências "são apresentadas como o precedente das CEBs no Brasil. Seria o marco cronológico a partir do qual poderíamos compreender seu surgimento" [784].

Henrique de Matos identifica a origem das CEBs com a busca de soluções para questões pastorais da Igreja. Os leigos ajudavam "na preparação sacramental, na distribuição de alguns sacramentos, na catequese e na organização e incentivo dos movimentos paroquiais, bem como no culto dominical e de diversas comunidades" [785]. É através da CEBs que a religiosidade popular recebe conteúdo libertador. Leonardo Boff fala da necessidade de "reinventar" a Igreja a partir da base da sociedade, em que os pobres vivem e atuam. Podemos dizer que é esta "Igreja que nasce do povo" ou "uma Igreja que nasce da fé do povo" [786]. O trabalho no meio dos pobres converte o agente de pastoral e o encaminha para a opção evangélica pelos pobres. Pelo menos três fases marcaram a evolução das CEBs no Brasil.

a) A fase das origens das CEBs aos primeiros conflitos (1956-1980).

Para Oscar Beozo, as CEBs são uma herança do Concílio Vaticano II. Quando as CEBs nasceram e deram os primeiros passos, não havia muita tensão com a hierarquia. Ao contrário. As CEBs foram instrumentos de mediação de vários projetos da CNBB. Destacam-se dois diferentes projetos de

[783] Cf. Gonçalves, *O trem das CEBs*, p. 57-67.
[784] RUIZ, *A força transformadora social e simbólica das CEBs*, p. 23.
[785] MATOS, *CEBES, uma interpretação para o ser cristão hoje*, p. 32.
[786]BOFF, *Igreja, Carisma e poder*, p. 35.

educação para adultos. Um ligado à Igreja (o MEB) e o outro ao governo militar (o MOBRAL). Os projetos de alfabetização de adultos (MEB) e os vários cursos de formação de lideranças cristãs, como as escolas de estudos bíblicos, a implantação do sindicalismo rural convergiam ao lado das campanhas da fraternidade para o protagonismo dos leigos na Igreja.

Nessa fase, criou-se verdadeiro círculo hermenêutico, gerado pelo uso da Bíblia e pela presença de assessores qualificados entre biblistas e teólogos. Destacam-se o trabalho de inserção de entidades como a Conferência dos Religiosos do Brasil (a CRB) e a presença de teólogos da libertação nas assessorias da CNBB, nos regionais, dioceses e encontros intereclesiais, a partir dos anos 1980. Foi um momento de muito dinamismo na Igreja do Brasil.

Com a mística do *aggiornamento* da Igreja, sugerida pelo Vaticano II, parte significativa do episcopado brasileiro "se destacava pelo entusiasmo pastoral e o vigor profético. Alguns deles vieram da Ação Católica. No planejamento pastoral, utilizavam o método ver, julgar e agir" [787] e adotavam o dinamismo de Igreja-comunhão, com clara valorização dos leigos. Esse período foi de consolidação das CEBs.

Em Canudos, houve tensões e rupturas com alguns padres e bispos da Arquidiocese de Salvador, também continua tensão semelhante entre as CEBs e membros da hierarquia. Embora a história das CEBs sempre tenha sido de superação e maturidade de ambas as partes.

b) Segunda fase: os conflitos de membros da hierarquia com as CEBs e assessores (1980-2000).

Esse período caracterizou-se, de um lado, pelo forte dinamismo e crescimento das CEBS, com a devida inserção nas dioceses, nasparóquias e nos movimentos sociopolíticos do país. De outro lado, diversas tensões, conflitos e rupturas marcaram as décadas de 80 e 90. Foi uma etapa de contradições e sofrimento.

Do ponto de vista institucional, a Igreja em Medellín e Puebla reconhece as CEBs como força renovadora da Igreja. Para os bispos em Puebla, a pequena "comunidade particular concretiza em si mesma a fé da Igreja

[787] MENEZES, *CEBs, do concílio Vaticano II a Aparecida*, p. 38.

universal e deixa de ser comunidade privada e isolada; supera sua própria particularidade na fé da Igreja total" (Puebla, 373). As CEBs cresceram muito. Se no final de 1969 elas eram incipientes no ponto de vista quantitativo, durante a conferência de Puebla se observa o amadurecimento e a multiplicação das CEBs em muitos países do continente.

Desde Medellín que os bispos da América Latina reconhecem as CEBs como "centros de evangelização e como motores de libertação e de desenvolvimento. (...) é uma das fontes de onde brotam os ministérios confiados aos leigos; animação de comunidade, catequese, missão" [788]. Essa força motriz decentralizadora das atividades na Igreja despertou novas lideranças leigas, renovou a missão, criou uma "nova onda de comunhão e participação" na Igreja do Brasil e da América Latina.

Muitos bispos e teólogos assumem importante ministério de assessoria. Eles "sistematizavam a doutrina e as orientações do magistério em uma síntese de contexto mais amplo: submetem a uma nova investigação os fatos e as palavras reveladas por Deus, para referi-las a novas situações socioculturais" [789]. Esses assessores desempenham papel central nos encontros intereclesiais da CEBs, com a primeira edição de 1975, em Vitória (Espírito Santo).

Provocados pelos questionamentos internos sobre as estruturas da Igreja e por envolvimentos políticos, as CEBs foram despertando desconfiança em muitos bispos. As lutas e reivindicações com participação ativa das CEBs começaram a gerar conflitos de interesses dentro da Igreja e nos poderes políticos. Muitos bispos e sacerdotes tiveram que tomar posições em defesa dos pobres, fato que gerou tensões no interior da Igreja, causando divisão e conflitos.

Nessa quadra, a Igreja inicia um processo de arrefecimento e medo. As conclusões das conferências de Medellín e Puebla foram recebidas de forma diferente. Os bispos mais conservadores falavam em desvirtuamento do Concílio Vaticano II[790], pelas conferências episcopais. Com o olhar crítico de

---

[788]CELAM – CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Documento de Puebla*, 96-97.
[789]CELAM – CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Documento de Puebla*, 375.
[790] Dom Boaventura Kloppenburg tornou-se voz retumbante no combate à teologia da libertação, às comunidades eclesiais de base e a opção pelos pobres no Brasil. Cf. KLOPPENBURG, *Igreja popular*, p. 187-236.

setores do Vaticano sobre a teologia da libertação e seus principais formuladores, "as CEBs sofreram duras consequências: foram sublevadas pelas Igrejas locais, sofrendo com a indiferença dos bispos" [791], muitos dos quais questionavam sua eclesialidade.

No início da década de 80, Libanio começa a falar da volta à grande disciplina na Igreja, a partir da preocupação do pontificado de João Paulo II. Inicia-se um longo processo de reversão e centralização da Igreja. Daniel Meneses classifica essa estratégia da Cúria Romana em 4 aspectos: "centralização do poder na Igreja de Roma; enfraquecimento da colegialidade episcopal; incentivo aos movimentos eclesiais; acentuação da disciplina eclesiástica em substituição à teologia; e nomeações episcopais alinhadas com o projeto restaurador" [792]. As tensões foram contra a CRB, A CLAR e a interferência no Instituto de Teologia do Recife, como importante centro formativo de futuros presbíteros e leigos do Nordeste brasileiro. Muitos teólogos que davam assessorias para as CEBs e ajudavam na formulação teológica foram punidos[793].

Diferentemente de Canudos, as CEBs resistiram. A experiência histórica de Canudos foi massacrada. A religiosidade do povo de Conselheiro, porém, continua. As CEBs, ao passar pelos conflitos dentro e fora da Igreja, saíram mais fortalecidas e maduras.É notório que a aliança entre Igreja e Estado, no tempo de Antônio Conselheiro e no contexto das CEBs, é diversa.

c) Terceira fase: A partir do ano 2000, as CEBs passam pela maturidade e superação dos conflitos.

Superados os conflitos, erros e acertos, é tempo de maturidade. Inicia-se um processo de admiração e reconhecimento das CEBs nas comunidades rurais e urbanas também entre os que tinham certa intolerância às CEBs e

---

[791] LIMA, *A crise das CEBs: entre perseguição e martírio, a fidelidade aos pobres*, p. 75.
[792] MENEZES, *CEBs: do Vaticano II a aparecida*, p. 41.
[793] Merecem destaques os processos sofridos por alguns teólogos pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. As notificações dos livros de Frei Leonardo Boff: Jesus Cristo Libertador e Igreja Carisma e poder. Cf. CDF – CONGRGAÇAO PARA A DOUTRINA DA FÉ, *Notificação sobre o livro de P. Leonardo BOFF, OFM., "Igreja: carisma e poder"*, p. 245-249. Cf. CDF – CONGRGAÇAO PARA A DOUTRINA DA FÉ, *Notificação sobre o livro de P. Jon Sobrino*,p.572-585. Dossiê completo sobre o processo envolvendo o livro Igreja: carisma e poder do Frei Leonardo Boff encontra-se in: BOFF, Igreja, *Carisma e poder* (apêndice): O *processo doutrinário a Igreja: carisma e poder*, p. 331-472.

seus assessores. Um fato relevante se inicia pelo novo olhar dos membros da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. Ao compararmos a *Instrução sobre Alguns aspectos da "Teologia da Libertação"* (de agosto de 1984), com tom bastante reprovativo e condenatório da teologia da libertação, a *Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação* (de 1986) considerou que a Teologia da Libertação é útil e necessária. Mesmo ponderando que a primeira instrução (1984) não teria como objetivo a "desaprovação" dos protagonistas que desejam "responder generosamente e com autêntico espírito evangélico à 'opção pelos pobres' a instrução desperta a atenção de teólogos e pastores para os riscos de se fazer teologia, recorrendo "a conceitos tomados em diferentes correntes do pensamento marxista" [794].

A repercussão negativa da *Instrução sobre Alguns aspectos da "Teologia da Libertação"*[795] preocupou autoridades vaticanas de tal modo que o segundo documento (dois anos depois): *Instrução sobre liberdade cristã e libertação* procurou corrigir o tom, reconheceu os pontos positivos da Teologia da libertação, das Comunidades Eclesiais de Base e de seus apoiadores[796]. De certo modo, foi uma janela aberta para o diálogo, para a tolerância e o respeito.

Hoje, praticamente todos os documentos da Igreja na América Latina citam as CEBs de forma positiva, como aconteceu com Medellín[797], Puebla, Santo Domingo e Aparecida. Mesmo com ressalvas, as CEBs são uma realidade na vida da Igreja. Em um dos últimos escritos da CNBB sobre as CEBs, os bispos classificam os encontros intereclesiais das CEBs como "patrimônio teológico e pastoral da Igreja do Brasil" e "Manifestação visível de eclesialidade" que "congregam bispos, religiosos, presbíteros e assessores, animadores e animadoras de comunidades, bem como convidados de outras

---

[794]CDF – CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ, *Instrução sobre alguns aspectos da "Teologia da Libertação"*, p. 225.

[795] Visões críticas bastante fundamentadas sobre a referida instrução foram feitas, através de diferentes enfoques, como segue. Cf. ALMEIDA, *Subsídios para o estudo da Instrução sobre Alguns aspectos da "Teologia da Libertação"*, p. 695-699; LORSCHEIDER, *Observações a respeito da "Instrução sobre a Teologia da Libertação"*, p. 700-708; BOFF, Em vista do novo documento Vaticano sobre a Teologia da Libertação, p. 709-725. ANA, JÚLIO, Luzes e sombras no texto Vaticano sobre a Teologia da Libertação, p. 736-743.

[796] O documento considerou o tema da liberdade cristã e libertação como "o centro da mensagem evangélica". CDF – CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ, *Instrução sobre liberdade cristã e libertação*, 2.

[797]Cf., CELAM – CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Medellín,

Igrejas cristãs e tradições religiosas. Neles se expressa a comunhão entre os fieis e seus pastores" [798].

Ao recuperar o sentido das CEBs e ampliar seus horizontes de compreensão, o documento de Aparecida confirmou pontos fundamentais para a eclesialidade das comunidades: a) No compromisso com o seguimento de Jesus, as CEBs "têm a Palavra de Deus como fonte de sua espiritualidade e a orientação de seus pastores como guia que assegura a comunhão eclesial" [799]; b) As CEBs são escolas que ajudam "a formar cristãos comprometidos com a sua fé, discípulos e missionários do Senhor, como o testemunha a entrega generosa, até derramar o sangue, de muitos de seus membros" [800]; c) As CEBs estão abertas para acolher "outras formas válidas de pequenas comunidades, inclusive rede de comunidades", unidas na medida em que a Eucaristia for o centro de sua vida e a Palavra de Deus for o farol de seu caminho e de sua atuação na única Igreja de Cristo[801].

É a fase da maturidade, da atuação das lideranças e da cristalização dos ministérios confiados aos leigos. A presença dos assessores, teólogos e especialistas nos encontros intereclesiais ajudou na reflexão sobre a unidade e a diversidade da Igreja, pelas experiências compartilhadas e refletidas nesses encontros, como também ajudaram na superação histórica dos conflitos entre setores da hierarquia da Igreja e lideranças das CEBs. A CNBB reconhece que a cidadania do leigo é um enorme ganho para a Igreja. "O protagonismo dos leigos nas CEBs é expressão viva de uma Igreja que se renova animada pelo Espírito Santo, é também um sinal de que, no discipulado, estão surgindo novos ministérios e serviços" [802].

4.7 "Canudos era uma irmandade": atualidade de Canudos

A frase "Canudos era uma irmandade" é de Ana Josefa dos Santos (1916-1995), conhecida por Dona Zefinha, filha de sobreviventes da guerra de

---

[798]CNBB – CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Mensagem ao povo de Deus sobre as Comunidades Eclesiais de Base*, p. 11.
[799] CELAM – CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO *Documento de Aparecida*, 179.
[800]CELAM – CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Documento de Aparecida*, 178.
[801]CELAM, CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Documento de Aparecida*, 180.
[802] CNBB, CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, Mensagem ao povo de Deus sobre as comunidades eclesiais de base, p. 15.

Canudos. A história oral documentou muitos testemunhos sobre o aspecto comunitário que ficou no imaginário dos sobreviventes à guerra de Canudos e em muitas pessoas da região. Os relatos confirmam certas afirmações de Euclides da Cunha, como também divergem literalmente do conteúdo de *Os Sertões*[803]. Ioiô da Professora, filho de Erotildes Siqueira dos Santos, professora no Cumbe (atual Euclides da Cunha) conta que, durante a infância, procurava balas no local da guerra e chegava a casa com os bolsos cheios. A mãe reprovava sua atitude. Sobre as atrocidades da guerra, o senhor Ioiô, com 80 anos de vida, costumava dizer: "Mamãe contava que viu horrores" [804]. Da mesma forma, João de Regis, de 94 anos, cujos avós maternos e os seus pais estiveram na guerra de Canudos afirmou que "Eu me lembro das histórias que a minha vó contava" [805].

A "irmandade" ia sendo construída em Canudos pelas exigências da convivência entre os que chegavam à comunidade, pelo uso comum das terras e pela divisão social do trabalho. Antônio Conselheiro estimulava tais valores que vinham do Evangelho. Ele teve o cuidado de anotar, em uma de suas homilias, o ensinamento de Jesus. "Dar ao que te pede e não voltes às costas ao que te pede emprestado" (Mt 5, 42). A construção de igrejas, capelas, cemitérios e outras práticas solidárias eram incentivadas pela Igreja e estimuladas pela religiosidade popular sertaneja, pelas lideranças leigas.

A fé cristã constituía-se no fio condutor que garantia a unidade entre pessoas tão diferentes, vindas de realidades díspares. A fraternidade, o companheirismo e a solidariedade sempre marcaram a cultura sertaneja.Ao morrer, por exemplo, um pai ou mãe de família, deixando vários filhos pequenos, os parentes próximos, os compadres e as comadres ou outros membros da comunidade ajudavam na criação das crianças e, se preciso fosse, cada família adotava uma criança.

---

[803] Uma coletânea de entrevistas com moradores do município de Canudos e região, filhos de sobreviventes da guerra, revela o que parte do povo guardou na memória sobre Antônio Conselheiro e Canudos. Cf. LUCENA e MAURA. *Entrevistas com membros de Canudos e região*. In: FERNANDES, O clarim e a oração, p. 460-548.
[804] LUCENA; MAURA, *Entrevista com moradores de Canudos e região*, p. 463.
[805] Cit. In: LUCENA e MAURA. *Entrevistas com membros de Canudos e região*. In: FERNANDES, *O clarim e a oração*, p. 485.

No *Memorial de Vilanova*[806], é possível perceber os detalhes da vida em Canudos: "eu via, vez por outra, passar o Peregrino sobre a parede da Igreja vigiando as obras. Cachaça, não. Nem devassidão. Era um povo ordeiro e não havia briga". O Peregrino pedia que as pessoas se cumprimentassem com saudação divina: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo" [807].

Hoje ficam evidentes duas formas de oferecer a narrativa sobre a história do povo de Canudos. A contada pela historiografia oficial, ensinada na escola e a versão dos documentaristas que adotam a revisão histórica. Esta já reúne o maior número de pesquisadores e escritores. A prova mais concreta da força dessa versão é a escolha de Canudos e sua gente como objeto de estudo em muitas universidades brasileiras por alunos, professores e pesquisadores das várias faculdades e áreas do conhecimento humano[808].

Nas universidades brasileiras, teses e dissertações sobre essa nova forma de recompor a narrativa da história de Canudos revelam a força da produção intelectual, acrescentando novos fatos, até então imperceptíveis ou intencionalmente omitidos. A história do Brasil, que quase sempre foi escrita pela mão dos brancos e sua ótica, agora também é apropriada pelos pobres e seus legítimos representantes. Eles ocupam espaço significativo nas recentes pesquisas, uma vez que novos estudos realizados pelos filhos da pobreza agora são oferecidos ao povo brasileiro. O poder de escrever a história de Canudos, manchada de sangue, chegou às mãos do negro, índio, mulato e pobre; está no coração dos que permitem que o sangue derramado pelo massacre de Canudos volte para as veias dos que escrevem "outra história", incluindo os verdadeiros protagonistas, o próprio povo.

---

[806] Cf. MACEDO, *Memorial de Vilanova*. Nertan Macedo colheu o depoimento de Honório Vilanova, que conheceu Antônio Conselheiro. Aos 80 anos, Vilanova conta com detalhe a vida em Canudos e revela a admiração que tinha por Antônio Conselheiro, seu compadre e a vida em Canudos.

[807] MACEDO, *Memorial de Vilanova*, p. 39.

[808] Cito três trabalhos ilustrativos sobre Canudos na atualidade e que reúnem uma série de artigos atuais sobres Canudos, Euclides da Cunha e Antônio Conselheiro. O primeiro foi coordenado pelo escritor e professor de Teoria da Literatura da Universidade Federal da Paraíba (tese de doutorado em "La gurradel fim del mundo", romance escrito por Mario Vargas Llosa, (UNICAP)Rinaldo de Fernandes. Reúne artigos atuais sobre os cem anos de Os Sertões de diversos escritores, com duas seções, que envolvem historiadores e sociólogos, críticos literários e jornalistas. Cf. FERNANDES, *O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões*. Outra coletânea foi organizada pelo Instituto Moreira Sales, do Rio de Janeiro, em 2002, com uma coletânea de fotografias do tempo da guerra e atuais, e artigos analíticos sobre as fotografias de guerra, número dedicado a Canudos. Cf. INSTITUTO MOREIRA SALES, *Cadernos de Fotografia brasileira: Canudos*, p. 10-299.

A versão de Canudos, pesquisada por "estudiosos livres" e mais comprometidos com a verdade histórica, desperta maior interesse nas investigações. Por isso, é comum encontrar expressões como "dois discursos sobre Canudos" [809]; revisão histórica[810]. Alexandre Otten "segue a reelaboração da figura histórica de Antônio Maciel, na tentativa de libertá-lo do efeito negativo da obra de Euclides da Cunha" [811]. Com Alexandre Otten, os estudos mais recentes estão contribuindo a passos largos para reconstruir a figura do líder Antônio Conselheiro.

Aos poucos, a história de Canudos tem despertado interesse também na teologia[812]. Os historiadores e professores de história da Igreja, Eduardo Hoornaert[813] e Henrique Cristiano J. Matos[814] são pioneiros na abordagem da história de Canudos e Antônio Conselheiro, de forma que o Peregrino apareça com o destaque que merece e não mais de maneira puramente pejorativa[815].

Dia 28 de julho de 1984, Dom José Rodrigues, bispo da diocese de Juazeiro (BA.) presidiu a Primeira Missa dos Mártires de Canudos, com a presença de oito padres das dioceses vizinhas a Juazeiro.

Canudos está presente na literatura brasileira e tornou-se conteúdo para diversos romances[816]. A vida dos que viveram no Belo Monte é cantada em

---

[809] Como o artigo do professor da escola de comunicação e artes da universidade de São Paulo. Cf. CITELLI, *No mundo dos homens, na ordem de Deus: dois discursos sobre Canudos*, p. 67-85. Neste artigo, o autor analisa duas versões antagônicas sobre Canudos. A visão de Euclides da Cunha em *Os Sertões* e a de Afonso Arinos em *Os jagunços.*

[810] HOORNAERT, Os anjos de Canudos: uma revisão histórica, p. 9-12.

[811] OTTEN, *"Só Deus é grande": a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, p. 9-10.

[812] A Faculdade Jesuíta de Filosofia e teologia de Belo Horizonte é depositária de uma dissertação de mestrado em teologia dogmática sobre Canudos. Cf. ANDRADE, *A experiência religiosa e sociopolítica de Canudos (2006)*.

[813] HORNAERT, *Os anjos de Canudos: uma revisão histórica*;

[814] MATOS. *Nossa história: 500 anos de presença da Igreja católica no Brasil*, p. 225-231.

[815] Abordagem sobre o papel da Igreja Católica sobre o resgate de Canudos, cf. 1. 2.6 desta tese.

[816] Cf. DOS SANTOS, *João Abade*; cf. LLOSA, *A guerra do fim do Mundo: a saga de Antônio conselheiro na maior aventura literária do nosso tempo*; cf. LOPES, *A ressurreição de Antônio Conselheiro e a de seus 12 apóstolos*; cf. LAURES, *Antônio Conselheiro*; cf. CUNHA, *Os Sertões*; cf. CANÁRIO, *Os mal-aventurados de Canudos: s tragédia de Canudos*; MARTINS, *Cidadela de Deus: a saga de Canudos*; AGUIAR, Luiz Antônio, *Canudos: santos e guerreiros em luta no sertão*.

verso e prosa[817] e apresenta visão favorável ao povo de Canudos e Antônio Conselheiro[818]. A Igreja faz parte desse novo capítulo.

Conclusão

A atitude das principais lideranças da Igreja católica no momento é de superação da polarização com o passado de Canudos e Antônio Conselheiro. A Igreja vem tirando da experiência de Canudos lições que iluminam a vida das comunidades contemporâneas, seus animadores e suas lideranças. Até mesmo da parte negativa do conflito, da forma de diálogo ou falta dele podem-se tirar lições.

O envolvimento de Dom Pedro Casaldáliga, Padre José Wilson Andrade e Romero Falcão Meneses, como agentes de pastorais da Igreja, na elaboração do roteiro para a produção do filme "Canudos, açude vivo" [819], revela o interesse que o tema desperta hoje na Igreja. O filme ressalta a imagem de Belo Monte como "irmandade", onde todos podem trabalhar, plantar, colher e criar os animais. O filme mereceu comentário do historiador e professor universitário Antônio Fernando, em sua tese de doutorado:

> "o vídeo Canudos, açudes vivo (...) se insere na videoteca da Verbo Filmes, produtora ligada à Igreja católica com clara preocupação evangelizadora. Dirigido por Cirineu Kuhn, o filme se coaduna com o principal objetivo do Instituto Popular Memorial de Canudos, que é a preservação da memória da experiência de vida antes da guerra de Canudos. Tendo como fio condutor imagens da Romaria do Centenário da Fundação de Canudos em 1993, a narrativa videográfica centra-se na atualidade da utopia de Belo Monte, em suas propostas de convivência com o semiárido, pois, em suas peregrinações, Conselheiro construiu pequenas barragens, igrejas e cemitérios, além de pregar a igualdade entre todos. Escrito por D. Pedro Casaldáliga, Padre José Wilson Andrade, Romero Falcão Meneses e Cireneu Kuhn, o roteiro celebra a memória de Conselheiro e seu movimento de libertação, construindo uma imagem de Belo

[817] Cf. VILLABOIM FILHO, *Canudos*, p. 33-219; cf. ALENCAR, *Canudos: o movimento e o massacre em cordel*; cf. CALAZANS, A guerra de Canudos na poesia popular, p. 149-159.
[818] SANTOS, *A música em Canudos*, especialmente "A tradição popular de Canudos", p. 37-59. As principais canções populares sobre Canudos foram recolhidas pelo INSTITUTO POPULAR DE CANUDOS, *Hinos e poesias*.
[819] INSTITUTO POPULAR MEMORIAL DE CANUDOS, Canudos, açude vivo (filme). SÁ, *Filigranas da memória: história e memória nas comemorações dos centenários de Canudos (1993-1997)*, p. 382.

> Monte como uma "irmandade", onde todos eram iguais, moravam, trabalhavam e partilhavam"[820].

Hoje, Antônio Conselheiro é apresentado pelas lideranças da Igreja, nas romarias, debates e estudos sobre Canudos como exemplo de bom animador de comunidade. As pregações do Peregrino são divulgadas como estimuladoras da partilha dos bens e da solidariedade entre os moradores. Esses valores continuam presentes nos que procuram recuperar a memória da comunidade do Belo Monte e atualizar, na vida eclesial das comunidades, movimentos e grupos católicos.

Desde que a Diocese de Paulo Afonso criou a Paróquia de Santo Antônio de Canudos (a 27-11-1987), os bispos nomeiam como párocos sacerdotes identificados com a causa de Canudos. Os bispos que passaram pela diocese nestes anos sempre participam das romarias de Canudos, revelando a superação de Canudos como fogo de bandidos e revoltosos. Desde as origens das romarias nos inícios dos anos de 1980, a comissão que organiza os eventos é formada por membros de várias dioceses (padres, religiosas e leigos), revelando aceitação e apoio ao tipo de trabalho desenvolvido pelos agentes de pastoral.

Da mesma forma, as irmãs da Congregação do Sagrado Coração de Jesus, que têm casa em Canudos são religiosas também identificadas com a mística de Canudos. Isso facilita o diálogo da Igreja com os estudiosos, com a imprensa e os próprios movimentos sociais que buscam em Canudos inspiração para seus ideais libertários e produção literária.

Assim como a pesquisa atual sobre Canudos nas universidades brasileiras tem superado os estigmas e preconceitos sobre a gente do Conselheiro, da mesma forma a fase dos conflitos entre setores da hierarquia da Igreja e as CEBs passam por um processo de maturação, de forma que os obstinados conflitos do passado cedem espaço para o diálogo e a comunhão, no presente. Daniel Meneses vê nas CEBs uma eclesiologia com características "ecumênica, dialógica e martirial" [821].

---

[820]SÁ, *Filigranas da memória: história e memória das comemorações dos centenários de Canudos*, p. 382.
[821] MENESES, *CEBs, rede de comunidades*, p. 128.

A “eclesiogênese” das CEBs não é “invenção” de uma “outra” Igreja, mas é um apelo profético para a Igreja se atualizar, estando atenta para os “sinais dos tempos”. Esse “modo ministerial de entender a Igreja proposto pelo Concílio Vaticano II e inaugurado pelas CEBs desafia a Igreja a renovar suas estruturas” [822]. Por trás do conflito, que pode provocar ruptura e sofrimento, anseia-se por mudanças e renovação. Por muitos anos, as paróquias resistem às mudanças.

Os bispos brasileiros reclamam do desvio de foco das paróquias. É urgente que elas sejam “redes de comunidades” ou “comunidades de comunidades”. Há muito tempo que a paróquia não tem sido mais o lugar teológico da “vida comunitária (*koinonia*), nem a pregação (*didasklia*), nem o testemunho (*martyria*) nem o serviço (*diakonia*), mas o culto (*leitourgia*)[823]. É preciso superar tais distorções, recuperando os aspectos profético e missionário da vida paroquial.

[822] MENESES, *CEBs, rede de comunidades*, p. 102.
[823] CNBB – CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, Comunidades de comunidade: uma nova paróquia, n. 54.

CONCLUSÃO

> *É chegado o momento para me despedir de vós; que pena, que sentimento tão vivo ocasiona esta despedida em minha alma, à vista do modo benévolo, generoso e caridoso com me tendes tratado, penhorando-me assim bastantemente!*
>
> *Antônio Conselheiro*[824].

A pesquisa sobre a guerra de Canudos vem provocando reviravoltas surpreendentes nas primeiras versões documentadas pela história oficial e ensinadas nas escolas do país. Minha investigação partiu do interesse teológico, mesmo que tenha recorrido a outras ciências, como instrumentais como instrumentais para a compreensão de Canudos enquanto experiência de fé. Meu espírito esteve sempre voltado e em sintonia com "as descobertas mais recentes das ciências", a partir do método próprio da ciência teológica, como determinou o Concílio Vaticano II, ao afirmar que,

> os estudos e as descobertas mais recentes das ciências, da história e da filosofia despertam problemas novos, que acarretam consequências também para a vida e exigem dos teólogos novas investigações. Além disso, os teólogos, observados os métodos próprios e as exigências da ciência teológica, são convidados sem cessar a descobrir a maneira mais adequada de comunicar a doutrina aos homens de seu tempo, porque uma coisa é o próprio depósito da fé ou as verdades e a outra é o modo de comunicá-la, conservando-se, contudo, o mesmo significado e a mesma sentença [825].

A teologia agora tem uma palavra sobre Canudos. Três fatos foram importantes nesta pesquisa. 1) A mudança de posição de Nina Rodrigues sobre a personalidade de Antônio Conselheiro; 2) A falta de fundamentos sobre as acusações de parte do clero sobre a heterodoxia da doutrina ensinada pelo Conselheiro e 3) O conteúdo dos manuais usados pelo Peregrino em suas homilias.

1) A mudança de posição de Nina Rodrigues. Inicialmente, Nina Rodrigues, médico legista e pesquisador de comportamentos de loucura epidêmica das massas, recolhe elementos que supostamente "comprovariam", do ponto de vista psiquiátrico, um quadro de delírio, loucura e psicose

[824] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Despedida*, p. 182.
[825] GS, 406.

progressiva na personalidade de Antônio Conselheiro. Em pelo menos dois posicionamentos, Nina Rodrigues apresenta visões antagônicas quanto à personalidade do Beato de Canudos. Em *A loucura epidêmica de Canudos*, Nina Rodrigues enquadra o Conselheiro na categoria de "figura anacrônica" e de "o louco de Canudos". Para ele, "a cristalização do delírio de Antônio Conselheiro, no terceiro período da sua psicose progressiva, reflete as condições sociológicas do meio em que se organizou" [826]. E é categórico com o líder de Canudos, em seu primeiro diagnóstico: "Antônio Conselheiro é seguramente um simples louco" [827].

Ao publicar seu segundo texto intitulado *A loucura das multidões*, Nina Rodrigues chega a conclusões bem diferentes. Depois do sepultamento de Antônio Conselheiro, o corpo foi exumado e a cabeça decapitada e conduzida para Salvador para Nina Rodrigues examinar o crânio e certificar o estado mental do Peregrino E confirma: "O Dr. Sá Oliveira, preparador de medicina legal, e eu, procedemos ao exame craniométrico desta peça" [828].

Para surpresa de muitos, contrariando o artigo *A loucura epidêmica de Canudos*, Nina Rodrigues oferece o seguinte laudo sobre o resultado do exame. "O crânio de Antônio Conselheiro não apresenta nenhuma anomalia que denunciasse traços de degenerescência: é um crânio de mestiço em que se associam caracteres antropológicos de raças diferentes" [829].

Por esta janela deixada pelo próprio Nina Rodrigues, foi possível escrever esta "outra" história de Canudos, paralela à escrita e divulgada por Euclides da Cunha e superar o diagnóstico de "delírio do terceiro período da sua psicose progressiva" e colocar Antônio Conselheiro na conta dos líderes normais, construtores de utopias, orientados pelos valores cristãos.

Portanto, Antônio Conselheiro sai da zona dos "fanáticos", "revoltos", "doentes mentais", "paranoico" e entra para a história como líder religioso e comprometido com as transformações de seu tempo.

---

[826] RODRIGUES, *As coletividades anormais*, p. 42-43.
[827] RODRIGUES, *As coletividades anormais*, p. 42.
[828] RODRIGUES, *As coletividades anormais*, p. 38.
[829] A loucura epidêmica de Canudos, p.

2) A falta de fundamentos sobre as acusações de parte do clero a respeito da heterodoxia da doutrina ensinada pelo Conselheiro. As acusações de alguns setores do clero contra os ensinamentos de Antônio Conselheiro vinham muito mais do "ouvir dizer" dos interesses políticos de republicanos e do medo dos donos das terras (barões e latifundiários), que perdiam a mão de obra barata das fazendas, do que de argumentos reais e verdadeiros contra o Peregrino. Soma-se a isso certo ciúme de parte do clero sertanejo, pelo fato de Antônio Conselheiro atrair multidões para ouvir seus sermões e fazer parte da forte organização comunitária em Canudos.

Com a descoberta dos manuscritos do Peregrino, as acusações de doutrina não condizente com os ensinamentos da Igreja caíram por terra. Superados esses argumentos, podemos concluir que Antônio Conselheiro sempre ensinou o que a Igreja mandava e suas pregações foram fundamentadas em conteúdos oferecidos pela instituição, usados pelos padres, que distribuíam com lideranças leigas[830].

3) O conteúdo dos manuais usados pelo Peregrino e suas homilias.

Como ficou demonstrado, tanto os argumentos do arcebispo da Bahia, Dom Luiz, quanto os do Frei João Evangelista e de alguns padres do sertão não resistem a uma confrontação com as homilias de Antônio Conselheiro e as fontes nas quais ele se inspirou para escrever seus sermões. Essas homilias abriram novas perspectivas na recuperação do conteúdo teológico do Peregrino e mostram a visão correta e equilibrada de seu pensamento sobre a moral cristã, ensinada no acampamento, como também a exposição sobre a doutrina a respeito de Jesus Cristo, Deus Pai e a pessoa do Espírito Santo, como ficou demonstrado no segundo e terceiro capítulos. Sem desconsiderar certos exageros revelados pela visão tenebrosa sobre o inferno e o purgatório, presente na "doutrina dos Novíssimos" (Céu, Inferno e Purgatório), ensinada nas pregações pelos missionários, durante as semanas missionárias no sertão.

---

[830] Na própria capa do livro "Missão abreviada", do Padre Manoel José Gonçalves Couto, após o título aprecem os seguintes dizeres, com fonte em caixa alta: "PARA DESPERTAR OS DESCUIDADOS, CONVERTER OS PECADORES E SUSTENTAR O FUCTO DAS MISSÕES. É DESTINADO ESTE LIVRO PARA FAZER ORAÇÃO, E INSTRUÇÕES AO POVO, PARTICULARMENTE POVO D'ALDEIA". APÓS O PONTO CONTINUA: "OBRA UTILISSIMA PARA OS PÁROCOS, PARA OS CAPELÃES, PARA QUALQUER SACERDOTE QUE DESEJA SALVAR ALMAS E FINALMENTE PARA QUALQUER PESSOA QUE FAZ AORAÇÃO PUBLICA. (...) COM ACTORIZAÇÃO DE S. EXº O SNR. BISPO".

Chamei a atenção para o destaque que o Peregrino deu em suas reflexões sobre a Igreja. Sua visão eclesiológica foi submetida à análise teológica. Concluí, também, que sua visão sobre a Igreja revela conhecimento da eclesiologia. O respeito pelas autoridades religiosas, legitimamente constituídas, revela o amor que Antônio Conselheiro tinha pela Igreja, para ele fundada pelo próprio Jesus Cristo.

Assim, pode-se perceber que o conflito de Canudos revelou a forma comoos governos, proprietários rurais e a própria Igreja resolviam os conflitos sociais no início da República. Os interesses de quem estivesse no poder político, econômico e religioso ficavam sempre acima das necessidades da população mais pobre. Não se procurava mediar os conflitos pela negociação, nem pelo diálogo ou pela justiça distributiva.

Quando os mais pobres e injustiçados conseguiam se organizar, as forças estatais, com o apoio dos coronéis e políticos combatiam os movimentos com repressão e força militar, conforme aconteceu também com os Quilombos dos Palmares, o Contestado, o Tenentismo, etc.

A novidade deste trabalho

Não quero concluir esta tese cometendo a desonestidade intelectual de negar que, em Canudos, houve desvios, indícios de fanatismo religioso e outros excessos. Isso, no entanto, não inviabiliza o conjunto da obra de Antônio Conselheiro e sua gente. Os opositores do Belo Monte se aproveitaram desses limites para condenar e criminalizar o conjunto da organização do povo sertanejo. Também não posso omitir o bem que Antônio Conselheiro fez a tantas pessoas atraídas para Canudos na esperança de dias melhores. Os defensores da “civilização”, em nome da “ordem” atacaram um povo simples, pobre e vítima do abandono político, econômico, da migração provocada pelas secas e, em certo sentido, pelo precário atendimento religioso, oferecido pela Igreja da Bahia.

A prática pastoral, a coerência de vida do Conselheiro a as homilias analisadas não confirmam as acusações de Euclides da Cunha de que o Peregrino tivesse promovido rebeldia “contra a hierarquia eclesiástica”, nem tivesse optado pela “exploração do sobrenatural”.

Durante esta pesquisa, não encontrei argumentos suficientemente convincentes que pudessem embasar as acusações de parte do clero contra o Peregrino. Primeiro, as afirmações do arcebispo, dom Luiz. Ele que demonstrou reações contundentes contra o Conselheiro. Em carta circular ao clero baiano, afirmou que Antônio Conselheiro poderia promover "grandes desgraças" na região. Seu receio era que ele estava acompanhado por centenas de pessoas, que ouviam-no e cumpriam suas ordens de preferência às do vigário da paróquia"[831]. Dom Luiz até levantou a hipótese de que o Peregrino poderia assassinar o vigário de Inhambupe, principal opositor do Conselheiro. Acusações que não se confirmaram, mas que serviram para alimentar os boatos na imprensa nacional e nos meios políticos. Segundo o prelado, o grupo que seguia Antônio Conselheiro eram homens "malvados, munidos de cacetes, facas, facões, clavinotes; e ai daquele que fosse suspeito de ser infenso a Antônio Conselheiro" [832].

Essas acusações foram desmentidas pela própria vida pacífica da comunidade do Peregrino e acabaram não se confirmando. Ao contrário. Nem Antônio Conselheiro nem seus seguidores eram pessoas violentas. Pode haver exceção no grupo, mas a violência nunca foi regra entre os seguidores de Antônio Conselheiro e nem era recomendação do Peregrino. Aliás, em uma de suas homilias sobre o quinto mandamento, ele recomendava que "Ainda que fosse vítima de muitas injúrias de seu inimigo, não era motivo suficiente para tirar-lhe a vida, visto ser um dano irreparável" matar uma criatura de Deus, e completa seu argumento com a recomendação precisa de Jesus: "amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que têm ódio: orai pelos que vos perseguem e caluniam". [833]

Da parte da Igreja avizinhava-se o projeto de romanização e essas acusações faziam parte da campanha de desmoralização de Antônio Conselheiro, com o objetivo da implantação desse "novo" projeto de evangelização no Brasil, cujas características centravam-se na reestruturação da hierarquia da Igreja, reforçando o aspecto piramidal e diminuindo o espaço do leigo, suavizando a importância do ciclo do catolicismo popular.

---

[831] Apud CUNHA, *Os sertões*, p. 230-231.
[832] Apud CUNHA, *Os sertões*, p. 232.
[833] ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Os dez mandamentos da lei de Deus*, p. 124 e 226.

Percebi que Antônio Conselheiro foi vítima dos sistemas político republicano, agrário e eclesiástico. Neste contexto, não foi possível a Igreja tomar uma decisão em favor de Canudos, pois poderia comprometer o diálogo com o Estado, arranhado durante a crise do Padroado.

Diante das calúnias que vitimavam inocentes, o Peregrino ofereceu uma orientação, ao dizer em uma de suas homilias: "Que offensa gravíssima comete aquelle que diz de outrem o que elle não fez. Se com este procedimento ocasionou algum damno, deve retratar-se à pessoa (caluniada) e... a quem manifestou a calúnia" [834].

Desse modo, a história do Belo Monte e de Antônio Conselheiro continua sendo reescrita. Honório Vilanova, sobrevivente de Canudos, que viveu e aprendeu a admirar o Beato, aos 97 anos, em depoimento a Nertan Macedo (em 16 de outubro de 1962), recorda, com saudosismo e tristeza, o que fizeram com a comunidade de Canudos. O Belo Monte tornou-se um lugar tão especial para viver que nem "havia precisão de roubar em Canudos, porque tudo existia em abundância, gado e roçado, provisões não faltavam", atesta Villanova, sobrevivente da guerra. Mesmo passando por tudo que viveu e sofreu nos últimos meses da guerra, Vilanova registrou o seu testemunho e falou com confiança que "Se não tivessem matado o Peregrino ainda hoje eu estaria em Canudos" [835].

Os novos estudos históricos e agora teológicos, a história oral, os estudos arqueológicos, a hermenêutica histórica e teológica subsidiam os novos pesquisadores, que se recusam apenas a repetir os escritores e documentaristas do passado. Uma *nova narrativa sobre Canudos* continua em curso. A teologia se apropria dessa narrativa.

A pesquisa sobre a guerra de Canudos, a vida de Antônio Conselheiro, as dúvidas levantadas nesta tese e os esclarecimentos encontrados sobre os primeiros relatos constituem-se verdadeira "onda acadêmica". Abriu-se a "gaiola de ouro" de *Os sertões* e o pássaro da liberdade científica sobrevoa como uma águia o açude de Cocorobó, no atual município de Canudos, onde também estão submersas as ruinas da Belo Monte do Conselheiro, nome bíblico dado pelo Peregrino a Canudos.

---

[834] Apud MACEDO, *Memorial de Vilanova*, p. 61.
[835] MACEDO, *Memorial de Vilanova*, p. 70.

Com este estudo, espero estar contribuindo para o resgate teológico da experiência de Canudos, mesmo prescindindo das imagens de "barbárie". Com o avanço nas pesquisas sobre Canudos, não é mais lícito negar que houve, em Canudos, uma motivação de fé e que a Igreja não esteve à altura para interpretar aquele momento como *Kairós de Deus* na vida do povo de Canudos.

Muito mais do que verificar uma experiência e relatar os fatos, é preciso compreender Canudos teologicamente, colocando a experiência de fé no centro da apreciação e perceber que "Deus escreve certo por linhas tortas". Ele nunca esquece o seu povo.

Aos poucos, Antônio Conselheiro volta para o cenário da historiografia brasileira, não mais como bandido ou mocinho, mas como líder social e liderança religiosa exemplar.

Após este longo caminho, retomo as impressões de Manoel Benício e Euclides da Cunha sobre o Peregrino. Segundo Manoel Benício, "Antônio Conselheiro já não é mais um monomaníaco religioso, um espírito desequilibrado em consequência de causas hereditárias ou momentâneas" [836], foi uma voz profética a retumbar no imenso sertão Nordestino, semelhante à de João Batista no deserto da Galileia (cf. Mt 3,1-12). Este, injustamente preso e decapitado. Aquele, perseguido e vitimado pelo sistema injusto.

Agora já podemos dizer com maior certeza, através dos vários saberes que se intercruzam: Antônio Conselheiro foi "Grande, representante natural do meio em que nasceu" [837]. E o povo de Canudos, representando os "grandes sertões", como gente forte e de fé inabalável: "O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral".

No plano místico, foi possível perceber que "Canudos tornou-se uma perturbação" no contexto em que o casamento incestuoso entre Trono e Altar entrava em decomposição. A concentração mística não ocorrera apenas em Canudos, no belo Monte de Antônio Conselheiro. O misticismo católico ou os movimentos messiânicos, como muitos estudiosos preferem, é um fenômeno da fé cristã que ocorreu nas 5 regiões brasileiras, inicialmente com características rurais e católicas. Ocorreu, por exemplo, além da Bahia (com Antônio Conselheiro em Canudos e Pedro Batista, em Santa Brígida), no Ceará

[836]BENÍCIO, *O rei dos jagunços*, p. 98.
[837] CUNHA, *Os sertões*, p. 96.

(com o Padre Cícero), no Pernambuco (com José Guedes), entre o Paraná e Santa Catarina (o contestado, com o beato José Maria).

A história do messianismo e do misticismo no Brasil continua. No Início do século XX, com a chegada da industrialização e do movimento de urbanização brasileiro, os movimentos messiânicos recebem características urbanas e protestantes. Os movimentos messiânicos desta época estão sendo estudados por Lísias Nogueira Negão, pesquisador da universidade de São Paulo.

Finalmente, entre os encontros e desencontros identificados na Igreja em Canudos, os poucos desencontros não são suficientes para justificar o quase extermínio de uma comunidade tão generosa, que causou surpresa entre seus membros, suprindo lacunas deixadas pelos diversos projetos humanos. Nos momentos de crise é muito mais fácil partir para o conflito ou o enfrentamento entre os atores, criar autodefesa, investir na divisão, no separatismo, na divisão e rachaduras, do que encontrar soluções criativas para que todos se beneficiem da conjuntura conflitiva, que pede soluções equilibradas.

Termino esta pesquisa com as palavras do próprio Antônio Conselheiro nas proximidades de sua morte. “Adeus povo, adeus aves, adeus árvores, adeus campos, aceitai a minha despedida, que bem demonstra as grandes recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança deste peregrino”. [838] Canudos vive! E também nasce como objeto “na mira” da teologia, passando pelo crivo da hermenêutica teológica.

[838]ANTÔNIO CONSELHEIRO, *Despedida*, p. 182.

BIBLIOGRAFIA

1- Fontes

ANTÔNIO CONSELHEIRO (Antônio Vicente Mendes Maciel). Despedida. In: NOGUEIRA, Ataliba. ***Antônio Conselheiro e Canudos***: revisão histórica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974, p. 181-182.

_____. **A presente obra mandou subscrever o peregrino Antônio Vicente Mendes Maciel no povoado Belo Monte, província da Bahia em 12 de janeiro de 1897**. Manuscrito encadernado, em posse do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia.

_____. Os dez mandamentos da lei de Deus. In: NOGUEIRA, Ataliba, **Antônio Conselheiro e Canudos**: revisão histórica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. p. 107-143.

_____. Prédicas aos canudenses e um discurso sobre a república. In: NOGUEIRA, **Antônio Conselheiro e Canudos**: revisão histórica. São Paulo: Nacional, 1974, p. 47-182. (Brasiliana, 355).

_____. Prédicas de circunstâncias e discursos. In: NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos**: revisão histórica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. p. 161-174.

_____. Sobre a república. In: NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro** e **Canudos**: revisão histórica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. p. 175-182.

_____. Tempestades que se levantam no coração de Maria por ocasião do mistério da anunciação. In: NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos**: revisão histórica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. p. 55-103.

_____. Textos extraídos da Sagrada Escritura. In: NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos**: revisão histórica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. p. 147-157.

BENÍCIO, Manoel. **O rei dos jagunços**: crônicas históricas e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos. 2.ed. (1899). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

CUNHA, Euclides. **Diário de uma expedição**. Walnice Nogueira Galvão (Org). São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (Retratos do Brasil).

_____. **Os Sertões**: introdução M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Ediouro, 2003. (Coleção Prestígio).

NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos**: revisão histórica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

2- Obras em ordem alfabética[839]

ALENCAR, Francisco, *et al*. **História da sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

ALENCAR, Nezite. **Canudos, o movimento e o massacre em cordel.** Ilustrações Robson Araújo. São Paulo: Paulus, 2005.

ALMEIDA, Antônio Rodrigues de (Coord.). **Dicionário de Latim – Português**. 3. ed. Portugal: Porto Editora, 2008.

ALMEIDA, Dom Luciano Mendes. Subsídios para o estudo da Instrução sobre alguns aspectos da "Teologia da Libertação". **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 44, n. 176, p. 695-699, dez. 1984.

ANDRADE, José Wilson. **A experiência religiosa e Sociopolítica de Canudos**: aspectos eclesiológicos da comunidade de Antônio Conselheiro. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2006.

ANTONCICH, Ricardo; SANS, José Miguel M. **Ensino social da Igreja**. 2.ed. Trad. de Jaime Clasen. Petrópolis: Vozes, 1987. (Teologia e libertação, 11).

ARAÚJO FILHO, Ismar de Oliveira. **A adesão do clero ao movimento conselheirista,** Revista da FAEBA/Universidade do Estado da Bahia, Faculdade de Educação, ano 2, n. esp. (jan/junho, 1993), Salvador: UNEB, 1993.

ANTONIAZZI, Alberto; MATOS, Henrique Cristiano José. **Cristianismo***: 2000 anos de caminhada.* São Paulo: Paulinas, 1996. (Igreja na história).

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **A teologia como intelecção do reinado de Deus:** o método da teologia da libertação segundo Ignácio Ellacuría. São Paulo: Loyola, 2010.

_____. **Viver segundo o espírito de Jesus Cristo**: espiritualidade como seguimento; prefácio de Jon Sobrino. São Paulo: Paulinas, 2014. (Teologia no espírito).

ANTONIAZZI, Alberto. Várias interpretações do catolicismo popular no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 36, n. 141, março, p. 82-94, 1976.

[839] Inclui as fontes.

ANTÔNIO CONSELHEIRO (Antônio Vicente Mendes Maciel). Despedida. In: NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos**: revisão histórica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974, p. 181-182.

_____. *(*Antônio Vicente Mendes Maciel). **A presente obra mandou subscrever o peregrino Antônio Vicente Mendes Maciel no povoado Belo Monte, província da Bahia em 12 de janeiro de 1897**. Manuscrito encadernado, em posse do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia.

_____. Os dez mandamentos da lei de Deus. In: NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos**: revisão histórica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. p. 107-143.

_____. Prédicas aos canudenses e um discurso sobre a república. In: NOGUEIRA, **Antônio Conselheiro e Canudos**: revisão histórica, São Paulo: Nacioal, 1974. p. 47-182. (Brasiliana, 355).

_____. Prédicas de circunstâncias e discursos. In: NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos**: revisão histórica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. p. 161-174.

_____. Sobre a república. In: NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro** e **Canudos**: revisão histórica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. p. 175-182.

_____. Tempestades que se levantam no coração de Maria por ocasião do mistério da anunciação. In: NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos**: revisão histórica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. p. 55-103.

_____. Textos extraídos da Sagrada Escritura. In: NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos**: revisão histórica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. p. 147-157.

AZZI, Riolando. **A Sé Primacial de Salvador**: a Igreja Católica na Bahia *(551-2001)*, período imperial e republicano. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2001. v. 2.

_____. A Igreja católica e a sociedade brasileira. In: AZZI, Riolando, **História da Igreja no Brasil***: ensaio de interpretação a partir do povo: terceira época: 1930-1964; tomo II/3-2,* Petrópolis: Vozes, 2008. p. 9-191. (História geral da Igreja na América Latina, II/3-2).

_____. Elementos para a história do catolicismo popular. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 36, n. 141, p. 95-130, março, 1976.

_____. O catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos, in: INP – INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL. **O catolicismo popular no Brasil**, Petrópolis: Vozes, 1978. (Cadernos de teologia pastoral, 11).

_____. **O Episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. MACIEL, Antônio Vicente Mendes. **Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens. Pelo Peregrino Antônio Vicente Mendes Maciel, no Povoado do Belo Monte***,* província da Bahia em 24 de maio de 1895, Belo Monte, 1895. Caderno manuscrito. – Manuscrito inédito e encadernado, em posse da biblioteca da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Centro de Estudos Baianos (UFBA).

CUNHA, Euclides. **Diário de uma expedição**. Org. Walnice Nogueira Galvão, São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (Retratos do Brasil).

_____. **Os Sertões.** Introdução M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Ediouro, 2003. (Coleção Prestígio).

ARAÚJO FILHO. Ismar de Oliveira. A adesão do clero ao movimento conselheirista. **Revista da FAEBA**, ano II, nº especial, jan/jun, 1993, p. 71-77.

ARINOS, Afonso. **Os Jagunços**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985.

AZEVEDO Silvia Maria**.** "**O Rei dos jagunços***":* entre ficção e história. Introdução, atualização ortográfica, notas e glossário pela autora; Fotografia de Flávio de Barros. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2003.

AZZI, Riolando. **A Igreja Católica na formação da sociedade brasileira**. Aparecida (SP): Santuário, 2008. (Cultura & Religião).

BEDOUELLE, Guy. *Trento.* In: LACOSTE, Jean-Ives (Org.). **Dicionário crítico de teologia.** São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004. p. 1755-1760.

BENÍCIO, Manoel. **O rei dos jagunços**: crônicas históricas e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos. 2.ed. (1899). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

BEOZZO, José Oscar. **Pacto das catacumbas**: por uma Igreja servidora e pobre, São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. A Igreja na crise final do império *(1875-1888)*. In: CEHILA, Comissão de História na América Latina**. História da Igreja no Brasil:** ensaio de interpretação a partir do povo. 2ª época*.* A Igreja no Brasil no século XIX; II/2. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 255-307.

BLOCH, Didier (Org.). **Canudos***,* 100 anos de produção: vida cotidiana e economia dos tempos de Antônio Conselheiro até os dias atuais; Pref. Ariano Suassuna. Paulo Afonso (BA): Fonte Viva, 1997.

BOAVENTURA, Edvaldo M. **O Parque estadual de Canudos***:* um encontro da história com a ecologia. Secretaria de Cultura e Turismo. Salvador, [s.n.], 1997.

BOFF, Leonardo. A Igreja dos pobres existe. In: RICHARD, Pablo. **A força espiritual da Igreja dos pobres.** Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. Apêndice, o processo doutrinal, a Igreja: carisma e poder. In: BOFF, Leonardo. **Igreja**: carisma e poder: ensaio de eclesiologia militante. Ed. rev. São Paulo: Record, 2005. p. 331-472.

_____. **A trindade, a sociedade e a libertação**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. Catolicismo popular: que é catolicismo? In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 36/141, p. 19-52, mar. 1976.

_____. **Igreja**: carisma e poder*: ensaio de eclesiologia militante*. Ed. revista, Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **O caminhar da Igreja com os oprimidos**: do vale de lágrimas rumo à Terra Prometida. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BÖTTIGHEIMER, Christoph**. Manual de Teologia fundamental**: a racionalidade da questão de Deus e da revelação. Trad. Markus A. Hediger e Eduardo Gross. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRESSULLLETTE, Claude, *Vaticano I*. In: LACOSTE, Jean-Ives (Org.). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004. p. 1816-1820.

CALAZANS, José. Apresentação: o relatório de Frei João Evangelista. In: Centro de Estudos Baianos, **Relatório apresentado pelo Revd. Frei João Evangelista de Monte Marciano ao Arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro e seu séquito no Arraial de Canudos***, 1895*; Apres. José Calazans, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1987. p. 5-9. Publicações da Universidade Federal da Bahia, 130.

_____. A guerra de Canudos na poesia popular, in: ABDALA JUNIOR, Benjamin; ALEXANDRE, Isabel M. M. **Canudos**: palavra de Deus sonho da terra. São Paulo: Boitempo, 1997. p. 149-159.

_____. *As mulheres de Os sertões*. In: FERNANDES, Rinaldo de (org.), **O Clarim e a oração:** *cem anos de Os sertões*; ilustrações de T. Goudenzi, São Paulo: Geração Editorial, 2002, p. 189-197.

_____. **O ciclo Caboclo do bom Jesus Conselheiro:** contribuição ao estudo da companhia de Canudos. Apresentação de Fernando Rocha Peres. Ed. fac-similada. Salvador: ADUFBA/Centro de Estudos Baianos, 2002.

_____. **Quase biografias de jagunços:** o séquito de Antônio Conselheiro; apres. José Calazans. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1986. (Publicações da Universidade Federal da Bahia, 130).

_____. Solidariedade, sim; igualdade, não**:** aspectos controvertidos do episódio de Canudos. In: BLOCH, Didier. **Canudos 100 anos de produção***:* vida cotidiana e economia dos tempos do Conselheiro até os dias atuais. Paulo Afonso (BA): Fonte Viva, 1997. p. 37-46.

CALIMAN, Cleto. A eclesiologia do Concílio Vaticano II e a Igreja do Brasil. In: GONÇALVES, Paulo Sergio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise. **Concílio Vaticano II:** análise e prospectivas, São Paulo: Paulinas, 2004, p. 227-248.

CANÁRIO, Eldon. **Os mal-aventurados do Belo Monte:** *a tragédia de Canudos*, Salvador: Editora BDA, 1997.

CARVALHO JUNIOR. Álvaro Dantas de. Canudos: a posição do Barrão de Jeremoabo, in: SAMPAIO, Consuelo Novais. **Canudos**: Cartas para o Barão, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo e Imprensa Oficial do Estado, 2001, p. 17-29.

CAVA, Ralpha Della. Messianismo brasileiro e instituições nacionais: uma avaliação de Canudos e Juazeiro. In: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO, CENTRO DE ESTUDOS EUCLIDES DA CUNHA, Salvador: UNEB, 1996. p. 78-97.

CD – Christus Dominus, In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Vaticano II** (1962-1965). Trad. Tipografia poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997. p. 241-276. (Documentos da Igreja, 1).

CDF – CONGREGAÇAO PARA A DOUTRINA DA FÉ. Instrução sobre liberdade cristã e libertação. In: CDF - CONGREGAÇAO PARA A DOUTRINA DA FÉ. **Documenta: documentos publicados desde o concílio Vaticano II até nossos dias (1995-2010**). Brasília: Edições CNBB, 2011, p. 251-288.

_____. Notificação sobre o livro de P. Leonardo Boff, O.F.M., "Igreja: carisma e poder". In: CDF – CONGREGAÇAO PARA A DOUTRINA DA FÉ. **Documenta**: documentos publicados desde o concílio Vaticano II até nossos dias (1995-2010**).** Brasília: Edições CNBB, 2011. p. 245-249.

_____. Notificação sobre as obras de Jon Sobrino*, S.J.* In: **CDF –** CONGREGAÇAO PARA A DOUTRINA DA FÉ. **Documenta**: documentos publicados desde o Concílio Vaticano II até nossos dias (1995-2010). Brasília: Edições CNBB, 2011. p. 572-585.

CEHILA – Comissão de História da Igreja na América Latina. **História da Igreja no Brasil:** ensaio de interpretação a partir do povo. 2ª época: a Igreja no Brasil no século XIX. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1985. (História Geral da Igreja na América Latina, Tomo II/2).

CELAM – CONSELHEO PEISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documentos do CELAM**: conclusões das conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2014.

_____. Documento de Santo Domingo: IV Conferência Geral do episcopado Latino-Americano: nova evangelização, promoção humana e cultura cristã. In: CELAM – CONSELHEO PEISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documentos do CELAM**: conclusões das conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2014, p. 584-782.

_____. **Documento de Puebla**: conclusões da III Conferência geral do episcopado Latino-americano: a evangelização no presente e no futuro da América Latina. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1986.

_____. Documento de Medellín: II Conferência geral do episcopado brasileiro. In: CELAM – CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documentos do CELAM**: conclusões das conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2014, p. 71-224.

_____. Documento do Rio de Janeiro. In: CELAM – CONSELHEO EPEISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documentos do CELAM**: conclusões das conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2014, p. 17-69.

_____. **Documentos do CELAM:** conclusões das conferências do Rio de Janeiro, de Medelín, Puebla, e Santo Domingos. São Paulus: 2004. (Documentos da Igreja, 8).

_____. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2007.

CESAR, Waldo. O que é popular no catolicismo. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 36, n. 141, p. 5-18, mar. 1976.

CESAREIA, Eusébio de. ***História eclesiástica***. Trad Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. (Patrística, 15).

CNBB – CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO *BRASIL.* **Comunidades de comunidade: uma nova Paróquia.** Brasília: Edições da CNBB, 2013. (Estudos da CNBB, 104).

_____. **Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade**: sal da terra e luz do mundo. Brasília: Edições CNBB, 2014.

_____.**Mensagem ao povo de Deus sobre as Comunidades Eclesiais de Base.** São Paulo: Paulinas, 2011. (Documentos da CNBB, 92).

CONGAR, Ives M. J. Propriedades essenciais da Igreja. In : **MS – Mysterium Salutis**, Compêndio de dogmática histórico-salvífico, IV/3. Petropolis : Vozes, 1976, p. 5-131.

_____. **Jalons pour une théologie du laicato.** Paris : Cerf, 1953.

COMBLIN, José. **Cristãos rumo ao século XXI:** nova caminhada de libertação. São Paulo Paulus, 1996.

_____. **O povo de Deus.** São Paulo: Paulinas, 2002.

_____. Para uma tipologia do catolicismo no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 28, p. 46-73, mar. 1968,

COUTINHO, Sergio Ricardo; RODRIGUES, Solange S. **CEBs e os desafios do mundo contemporâneo.** São Paulo, Paulus, 2012. p. 57-69.

COUTO, Manuel José Gonçalves. **Missão abreviada para despertar os descuidados, converter os peccadores e sustentar o fructo das missões**. Porto (Portugal): Typographia de Sebastião José Pereira, 1868.

CUNHA, Euclides. **Diário de uma expedição**.Walnice Nogueira Galvão (org.), São Paulo: Companhia das Letras, 2000. – (Retratos do Brasil).

_____. **Os Sertões.** Introdução M. Cavalcanti Proença, São Paulo: Ediouro, 2003. (Coleção Prestígio).

CITELLI, Odair Adilson. No mundo dos homens, na terra de Deus: dois discursos sobre Canudos. In: JUNIOR, Benjamim Abdala; ALEXANDRE, Isabel M. M. (orgs.). **Canudos**: palavra de Deus sonho da terra, São Paulo, SENAC/Editorial, 1997.

COMISSÃO DA ROMARIA DE CANUDOS; IPMC – INSTITUTO POPULAR MEORIAL DE CANUDOS. **Canudos, 100 anos do massacre no sertão**: *cantos* (livro de cantos), s/ed, 1997.

_____. **12ª Romaria de Canudos**: cantos, grito do povo de Canudos, água e comida para viver. Até quando este clamor?, s/ed., 1999.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. int. M. Cavalcanti Proença, São Paulo: Ediouro, 2003. – Col. Prestígio.

DECCA, Edgar Salvadori. Euclides e Os Sertões: entre a literatura e a história. In: FERNANDES, Rinaldo de. **O clarim e a oração**: cem anos de Os Sertões; ilust. T. Goudenzi, São Paulo: Geração Editorial, 2002, p. 157-188.

DEIDHAUS, Fabiano, O Espaço sagrado na região do contestado, in: Revista Religião e Cultura. **Espaço sagrado e religiosidade***: santuários, peregrinações e* memórias, Departamento de Teologia eCiência da Religião, PUC/SP, São Paulo: Paulinas; ADUC,v. VII, n. 14,p. 49-78, jul/dez.2008.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral.** 2ed. rev. e amp; atualizado por João Konings, com base na 43ª ed. alemã (2010), preparada por Peter Hünermann e Helmut Hoping, São Paulo: Paulinas/Loyola, 2013.

DEUS, Padre Fr. Manoel da Madre de. **Práticas mandamentais ou reflexões morais sobre os dez mandamentos da lei de Deus e sobre os abusos que lhes são opostos**. 2. ed. Braga: Typographia do Seminário dos Órfãos, 1864.

_____. **Outras práticas e missões**: sobre as principais festividades do ano e sobre outras matérias muito importantes; 2 ed. mais correta, Braga: Typografia do Seminário dos Órfãos, 1864. – Segundo Tomo.

DIAS, Léa Costa Santana. Os sertões: um enredo além da história da campanha de Canudos. In: Revista Outros Sertões, Salvador: UNEB, v.1, n.1, p. 59-67, 2005.

DIDAQUÉ, Instrução dos doze apóstolos. In: Padres Apostólicos; int. e notas Roque Frangiotti; trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin, São Paulo: Paulus, 1995, 333-360. – Col. Patrística, I.

_____. Documento de Santo Domingo: IV Conferência Geral do episcopado Latino-Americano: nova evangelização, promoção humana e cultura cristã. In: CELAM – CONSELHEO PEISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documentos do CELAM**: conclusões das conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo, São Paulo: Paulus, 2014, p. 584-782.

_____. **Documento de Puebla**: conclusões da III Conferência geral do episcopado Latino-americano: a evangelização no presente e no futuro da América Latina; 3ed., São Paulo: Paulinas, 1986.

_____. Documento de Medellín: II Conferência geral do episcopado brasileiro. In: CONSELHEO PEISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documentos do CELAM**: conclusões das conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo, São Paulo: Paulus, 2014, p. 71-224.

_____. Documento do Rio de Janeiro. In: CELAM – CONSELHEO EPEISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documentos do CELAM**: conclusões das conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo, São Paulo: Paulus, 2014, p. 17-69.

_____. **Documentos do CELAM:** conclusões das conferências do Rio de Janeiro, de Medelín, Puebla, e Santo Domingos, São Paulus: 2004. – Documentos da Igreja, 8.

DOBRARUKA, Vicente. **A Teologia de Antônio Conselheiro, à luz de seu manuscrito de 1897:** observações sobre pontos específicos do pensamento conselheirista. Revista Múltipla, Brasília, 10 (19), dezembro, 2005, P.85-111.

DULLES, Avery. **A Igreja e seus modelos**: apreciação crítica da Igreja sob todos os seus aspectos; trad. Alexandre Macintyre, São Paulo: Paulinas, 1978.

DV – CONSTITUIÇÃO Dogmática Dei Verbum sobre a revelação divina. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**

(1962-1965*)*; tradução Tipografia Poliglota Vaticana –, São Paulo: Paulus, 1997. – Documentos da Igreja, 1.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**: gênese e lutas; 2ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 9ed., Editora da Universidade de São Paulo, Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2001. – Didática 1.

FERNANDOS, Rinaldo de. A mosca na mesa, in: FERNANDOS, Rinaldo de (org.). ***O clarim e a oração****: cem anos de Os Sertões*; ilustrações T. Gaudenzi, São Paulo: Geração Editorial, 2002, p. 13-17.

_____. (Org.). **O clarim e a oração**: cem anos de os Sertões. São Paulo: Geração, 2002.

FERNANDES NETO, Otoniel. **Os Sertões**: impressões e pinturas (bilíngue, português/inglês); projeto e pinturas, Otoniel Fernandes Neto; textos, Euclides da Cunha; introdução, Márcio José Lauria; arte final e projeto gráfico, Diogenes Tavares Rossi Junior; tradução, Samuel Putnam, Jenifer Sandzer, Brasília: Ed. do Autor, 2011.

FERRAZ, Renato José Marques; NETO, Manoel Antônio dos santos; PINHEIRO, José Carlos da Costa. **Cartilha histórica de Canudos.** Prefeitura Municipal de Canudos, Universidade do Estado da Bahia: Salvador, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 4ed., Curitiba: Positivo, 2009.

FIORIN, José Luiz. **A ilusão da Liberdade discursiva**: uma análise das prédicas de Antônio Conselheiro. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade de São Paulo, 1999.

FRAGOSO, Hugo. A Igreja na formação do Estado liberal. In: CEHILA – Comissão de História da Igreja na América Latina. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. 2ª época. A Igreja no Brasil no século XIX; II/2. – 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 143-253.

_____. **Cadernos de restauração I,** Salvador: EPSSAL, 1993.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**: formação da família brasileira sobre o regime patriarcal; 52ed.; apresentação de Fernando Henrique Cardoso; bibliografia de Edson Nery da Fonseca; notas bibliográficas revistas e índices atualizados por Gustavo Henrique Tuna, São Paulo: Global, 2013.

FREITAS, Maria Carmelita de. **Uma opção renovadora**: a Igreja no Brasil e o planejamento pastoral. Estudo genético-interpretativo, São Paulo: Loyola, 1997. (Fé e realidade).

GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora**: a guerra de Canudos nos jornais, 4ª expedição, São Paulo: Ática, 1974. (Coleção ensaios I).

_____. Piedade e paixão: os sermões do Conselheiro. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; PERES, Fernando da Rocha; (Org.), **Breviário de Antônio Conselheiro**; apres. Walnice Nogueira Galvão; Fernando da Rocha Peres; revisão Vera Rollemberg e Isnaia Santana; ilustrações Calasans Neto e gravura de uma Bíblia de 1857; 2ed. Salvador, EDUFBA, 2011, 2011, p. 17-26.

GEFFRÉ, Claude. **Como fazer teologia hoje**: hermenêutica teológica; trad. Benôni Lemos; rev. Edson Gracindo, São Paulo: Paulinas, 1989. (Teologia hoje).

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

GONÇALVES, Alfredo J. O trem das CEBs. In: OROFINO, Francisco; COUTINHO, Sergio Ricardo; RODRIGUES, Solange S. Rodrigues (Orgs.), **CEBs e os desafios do mundo contemporâneo**, São Paulo: Paulus, 2012, p. 57-69.

GS – Gaudium et Spes, Concílio Vaticano II, Constituição pastoral sobre a Igreja. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II** (1962-1965); tradução Tipografia Poliglota Vaticana, São Paulo: Paulus, 1997, p. 538-661. (Documentos da Igreja).

GRES-GAYER, *Ultramontanismo*. In: LACOSTE, Jean-Yves, ***Dicionário crítico de teologia***; trad. Paulo Meneses [et al], São Paulo: Paulinas, 2004, p. 1795-1798.

GUERRA, Sergio, O relatório do Comitê Patriótico como fonte histórica fundamental, in: PIRDADE, Lélis. **Histórico e relatório do Comitê Patriótico da Bahia:** 1897-1901; 2ed.; edição, apresentação, notas e projeto gráfico Antônio Olavo, Salvador: Portifolium, 2002, p. 31-39.

GUTIERREZ, Gustavo. *A* teologia Latino-Americana: trajetória e perspectivas. In: BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosário. **A teologia da libertação em perspectiva**, São Paulo: Paulina/Paulus, 2013, p. 199-219.

_____. ***Teologia da libertação****: perspectivas*; trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da silva e Marcos Marcionilo, São Paulo: Loyola, 2000.

HAMMAN, A. G. **A vida cotidiana dos primeiros cristãos**, São Paulo: Paulus, 1997. (Patrologia).

HAUCK, João Fagundes. A Igreja na emancipação *(1808-1840)*. In: CEHILA – Comissão de História da Igreja na América Latina. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo, 2ª época: a Igreja no Brasil no século XIX; 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 7-140. – Tomo II/2.

HILBERRATH, Bernd Jochen. Pneumatologia. In: SHNEIDER, Theodor (org.), **Manual de Dogmática**; tradução Luís Marcos, Petrópolis, Vozes, 2000, p. 403-497.v.1.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **O Brasil monárquico**: 4. Declínio e queda do império; 4ed., São Paulo: Difel, 1985.

HOLZEM, Andreas. Bases europeias para uma confessionalização católica. In: KAUFMANN, Thomas, *et al* (orgs.). **História ecumênica da Igreja 2**: da alta Idade Média até o início da Idade Moderna; trad. Irineu Rabuske, São Paulo: Loyola/Sinodal/Paulus, 2014, p. 375-393.

HOORNAERT, Eduardo. A cristandade durante a primeira época colonial. In: CEHILA – Comissão de História da Igreja na América Latina. **História geral da Igreja na América Latina:** história da Igreja no Brasil, primeira época*;* 3ed, Petrópolis: Vozes, 1983, p. 243-411. – Tomo II/1.

_____. **Crónicas das Casas de Caridade**: fundadas pelo Padre Ibiapina, Fortaleza (CE): Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. (Outras Histórias, 39).

_____. Formação do Catolicismo Brasileiro (1550-1800): ensaio de interpretação a partir dos oprimidos. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **O catolicismo popular numa perspectiva de libertação**: pressupostos. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 36, n. 141, p. 189-201, março, 1976.

_____. ***O cristianismo moreno do Brasil***, Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. **Os anjos de Canudos**, uma revisão histórica, Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. ***Verdadeira e Falsa religião no Nordeste*, Salvador**: Beneditina, 1972. –(E.P.N. I,1).

IMS – INSTITUTO MOREIRA SALES. **Cadernos de Fotografia brasileira**: Canudos, Rio de Janeiro, n. 1, dez. 2002.

IPMC – INSTITUTO POPULAR MEMORIAL DE CANUDOS. **Canudos, açude vivo** (filme), 1994.

_____. Canudos: fundo de pasto no semi-árido, Paulo Afonso (BA.): Fonte Viva, 1997. – Coleção Centenário, 2.

_____. **Relatório da III Assembleia do Instituto Popular Memorial de Canudos**, Canudos (BA): IPMC, 1996.

_____. **Canudos**: uma história de luta e resistência; 2ed. Paulo Afonso (Bahia): Fonte Viva, 1993. (Centenário, 1).

_____. **Hinos e poesias**. Paulo Afonso (BA): Fonte Viva, (s/d). – Col. Centenário, 3.

IRVIN, Dale, T; SUNQUIST, Scott W. **História do movimento cristão mundial**: do cristianismo primitivo a 1453, São Paulo: Paulus, 2004. V. 1.

JOÂO CRISÒSTOMO, Santo. **Da incorruptibilidade da Deus**; da providência de Deus; cartas a Olímpia; trad. Mosteiro de Maria Mãe do Cristo, São Paulo: Paulus, 2007, p. 105-195.

JOÂO XXIII, Papa. Mensagem radiofônica a todos os fiéis católicos, a um mês da abertura do Concílio. In: **Vaticano II**: mensagens, discursos e documentos; 2ed., trad. Francisco Catão, São Paulo: Paulinas, 2007, p. 20-26.

KASPER, Walter. **A Igreja Católica**: essência, realidade, missão. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2012. (Teologia pública, 8).

KLOPPEMBURG, Boaventura. **Igreja popular**. São Paulo Loyola, 1983.

LIBANIO, João Batista. Critérios de autenticidade do catolicismo, in: Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 36, n. 141, p. 53-81, mar. 1976.

_____. **Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão**, São Paulo: Loyola, 2005. (Teológica 14).

LIBANIO, João Batista. **Eu creio, nós cremos: tratado de fé**, São Paulo: Loyola, 2000.

_____:BINGEMER, Maria Clara L. **Escatologia Cristã**, Petrópolis: Vozes, 1985. (Teologia e libertação, série III).

_____; MURAD, Afonso. **Introdução à Teologia: perfil, enfoques, tarefas**, São Paulo: Loyola, 2011.

LG – CONSTITUIÇÂO Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja. In: COSTA, Lourenço (org.). **Documentos do Concílio Vaticano II** (1962-1965); tradução Tipografia Poliglota Vaticana, São Paulo: Paulus, 1997, p. 101-197. (Documentos da Igreja, 1).

LIMA, Josenildo F. de. A crise das CEBs: entre perseguição e martírio, a fidelidade aos pobres. In: OROFINO, Francisco; COUTINHO, Sergio Ricardo. RODRIGUES, Solange S. **CEBs e os desafios do mundo contemporâneo**, São Paulo: Paulus, 2012, p. 71-99.

LIMA, Oliveira. **O Império Brasileiro** – 1882-1889, São Paulo: Melhoramento, 1927.

LLOSA, Mario Vargas. **A guerra do fim do mundo**: a saga de Antônio Conselheiro na maior aventura literária do nosso tempo, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

LORSCHEIDER, Dom Aloísio. Observações a respeito da "Instrução sobre Alguns aspectos da Teologia da Libertação", in: Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 44, n. 176, p. 700-708, dez. 1984.

LUIGI, De Candido. *Pobre*. In: FIORES, Stefano, GOFFI; Tullo (org.). **Dicionário de espiritualidade**; 3ed. 2005; trad. Augusto Guerra, Isabela Fontes Leal Ferreira, São Paulo: Paulus, 1993, p. 946-959.

MACEDO, Nertan. **Memorial de Vilanova**; 2ed., Rio de Janeiro: Renes; [Brasília]: INL, 1983.

MONIZ, Edmundo. **A guerra social de Canudos**, Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

_____. **Canudos**: a luta pela terra, São Paulo, Centro Editorial Latino-Americano, 1981.

MONTENEGRO, Abelardo F. **Fanáticos e Cangaceiros**. Fortaleza (CE): Editora Henriqueta Galeno, 1973.

MARCIANO, João Evangelista de Monte, Frei. Relatório apresentado pelo Revd. Frei João Evangelista de Monte Marciano ao Arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro e seu séquito no Arraial dos Canudos, *1895*, In: Centro De Estudos Baianos, **Relatório apresentado pelo Revd. Frei João Evangelista de Monte Marciano ao Arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro e seu séquito no Arraial de Canudos***,* 1895; apres. José Calazans, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1987. – Publicação da Universidade Federal da Bahia, 130.

MARTINS, Gilberto. **Cidadela de Deus:** a saga de Antônio Conselheiro; capa e ilustrações Rogério Borges, São Paulo: Moderna, 1996. (Veredas).

MATOS, Henrique C. José de**. CEBs: uma interpelação para o ser cristão hoje,** São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. **Nossa história: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil**, São Paulo: Paulinas, 2002. (Igreja na história, 2).

_____. CEBs, do Vaticano II a Aparecida. In: OROFINO, Francisco, COUTINHO. Sergio Ricardo, RODRIGUES, Solange S., **CEBs e os desafios do mundo contemporâneo**, São Paulo, Paulus, 2012, p.31-56.

MAURA, Abdalaziz de. **Frei Damião e os impasses da religião popular**. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 36, n. 141, p. 202-225, mar, 1976.

MENEZES, Daniel Higino Lopes de. **CEBs e rede de comunidades**: abordagem teológico-pastoral a partir de Faustino Teixeira e do material dos encontros intereclesiais das CEBs. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte (MG.), 2010.

_____. **CEBs, do Vaticano II a Aparecida**. In: OROFINO, Francisco,

MESTHERS, Frei Carlos. **O Projeto Palavra-Vida**: a leitura fiel da Bíblia de acordo com a Tradição e o Magistério da Igreja. In: Convergência, 451-467, 1989, p. 222s.

MOLTMANN, Jürgen. **A Igreja no poder do Espírito:** uma contribuição à eclesiologia messiânica, Santo André: Academia Cristã, 2013.

_____. **Teologia da esperança**: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã; tradução Helmuth Alfredo Simon; revisão. Nélio Schneider; 3ª ed. rev. e atual. – São Paulo: Teológica/Loyola, 2005.

MORE, Thomas. **Utopia**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

MOTTA, Myriam Becho; BRAICK, Patrícia Ramos. **História**: das cavernas ao terceiro milênio, volume único; 4.ed. – São Paulo: Moderna, 2012.

MUNANGA, Kabengele. Negros e mestiços. In: ALMEIDA, Adroaldo J. S.; FERRETTI, Sergio F.; SANTOS Lyndon de A. (orgs.) **Religião, raça e identidade**: colóquio do centenário da morte de Nina Rodrigues, São Paulo: Paulinas, 2009, p. 15-35.

NAZIANZO, Gregório de. **Orationes**, 40.

NE – DECLARAÇÃO NostraAetate sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs. In: COSTA, Lourenço (org.). **Documentos do Concílio Vaticano II** (1962-1965*)*; tradução Tipografia Poliglota Vaticana, São Paulo: Paulus, 1997, p. 339-346. (Documentos da Igreja, 1).

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira de; MACHADO, Umberto Fernandes, **Oimpério do Brasil**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos***:* revisão histórica, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

RODRIGUES, Nina. **As coletividades anormais**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.

OLIVEIRA, Lima, **O Império brasileiro**, São Paulo: Melhoramentos, 1927.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. Catolicismo popular e romanização brasileira, in: Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 36, n. 141, p. 131-170, mar. 1976.

_____. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura, e função do catolicismo romanizado no Brasil**, Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Catolicismo popular e romanização do catolicismo brasileiro**, in: Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 36, n. 141, P. 131-141, Mar. 1971.

_____. O catolicismo do povo. In: INC – Instituto Nacional do Clero. **Evangelização e comportamento religioso popular**. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 9-40. (Cadernos de teologia e pastoral, 8).

_____. **Religiosidade popular na América Latina**. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 32, n. 126, p. 354-364, jun. 1972.

OLIVEIRA FILHO, Ismar de. **A adesão do clero ao movimento conselheirista**, in: Revista da FAEBA, Universidade do Estado da Bahia, Faculdade de Educação Salvador, UNEB, ano 2, n. esp. P. 71-77; jan/jun, 1993. Salvador: UNEB, 1993.

OTTEN, Alexandre. **Só Deus é grande**: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro, São Paulo: Loyola, 1990.

PAULO VI, Papa. *Evangelii Nuntiandi*. In: COSTA, Lourenço (org.). **Documentos de Paulo VI**; trad. Lourenço Costa, São Paulo, Paulus, 1997, p. 379-457. (Documentos da Igreja, 3).

PARRA, Alberto, **O ministério na Igreja dos pobres**; tradução Jaime A. Clasen, São Paulo: Vozes, 1991. (Teologia e libertação, série IV, 3).

PERES, Fernando da Rocha. Fragmentária. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; PERES, Fernando da Rocha, **Breviário de Antônio Conselheiro**; apres. Walnice Nogueira Galvão; Fernando da rocha Peres; ver. Vera Rollemberg e Isnaia Santana; ilustrações Calasans Neto e gravura de uma Bíblia de 1857; 2.ed. Salvador. EDUFBA, 2011, p. 27-44.

_____. Prefácio à segunda edição do Breviário. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; PERES, Fernando da Rocha, **Breviário de Antônio Conselheiro**; apres. Walnice Nogueira Galvão; Fernando da Rocha Peres; rev. Vera Rollemberg e Isnaia Santana; ilustrações Calasans Neto e gravura de uma Bíblia de 1857; 2ed. Salvador, EDUFBA, 2011, p. 9-11.

PEREGRINO, Artur. **Canudos**: um ritual de passagem para um fim de mundo. Revista de Estudos Bíblicos, Petrópolis, n. 59, p. 53-731, 998.

PIEDADE, Lélis. **Histórico e relatório do comitê Patriótico da Bahia***: 1897-1901*; edição, notas e projeto gráfico Antônio Olavo; 2ed. Salvador: Portifolium, 2002.

PIMENTA, E. Órsi, **Dicionário brasileiro de política**, Belo Horizonte: Lê, 1982.

PINHEIRO, José Francisco, Dependência e marginalidade. In: DESROCHERS, Georgette; HOORNAERT, Eduardo. **Padre Ibiapina e a Igreja dos pobres**. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 47-54.

PINTO JUNIOR, Luís. Padre Ibiapina, precursor da opção pelos pobres na Igreja do Brasil. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, n.34, p. 197-222, mai/ago. 2002.

PINTO, Luiz Fernando. **A personalidade carismática de Antônio Conselheiro**: aspectos psicanalíticos. In: Revista da FAEEBA/Universidade do Estado da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, num. esp. p. 21-47, jan/jun. 1993.

PIO XII, Papa. **Carta encíclica Mysticicorporis**. In: Documentos de Pio XII; trad. Tipologia Poliglota Vaticana, São Paulo: Paulus, 1998, p. 140-199. (Documentos da Igreja, 5).

PO – DECRETO Presbyterorum Ordinis sobre o ministério e a vida dos presbíteros. In: COSTA, Lourenço (org.). **Documentos do Concílio Vaticano II** (1962-1965); trad. Tipografia Poliglota Vaticana, São Paulo: Paulus, 1997, p. 491-538. (Documentos da Igreja, 1).

POEL, Francisco van der (Frei Chico). **Dicionário da religiosidade popular**: cultura e religião no Brasil, Curitiba: Nossa Cultural, 2013.

PRADO JUNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 31ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

QUEIROZ, Maria Isaura de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. 2.ed. rev. e aumentada. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

RIBEIRO, Darcy. ***O* povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RICHARD, Pablo, **A força espiritual da Igreja dos pobres**, Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. **Morte das cristandades e nascimento da Igreja**; tradução de Neroaldo Pontes de Azevedo, São Paulo, Paulinas, 1982. (Estudos e debates latino-americano, 2).

RODRIGUES, Nina. **As coletividades anormais**. Brasília: Edições do Senado Federal, 2006. v. 76.

_____. A loucura das multidões: nova contribuição ao estudo das loucuras epidêmicas no Brasil. In: **As coletividades anormais**, Brasília: Edições do Senado Federal, 2006, p. 57-101. (Edições do Senado Federal, 76).

_____. A loucura epidêmica de Canudos: Antônio Conselheiro e os jagunços. In: Idem. **As coletividades anormais**, Brasília: 2006, p. 41-56. (Edições do Senado Federal, 76).

ROSSANO, Pietro. Teologia da missão. In: **MS – Mysterium Salutis, Compêndio de dogmática histórico-salvífico**, IV/3, Petrópolis: Vozes, 1976, p. 131-154.

RUIZ, Castor M. Bartolomé**. A força transformadora social e simbólica das CEBs,** Petrópolis: Vozes, 1997.

SÁ, Antônio Fernando de. **Filigranas da memória**: história e memória nas comemorações dos centenários de Canudos *(1993-1997)*. Tese de doutorado apresentada na Universidade de Brasília, 2006.

SAMPAIO, Consuelo Novais (org.). **Canudos**: cartas para o Barão; 2ed. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 2001.

_____.Canudos: a construção do medo, in: SAMPAIO, Consuelo Novais. **Canudos**: Cartas para o Barão; 2ed São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo e Imprensa Oficial do Estado, 2001, p. 31-85.

SANTANA, José Carlos Barreto de. **O narrador de Os sertões e de guerra de Canudos na construção do personagem Antônio Conselheiro**. In: Revista Outros Sertões, Salvador, UNEB, v.1, n.1, p. 23-34, 2005.

SANTO, João Crisóstomo. **Da incorruptibilidade de Deus**; da providência de Deus; cartas a Olímpia; trad. Mosteiro de Maria Mãe do Cristo, São Paulo: Paulus, 2007, p. 105-195.

SANTOS, João. A romanização da Igreja na Amazônia. CEHILA – Comissão da História da Igreja na América Latina. **História da Igreja na Amazônia**, Petrópolis, 1992, p. 296-320.

SANTOS, Eurides de Souza. **A música de Canudos**, Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, fundação Cultural do Estado, EGBA, 1998.

SANTOS, João Felício dos. **João Abade**; capa e ilustrações de Poty, Rio de Janeiro: Agir, 1958.

SANTOS NETO, Manoel Antônio dos. **Os intelectuais:** o discurso contemporâneo: história oral temática, Salvador, Editora da UNEB, 2001. (Coleção Canudos, 1).

SEIBIEL, Wolfgang. O homem como imagem sobrenatural de Deus e o estado original do homem. In: MS – Mysterium Salutis, Compêndio de dogmática histórico-salvífico, IV/3,Petrópolis: Vozes, 1980, p. 229-263.

SCHWIKART, Georg. **Dicionário ilustrado das religiões**. Trad. Clóvis Bovo. Aparecida: São Paulo, 2001.

SILVA, Cândido da Costa e. **Roteiro de vida e morte**: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia, São Paulo: Ática, 1982.

_____. **O Peregrino entre os pastores**. In: Instituto Moreira Sales, CLB – Cadernos de Literatura Brasileira, São Paulo, n. 13, n. 14, p. 201-232, 2002.

SILVEIRA, Frei Ildefonso. **Estado atual da pesquisa sobre o Padre Cícero**. In: Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 36, n. 141, 226,260, mar. 1976.

SOARES, Henrique-Estrada de Macedo. **A Guerra de Canudos**. Rio de Janeiro: Altina, 1903.

TERTULIANO. **De baptismo**, IV.

TIHON, P., A Igreja. In: SESBOÜÉ, Bernard (Dir.). **Os sinais da Salvação** (séculos XII – XX): os sacramentos, a Igreja, a Virgem Maria, São Paulo: Loyola, 2015, p. 285-463. (História dos dogmas, 3).

TOLEDO, Roberto Pompeu de. **O legado de Antônio Conselheiro**: cem anos depois, Canudos é uma ferida e um emblema do Brasil. In: Revista Veja, Rio de Janeiro, n. 65, p. 64-87, dez. 1997.

VAINFAS, Ronaldo, *et al*. **História***, volume único*. São Paulo: Saraiva, 2014.

VALLE, Edênio. **Psicologia social e catolicismo popular**. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 36, n. 141, p. 171-188, mar. 1976.

VASCONCELOS, Pedro Lima. **Terra das promessas, Jerusalém maldita:** memórias bíblicas sobre Belo Monte (Canudos). Tese de doutorado apresentada na Pontifícia Universidade Católica de são Paulo, 2004.

VELASCO, Rufino. **A Igreja de Jesus**: processo histórico da consciência eclesial; trad. Nancy B. Faria e Wagner de Oliveira Brandão, Petrópolis: Vozes, 1996.

VICENTE, Zé. Canto dos mártires da terra. In: SANT'ANA, Pe. Sebastião, **O povo de Deus ora, celebra e canta**, Belo Horizonte (MG): O Lutador, 2009, p. 1D-160D.

VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia**: feitas e ordenadas pelo ilustríssimo e reverendíssimo D. Sebastião Monteiro de Vide, Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011. – Edições do Senado Federal, v. 79.

VILLA, Marco Antônio. **Canudos**: o povo da terra, São Paulo: Ática, 1995. – Ensaios 141.

_____, *et al*. **José Calazans**: um depoimento para a história, Salvador: UNEB, 1998.

VILLABOIMFILHO, Paschoal. **Canudos**; 2ed. (?): Tipo Editor (?).

VIOLÃO, Zequinha do. Homenagem a Canudos. Apud, IPMC – Instituto Popular Memorial de Canudos, **Canudos**: história de luta e resistência; 2ed. Paulo Afonso (BA): Fonte Viva, 1993. (Centenário, 1).

ZAMA, César, **Libelo republicano acompanhado de comentários sobre a campanha de Canudos**, Salvador, Typographia do Diário da Bahia, 1899.

ZILLY, Berthold, Uma construção simbólica da nacionalidade num mundo transnacional. in: Instituto Moreira Sales, **Cadernos de Fotografia Brasileira**: Canudos, São Paulo, n. 1, p. 340-359, dez. 2002.